

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA**

GIULIANA TEIXEIRA DE ALMEIDA

**A Rússia na Encruzilhada Autobiográfica:
“Passado e Pensamentos” de Aleksandr Herzen**

**São Paulo
2019**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA**

A Rússia na Encruzilhada Autobiográfica: “Passado e Pensamentos” de Aleksandr Herzen

Giuliana Teixeira de Almeida

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura Russa do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como requisito para obtenção do título de Doutora em Literatura e Cultura Russa. Pesquisa desenvolvida com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Orientador: Prof. Dr. Bruno Barretto Gomide

**São Paulo
2019**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

A447r Almeida, Giuliana Teixeira de
A Rússia na encruzilhada autobiográfica: "Passado e Pensamentos" de Aleksander Herzen / Giuliana Teixeira de Almeida ; orientador Bruno Barretto Gomide. - São Paulo, 2019.
296 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Orientais. Área de concentração: Literatura e Cultura Russa.

1. Aleksandr Herzen. 2. Passado e pensamentos. 3. Autobiografias. 4. Intelligentsia. 5. Ficção russa. I. Gomide, Bruno Barretto, orient. II. Título.

A Rússia na Encruzilhada Autobiográfica: “Passado e Pensamentos” de Aleksandr Herzen

Tese de doutorado apresentada ao Programa de pós-graduação em Literatura e Cultura Russa do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Bruno Barretto Gomide
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo
Orientador

Prof. Dr.

Prof. Dr.

Prof. Dr.

São Paulo
2019

Para minha mãe e minhas avós: as mulheres que me dão força.

Agradecimentos

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) as bolsas concedidas no país e no exterior, que possibilitaram a minha dedicação exclusiva a esta pesquisa.

Ao meu caro orientador, agradeço o apoio, a paciência e as orientações valiosíssimas durante todos esses anos de parceria, que começaram no mestrado e se estenderam até o doutorado. Após tantos anos trabalhando juntos atravessamos algumas fases turbulentas, mas chego ao final desse processo convencida de que a aposta nessa parceria foi uma das melhores decisões que eu tomei ao longo da minha trajetória acadêmica.

Agradeço ao Professor Galin Tihanov a orientação atenta e o auxílio durante o meu estágio de pesquisa no exterior na Queen Mary University, em Londres (com ele aprendi que o brilhantismo acadêmico pode sim conviver com a gentileza e o cuidado com o próximo). Agradeço também ao Professor Robert Harris pela inesquecível tarde de verão em Oxford, coroada pela mais proveitosa conversa sobre Herzen que eu já tive em minha vida com um especialista no assunto. Agradeço ao Professor William Hutton pelas aulas de inglês e pelas conversas interessantíssimas sobre a vida acadêmica na Inglaterra. Agradeço à família Tovell pela acolhida calorosa durante meu primeiro mês em Londres e à Foteini Tsiami pela parceria na época em que dividimos um pequeno apto na Caledonian Road. Agradeço aos meus colegas brasileiros que tornaram minha passagem por Londres mais suave e divertida: Rodrigo Nascimento Alves, Patrícia Rocha Lemos e Sara Badra.

Agradeço à Christina Sarytcheva por ter selecionado meu trabalho para integrar a Conferência Eichenbaum que ocorreu no Museu Literária Estatal de Moscou. Mas mais do que isso agradeço todo o apoio que ela me deu durante minha passagem pela cidade,

principalmente ao me buscar no aeroporto e me levar para o hotel quando minha ansiedade por estar pisando pela primeira vez na Rússia tinha atingido o ápice. Depois, nossa interação profissional se desdobrou em uma amizade que dura até hoje. Agradeço à Marina Grinfeld pela parceria durante a Conferência da NUI University, em Galway, e pela amizade que estabelecemos.

Quero também expressar a minha gratidão aos meus incríveis colegas da Pós-graduação em Literatura e Cultura Russa, que tornaram menos solitários e mais alegres os anos de doutorado. Flávia Cristina, Priscila Marques, Cecília Rosas, Daniela Mountian, Eri Barros, Lucas Simone, Mariana Reis e todos com quem compartilhei a rotina acadêmica. Agradeço aos professores do russo: Fátima Bianchi, Homero Freitas de Andrade, Aurora Bernardini, Elena Vássina, Arlete Cavaliere, Mário Ramos pelas aulas, palestras e auxílios com a burocracia. Agradeço aos professores da História Sara Albieri, Daniel Aarão Reis e Angelo Segrillo as dicas valiosas sobre a tese. Agradeço também à Ekaterina Volkova, pela ajuda com a tradução de alguns trechos e à Denise Salles, a responsável pela minha alfabetização em russo. Agradeço às minhas professoras de russo: Yulia Mikaelyan, e às professoras do Clube Eslavo Snizhana, Marina e Larissa pelas incontáveis aulas de russo. Não poderia me esquecer dos funcionários do DLO, Jorge e Luís, que me socorreram nos momentos de apuro gerados pela minha desatenção a certos procedimentos burocráticos.

Não posso deixar de mencionar meus amigos queridos, sempre ao meu lado mesmo nos momentos de chateação aguda. Os amigos historiadores como eu, Carolina Kuk, Annelise Carvalho, Victor Sobreira, Fábio Souza. Também os amigos Isabel Bernardes, Bruno Cucio, Julia Passos, Maura Cimini, Caio Marchi, Rafael Mielnik, Ivan Alves Pereira, Tiago Frúgoli, Paula Autran e muitos outros (que sinto por não citar os nomes para não me alongar demais), quero deixá-los cientes dos meus mais sinceros agradecimentos. Agradeço ao casal Tayna e João por terem conseguido para mim a edição

francesa de *Passado e Pensamentos*. Agradeço ao Pedro, que entrou na minha vida na reta final da tese e me deu bastante apoio. Agradeço à Greta Garbo e Ava Gardner pela companhia (me refiro aos felinos, não às atrizes).

Agradeço à minha mãe por todo apoio, e ao meu pai, que infelizmente nos deixou e não acompanhou esse processo até o final. Agradeço às minhas queridas avós, minha tia Andréa que sempre me incentivou, e aos outros membros da minha família, de quem não esquecerei o esforço para a compreensão dos motivos aparentemente insondáveis que teriam me levado a optar por me trancar em bibliotecas e aprender uma língua tão difícil quanto o russo.

“Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois ‘fatos’ nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. Ou seja, as imagens que, desprendidas de todas as conexões mais primitivas, ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos do nosso entendimento tardio, igual a torsos na galeria do colecionador.”

Walter Benjamin

ALMEIDA, Giuliana Teixeira de. *A Rússia na encruzilhada autobiográfica: “Passado e Pensamentos” de Aleksandr Herzen*. São Paulo: 2019, 296f. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura Russa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

RESUMO

Esta pesquisa visa analisar “Passado e Pensamentos”, um dos textos mais influentes do século XIX que contribuiu para o forjamento da tradição autobiográfica na Rússia. Através da leitura crítica e da tradução direta de excertos desse texto para o português, esta pesquisa discute questões teóricas adjacentes, como o gênero autobiográfico e a contribuição de Herzen para a tradição dos heróis da literatura russa do século XIX. Complementarmente, essa pesquisa compara “Passado e Pensamentos” aos textos autobiográficos escritos por membros da intelligentsia russa do século XIX, como Lídia Guinsburg, Ievguênia Guinsburg, Andrei Amálik, entre outros, e também com as escrituras de si legadas por Boris Schnaiderman, apontando os ecos do texto de Herzen nesses textos e os pontos de contato existentes entre a tradição autobiográfica dos séculos XIX e XX.

Palavras-Chave: Herzen; “Passado e Pensamentos”; Autobiografias; Intelligentsia; Ficção Russa.

ALMEIDA, Giuliana Teixeira de. *Russia at the autobiographical crossroad: Alexander Herzen's "My Past and Thoughts"*. São Paulo: 2019, 296f. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura Russa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

ABSTRACT

This research aims to analyze “My Past and Thoughts”, one of the most influential 19th century’s texts that helped in the construction of the Russian autobiographical tradition. Through an analysis based on a close reading of the text, and the translation of parts of the Russian text into Portuguese, this research will also discuss theoretical issues related to the text, as the autobiographical genre and Herzen’s contributions to the heroes of the Russian literature in the 19th century. Furthermore, this research will compare “My Past and Thoughts” to autobiographical texts written by members of the intelligentsia in the 20th century such as Lydia Ginzburg, Yevguenia Ginzburg, Andrei Amalrick etc, as well as with the personal narratives written by Boris Schnaiderman. It will identify echoes of Herzen’s text in the contemporary Russian autobiographical tradition and the continuity that exists between the 19th century and the 20th century autobiographical tradition.

Keywords: Herzen; My Past and Thoughts; Autobiographies; Intelligentsia; Russian Fiction.

SUMÁRIO

Introdução.....	13
1. Apanhado sobre a autobiografia.....	19
2. “Passado e Pensamentos”: uma análise.....	72
3. Herzen e a “álgebra da revolução”	120
4. Herzen e a Imprensa Livre Russa	172
5. No vendaval da História: a reatualização de <i>Passado e Pensamentos</i> na tradição autobiográfica do século XX.....	226
Conclusão.....	269
Bibliografia	289

INTRODUÇÃO

Aleksandr Herzen é um dos grandes nomes das letras russas do século XIX ainda pouco conhecido entre os leitores de literatura e cultura russa no Brasil. Mesmo em outros países, como EUA, França, Inglaterra – lugares onde há muitas obras traduzidas e estudos acadêmicos realizados –, Herzen é ofuscado pelos companheiros de geração e seu nome é menos lembrado do que o de outros escritores russos do século XIX, como Dostoiévski e Tolstói. Como afirmou Dwight Macdonald, “a maioria das pessoas para quem menciono o nome de Herzen nem sequer ouviu falar dele ou o confunde com outro pai fundador do século XIX, Herzl¹, ou com o físico Hertz², aquele das ondas. Na Rússia, *Passado e Pensamentos* sempre foi leitura elementar, como *Guerra e Paz*. No entanto, Herzen é completamente desconhecido entre os leitores da Europa Ocidental. Como certos vinhos, ele não ‘viaja’ bem. Até agora, ele não atravessou o Atlântico”.³

O caso brasileiro ilustra bem esta imagem de Herzen como um excelente vinho local, porém que não consegue ser exportado. Na última década, o mercado editorial brasileiro investiu maciçamente na edição de autores clássicos da literatura russa em tradução direta para o português. Em poucos anos, grandes ficcionistas do século XIX, autores menos conhecidos do século XX, e até nomes da literatura do século XXI saíram do fundo dos catálogos para a linha de frente dos lançamentos das editoras. Tolstói e Dostoiévski encabeçaram os lançamentos mais badalados dessas casas editoriais, juntamente a romancistas, contistas e poetas menos célebres. Herzen, no entanto, não figura nessa lista de escritores russos em tradução direta para o português que

¹ Theodor Herzl (1860-1904), fundador do sionismo político moderno.

² Heinrich Hertz (1857-1894), físico alemão que descobriu as ondas eletromagnéticas.

³ MACDONALD, D. “Preface”. In. HERZEN, Alexander. *My Past and Thoughts*. Abridged by Dwight Macdonald. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1991, p. XI - “Most people to whom I mention Herzen have either never heard of him or confuse him with another nineteenth-century founding father, Herzl, or with the physicist Hertz, he of the waves. In Russia, *My Past and Thoughts* has always been standard reading, like *War and Peace*; nor is Herzen unfamiliar to Western European readers. But like certain wines, he doesn’t ‘travel’ well. So far, he hasn’t crossed the Atlantic”.

movimentou o mercado editorial brasileiro. Nem *Passado e Pensamentos* (que tem o inconveniente de se tratar de uma obra muito extensa), nem seus textos ficcionais, nem seus escritos políticos ou seu pensamento crítico foram vertidos para o português – a exceção é o artigo “Literatura e Pensamento Social Depois do 14 de Dezembro de 1825”, que foi publicado recentemente na *Antologia do Pensamento Crítico Russo*, as pesquisas do historiador brasileiro Daniel Aarão Reis e a dissertação de mestrado de Lorena Leite Miranda⁴.

Como o professor Boris Schnaiderman apontou em mais de uma ocasião, Aleksandr Herzen é um dos grandes nomes do século XIX russo que carece de estudos e traduções no Brasil. Em uma entrevista concedida para a *Iararana, Revista de Arte, Crítica e Literatura*, em 2007, Schnaiderman afirmou:

“A literatura russa teve uma presença forte no Brasil, mas os autores traduzidos foram poucos. Há muito mais a traduzir. Às vezes há umas falhas estranhas. Por exemplo, estão traduzindo para o português vários trabalhos do ensaísta inglês, nascido na Rússia, Isaiah Berlin. Estão traduzindo para o português vários estudos dele sobre literatura russa. (...) Agora, o Isaiah Berlin fala muito de um pensador russo, Aleksandr Herzen, que não está traduzido para o português. Ele tem um livro de memórias pessoais que é extraordinário. A tradução literal do título seria Passagens e pensamentos. É muito citado em muitas obras estrangeiras, há uma verdadeira obsessão por esse autor”.⁵

4 GOMIDE, Bruno Barretto (Org.). *Antologia do Pensamento Crítico Russo (1802-1901)*. São Paulo: Ed. 34, 2013; FILHO, Daniel Aarão Reis, “Revolução e Liberdade: a trajetória de Alexandre Herzen”. In: Verve. Revista semestral autogestionária do Nu-Sol, nº 3, 2003; MIRANDA, Lorena Leite. *Identidade Nacional Russa na Literatura de Viagem de Dostoiévski e Herzen*. (Dissertação de Mestrado em Literatura e Cultura Russa). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2014.

5 SCHNAIDERMAN, Boris. “Entrevista”. In: *Iararana, Revista de Arte, Crítica e Literatura*, vol. 13, abril de 2007.

Por conseguinte, o ineditismo do tema foi uma das razões que nos levaram a nos debruçar sobre a vida e a obra de Herzen nesta tese. Uma outra razão foi o tipo de texto que ele escreveu: um volumoso exercício de escrita de si intitulado *Passado e Pensamentos*, seu trabalho mais importante. *Passado e Pensamentos* é um texto canônico na Rússia, muito lido e conhecido e responsável por fomentar a tradição autobiográfica no país. O nosso interesse por textos que se estabelecem em um lugar fronteiro entre a literatura e a História, e que figuram ao mesmo tempo como documento histórico e texto artístico literário nos levou a escolher *Passado e Pensamentos* como o nosso objeto de pesquisa.

Cinco capítulos compõe essa tese. O primeiro deles, intitulado “Apanhado sobre a Autobiografia”, apresenta uma síntese dos principais autores ocidentais que discutiram as particularidades da autobiografia. A este panorama das teorias sobre autobiografia soma-se uma breve análise da história desse tipo de texto na Europa e na Rússia. Por fim, ainda neste capítulo, discutimos as diferenças existentes entre *autobiografias* e *memórias* e justificamos a nossa opção por analisar *Passado e Pensamentos* como uma autobiografia.

O segundo capítulo desta tese, intitulado “Passado e Pensamentos: uma análise”, traz uma leitura em *close reading* do texto de Herzen e uma discussão acerca de alguns aspectos deste texto, como o herói criado por ele e o lugar ocupado por esse herói na perspectiva da tradição da literatura russa oitocentista. Outros aspectos abordados nesse capítulo são os procedimentos literários empregados pelo autor, como a criação de uma “galeria de retratos”, o emprego frequente do lirismo, da ironia etc., e a dimensão teórica elaborada por Herzen a respeito das questões sociais e políticas que assombravam a sua época, e que estão contidas na ideia de *pensamentos* que figura no título da autobiografia. É importante ressaltar que este capítulo apresenta traduções diretas para o português de

uma série de excertos de *Passado e Pensamentos*, e que esta é a primeira iniciativa nesse sentido realizada no campo das pesquisas de literatura e cultura russa no Brasil.

O terceiro capítulo desta tese, intitulado “Herzen e a Álgebra da Revolução”, apresenta, logo no seu início, uma discussão sobre a “febre hegeliana” que se instaurou na Rússia na primeira metade do século XIX e que acabou por influenciar o pensamento de Herzen na sua fase madura. Herzen interpretou o hegelianismo como a “álgebra da revolução”, colocou a ação revolucionária no centro das suas preocupações e, a partir daí, desenvolveu sua famosa teoria agrária do socialismo russo que, segundo Szamuely, uniu numa única corrente três ingredientes tremendamente populares no seu tempo: Ocidentalismo, Eslavofilismo e Socialismo. Nesse capítulo também consta uma breve discussão sobre a querela entre Ocidentalistas e Eslavófilos, que marcou a cultura russa, e sobre o impacto da Revolução de 1848 no pensamento de Herzen. Por fim, esse capítulo se dedica a mesurar o peso das teses tardias de Herzen sobre a História, que, em poucas linhas, se dedicaram a negar a existência de um sentido para a História (e que foram celebradas por muitos estudiosos como o aspecto mais interessante e perene do seu pensamento), e a sobrepor essas teses à estrutura de *Passado e Pensamentos*, que apresenta, principalmente na quinta parte, uma “moldura hegeliana” nada desprezível. Impactados por essa visível contradição – desconfiança com relação às grandes abstrações convivendo lado a lado com a influência da grande abstração do sistema de Hegel – nos dedicamos a compreender a importância do contraditório no quadro global do pensamento de Herzen.

No quarto capítulo, intitulado “Herzen e a Imprensa Livre Russa” optamos por realizar um estudo mais detalhado do período londrino da biografia de Herzen, porque foi ao se estabelecer em Londres que Herzen iniciou a redação de *Passado e Pensamentos* e que criou a Imprensa Livre Russa, onde capítulos da autobiografia foram publicados pela primeira vez. As duas atividades ocorreram simultaneamente e influenciaram

consideravelmente uma a outra, e por essa razão decidimos nos dedicar a uma pesquisa em fontes primárias, sendo essas fontes os periódicos editados por Herzen. Os principais periódicos da Imprensa Livre Russa foram a *Estrela Polar* e *O Sino*, e, como documentamos neste capítulo, ambos consistiram em veículos de debate de pautas urgentes da época, como as reformas liberalizantes do czar Alexandre II. A popularidade da Imprensa Russa foi tamanha que, graças a ela, Herzen se sentiu pela primeira vez como um agente histórico capaz de influenciar o curso dos acontecimentos, portanto como o revolucionário combativo que ele sempre sonhara em ser, e essa experiência forneceu a base concreta para a sua escrita autobiográfica, que, em última instância, consistia em uma peça de propaganda revolucionária que apresentava aos leitores a vida de um revolucionário modelo. Finalmente, nesse capítulo, esboçamos uma discussão sobre o real alcance dessa faceta revolucionária de Herzen, já que estudiosos problematizaram essa questão, como é o caso da corrente de acadêmicos ingleses liderados por Isaiah Berlin, que estudaram o legado de Herzen e o identificaram como algo mais próximo do liberalismo do que do socialismo, e de contemporâneos como Marx, que se negaram a enxergar Herzen como um revolucionário digno de nota.

No quinto e último capítulo desta tese, intitulado “No vendaval da História: a reatualização de Passado e Pensamentos na tradição autobiográfica russa do século XX”, arriscamos uma hipótese embasada na tese de Irina Paperno, para quem *Passado e Pensamentos* consistiu em um grande modelo para os membros da intelligentsia que se dedicaram às escritas de si durante o século XX⁶, e levantamos cinco obras de caráter autobiográfico de quatro escritoras e um escritor nas quais encontramos a influência do texto de Herzen. Num voo teórico um tanto quanto ousado, estendemos o arco espacial para o Brasil e analisamos dois textos de caráter autobiográfico escritos por Boris

6 Ver: PAPERNO, Irina. *Stories of the Soviet Experience. Memoirs, Diaries, Dreams*. Ithaca e Londres: Cornell University Press, 2009.

Schnaiderman, e neles também pudemos identificar uma linha de continuidade com esses textos do século XX e, em última análise, com o texto oitocentista de Herzen.

Dessa forma, com esta tese esperamos oferecer uma contribuição inédita para os estudos de literatura e cultura russa no Brasil, apresentando um autor e um texto fundamental da grande tradição literária russa muito pouco conhecidos no nosso país. Além disso, tendo em vista os tempos obtusos em que vivemos, acreditamos que esse trabalho é uma contribuição importante no sentido de recuperar a poesia que pode estar contida na ação política e a beleza que pode ser apreendida de uma vida dedicada à luta por liberdade e justiça social.

CAPÍTULO 1

APANHADO SOBRE A AUTOBIOGRAFIA

1.1. Manifestação vital

A ânsia de narrar a própria história é uma “manifestação vital” que precedeu o surgimento da autobiografia enquanto gênero textual. Muitos estudiosos procuraram estabelecer a origem dessa prática e, após embates acerca da existência ou não de textos dessa natureza já na antiguidade greco-romana, estabeleceu-se um consenso no âmbito da crítica segundo o qual é efetivamente nas *Confissões* de Santo Agostinho, que devem ter sido escritas entre os anos de 397 e 401, “que a autobiografia se eleva a uma ‘posição filosófica’, na medida em que o autor conquista a partir da experiência vital uma ‘compreensão da sua vida’ e torna explícito o contexto da existência humana no solo da própria vida”⁷. A sua edificação moderna, no entanto, só ocorreu na segunda metade do século XVIII, paralelamente ao desenvolvimento do romance. Rousseau e Goethe, com *Confissões* e *Minha vida – Poesia e Verdade*, respectivamente, foram nomes importantes na delimitação das fronteiras desse tipo de texto.

Muitos séculos se passaram, desde as *Confissões* de Agostinho, para que o termo autobiografia surgisse nas principais línguas ocidentais. Data de 1776 a primeira menção à *autobiographie* na língua alemã, que aparece em uma carta endereçada a Goethe escrita pelo poeta Jakob Michael Reinhold Lenz. Na língua inglesa, *autobiography* aparece pela primeira vez no ano de 1809, numa frase de Robert Southey. E o termo *autobiographie* surge na França em 1850, como um sinônimo de *mémoires*, sendo que este último cai em desuso pelo fato de não poder ser usado no singular e de não permitir a derivação de

7 GALLE, Helmut Paul Erich. O gênero autobiográfico: possibilidade(s), particularidades e interfaces. São Paulo, 2011, Tese (Livre Docência), p. 37.

adjetivos. Além disso, o fato do termo *autobiographie* configurar um sistema de oposição em relação ao termo *biographie* contribuiu para o seu emprego mais frequente.

Na Rússia, o primeiro texto de caráter autobiográfico é atribuído à Avvakum Petrón, arcepreste da Igreja Ortodoxa russa que se notabilizou por liderar o grupo dos Velhos Crentes, que se separou da Igreja oficial para poder praticar livremente os antigos ritos russos, gerando uma grave crise institucional. Ele também se notabilizou como um dos precursores da moderna literatura russa ao escrever, entre outros textos, *Vida (Jitie)*, por volta de 1673, considerada a primeira autobiografia russa. É interessante atentar para o fato de que quando as autobiografias começaram a se tornar mais frequentes na Rússia, durante o século XVIII, a palavra *notas* (*zapíski*) se tornou muito frequente, e *notas autobiográficas* se tornou a forma mais recorrente de designação desse gênero textual.

Quando o termo *autobiografia* se estabeleceu no mundo Ocidental, a sua definição genérica passou a ser a de um texto *não ficcional* que trata das vivências *reais* do passado do seu autor. Portanto, pressupõe-se que um texto autobiográfico é uma representação de um passado *realmente* vivenciado, cuja fonte principal é a memória individual do sujeito e cujos fatos estão dispostos em uma estrutura narrativa, não importando se é cronológica ou anacrônica, mas que não admite a possibilidade da *mentira*.

Essa definição torna-se muito simplista à luz da extensa teoria crítica que começou a ser produzida a partir do século XIX. Este século, que propagou sua ânsia cientificista para o âmbito das ciências humanas e disciplinarizou, entre outras áreas do conhecimento, a História, foi o século no qual se iniciou, de forma sistemática, a longa investigação acerca das particularidades da autobiografia – “questões sobre como definir a autobiografia, e inclusive se é possível defini-la, têm a sua própria longa e complexa história”.⁸

8 BROUGHTON, Trev Lynn (Ed.). *Autobiography. Critical Concepts in Literary and Cultural Studies*. New York: Routledge, 2007, p 3. – “questions about how to define autobiography, and indeed whether autobiography is definable at all, have, [...] their own long and complex history”.

1.2. Teoria crítica sobre a autobiografia

Se o primeiro dos grandes teóricos da autobiografia é Georg Misch, que elabora a sua teoria na virada do século XIX para o XX, o filósofo alemão Wilhelm Dilthey é o seu principal mentor, como o próprio Misch admite em seus escritos. Dilthey, comprometido com a elaboração de um método próprio para as ciências humanas, ao refletir sobre o problema de considerar a autobiografia como uma fonte de informações objetivas sobre um sujeito, definiu-a como “a reflexão do homem sobre a trajetória de sua vida”⁹.

Dessa forma, como afirmam Helmut Galle e Ana Cecília Olmos, para Dilthey “a autobiografia não se apresenta apenas como a fonte central de informações objetivas, senão também subjetivas, as quais garantiriam, através de um processo hermenêutico, a compreensão dos sujeitos entre si”¹⁰. Uma vez que, na visão de Dilthey, as ciências do homem devem lidar com a interioridade (motivações, intenções por trás dos atos), o acesso à interioridade do outro só é possível por meio da condição humana compartilhada, ou seja, da faculdade da empatia. Ele então elabora o “método da compreensão”, sendo que compreender significa reconstituir racionalmente o que seria a experiência do outro através do arcabouço das experiências pessoais efetivamente vivenciadas por aquele que se dispõe a compreender a alteridade. Com essa proposta a escola da *compreensão* gerou muitos frutos para o campo das ciências humanas e angariou muitos adeptos.

Misch, através do caminho aberto por Dilthey e da adesão ao método da *compreensão* para as ciências do homem, se aprofundou na investigação da autobiografia como um excelente instrumento de aplicação do mesmo. Ele então se tornou um dos principais historiadores da autobiografia, responsável por mapear, desde a Antiguidade

9 GALLE Helmut; OLMOS, Ana Cecília; KANZEPOLSKY Adriana; IZARA, Laura Zuntin (Org). *Em Primeira Pessoa – Abordagens de uma Teoria da Autobiografia*. São Paulo: Annablume, 2009, pp. 10-11.
10 Idem, ibidem, p. 11.

até Goethe, o processo de tomada de consciência do homem acerca de si. Considerado o “pai fundador” dos estudos acerca da autobiografia, Misch incluiu, nessa sua ampla investigação, todos os textos que apresentavam vestígios da vida individual, portanto não estabeleceu fronteiras com o intuito de diferenciar um texto autobiográfico propriamente dito de outros tipos de textos que trazem reminiscências.

Contemporaneamente à contribuição do filósofo alemão, Anna Robeson Burr lançou, em 1909, um livro de referência sobre o gênero intitulado *A Autobiografia: um estudo crítico e comparativo*. Com o intuito de avançar na investigação acerca das particularidades deste tipo de texto, ela estabeleceu uma linha capaz de separar a autobiografia de outros gêneros de escrita como memórias, biografias, diários etc. Nessa obra, Burr discute a questão central se a autobiografia retrata ou não a “verdade” de uma vida. Para a autora, o que empresta verdade à autobiografia não é a exatidão do que é narrado, mas o intuito de ser “verdadeiro” de quem a escreve e a perspectiva integral que este detém da sua vida.

O francês Georges Gusdorf, algumas décadas depois (1956), propôs uma solução que segue o caminho aberto por Burr para a questão da “verdade” da autobiografia. A ideia de que a “verdade” que importa é uma “verdade” mais sutil, mais densa, que reside não na exatidão dos fatos, mas na realização artística do texto autobiográfico, é uma das novas chaves teóricas propostas por Gusdorf, juntamente à ideia de que esta “verdade” profunda “diz respeito a uma essência criativa e individual”¹¹ intrínseca às vivências e ao fruto do trabalho do autobiógrafo. Dessa forma, a inovação de Gusdorf “foi retirar a autobiografia das garras do historiador ‘positivista’ – deixando, dessa forma, a checagem dos fatos como um coadjuvante na busca pela exatidão – e empurrando-a para as do crítico

11 Idem, ibidem, p. 12.

literário, capaz de entender a harmonia estilística, a beleza das imagens e seu esforço por uma verdade superior em meio ao fluxo da existência”¹² .

Gusdorf influenciou estudiosos que o sucederam, como Roy Pascal que, na década de 1960, escreveu ensaios que reivindicavam o lugar da autobiografia em meio às outras artes e convidava os críticos a analisarem o gênero “de modo estético, como resultado da sintonia de acontecimentos, reflexões, estilo, caráter e não de modo histórico, confrontando a autobiografia com fatos históricos”¹³ . Stephen Shapiro é outro nome dessa linha de pensamento que radicalizou o veio aberto por Gusdorf e, nos últimos anos da década de 1960, afirmou com todas as letras que “autobiografia é literatura”¹⁴. Após Shapiro, uma nova forma de analisar as obras autobiográficas foi adotada por muitos críticos inspirados nas suas ideias: toda a atenção será voltada para as qualidades estéticas e literárias desses textos, em detrimento do contexto histórico e político nos quais esses textos se inserem e aos quais se referem e sem qualquer preocupação com as vivências que são, a priori, a razão de ser desses textos. Jean Starobinski é outro nome importante dessa tendência crítica, pois se concentra essencialmente na análise do *estilo* das autobiografias e eleva este ao cerne da investigação sobre o assunto.

1.3. Lejeune e Paul De Man

Em um consciente passo atrás nessa tendência exclusivamente preocupada com a estética dos textos autobiográficos, quem de fato chacoalhou a literatura crítica a respeito das autobiografias foi, sem sombra de dúvidas, o crítico francês Phillipe Lejeune, com a obra *O Pacto Autobiográfico*, de 1975. A sua definição a respeito do que é uma

12 BROUGHTON, Op. Cit., p. 7. - “was to expropriate autobiography from the clutches of the ‘positivist’ historian - thereby left lamely cross-checking facts in the ancillary pursuit of accuracy - and to claim it successively for the literary critic, competent to understand its stylistic harmony, the beauty of its imagery and its struggle for a higher truth amid the flux of existence (...)”.

13 GALLE, OLMOS, KANZEPOLSKY e IZARA. Op. Cit., p. 12.

14 BROUGHTON, Op. Cit., p. 9. - “autobiography is literature”.

autobiografia é a mais citada (e não menos polêmica) de todas as já formuladas: “um relato retrospectivo escrito em prosa que uma pessoa real faz de sua vida”¹⁵. Para Lejeune, a verossimilhança desse “relato retrospectivo” se estabelece por intermédio de um pacto firmado entre o autor e o leitor do texto autobiográfico, que assume a forma de um contrato que o primeiro oferece ao segundo através da capa da sua autobiografia assinada com o seu nome. Assim, o carimbo que confere autenticidade ao pacto de compromisso com uma narrativa “verdadeira” é a assinatura (nome próprio) do autor da autobiografia.

Lejeune defende a tese que a categoria do autor é imprescindível para se pensar o gênero autobiográfico. O texto autobiográfico enfatiza o que ocorreu e reconstitui a história da personalidade do seu autor. O conceito de identidade desponta como fundamental e pode ser comprovado através do nome próprio – uma existência civil passível de ser constatada empiricamente. Dessa maneira, personagem, narrador e autor necessariamente se identificam no relato autobiográfico.

Os críticos de Lejeune apressaram-se em apontar, como um dos problemas da natureza desse pacto, a dependência de elementos externos ao texto para a sua validação. A postulação da identidade real entre autor, narrador e personagem “no contexto da crítica contemporânea se trata de um autêntico ato contranatural (...). Se se introduz novamente o autor dentro da teoria literária, não é menos certo que se deve admitir que as marcas do autor real – cuja realidade deve necessariamente se pressupor na autobiografia – ficam à margem do texto. Na dupla identidade que ele postula – autor igual a narrador; autor igual a personagem –, o autor permanece fora do texto. A “margem” antes aludida deve ser entendida no sentido literal: se trata da assinatura.”¹⁶.

15 LEJEUNE, Philippe. *Le Pacte Autobiographique*. Paris: Seuil, 1975, p. 27. “Récit rétrospectif en prose qu’une personne réelle fait de sa proper existence”.

16 CATELLI, Nora. *En la era de la intimidad seguido de El espacio autobiográfico*. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 2007, p. 280. “en el contexto de la crítica contemporánea se trata de un autêntico acto contranatural (...) Si bien introduce de nuevo al autor dentro de la teoría literaria, no es menos cierto que debe admitir que las marcas del autor real – cuja realidade hay necesariamente que presuponer en la

Lejeune reformulou a sua teoria conforme os críticos foram apontando os problemas referentes ao “princípio de identidade” entre autor, narrador e protagonista, e ao “pacto referencial”, que está sujeito à verificação externa. O próprio Lejeune colocou-se a seguinte pergunta: como verificar aquilo que está embasado na memória do sujeito? Ele então modificou a sua definição de autor, alegando que este não existe anteriormente à autobiografia, mas como um resultado do discurso autobiográfico, e afirmou que a *intenção* de dizer a *verdade* sobre a vida é o que caracteriza um texto autobiográfico.

A mudança da postura crítica de Lejeune indica que a questão do autor de uma autobiografia não é tão simples. Se, num primeiro momento, ele apontou para a correspondência entre autor/narrador/personagem, portanto pendendo para a explicação do autor como um sujeito real que narra de fora do mundo narrado fatos passíveis de serem verificados, num segundo momento ele começou a falar em “autor” como o resultado da narração de sua vida e abandonou a tese de que os fatos narrados são passíveis de verificação.

Lejeune, nesse momento da sua trajetória, se inseriu no plano dos importantes teóricos que começaram a desconstruir a ideia de autor como uma entidade unívoca de onde emana o significado da obra literária e passaram a considerá-lo o resultado da práxis cultural moderna. Roland Barthes, no célebre ensaio *A morte do Autor*, escrito em 1968, aponta que “a ideia de literatura que se encontra no senso comum é tiranicamente centrada no autor” e, como consequência, “a explicação para a obra é sempre buscada no homem ou na mulher que a produziu”¹⁷. Contra essa ideia hegemônica Barthes se insurge e afirma que “o escritor moderno nasce simultaneamente com o texto”¹⁸, portanto ele por

autobiografía – quedan en la margen del texto. En la doble identidad que él postula – autor igual a narrador; autor igual a personaje –, el autor permanece fuera del texto. El margen antes aludido debe entender-se en sentido bien literal: se trata de la firma”.

17 BARTHES, Roland. “The Death of the Author”, In: LEICH Vincent B. (ed.). *The Norton Anthology of Theory and Criticism*. New York, London: WW Norton Company, 2010, 2º ed., p. 1322. “the image of literature to be found in ordinary culture is tyrannically centred on the author”; “the explanation of a work is always sought in the man or woman who produced it (...)”.

18 Idem, ibidem, p. 1324. “the modern scriptor is born simultaneously with the text”.

si só não é fonte de explicação para a obra. No texto *O que é um autor?*, publicado pela primeira vez em 1969, Michel Foucault leva adiante algumas das ideias formuladas por Barthes e defende que o autor é na verdade uma função, sendo que “a função do autor é caracterizar a existência, circulação e operação de certos discursos dentro da sociedade”.¹⁹

Assim, “uma das contribuições de Lejeune foi aplicar essas teorias na discussão do papel da autobiografia na história moderna ocidental e, mais particularmente, na história literária francesa. Teria a emergência da autobiografia sido antes a história da sua sujeição aos mitos dominantes do sujeito do que a história da humanidade expressando a si mesma como sujeito?”²⁰. Tendo em vista esta questão capciosa, Foucault assinala que a autobiografia, assim como todas as formas de escrita de si, não se restringe a uma forma de registro do eu, mas que, desde o seu surgimento na Idade Antiga até a contemporaneidade, consistem em um tipo de discurso que “constitui o próprio sujeito, performa a noção de indivíduo”²¹.

Em 1979, Paul de Man publicou o célebre ensaio *Autobiografia como desfiguração*, que pode ser lido como a pá de cal sobre toda a teoria anterior que definia a autobiografia como um gênero que narra os fatos vivenciados por seu autor. Mais provocativo ainda do que os críticos preocupados em negar a noção de autoria, De Man decretou a impossibilidade de alguém escrever uma narrativa que tem por assunto si mesmo, pois isto “não é primeiramente uma situação ou um evento que pode ser

19 FOUCAULT, Michel. “What is an Author”. In: LEICH Vincent B. (Ed). *The Norton Anthology of Theory and Criticism*. New York, London: WW Norton Company, 2010, 2º ed., p. 1481. “the function of an author is to characterize the existence, circulation and operation of certain discourses within a society”.

20 BROUGHTON. Op. Cit., p. 16. “one of Lejeune’s avocations was the application of these insights to the autobiography’s role in modern Western, and more particularly French, literary history. Was the emergence of autobiography less the history of humanity’s expression of itself as subject, than the history of its subjection to dominant myths of the subject?”

21 KLINGER, Diana Irene. *Escritas de si, escritas do outro - o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007, p. 26.

localizado na História, antes é uma instância exemplar do sistema de substituição que fundamenta toda a linguagem”²².

Assim, para De Man, uma vez que a autobiografia não se diferencia de qualquer outra figura de retórica, o equívoco reside justamente no “esforço de definir e considerar a autobiografia como se fosse um gênero literário no meio dos outros”²³. Ao se equiparar a autobiografia aos gêneros canônicos como a tragédia, a épica etc., e distingui-la das crônicas e memórias, eleva-se este tipo de texto a um patamar no qual ele não se encaixa, uma vez que “autobiografia sempre carrega uma reputação menor e uma autocomplacência que pode ser sintomática da sua incompatibilidade com a dignidade monumental dos valores estéticos”²⁴. Segundo De Man, é muito mais frutífero pensar a autobiografia como uma figura de leitura ou de compreensão, mais especificamente como prosopopeia, ou seja, como um jogo entre aquele que invoca (o autor) e o que é invocado (a narração da vida), jogo este que inevitavelmente compreende uma ambiguidade, uma tensão entre dois polos. Portanto, a narração autobiográfica submete-se necessariamente a um regime de não correspondência, no qual não se estabelece uma relação de semelhança, e cuja resultante é “a ficção da voz além do túmulo”²⁵. E essa impossibilidade do relato gera uma urgência construtiva, uma pulsão sistematizadora que é onde reside o real interesse da autobiografia.

É possível concluir, por conseguinte, que para De Man não é admissível se fiar na narração autobiográfica como verossímil. O próprio *eu* é um subproduto da narração, já que De Man “sustenta que o sentido de narrar a própria história provém da necessidade de atribuir um EU, mediante ao relato, àquele que previamente carece de um EU”²⁶.

22 BROUGHTON, Op. Cit., p. 13. “is not a situation or an event that can be located in a history; rather it is an exemplar instance of the system of substitution that underlies all language”.

23 DE MAN, Paul. *The Rhetoric of Romanticism*. New York: Columbia University Press, 1984, p. 67. “attempt to define and to treat autobiography as if it were a literary genre among others”.

24 Idem, ibidem, pp. 67-68. “autobiography always looks slightly disreputable and self-indulgent in a way that may be symptomatic of its incompatibility with the monumental dignity of aesthetic values”.

25 Idem, ibidem, p. 77 - “the fiction of the voice from beyond the grave”.

26 CATELLI, Nora. Op. Cit., p. 226. “sostiene que el sentido de narrar la propia historia proviene de la necesidad de dotar de un yo, mediante el relato, a aquello que previamente carece de yo”.

Portanto, uma vez que não há, a priori, aquilo que se almeja representar no ato da escrita, ou seja, não há no plano da realidade aquilo que se narra, não há verossimilhança nos textos autobiográficos, tendo em vista que a verossimilhança, neste caso, é a correspondência daquilo que é narrado àquilo que é vivenciado.

Com De Man, e sua manifesta radicalidade, a fortuna crítica a respeito da autobiografia se deparou com um impasse. Este impasse não acometeu apenas a crítica da autobiografia, mas também a crítica literária no geral, quando a hegemonia do New Criticism e do Formalismo extraiu dos textos literários toda e qualquer possibilidade de referência às entidades extratextuais (como contexto histórico, biografia do autor etc.). Mas, voltando ao caso da autobiografia propriamente dita, uma vez que o texto está imune a qualquer coisa externa a ele e que a voz própria da escrita não é a voz de um sujeito concreto, mas de algo morto, pois o sujeito que almeja representar a sua vida não existe, seria então possível afirmar que é o projeto da autobiografia que produz e determina a vida?

1.4. A vida só existe no papel?

Segundo essa linha crítica representada por DeMan, a resposta a esta questão seria afirmativa. Ainda de acordo com esse raciocínio, o autor de uma autobiografia, na busca pela compreensão de si por meio da narração, fixa a si mesmo no papel seguindo os caminhos de composição de que os romancistas se utilizam para desenhar os seus personagens, ou seja, ele seleciona alguns traços da sua própria personalidade que fornecem a impressão de um todo coerente (e não fragmentado como todos somos de fato). As exigências da narrativa emprestam à vida narrada uma coerência e linearidade que faltam à vida vivida, e compõem histórias que mais se parecem com enredos de

romances. Segundo essa corrente, a narrativa autobiográfica encobre o fato de que “nada acontece enquanto você vive. O cenário muda, pessoas chegam e vão embora, isso é tudo. Não há começos (...), mas tudo muda quando você conta sobre a vida”²⁷.

É fato que o desejo de narrar a vida implica em um afastamento da realidade e a elevação desta ao mundo simbólico da linguagem. A vida que se desenha no papel ganha mais coerência do que a vida vivida, e neste ínterim descortina-se a riqueza e a profundidade que o ato de viver encobre e que o ato de narrar revela – “o passado que nós reconstruímos é mais coerente do que o passado que aconteceu. Exigências narrativas amplificam essas diferenças”²⁸. Mas esse ramo da crítica representado por De Man e simpatizantes confunde essas “exigências narrativas” com a invenção da matéria “vida”, que é a essência de um texto autobiográfico. Para essa corrente, um emaranhado de eventos disparatados sem qualquer causalidade e explicação é organizado em um fluxo retilíneo em direção a um fim determinado, transformando o despropósito que é a vida em um enredo digno dos melhores romances.

A esse grupo de críticos que não distingue a autobiografia do romance poderia se somar Pierre Bourdieu, que identifica na narração da própria vida um impulso ilusório da mesma natureza dos historiadores que analisam o passado a partir de alguma Filosofia da História. Assim, para Bourdieu, a *ilusão biográfica* consiste na crença que se oculta sob esse “postulado do sentido da existência narrada”: a de que a vida de um sujeito é um fluxo retilíneo em direção a um fim determinado. Ao rejeitar a coesão do sujeito e de uma existência individual, Bourdieu nega que a vida seja uma história, diferentemente do que pensa o senso comum, que concebe a vida como um “caminho” com começo, meio e fim

27 NADEL, Ira Bruce. *Biography. Fiction, Fact and Form*. The MacMillan Press LTD, 1984, p. X - “Nothing happens while you live. The scenery changes, people come in and go out, that’s all. There are no beginnings... But everything changes when you tell about life”. Tradução livre.

28 LOWENTHAL, David. *The Past is a Foreign Country*. Cambridge: Cambridge University, 1990, p. 234. “The past we reconstruct is more coherent than the past was when it happened (...). Narrative exigencies magnify these difference”. Tradução livre.

(este último é também entendido como finalidade). Isso, na visão de Bourdieu é “aceitar tacitamente a Filosofia da História”, teoria esta que pressupõe que:

“a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma intenção subjetiva e objetiva, de um projeto”; 2 - “essa vida organizada como história transcorre, segundo uma ordem cronológica que é também uma ordem lógica, desde um começo, uma origem, no duplo sentido de ponto de partida, de início, mas também de princípio, de razão de ser, de causa primeira, até seu término, que também é um objetivo”; 3 - “o relato (...) propõe acontecimentos que, sem terem se desenrolado sempre em sua estrita sucessão cronológica (...) tendem ou pretendem organizar-se em sequências ordenadas segundo relações inteligíveis. O sujeito e o objeto da biografia (o investigador e o investigado) têm, de certa forma, o mesmo interesse em aceitar o postulado do sentido da existência narrada (e, implicitamente, de qualquer existência)”.²⁹

Assim, este caminho teórico, que começa a se desenhar com Gusdorf, Pascal, Shapiro e Starobinski e que se radicaliza com De Man e Bourdieu, nos empurra para a conclusão de que a vida é apenas uma construção narrativa, e que fora do âmbito da narrativa ela não existe. Essa corrente, que para fins didáticos podemos apelidar de “indiferente à vida concreta”, foi muito forte ao longo de todo o século XX e continua muito influente no século XXI, o século por excelência das práticas autobiográficas e autoficcionalis. Mas essa corrente não reinou sozinha, pois foi confrontada pela também influente corrente que podemos denominar como “sensível à vida concreta”, capitaneada por Phillippe Lejeune. Foi o crítico francês que trouxe a ideia de “pacto autobiográfico” e

29 BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (Org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, 3º ed., p. 184.

que trouxe elementos externos ao texto para o jogo autobiográfico, ressaltando o fato do autor da autobiografia existir e colecionar vivências fora do texto e que, posteriormente, as transforma na matéria de sua composição textual. Lejeune então propõe uma solução negociada entre essas duas instâncias na ideia de pacto autobiográfico.

O que esse apanhado teórico nos indica até aqui é que há duas maneiras antagônicas de se compreender o fenômeno autobiográfico. Por um lado, como pontuou Jerome Bruner, “passamos a refutar a ideia de que uma vida poderia ser considerada como algo em si e acreditamos agora que tudo deve ser encontrado na construção, no texto ou na fabricação do texto”³⁰. Por outro lado, há os que entendem que “o erro que se expressa nessa crítica consiste na ideia de que o ser humano passa por sua existência sem noção de si mesmo e de sua vida até o momento no qual ele se senta para verbalizá-la. O sujeito e a história da vida não surgem de repente através de um projeto literário, mas acompanham a pessoa desde a juventude. Nesse sentido, a vida não é dada como uma coisa que já existe num espaço extralinguístico, mas sim como um conhecimento autobiográfico que se forma e se transforma a cada momento”³¹.

No nosso ponto de vista, a ideia que a autobiografia literária é o que forja a vida, ou que a noção de subjetividade esteja ausente da vida cotidiana, é algo muito pouco plausível e pronunciadamente elitista, pois pressupõe que quem não domina a escrita não detém uma história de vida. Nas palavras de Galle, “o sujeito em si, tanto quanto a memória autobiográfica, forma-se no processo de interação com o mundo e a comunicação oral com as pessoas ao redor, sem intervenção necessária da escrita”³². Portanto, no nosso ponto de vista, o equívoco reside na crença de que uma pessoa vive uma vida toda sem notar que está vivendo, e que tudo muda no momento em que ela senta

30 GALLE, Helmut. Op. Cit., pp. 85-86.

31 Idem, *ibidem*, pp. 163-164.

32 Idem, *ibidem*, p. 163.

para escrever sua autobiografia. Ou seja, a ideia de que a vida está condicionada a um projeto literário.

Ainda na visão de Galle, a escrita abre portas para um novo tipo de subjetividade, portanto “a autobiografia literária não marca o nascimento do sujeito ou da subjetividade, mas uma nova prática de ocupar-se com essa subjetividade que libera o relato radicalmente dos contextos funcionais do cotidiano e que legitima a tematização exclusiva da própria vida individual, das suas rupturas e contradições com o objetivo de encontrar uma verdade maior sobre si mesmo”³³.

Assim, se por um lado é possível endossar essa linha que compreende a subjetividade e a vida como fenômenos independentes de um projeto literário, por outro nos parece que a crítica que afirma que é só ao refletir sobre a própria vida que o autobiógrafo a transforma em uma história detentora de sentido toca em um ponto importante. De fato este sentido é algo urdido, pois depende da interpretação dos acontecimentos por parte do sujeito, que por sua vez seleciona os fatos, evidenciando uns em detrimento de outros. Como afirmou Nietzsche de forma provocativa: “ ‘eu fiz isso’, diz minha memória. ‘Eu não posso ter feito isso’ – diz meu orgulho e permanece intransigente. Finalmente – a memória cede”³⁴. Mas, não cabe ao leitor, como a um inspetor de polícia, investigar o que corresponde aos fatos e o que é fruto da mais pura imaginação. Aqui voltamos à boa e velha noção de pacto formulada por Lejeune e o leitor que, mesmo ciente das armadilhas da memória humana, aceita a natureza do texto autobiográfico como um texto *sui generis* através do qual é possível se elaborar um conhecimento sobre o mundo por meio de uma perspectiva subjetiva.

A noção de pacto como algo que se estabelece entre autor e leitor, porém sem necessidade de verificação, apesar de muito combatida no passado reaparece em modernos estudos sobre textos autobiográficos. É o caso, por exemplo, de Luciana

33 Idem, *ibidem*, pp. 165-166.

34 Idem, *ibidem*, p 171.

Oliveira de Barros, que na análise da trilogia autobiográfica *Infância, Ganhando meu pão e Minhas Universidades*, de Maksim Górkí, afirma que “o impacto do valor da autobiografia gorkiana é diretamente proporcional ao seu maior ou menor poder de convicção que é, via de regra, fundamental para o estabelecimento de um pacto autobiográfico entre autor e leitor, pois não há nada de mais crível do que a vida de uma pessoa contada por ela mesma”³⁵. No caso de Górkí, que escolhe como narrador o menino Aleksei Piéchkoy, de cinco anos, fica claro que o objetivo não é a facticidade, mas a verossimilhança, uma vez que um menino nunca conseguiria narrar a sua história com clareza devido às limitações intelectuais próprias da idade. Na autobiografia de Górkí, “a história ‘reinscreve o tempo da narrativa no tempo do universo’, como propõe Paul Ricoeur, em *Tempo e Narrativa* (1994, p. 317). Então, o imaginário representa o principal ponto para a edificação da história, já que, para relacionar o tempo vivido ao tempo do mundo, foi preciso contar com certos elos que conduzissem essa coexistência de tempos e que a tornassem legível. Para Górkí (...) a imaginação funcionou como um mecanismo para traduzir o seu tempo”³⁶.

Assim, a medida do sucesso dos textos autobiográficos é diretamente proporcional à verossimilhança alcançada pela obra, pois não importa se esta utiliza ou não recursos próprios da ficção, mas sim se o tempo do vivido é capaz de reverberar no leitor propiciando a ele um meio de tangenciar o tempo do mundo. Apesar de teóricos como De Man terem descartado a verossimilhança como um fator determinante do texto autobiográfico, e de toda uma parcela da crítica ter cindido o texto autobiográfico daquilo que é externo a ele – a vida cotidiana efetivamente vivenciada –, a nova noção de pacto autobiográfico acalentada por modernas correntes teóricas, e que nos parece a mais acertada, tem por base a verossimilhança alcançada pelo texto que reconecta o “tempo da

35 BARROS, Luciana Oliveira. “Caminhando Pela Vida, o desafio de Maksim Górkí”. In. *Letrônica*, Porto Alegre, v.7, n. 2, jul./dez. 2014, p. 856.

36 BARROS, Op. Cit., p. 863.

narrativa” ao “tempo do universo”. É importante ressaltar que o conceito de “verossimilhança”, que será discutido mais adiante, está sendo utilizado aqui como a habilidade de narrar fatos que ocorreram (ou não) fora do âmbito do texto de forma convincente e que, portanto, torna plausível a ideia de história de vida efetivamente experienciada e posteriormente narrada no papel. Uma vez que outros conceitos como “verdade”, “veracidade” etc., estão muito datados e não dão conta da ideia que se pretende passar, a opção por “verossimilhança” se deu a despeito do fato desta também ocorrer na ficção como um dado da economia interna de uma obra puramente ficcional, sem qualquer correspondência com uma realidade exterior ao texto.

1.5. A verossimilhança

O problema da verossimilhança ultrapassa os limites dos textos autobiográficos e o conceito em si merece uma análise atenta. Essa é uma questão que perpassa toda a história da literatura no Ocidente.

A busca pela “imitação” da realidade por meio da representação literária é uma constante na história da literatura ocidental. O exercício da “mimesis”, presente da cicatriz de Ulisses à meia marrom de *To The Lighthouse*, de Virginia Woolf³⁷, configurou-se em um método de representação que teóricos da literatura denominaram “realista”. O método de representação realista (que não deve ser confundido com a escola literária do século XIX, que tem Flaubert e Zola como expoentes e que para alguns teóricos deveria

37 Aqui nos remetemos ao clássico de Erich Auerbach – *Mimesis: A Representação da Realidade na Literatura Ocidental*, São Paulo: Editora Perspectiva, 1971. Auerbach, em sua tarefa de analisar a representação da realidade na literatura, não avançou em direção à literatura russa, à qual dedicou comentários como o que se segue: “Parece que os russos conservaram para si uma imediaticidade das vivências como já era difícil encontrar na civilização ocidental no século XIX; um estremecimento forte, vital, ou moral, ou espiritual, atíça-os imediatamente nas profundezas dos seus instintos, e eles caem num instante de uma vida calma e uniforme, por vezes quase vegetativa, para precipitar-se nos mais terríveis excessos, tanto práticos quanto espirituais”. (p. 469)

ser chamada “escola naturalista”) consiste em um método orientado pelo compromisso com a verossimilhança.

A verossimilhança, que numa definição apressada é aquilo que se “parece” com a realidade, que “reproduz” em literatura a vida real, é a base sobre a qual fincam-se os pilares do método realista. No entanto, essa definição apressada desmorona diante do fato de que a verossimilhança não existe por si só, mas apenas no plano da representação literária, e uma vez que na vida real o conceito de verossímil não se aplica, pois tudo o que é simplesmente é – não se questiona –, a verossimilhança não depende da comparação com o mundo real e nem da “aparência” de realidade.

“Quando, lendo um romance, dizemos que um fato, um ato, um pensamento são inverossímeis, em geral queremos dizer que na vida seria impossível ocorrer coisa semelhante. Entretanto, na vida tudo é praticamente possível; no romance é que a lógica da estrutura impõe limites mais apertados, resultando, paradoxalmente, que as personagens são menos livres e que a narrativa é obrigada a ser mais coerente do que a vida”³⁸.

A vida é recheada de situações que seriam pouco críveis se transpostas para o enredo de um romance. Os discursos do verossímil “não são regidos por uma correspondência com seu referente, mas por suas próprias leis”³⁹, portanto a chave para a compreensão da verossimilhança não está na comparação das personagens e situações descritas com o que existe no mundo real, mas na análise da composição e da coerência interna da obra literária. Mesmo se o material consistir na reprodução fiel de fatos da vida, se a sua organização não se der em uma estrutura coerente este será descartado como

38 CANDIDO, Antonio. “A Personagem do Romance”. In: *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 76.

39 TODOROV, Tzvetan. *Poética da Prosa*. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 113.

invençione da pior espécie. A verossimilhança é muito mais uma questão de estrutura precisa do que da inserção de lampejos da realidade na obra. É por meio dessa estrutura convincente que o leitor embarcará na proposta do autor e aceitará a história que lhe é oferecida.

O fato de a verossimilhança estar diretamente implicada na economia interna da obra literária, e não na correspondência com o mundo real, é o que justifica a transformação de um traço irreal, como a existência de duendes ou o desafio à lei da gravidade, em um dado verossímil da obra literária. A maneira como o material é organizado, de acordo com o sistema de convenções adotado e com o pacto estabelecido à priori com o leitor, é o que determina a maior ou menor verossimilhança. Por outro lado, “os dados mais autênticos podem parecer irreais e mesmo impossíveis, se a organização não os justificar”⁴⁰, portanto não importa se a obra se intitula “baseada em fatos reais”, pois ela pode perfeitamente resultar em um pastiche da situação evocada.

O senso comum crê que uma obra literária que se diz embasada na realidade empírica se aproxima mais da verossimilhança do que obras exclusivamente ficcionais, que não se referem a objetos onticamente autônomos. É o que acontece, por exemplo, com obras autobiográficas. Quando um autor denomina de “autobiografia” o seu escrito, a obra adquire instantaneamente um selo de verossimilhança que atesta a “veracidade” daquele escrito de uma maneira difícil de questionar. Um sujeito real que se propõe a narrar a sua vida necessariamente escreve a “verdade” dessa vida. Um olhar sobre as especificidades desse tipo de texto ajuda a desconstruir esse falso pressuposto.

Todos os textos, científicos ou ficcionais, são compostos de uma série de planos irreais (com exceção do primeiro, que é real e consiste nos sinais tipográficos impressos no papel), e estas camadas irreais, como as orações e as unidades significativas

40 CANDIDO. Op. Cit., p. 77.

construídas por elas, são “contextos objectuais [que] determinam as objectualidades”⁴¹, sendo as objectualidades as personagens de um romance, os atos de uma peça, as ideias de um ensaio, a tese de um artigo científico etc.

Para além desses contextos objectuais há um outro plano que depende da imaginação concretizadora do leitor, que se orienta de acordo com as coordenadas do autor que seleciona certos aspectos esquemáticos, por exemplo, determinada característica do personagem, como um furo no queixo, ou do cenário, como um piano na sala de um apartamento, ou algumas hipóteses de uma tese científica. Sempre o autor escolherá algumas características da personagem para salientar em detrimento de outras, destacará alguns objetos do cenário em detrimento de outros, apontará algumas hipóteses em detrimento de outras; portanto, a intenção do autor na sua seleção de aspectos esquemáticos permeará toda e qualquer obra, ficcional ou não.

Tanto em uma novela quanto em um artigo científico o princípio de organização será o mesmo, uma vez que “todo texto, artístico ou não, ficcional ou não, projeta tais contextos objectuais ‘puramente intencionais’”, sendo que a diferença reside no fato de que tais contextos “podem referir-se ou não a objetos onticamente autônomos”.⁴²

Essa similaridade estrutural é normalmente ignorada, já que a tendência é que essas objectualidades puramente intencionais adquiram a feição de realidade quando se trata de textos não ficcionais, em que os contextos objectuais se referem a objetos cuja existência independe do texto. Assim, acessam-se os contextos objectuais como se eles fossem de fato as coisas sobre as quais se escreve, esquecendo-se que “as palavras não são simplesmente os nomes transparentes das coisas”⁴³. Quando se opera com a transparência ilusória da linguagem, “o raio de intenção passa através delas [das palavras]

41 ROSENFELD, Anatol. “Literatura e Personagem” In: *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 13.

42 ROSENFELD. Op. Cit., p. 15.

43 TODOROV. Op. Cit., p.113.

diretamente aos objetos também intencionais”⁴⁴, tornando imperceptível essa intermediação intencional que advém da linguagem. É por essa razão que certas confusões se propagam, por exemplo, a crença de que uma obra autobiográfica é a vida vivida, que uma notícia de jornal é o fato acontecido.

Uma vez que todos os textos projetam contextos objectuais puramente intencionais, o que difere os textos científicos dos textos de ficção é o fato de que, nos primeiros, ao se referirem a objetos onticamente autônomos, os enunciados constituem juízos. Através dos juízos pretende-se uma adequação absoluta das objectualidades puramente intencionais aos seres que existem na realidade, buscando-se, dessa forma, a “verdade”, e é por isso que nesses casos, quando essa adequação não é alcançada, pode-se falar de mentira ou fraude, ao contrário da ficção, onde não há espaço para verdades ou mentiras, mas sim para a quebra (ou não) da verossimilhança.

É a presença do ser humano que fornecerá indícios se os enunciados constituem ou não juízos. Os autores de enunciados reais situam-se em locais e tempos específicos fora do mundo narrado, ao passo que os narradores de ficção se situam dentro do mundo narrado, ou seja, neste caso “não há um narrador real em face de um campo de seres autônomos. Este campo existe somente graças ao ato narrativo (ou ao enunciar lírico, dramático)”.⁴⁵

Este ponto é fundamental para se analisar os aspectos estruturais de uma obra autobiográfica. A questão que se coloca é se o autor de uma autobiografia é um sujeito real, determinado e concreto que narra a partir do ponto zero do sistema de coordenadas espaço-temporal os fatos fidedignos da sua trajetória de vida, ou se é um personagem focalizado por um narrador onisciente e, portanto, parte integrante do mundo narrado por ele.

44 ROSENFELD. Op. Cit., p.17.

45 ROSENFELD. Op. Cit., p.26.

A ânsia de se explicar ante si mesmo, de autoconhecer-se, de polir a própria identidade por meio da narração ilumina a complexidade da personalidade humana. Conhecer a fundo uma pessoa é uma ambição ilusória, pois os homens são enigmas perigosos. Ainda mais na época contemporânea, na qual impera a desconfiança do indivíduo acerca da profundidade do conhecimento que ele detém sobre ele próprio, principalmente após o advento da psicanálise, que lançou a advertência de que até mesmo o ego não é senhor em sua própria casa. Portanto, o conhecimento, tanto dos outros como de nós mesmos, é sempre fragmentado e os traços característicos de uma pessoa que são enunciados na narração são sempre limitados, “se os compararmos com o máximo de traços humanos que pululam, a cada instante, no modo-de-ser das pessoas”.⁴⁶ É preciso ter em mente que “as objectualidades puramente intencionais constituídas por orações sempre apresentarão vastas regiões indeterminadas, porque o número das orações é finito”⁴⁷ e, dessa forma, jamais a narração abarcará o todo da vida.

É por essa razão que no caso das obras autobiográficas o autor não consegue se transplantar pura e simplesmente para a sua narração, pois não existe a possibilidade de “copiar” uma pessoa real para o texto. Ao falar de si, o autor necessariamente irá compor “uma estrutura limitada, obtida não pela admissão caótica de um sem-número de elementos, mas pela escolha de alguns elementos, organizados segundo uma certa lógica de composição, que cria a ilusão do ilimitado”⁴⁸.

Por conseguinte, o autor da autobiografia utilizará para si os mesmos recursos dos quais lança mão um autor de ficção ao compor o seu personagem. O mundo representado e o mundo representante estão irremediavelmente cindidos, mesmo quando a obra em

46 CANDIDO. Op. Cit., p. 60.

47 ROSENFELD. Op. Cit., p. 33.

48 CANDIDO. Op. Cit., p. 60.

questão é uma autobiografia. Nem mesmo quando narra a história da própria vida o autor consegue “existir” na obra:

“mesmo se ele escrevesse uma autobiografia ou a mais verídica das confissões, como seu criador, ele igualmente permanecerá fora do mundo representado. Se eu narrar (escrever) um fato que acaba de acontecer comigo, já me encontro (como narrador), fora do tempo espaço onde o evento se realizou. É tão impossível a identificação absoluta do meu ‘eu’ com o ‘eu’ de que falo, como suspender a si mesmo pelos cabelos”.⁴⁹

Assim, tomando como pressuposto que o produto da narração é algo distinto da vida concreta, é possível avançar para além do eterno impasse da “verdade *versus* ficção” e buscar entender a função da autobiografia nas sociedades em que ela despontou como prática cultural. Aceitar os limites da autobiografia não é a mesma coisa que descartá-la por completo. Se “a vida real flui e não se detém, é incomensurável, um caos no qual cada história se mistura com todas as histórias, e por isso jamais começa nem termina”⁵⁰, e “já que a ficção parece mais confortável que a vida, tentamos ler a vida como se fosse uma obra de ficção”⁵¹. Isso, no entanto, não transforma a autobiografia automaticamente em um romance, nem anula o fato do impulso de escrita autobiográfica ser de outra ordem, completamente diferente do impulso da escrita ficcional.

1.6. Escrita autobiográfica na perspectiva histórica

49 BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e Estética. A teoria do Romance*. São Paulo: Hucitec, 1990, p. 360.

50 VARGAS LLOSA, Mario. *A Verdade das Mentiras*. São Paulo: Arx, 2004, pp. 14-15.

51 ECO, Umberto. *Seis Passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 124.

A escrita autobiográfica é tão remota quanto o homem, mas se tornou uma necessidade mais pungente a partir do final do século XVIII. Se é inegável que podemos encontrar textos de características autobiográficas desde a Antiguidade, em termos de volume é incomparável o que a cultura ocidental produziu a partir de 1800 – “uma bibliografia de todos os escritos autobiográficos anterior a essa data seria um pequeno fascículo; uma bibliografia a partir de 1800 seria um volume grosso”⁵². A Revolução Francesa foi o grande evento que impulsionou essa virada. O trauma revolucionário fomentou, entre os contemporâneos, a sensação antes nunca experimentada de uma quebra brutal com um passado superado e o mergulho em um futuro desconhecido e em construção, concomitantemente com o desenrolar das vidas dos homens e mulheres desses novos tempos. A busca por direcionamentos para essas vidas, que deveriam se desenrolar num mundo sem precedentes, desembocou em escritos autobiográficos de um novo tipo, ancorados agora no tempo histórico.

Mas não foi apenas a experiência revolucionária que gerou essa forma moderna de consciência histórica. O ideal de personalidade entendido enquanto individualidade teve um lento desabrochar ao longo do tempo. Se pensarmos nas sociedades antigas, nos deparamos com pouca margem para esse desabrochar, pois a personalidade consistia em um prolongamento dos modelos sociais, por exemplo, os ideais de herói e pai de família, que sofreu influência do ideal da polis entre os gregos e os romanos. Com o cristianismo, esses modelos sociais foram substituídos por um grande (e sagrado) modelo, a vida de Cristo, e “este ideal monástico dominou a maioria dos escritos autobiográficos”⁵³.

Na época do Renascimento uma transformação importante ocorreu na mentalidade da sociedade Ocidental. A individualidade, ou as diferenças que distinguem

52 WEINTRAUB, KARL J. “Autobiography and Historical Consciousness”. In: Ed BROUGHTON, Trev Lynn. *Autobiography Critical Concepts in Literary and Cultural Studies*. London and New York: Routledge, 2007, p. 237. “a bibliography of all autobiographic writing prior to that time would be a small fascicule; a bibliography since 1800 a thick tome”.

53 Idem, ibidem, p. 252. “this monastical ideal dominates most autobiographic writings”.

um indivíduo de todos os outros, deixou de ser encarada como um “desvio” da norma, e passou a ser considerada um fato natural e desejável da existência humana. Assim, finalmente “o homem Ocidental, através de uma série de desenvolvimentos complexos e graduais, formou uma atração particular pelo ideal de personalidade que chamamos de individualidade. Esse ideal é caracterizado pela rejeição a um único modelo válido para o indivíduo”⁵⁴. É assim que começa a se configurar a ideia de que cada um é único e que a vida individual tem valor, e que as pessoas devem viver com o objetivo de desenvolver suas potencialidades, contribuindo, dessa forma, para o florescimento da humanidade.

A partir da Renascença, com esse afastamento gradual de modelos preestabelecidos e com a substituição desses modelos por um mergulho nas suas próprias interioridades, os homens deixaram de encontrar segurança no mundo circundante. Um difícil processo de introspecção se tornou mais recorrente e isso contribuiu para a disseminação das práticas autobiográficas. Portanto, o surgimento das autobiografias e a tomada de consciência da individualidade são dois processos interdependentes e que se retroalimentam mutuamente. Mas o que começa a ganhar fôlego em 1600 só se potencializa alguns séculos depois – “a visão total da individualidade só veio com o final do século XVIII e dependeu de um desenvolvimento mais completo de uma sensibilidade histórica”⁵⁵.

Um fator que determinou essa transformação foi a nova noção de historicidade. A tomada de consciência histórica dos homens e mulheres acerca das suas próprias existências emprestou à narração das vidas pessoais uma nova forma essencialmente histórica. A junção do indivíduo com o mundo se tornou absoluta; o desenvolvimento do indivíduo foi uma resposta aos estímulos do seu mundo, ao passo que ele também se

54 Idem, *ibidem*, p. 253. “Western man has by a series of complex and gradual developments formed a particular attachment to the ideal of personality we call an individuality. This ideal is characterized by its very rejection of a valid model for the individual”.

55 Idem, *ibidem*, p. 258-259. “the full view of individuality only came with the later part of the eighteenth century and was dependent upon a more completely developed historical sense”.

tornou responsável por atuar no mundo e transformá-lo. E a sensação de contingência e imprevisibilidade foi uma novidade gestada por esse processo que marcou essa nova sensibilidade de dimensões históricas.

Nas palavras de Weintraub: “o que a pessoa se torna é uma notável fusão pessoal do que foi dado inicialmente, do que o mundo trouxe para ela, do que ela aproveita disso, de como ela transforma isso na sua essência e de como ela, por sua vez, transforma o mundo. E não há outra maneira de explicar a trajetória de desenvolvimento dessa vida que não seja contando essa história como parte da história do mundo. A essa altura, a vida pessoal só pode ser enxergada pela ótica da sua dimensão histórica. O relato dessa vida toma uma forma histórica. Autobiografia parece ser um gênero histórico”.⁵⁶

Cabe aqui um parênteses sobre as semelhanças da escrita autobiográfica com a escrita da História. Ambas selecionam e organizam em uma narrativa coerente alguns fatos do passado em detrimento de outros. A estes fatos é atribuído um sentido dentro de um processo que é fruto da interpretação do autobiógrafo/historiador. Para ilustrar esses pontos de contato nos utilizaremos da maneira como Hayden White elaborou sua teoria acerca do fazer histórico. O ato de encadear as vivências numa narrativa autobiográfica inteligível pode ser comparado ao procedimento próprio da escrita da História, que Hayden White definiu como “*emplotment*”, que consiste na ação de transformar os fatos históricos em uma trama, ou, mais especificamente, em uma narrativa histórica.

Hayden White foi o teórico que provocou a ira de muitos historiadores com afirmações desse tipo: “há uma relutância em considerar narrativas históricas o que elas manifestamente são: ficções verbais, cujos conteúdos são muito mais inventados do que descobertos, e cujas formas tem mais em comum com suas equivalentes em literatura do

56 Idem, *ibidem*, p. 249. “What person becomes is thus a remarkable personal fusion of what was initially given, what his world brings to him, what he selects from this, how he builds this into his make-up, and how he in turn affects the world. There is no other way to account for this course of development, for this life, than to tell its story as a part of the story of its world. At this point, personal life can be understood only by viewing it under its historical dimension. The account of personal life takes a historical form. Autobiography seems to be a historical genre”.

que com aquelas das ciências”⁵⁷. Porém, uma leitura mais atenta desse complexo autor nos mostra que o que White problematiza não é uma suposta impossibilidade de diferenciar a historiografia da ficção, muito pelo contrário, ele “considera que a historiografia, diferentemente da literatura, precisa respeitar que todas as suas proposições devem obedecer ao princípio da correspondência com os fatos da realidade”⁵⁸. O que White assinala é que ao narrar os fatos históricos, que são por si só neutros, o historiador recorre a estruturas narrativas que são próprias da ficção.

Os fatos históricos devem corresponder necessariamente aos acontecimentos que comprovadamente ocorreram no passado, portanto a teoria de White não abre brechas para que se escreva, por exemplo, que a Revolução Francesa começou em 1788 ao invés de 1789, se exigências da narrativa demandarem algo do tipo. O que White aponta é que os fatos históricos são neutros, portanto “muitas das sequências históricas podem ser tramadas de diferentes maneiras, e dessa forma podem gerar diferentes interpretações desses eventos e conferir diferentes significados a eles”⁵⁹.

Na perspectiva da crítica moderna que, conforme mencionado anteriormente, acredita que a verossimilhança é essencial na escrita autobiográfica e que esta narra algo concreto que pode ser localizado no mundo sensível exterior ao texto, a formulação de White para a História se encaixa perfeitamente bem como uma saída teórica capaz de apaziguar a tensão existente entre ficção e facticidade na narrativa autobiográfica. Aceitar que a autobiografia toma de empréstimo recursos da ficção não significa descartar o compromisso desta com fatos vivenciados pelo autor no plano da realidade. O que ocorre é que essas vivências, assim como os fatos históricos, quando estão atomizadas e

57 WHITE, Hayden. “The Historical Text as Literary Artifact”. In: LEICH Vincent B. (ed.). *The Norton Anthology of Theory and Criticism*. New York, London: WW Norton Company, 2010, 2º ed., p. 1537. “there has been a reluctance to consider historical narratives as what they most manifestly are: verbal fictions, the contents of which are as much invented as found and the forms of which have more in common with their counterparts in literature than they have with those in the sciences”.

58 GALLE, Helmut. Op. Cit., p. 84.

59 WHITE. Op. Cit., p. 1539. “most historical sequences can be emplotted in a number of different ways, so as to provide different interpretations of those events and to endow them with different meanings”.

desconectadas de uma narrativa abrangente, são elementos “potenciais” de uma narrativa, mas são elementos neutros, desprovidos de tonalidade e sentido. Somente quando esses elementos são ordenados numa narrativa que eles se tornam românticos, trágicos, cômicos, e configuram-se em uma história. E essa história não se dá senão por meio da ordenação dos fatos em uma narrativa que obedece às convenções da literatura – “uma dada situação histórica para ser configurada depende da sutileza do historiador em combinar uma estrutura narrativa específica com um conjunto de eventos históricos que ele deseja dotar de certo significado. Isso é essencialmente uma operação literária, ou uma maneira de fazer ficção”⁶⁰.

Ainda sobre os pontos de contato entre História e autobiografia, Weintraub sugere que “História e autobiografia extraem seu valor de transformar partes significativas do passado em passado interpretado; para ambos a realia incoerente da vida foi resolvida e o que foi selecionado teve seu lugar garantido numa estrutura repleta de significado”⁶¹. É expressivo o fato de que, ao perceber a vida como uma experiência de interação com o mundo circundante, os homens e mulheres da era do historicismo tenham conseguido atribuir significado às suas vidas partindo da dimensão histórica das mesmas. Nessa mesma linha, os momentos históricos de maior violência e desintegração do tecido social são os períodos onde há uma maior propagação de textos dessa natureza. Um exemplo é o que ocorreu no século XX. Aqueles que viveram (e sobreviveram) a tantos conflitos bélicos, ditaduras sanguinárias, crimes e atrocidades que marcaram a “Era dos Extremos”, recorreram aos testemunhos autobiográficos para chamar a atenção para os efeitos de tantos horrores históricos sobre as trajetórias individuais. Como afirmou Ruth Kluger, a

60 Idem, *ibidem*, p. 1540. “how a given historical situations to be configured depends on the historian’s subtlety in matching up a specific plot structure with the set of historical events that he wishes to endow with a meaning of a particular kind. This is essentially a literary, that is to say fiction-making, operation”.

61 WEINTRAUB, Op. Cit., p. 243. “History and autobiography derive their value from rendering significant portions of the past as interpreted past; for both the incoherent realia of life have been sorted out and those selected have been assigned their fitting place in a fuller pattern of meaning”.

autobiografia “é a forma mais subjetiva de historiografia”⁶² e, por conseguinte, o século dos regimes fascistas, comunistas e das ditaduras latino-americanas foi marcado pela emergência de inúmeros relatos autobiográficos. Um dos lugares onde, no século XX, a propagação de textos autobiográficos foi muito expressiva foi a União Soviética. Mas especificamente a tradição autobiográfica da Rússia, por sua interessante particularidade, merece um exame mais atento.

1.7. A tradição autobiográfica na Rússia

Já mencionamos aqui que o primeiro texto autobiográfico russo data do século XVII, e que no século XVIII muitos textos rotulados como *notas autobiográficas* foram escritos, inclusive por autoridades, como a czarina Catarina II (*Zapiski imperatritsy Ekateríny*). Mais textos surgiram no século XIX, século no qual o cânone autobiográfico russo despontou exatamente com a publicação de *Passado e Pensamentos*, de Aleksander Herzen, mas é importante ressaltar que para grande parte da intelectualidade russa – a *intelligentsia* – a sensação era de que a Rússia se encontrava marginalizada desse processo ocidental de florescimento da individualidade. Paradoxalmente, alguns *intelligents* acreditavam que o marco inicial do fenômeno da personalidade na Rússia localizava-se na figura do czar Pedro, o Grande, ele próprio a personificação da ideia de uma personalidade livre e consciente. Ele se tornou lendário por tentar aproximar a Rússia da Europa e, assim, inseri-la na história da Europa Ocidental, entendida naquela época como a história do mundo civilizado. Independentemente da leitura a respeito do legado de Pedro, o Grande, de acordo com a visão da *intelligentsia* a autocracia, a servidão, a

62 KLUGER, Ruth. “Verdade, mentira e ficção em autobiografias e romances autobiográficos”. In. GALLE Helmut; OLMOS, Ana Cecília; KANZEPOLSKY Adriana; IZARA, Laura Zuntin (Org). Op. Cit., p. 24.

censura e o fechamento da sociedade russa eram os grandes obstáculos ao desabrochar da personalidade.

O termo *intelligentsia* surge por volta de 1850, da pena do romancista Boborýkin, mas sua difusão deve-se a Turguêniev, que o popularizou em seus escritos. O termo é difícil de definir, pois não existe nenhum grupo correspondente à *intelligentsia* fora da Rússia, e por essa razão erroneamente este termo foi utilizado como sinônimo de intelectuais. Esta associação é imprecisa pois, como a literatura sobre o assunto indica, em alguns momentos da história russa e em alguns casos específicos existiu uma fusão entre o intelectual e o *intelligent*, mas em outros não. Uma maneira de ilustrar essa não correspondência é lembrar que o intelectual que, por exemplo, ocupava um cargo na burocracia estatal e era apoiador do regime czarista jamais poderia ser considerado membro da *intelligentsia*. Outra dificuldade advém da origem distinta dos membros da *intelligentsia*. Não há nada que os homogeneíze – nem procedência de classe, nem grau de instrução – e apenas uma formação livresca e uma postura combativa os aproxima – “*intelligentsia* era menos uma classe do que um estado de espírito”⁶³.

Em um trecho de *Passado e Pensamentos*, Herzen expressou aquilo que estava no cerne das preocupações da *intelligentsia*: “de um modo geral, em Moscou começaram a despertar esses interesses intelectuais [referentes à querela entre eslavófilos e ocidentalistas], quando as questões literárias, vista a impossibilidade das políticas, tornaram-se vitais. A publicação de um livro notável consistia em um grande evento. Líamos e comentávamos as críticas e as réplicas com a atenção que antes dispendíamos aos debates parlamentares na França ou Inglaterra”⁶⁴.

63 SZAMUELY, Tibor. *La Tradition Russe*. Paris: Editions Stock pour la Traduction Française, 1976, p. 173. “Em somme, l’*intelligentsia* était moins une classe qu’un état d’esprit”.

64 HERZEN, Aleksandr. *Byloie i dumy (Passado e Pensamentos)*. In: <http://az.lib.ru/g/gercen>. Acessado em: 15/02/2018. “(...) Вообще Москва Входила тогда в ту эпоху возбужденности умственных интересов, когда литературные вопросы, за невозможностью политических, с тановятся вопросами жизни. Появление замечательной книги составляло событие. Критики и антикритики читались и комментировались с тем вниманием, с которым, бывало, в Англии или во Франции следили за парламентскими прениями”.

Portanto, além do compromisso com a ação política, o que forjava o laço entre os membros desse círculo e criava a noção de pertencimento era o repertório textual ao redor do qual esse grupo se formava. A leitura e o debate dos textos relevantes sobre a vida na Rússia eram as principais ações que engajava os *intelligents* e favoreciam o ato de associação. A comunidade de pessoas dependia, para se formar, de uma comunidade “textual”, que a antecedia. Como escreveu Tibor Szamuely, “o que os membros da *intelligentsia* tinham em comum – e que faltava à grande maioria dos seus compatriotas – era a sua formação livresca”.⁶⁵

É por isso que uma comunidade como essa, tão sensível à palavra escrita, ficou tão impactada pela publicação de uma pequena carta filosófica escrita por Tchaadáiev⁶⁶, que tratava da Rússia como uma nação fora da História. Publicada em 1836 na revista *Teleskóp*, a “Primeira Carta Filosófica de Tchaadáiev” defendia que a Rússia não tinha nem passado nem presente, e estava apartada da contemporaneidade histórica que unia o mundo católico e protestante Ocidental. A constatação desesperançada do filósofo, que foi considerado oficialmente louco pelas autoridades russas, foi o motor do debate mais acirrado do século XIX, que dividiu a intelectualidade russa entre aqueles que defendiam que a Rússia deveria seguir os passos da Europa, com o objetivo de corrigir esse grave problema, e os que acreditavam que ela deveria se voltar para as suas tradições e buscar traçar seu desenvolvimento próprio. Um outro efeito da carta foi dar origem a um grupo que acreditava que a “juventude” da Rússia deveria ser aproveitada como um instrumento para que o país se abrihantasse e despontasse como a nação do futuro.

Todos esses problemas ajudaram a criar uma obsessão nacional pela História e pelo futuro da Rússia, e a consciência histórica dos membros da classe preocupada com

65 SZAMUELY. Op. Cit., pp. 172-173. “Ce que les membres de l’intelligentsia avaient en commun – et qui manquait à la grande majorité de leurs compatriotes – c’était leur formation livresque”.

66 A “Carta Filosófica” foi um texto central no contexto da querela entre Ocidentalistas e Eslavófilos por apontar, entre outras coisas, que a Rússia não tinha realizado nada enquanto nação. Mais detalhes sobre essa carta podem ser encontrados no terceiro capítulo desta tese.

essas questões – a intelligentsia – se tornou hipertrofiada. Isso explica o grande entusiasmo dessa classe pelas ideias de Hegel que, ao penetrarem na Rússia, tiveram um impacto ímpar, e que autores tendem a apontar como algo sem precedentes até mesmo na Europa Ocidental. Nos salões literários-filosóficos de Moscou e São Petersburgo, Hegel era debatido “não apenas como um conjunto de ideias, mas como um guia para a vida pessoal e coletiva”⁶⁷. A filosofia de Hegel foi um dos muitos estímulos para que os intelligents, compreendendo seus círculos como um estágio necessário da História em franco movimento dialético, assumissem o papel dos arautos da Rússia do futuro. Nesse sentido, a ideia de uma consciência que se desenrola através da História foi convertida em um chamamento para que os intelligents se tornassem os portadores de uma consciência histórica que colocasse em xeque o atraso e obscurantismo da vida russa sob o reinado de Nicolau I.

É contra esse pano de fundo que a noção de personalidade aflora na Rússia, dotada de uma urgência e de uma centralidade ímpar no contexto do século XIX. Assim, “a noção de personalidade estava no centro das suas [dos intelligents] discussões. A intelligentsia russa emergente entendia a personalidade primeiramente como um barômetro do desenvolvimento histórico que mensurava o grau de desenvolvimento moral e de libertação de uma ordem social dada. Sob as condições de atraso social e político que prevaleciam na Rússia, a personalidade abarcava um significado particular como motor do progresso”⁶⁸.

Tendo em vista essa noção tão particular de personalidade, entre os membros da intelligentsia russa o que imperava era a crença de que o dever do indivíduo crítico e

67 HELLBECK, Jochen. “Russian Autobiographical Practice”. In: HELLBECK, HELLER (Org). *Autobiographical Practices in Russia*. Berlin: V&R Unipress, 2004, p. 281. “(...) not just as a set of ideas, but as a guide to personal and collective life”.

68 Idem, *ibidem*, p. 282. “the notion of personality was at the core of their discussions. The emerging Russian intelligentsia understood personality primarily as a barometer of historical development that measured the degree of moral development and liberation of a given social order. Under the conditions of social and political backwardness that prevailed in Russia, personality held particular significance as an engine of progress”.

moralmente livre era dedicar integralmente sua vida à emancipação da sua própria personalidade, pois essa não era uma missão que beneficiaria apenas a ele próprio, mas sim ao desenvolvimento da consciência histórica capaz de impulsionar a História para o progresso e a Rússia para o futuro almejado. Além disso, “o fato da Rússia ainda estar em defasagem histórica e da personalidade ainda estar em sua fase embrionária (Bielínski) apenas reforçou a missão da parte dessa auto atribuída vanguarda moral de viver uma vida socialmente responsável e historicamente consciente”⁶⁹.

Bielínski acreditava que na Rússia de 1847 a personalidade estava apenas começando a sair de um estado embrionário. Ainda sem se utilizar de uma terminologia padronizada, ora recorrendo à ideia de personalidade (líchnost), ora à ideia de individualidade (individuálnost), o célebre crítico defendia que era dever de todos os homens transcender a subjetividade restrita e egoísta inerente ao ser humano e se dedicar ao desenvolvimento de uma subjetividade mais profunda, humana e dotada de responsabilidade social. Essa concepção englobava os valores estéticos defendidos por Bielínski, para quem o artista deveria perseguir o comprometimento moral na sua vida e obra – “o valor estético da obra de arte era definido, sobretudo, pela integridade pessoal do artista e pela força do seu comprometimento social”.⁷⁰

A ideia de viver uma vida exemplar era a obsessão de muitos desses homens e mulheres da intelligentsia, que acreditavam no seu poder de influência sobre os outros. O caso mais emblemático é o de Herzen, a quem nos dedicaremos nessa tese, mas que por ora merece ser introduzido ao lado de Bielínski como um idealizador da ideia de personalidade como historicamente determinada e preenchida de responsabilidade social. Como um dos nomes mais destacados da geração que se dedicou à emancipação da

69 Idem, ibidem, p. 282. “the fact that Russia still lagged behind historically and personality was still in its embryo phase (Belinski) only reinforced the mandate on the part of this self-chosen moral vanguard to live a socially responsible, historically conscious life”.

70 Idem, p. 284. “the aesthetic value of a piece of art was defined chiefly by the artist’s personal integrity and the strength of his social commitments”.

personalidade, Herzen aprofundou as visões de Bielínski e condicionou a emancipação da personalidade à ideia de ação e transformação do status quo – “a verdadeira essência da personalidade (...) era a ação”⁷¹. E ele também foi o responsável por fomentar a grande instituição da tradição cultural russa que surgiu como um desdobramento natural dessa concepção tão particular de personalidade: as práticas autobiográficas.

Certos textos produzidos por membros da intelligentsia trilhavam uma via de mão dupla: ao mesmo tempo em que reproduziam códigos próprios do grupo, também criavam novos padrões e temas para serem perseguidos pelos intelligents, simultaneamente fomentando e forjando essa tradição. *Passado e Pensamentos* é um caso exemplar nesse sentido. Se por um lado, a autobiografia de Herzen não descortinou um tema novo para o repertório textual da intelligentsia, uma vez que a intimidade era matéria cara aos membros desse grupo, por outro lado, ela forneceu um modelo bem-sucedido de inserção do indivíduo na História por meio da narração das vivências pessoais.

O século XIX russo foi marcado pela emergência de uma consciência histórica e de si que foi desenvolvida em diversos textos de cunho memorialístico como diários, correspondências, autobiografias etc., que circulavam entre os membros da intelligentsia. Como exemplo, podem ser mencionados a obra de Pável Ánnenkov “A década extraordinária: memórias literárias”, o diário de Turguêniev, que foi publicado de 1830 a 1840 em revistas com o título “Crônicas de um Russo”, ou ainda as memórias de Avdótia Panáieva, entre muitas outras obras similares.

A intelligentsia se formava e se sociabilizava na dinâmica de pequenos círculos, muitas vezes compostos por pessoas próximas, como amigos e parentes, que se reuniam quase sempre em ambientes domésticos, geralmente salões de damas esclarecidas ou mesmo na residência de algum dos seus membros. É importante salientar que um aspecto que definia a intelligentsia era a sua alienação “voluntária” do restante da sociedade, a

71 Idem, ibidem, p. 285. “The very essence of personality (...) was action”.

opção por “viver em um mundo próprio” e a total ruptura com o poder instituído. Assim, uma vez que a intelligentsia, em função da sua oposição ferrenha ao czarismo, optava por se retirar da esfera pública institucional, em contrapartida ela recolhia-se à esfera privada. Uma das consequências dessa atuação restrita nos pequenos círculos domésticos era a emergência da intimidade (do pessoal) como matéria natural de reflexão compartilhada. As fronteiras entre o público e o privado se diluíam naqueles pequenos ambientes frequentados por pessoas próximas que compartilhavam intensamente suas vidas e projetos. E, entre os projetos mais caros à intelligentsia figurava, acima de tudo, o compromisso de combater o poder instituído e assim transformar a sociedade.

Como afirmou Tibor Szamuely, a intelligentsia “só podia encontrar sua felicidade na imaginação de uma sociedade ideal ainda por nascer”⁷², e ela creditava para si um papel fundamental no forjamento dessa sociedade. É por essa razão que a transformação social e o caminhar da História jamais abandonavam o horizonte de preocupações desse grupo. Se, por um lado, a intelligentsia se debruçava sobre a intimidade e tudo aquilo que dizia respeito ao indivíduo, por outro lado o cerne das suas preocupações girava em torno do coletivo, já que esta buscava acima de tudo a transformação do status quo – o fim do czarismo, da servidão, o direito à liberdade de expressão do indivíduo etc. Por conseguinte, as reflexões sobre o “eu” e sobre a vida não se descolavam das reflexões sobre os rumos e as vicissitudes da História, e a ideia de que a experiência individual importa e tem relevância histórica orientava a intelligentsia que almejava escrever sobre si.

Assim, na Rússia “a autobiografia funcionava como um meio que emprestava ao desenvolvimento da personalidade na História uma forma material ao mesmo tempo em que contribuía para o desdobramento da História”⁷³. A intelligentsia então vai

72 SZAMUELY. Op. Cit., pp. 174-175. “(...) elle ne pouvait trouver son bonheur que dans la vision d’une société idéale encore à naître”.

73 Idem, ibidem, p. 285. “autobiography functioned as a medium that lent the development of personality in History material form and thus contributed to the unfolding of History”.

desenvolver um apreço especial por esse tipo de texto a partir das décadas de 30 e 40 do século XIX, e esse hábito vai perdurar por todo o século XX e XXI (segundo Irina Paperno, o texto de Herzen é o grande modelo para os textos memorialísticos/autobiográficos que inundaram a Rússia durante e após o término da União Soviética⁷⁴). Os intelligents, com o objetivo de se tornarem modelos para o restante da sociedade, concluíram que as suas vidas não deveriam apenas serem vividas sem reparos, mas também deveriam ser registradas para que outros pudessem se inspirar nelas. E isso se configurou como o dever mais premente dos integrantes desse grupo. Portanto, “conceber a sua vida pessoal como de natureza histórica, e esculpir sua autobiografia de maneira a fazer o eu se adequar às exigências da progressão histórica pode ser entendido como uma específica forma russa de prática autobiográfica”⁷⁵.

Assim, a segunda metade do século XIX foi marcada pelo aprofundamento da transformação do ideal de personalidade de um plano abstrato (do pensamento e da consciência crítica) para um plano mais concreto (da ação). O ato de lapidar a sua própria biografia, com vistas a alinhá-la com as exigências do momento histórico, se imiscuiu na tradição da intelligentsia tão profundamente que sobreviveu ao século XX e a um regime comprometido com a extinção do individualismo na sociedade. A revolução de 1917, portanto, representou uma quebra nessa tradição, mas que não acabou por extingui-la, e sim reformulá-la.

A Revolução de Outubro fomentou na tradição autobiográfica russa uma situação de duas frentes evidentemente paradoxais: de um lado a condenação do individualismo e de outro a celebração das vidas dedicadas à revolução. Tanto que o regime soviético incorporou as práticas autobiográficas como uma política de estado e visou criar cidadãos

74 PAPERNO, Irina. *Stories of the Soviet Experience. Memoirs, Diaries, Dreams*. Ithaca and London: Cornell University Press, 2009.

75 HELLBECK, Jochen. “Introduction”. In: HELLBECK, HELLER (Org). *Autobiographical Practices in Russia*. Berlin: V&R Unipress, 2004, p. 14. “to conceive of one’s personal life as historical in nature, and to sculpt one’s autobiography in order to make the self conform to the exigencies of historical progression thus can be understood as a specifically Russian form of autobiographical practice”.

historicamente conscientes, ao mesmo tempo em que enquadrou a personalidade a um só modelo e eliminou aqueles que minimamente se desviavam da norma. Por mais incrível que isso possa parecer as práticas autobiográficas foram retiradas dos domínios do indivíduo e adentraram a esfera governamental, transformando-se num fato da vida da sociedade soviética. Mas mesmo sob a égide do Estado, as práticas autobiográficas por sua própria natureza continuaram a tratar do pessoal, e nisso que reside o paradoxo irreconciliável da cultura autobiográfica soviética. Uma perspectiva que retratasse o indivíduo como uma consciência autônoma foi sufocada, mas a associação da subjetividade com a realidade histórica objetiva foi mais encorajada do que nunca.

Nas palavras de Hollbeck:

“o que um pequeno grupo de intelectuais concebeu inicialmente como a sua missão social e moral foi transformada em uma guinada Marxista, numa ideologia estatal com um poder institucional incomparavelmente maior e de grande alcance. Dependendo de um abrangente sistema educacional e de vigilância, o regime soviético procurou transformar os membros do partido comunista, e na sua esteira o restante dos cidadãos soviéticos, em sujeitos historicamente conscientes. Apenas dessa forma, acreditavam os líderes soviéticos, o comunismo – a última era da irrefreável consciência histórica - poderia ser atingido. Essas específicas condições explicam porque o meio comunista se tornou tão extraordinariamente rico em narrativas sobre a forma e o desenvolvimento da consciência pessoal”.⁷⁶

76 Idem, *ibidem*, p. 22. “what a small group of intellectuals initially conceived of as their social and moral mission, had been transformed, in a Marxist guise, into a state ideology with an incomparably greater institutional power and scope. Relying on a comprehensive system of education and surveillance, the soviet regime sought to transform the members of the Communist party, and in their wake the rest of the soviet citizenry, into historically conscious subjects. Only in this fashion, soviet leaders believed, could communism, the final historical age of unfettered human consciousness, be reached. These framing conditions explain why the communist milieu became so extraordinarily rich in narratives about the form and the development of personal consciousness”.

Isso não significa, no entanto, que todas as narrativas autobiográficas que apareceram na União Soviética expressaram uma personalidade em harmonia com os ideais do regime, nem que as individualidades tenham sido completamente solapadas pela ideologia oficial. Uma enxurrada de textos de cunho memorialístico tratava exatamente do sofrimento de estar vivo naquele lugar e naquela época, do sentimento de inadequação, dos horrores das prisões arbitrárias da época do stalinismo, das atrocidades da guerra, do exílio etc.

Muitos desses textos são hoje ricos documentos que nos permitem compreender a época soviética para muito além da memória oficial que o regime tentou erigir. Analisados em conjunto esses textos são um exemplo claro de quando “a vida individual deixa a esfera individual da vivência, do *Erlebnis*, e alcança o horizonte da experiência coletiva maior, da *Erfahrung (...)*”. Nesse caso o texto autobiográfico “perde seu caráter exclusivamente privado e se transforma no relato de um passado que não lhe pertence em particular, mas que também pertence aos outros”.⁷⁷

Escrever um texto autobiográfico capaz de incorporar a dimensão de uma experiência que transborda a sua mera individualidade é uma característica da tradição autobiográfica russa que remonta ao século XIX. Já apontamos aqui a preocupação da intelligentsia oitocentista com a produção de um texto que revelasse a personalidade historicamente consciente e que servisse como um modelo a ser seguido pelos companheiros de geração, preocupados em dedicar as suas vidas à ação e transformação da época histórica. Dentre os numerosos textos produzidos nessa época, *Passado e Pensamentos* é sem dúvida um dos mais emblemáticos. Em um outro capítulo dessa tese, trataremos da centralidade de *Passado e Pensamentos* na tradição autobiográfica russa e da influência que ele teve sobre os intelligents do século XX que se aventuraram nas

77 GAGNEBIN, Jeanne-Marie. “Entre moi et moi-même”. In: GALLE Helmut; OLMOS, Ana Cecília; KANZEPOLSKY Adriana; IZARA, Laura Zuntin (Org). Op. Cit., pp. 138-139.

práticas autobiográficas. Agora nos limitaremos a apontar a importância desse texto na tradição russa e autobiográfica.

1.8. Passado e Pensamentos – um clássico russo

Passado e Pensamentos é considerada por muitos estudiosos como a obra prima de Herzen. Isaiah Berlin ressalta que “Herzen era um escritor de gênio, cuja autobiografia se mantém como uma das grandes obras primas da prosa russa”⁷⁸. Na visão de Berlin, Herzen obteve muito mais êxito como escritor com as suas memórias do que com seus contos e romances, pois “seus romances, sem dúvida, são fracassos. Impõe-se a eles com excessiva veemência, bem como seu angustiado ponto de vista. Por outro lado, seus esboços autobiográficos, quando escreve abertamente sobre si mesmo e sobre seus amigos, quando fala sobre sua vida na Itália, França, Suíça e Inglaterra, possuem uma espécie de franqueza palpitante, um senso de realidade e novidade que nenhum outro escritor do século XIX conseguiu transmitir. (...) Como escritor de memórias, é inigualável”.⁷⁹

Opinião semelhante é compartilhada por Franco Venturi. Este autor, ao contrário de Berlin, reconhece o valor literário da ficção de Herzen, porém ele concorda com o primeiro no que diz respeito à superioridade da autobiografia comparando-a as demais obras do pensador russo, inclusive as de cunho político. Venturi afirma: “ De fato, sua obra prima, para além de tantas outras páginas memoráveis pela inteligência das suas visões políticas e de tantos escritos de alto valor literário, não é uma ideologia, é uma autobiografia, *Passado e Pensamentos*.”⁸⁰

78 BERLIN, Op. Cit., p. 97.

79 Idem, p. 208.

80 VENTURI, Op. Cit., p. 103. “En effet, son chef-d’oeuvre, en dépit de tant d’autres pages remarquables par l’intelligence de leurs vues politiques et de tant d’écrits de haute valeur littéraire, ce n’est pas une idéologie, c’est une autobiographie, *Passé et pensées*”.

A lista de estudiosos que fazem menção à maestria da autobiografia de Herzen é infindável. Além de Berlin e Venturi, podemos evocar, por exemplo, Aileen M. Kelly, que afirma que “suas memórias monumentais, o trabalho de um incomum e perspicaz observador social, com brilhantes *insights* sobre personalidades, ideias e momentos de virada da história da Rússia e da Europa, são reconhecidas como um clássico literário”⁸¹. Ou ainda Dwight Macdonald, responsável pela edição condensada das memórias lançadas pela University of California Press, que afirma que *Passado e Pensamentos* é “um clássico da autobiografia que se equipara a Rousseau, Stendhal, Gibbon, Tolstói e Henry Adams, podemos ainda acrescentar Trótski e Churchill, os quais, como Herzen, souberam como assimilar o pessoal ao histórico”.⁸²

Mesmo entre os contemporâneos, que leram a obra no calor da sua composição, *Passado e Pensamentos* causou forte impressão. Turguêniev, amigo próximo, Dostoiévski, um declarado adversário, e Tolstói, que visitou Herzen em Londres em 1861, são alguns dos grandes escritores russos do século XIX que foram impactados pela autobiografia e que reconheceram a sua relevância e centralidade na grande tradição literária que eles próprios criaram. Tanto que *Passado e Pensamentos* se transformou em uma obra canônica na Rússia, e inúmeros são os estudos dedicados a ela. Dentre os muitos aspectos abordados pela crítica especializada destaca-se o problema da natureza desse texto de fôlego.

1.9. O problema do gênero

81 KELLY. M., Op. Cit., p. 1. “his monumental memoirs, the work of an uncommonly perceptive social observer, with their vivid insights into personalities, ideas, and events at turning points in the history of Russia and Europe, are recognized as a literary classic”.

82 MACDONALD, D. “Preface”. In: HERZEN, Alexander. *My Past and Thoughts*. Abridged by Dwight Macdonald. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1991, p. XI. “a classic of autobiography that stands with Rousseau, Stendhal, Gibbon, Tolstoy, and Henry Adams; one might add Trotsky and Churchill, who, like Herzen, knew how to assimilate the personal to the historical”.

Em muitos desses estudos, *Passado e Pensamentos* é enquadrada no gênero de “autobiografia artística” (khudójestvennaia avtobiográfiia). A ideia de autobiografia artística engloba a discussão apresentada no início desse capítulo sobre a tênue fronteira que separa as autobiografias de um texto puramente ficcional. Esse termo aparece em um livro de Iakov Elsberg⁸³, um importante especialista soviético em Herzen, que ao longo do seu estudo apontou que certas partes da narrativa que supostamente correspondem a fatos realmente vivenciados pelo autobiógrafo foram evidentemente modificadas tendo em vista os objetivos artísticos e estéticos de Herzen para o conjunto arquitetado por ele. Outro estudioso, V. Pútintsiev, se utilizou do mesmo termo para definir o gênero da obra: “o profundo historicismo de *Passado e Pensamentos* enriqueceu o próprio gênero de autobiografia artística”.⁸⁴

É notável que essa ideia de “autobiografia artística” carregue no seu âmago a aceitação do lugar fronteiro ocupado pela autobiografia, ao mesmo tempo em que alce o status do texto para o campo da beletrística, considerada de valor mais elevado do que a pouco prestigiosa escrita autobiográfica. Isso porque a autobiografia nunca gozou do status de grande arte. Philippe Lejeune chama a atenção para esse ponto num texto intitulado “Um século de resistência à autobiografia”. Lejeune afirma que “a autobiografia é desprezada por todos aqueles que sabem o que é a verdadeira arte”⁸⁵, e que, no caso do seu país, a França, “só depois dos anos 1970 que a autobiografia foi incorporada ao cânone literário acadêmico, ao lado do romance, do teatro e da poesia”⁸⁶. Tendo em vista esse rebaixamento a um segundo escalão dentro do mundo da beletrística,

83 ELSBERG, Iakov. *Herzen – Jizn i tvórtchestvo*. Moscou, Khudójestvennaia literatura, 1951.

84 PÚTINTSIEV, V. A. *Herzen pisátel*. Moscou: Izdátelstvo Akadéimii Nauk SSSR, 1963, p. 206 - «глубокий историзм Былого и думо богатыл самый жанр художественной автобиографии».

85 LEJEUNE, Philippe. “Un siècle de résistance à l’autobiographie”. In: *Authenticité et littérature personnelle*, Number 45, October 1994, p. 132. “l’autobiographie est méprisée par tous ceux qui savent ce qu’est vraiment l’art”.

86 Idem, ibidem, pp. 138-139. “c’est seulement depuis les années 1970 que l’autobiographie a été intégrée au canon littéraire de l’école, à côté du roman, du théâtre, de la poésie...”.

a incorporação do adjetivo “artístico” funcionou como uma forma de atestar a qualidade de grande arte de *Passado e Pensamentos*.

Além disso, essa terminologia se encarregou de livrar Herzen das amarras da História, eximindo-o da neurótica prisão da “verdade” da narrativa e da obrigação da exatidão factual. A intenção de Herzen enquanto narrador é a de narrar a “verdade” sobre as experiências que ele viveu, os fatos que ele testemunhou e as pessoas com as quais ele conviveu. Devemos ter em mente que Herzen é um homem do século XIX. Já os estudiosos que examinaram os fatos e situações retratadas por Herzen encontraram inúmeros problemas de correspondência dos eventos narrados com os fatos reais. Obviamente isso colocou sob suspeição o Herzen “historiador”, algo que ele também acreditava ser, mas que nós desconsideraremos nesse presente trabalho. É fundamental, porém, entender como Herzen enxergava o seu narrador: supostamente identificado com o autor, portanto um sujeito romântico, protagonista da cultura humanista, que no auge da maturidade narra de maneira fidedigna as experiências que o transformaram naquilo que ele acreditava ser – “Como me tornei o que sou”⁸⁷. E Herzen inscreveu essa sua trajetória de vida na História a partir da lógica romântica, que visa sempre o aperfeiçoamento da sua imagem “através do impulso da ideia conforme a lógica do desejo”⁸⁸. Quando os críticos optaram pelo termo “autobiografia artística” eles visivelmente eximiram Herzen dessa ambiciosa pretensão de historiador e se concentraram nos aspectos estéticos do texto.

Mas outros estudiosos resolveram problematizar essa ideia de ‘autobiografia artística’ e questionaram o gênero de *Passado e Pensamentos*. É o caso, por exemplo, de Lídia Tchukóvskaja, que no seu estudo dedicado a Herzen se pergunta: “Então o que é *Passado e Pensamentos*? Memórias? Autobiografia? Romance? Compilação de artigos

87 KLINGER, *Op. Cit.*, p. 19.

88 BARROS, *Op. Cit.*, p. 863.

publicísticos e tratados filosóficos⁸⁹? Nas notas de Herzen, em particular, há uma extraordinária mescla e conexão de todos esses elementos listados”⁹⁰. Ela resolve esse impasse apontado para a característica de “autorretrato” da obra, remetendo-se ao conceito plástico do termo, e segundo Tchukóvskaia isso distinguiria *Passado e Pensamentos* das autobiografias convencionais.

Lídia Guinsburg é outra pesquisadora que não se contenta com a definição de “autobiografia artística” e, assim como Tchukóvskaia, chama a atenção para a singularidade da obra, que ao não se encaixar em nenhum gênero convencional inaugura uma novidade na tradição literária russa. Assim, “numa paráfrase moderna das próprias observações de Herzen, Guinsburg assinala que *Passado e Pensamentos* não se encaixa nas categorias comuns de classificação. Nem pura literatura, nem história estrita ou autobiografia, é antes uma fusão distintiva de vários gêneros, uma memória imbuída de um deliberado, estudado e consciente historicismo”.⁹¹

O termo “memórias”, por sua vez, foi adotado por muitos dos editores de *Passado e Pensamentos*. É relevante que a primeira tradução para o inglês realizada pela incansável Constance Garnett, responsável por introduzir os autores russos no universo dos leitores de língua inglesa, tenha aparecido com o seguinte título: *My Past and Thoughts: Memoirs (Meu Passado e Pensamentos: Memórias)*.

A opção pela classificação da obra como memórias é bastante comum e justificável pela proximidade das memórias às autobiografias. Muitos teóricos da

89 No capítulo “Herzen e o Jornalismo” discutimos a centralidade da publicística em *Passado e Pensamentos*, uma vez que capítulos da autobiografia foram publicados na imprensa fundada por Herzen, e a atividade jornalística que ele exerceu em Londres nos seus derradeiros anos foi determinante para o seu empreendimento autobiográfico.

90 TCHUKÓVSKAIA, Lídia. *Byl'ie i Dúmy Herzena*. Moscou: Khudójestvennaia literatura, 1966, p. 140. “Так что же такое Былое и Думы? Мемуары? Автобиография? Роман? Сборник публицистических статей и философских трактатов? В записках Герцена, в особенном, необычайно прочном соединении сплавлены элементы всего перечисленного”.

91 HARRIS, Robert. “Alexander Herzen: writings on the man and his thought”. In: PARTHÉ, Kathleen (Ed.). *A Herzen Reader*. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 2012, p. 358. “In a modern paraphrase of Herzen’s own comments, Ginzburg notes that Past and Thoughts eludes the usual categories of classification. Neither pure literature, nor straight history or autobiography, it is rather a distinctive fusion of several genres, a memoir imbued with a deliberate, studied, and conscious historicism”.

autobiografia admitem que essa distinção não é tão rígida assim, mas que se trata de uma questão essencialmente terminológica. O termo memórias surgiu antes do que o termo autobiografia, mas ambas brotaram do mesmo impulso e o autor se comporta da mesma forma com relação à vida que ele pretende narrar. Assim, “a diferenciação de memórias para autobiografia não pode ser rígida nem definitiva” ⁹²e muitas vezes “uma autobiografia pode esconder as memórias”. ⁹³

Entretanto, é inegável que existe certa distinção, e podemos apontar o que diferencia memórias de autobiografia: o fato das memórias se preocuparem mais com os eventos externos; do memorialista assumir uma postura de maior distanciamento e maior objetividade; o fato de ser mais comum nas memórias ocorrer uma “setorização” do indivíduo e um aspecto se sobrepôr sobre todos os outros (por exemplo, as memórias de um político discorrerão essencialmente sobre os fatos da vida pública desse sujeito, e as outras esferas, como a vida familiar, ficarão de fora); e o fato do memorialista se comportar como o porta-voz de algo que extrapola a sua mera individualidade. Já no caso da autobiografia é possível que todos esses aspectos mencionados também apareçam no texto, mas o que a distingue é uma consciência mais aguda do eu/individualidade que experiencia todas essas situações e uma franca investigação do lugar que esse eu ocupa no mundo. Portanto, “a única oposição verdadeiramente significativa reside na questão do conteúdo, mesmo com toda a impopularidade dessa noção problemática: ou o autor fornece as informações sobre seu entorno, no sentido mais diverso e abrangente; ou então ele se constitui como o centro de todas as perspectivas: as memórias são centrífugas, as autobiografias centrípetas”. ⁹⁴

⁹² WEINTRAUB, Op. Cit., p. 239. “the differentiation of memoir from autobiography cannot be a tight and definitive one”.

⁹³ LECARME, Jacques; LECARME-TABONE, Eliane. *L'autobiographie*. Paris: Armand Colin, 1997, p. 51 - “une autobiographie peut cacher des memoirs”.

⁹⁴ Idem, ibidem, p. 48. “la seule opposition vraiment sûre reste celle du contenu, si impopulaire que soit cette mauvaise notion: ou bien l'auteur donne des informations sur son environnement, au sens le plus large et le plus divers; ou bien il se constitue lui-même comme centre de tout les perspectives: les mémoires sont centrifuges, les autobiographies centripètes”.

Se tradutores, editores e estudiosos se preocuparam em definir o gênero de *Passado e Pensamentos*, o mesmo não pode ser dito sobre seu próprio autor, para quem essa questão nunca foi um tema central. É célebre a definição que Herzen forneceu para *Passado e Pensamentos*, e como lembrou Irina Paperno⁹⁵, esta definição foi citada por cem por cento dos herzianistas: “o reflexo da História em uma pessoa que acidentalmente esbarrou no caminho dela”⁹⁶. É importante ter em mente, no entanto, que essa definição foi criada tardiamente, no ano de 1866, quando a escrita da obra já se encontrava muito adiantada. Assim, já com o produto diante dos olhos, Herzen arriscou uma definição, que tem um forte apelo imagético – considerando que se trata de uma pessoa esbarrando na História, mas que a rigor não resolve o problema do gênero do texto.

Se viajarmos para a década anterior, quando Herzen ainda estava elaborando o seu projeto, nos depararemos com uma carta endereçada a uma amiga, que contém mais dúvidas do que respostas: “o que você e nossos amigos acham melhor: escrever um grande volume ou um livro de memórias?”⁹⁷. O que seria o grande volume em contraposição às memórias não é possível saber. Outro termo empregado por Herzen é o das *notas (zapiski)*⁹⁸, ou *notinhas*, como vemos em uma outra carta que ele escreveu para Turguêniev com o intuito de negar que sua obra consistia em um crônica: “estou feliz que as minhas notinhas o agradaram... Eu não acho que você esteja correto, que a minha vocação seja escrever tais crônicas, mas simplesmente escrever imprudentemente sobre as coisas da vida sem uma forma rígida, sem constrangimento... é meramente a escrita o mais próximo possível da fala – eis os fatos, as lágrimas, o riso, a teoria...”⁹⁹.

⁹⁵ Ver: PAPERNO, Irina. “Introduction: Intimacy and History. The Gercen Family Drama Reconsidered” in In: *Russian Literature*, N. LXI, (2017) I/II.

⁹⁶ HERZEN, Op. Cit. “a отражение истории в человеке, случайно попавшемся на её дороге”.

⁹⁷ PURITOVA, N. M. *Aleksandr Herzen – Revoliutsionier, myslitel tchelovik*. Moscou: Moskvá Mysl, 1989, p. 66. “Как мнение ваше и наших друзей, писать большой волюм или один мемуар?”

⁹⁸ Esse termo será utilizado pelas autoras do século XX, como Lúdia Guinsburg, que também escreveram autobiografias influenciadas por Herzen. Ver capítulo 5.

⁹⁹ Idem, ibidem, p. 90. “(...) Рад, что мои записочки вам нравятся... Я не думаю, чтобы ты был прав, что мое призвание – писать такие хроники – а просто писать о чем-нибудь жизненном и без всякой формы, не стесняясь... это просто ближайшее писание к разговору – тут и факты, и слезы, и хохот, и теория...”

Essa “liberdade” que Herzen enxerga em *Passado e Pensamentos* e a característica de “conversa” ou “língua falada” são aspectos que de fato saltam aos olhos na autobiografia, e que serão explorados com maior atenção no próximo capítulo. Mas é notável o fato de Herzen ressaltar a junção de aspectos diversos que, no seu conjunto, resultam no texto: fatos, lágrimas, risadas, teoria. Isso tudo nos direciona para uma constatação de duas frentes: por um lado, Herzen mostra não estar preocupado apenas com o texto em si, mas com algo que extrapola o próprio texto, e aqui podemos sugerir que é a vida enquanto acontecimento que o preocupa acima de tudo; por outro lado, nos indica uma característica dialética do texto, que influencia a vida e é influenciado por ela, fato esse corroborado pela característica da autobiografia ter sido escrita durante muitos anos da vida de seu autor.

Dessa forma, conseguimos nos aproximar da questão que realmente estava no cerne da vida e obra de Herzen: o desejo de não apenas se tornar um escritor, mas de viver e se tornar alguém “biografável”, ou de conferir dignidade literária à sua vida cotidiana e concreta. *Passado e Pensamentos* e a vida de Herzen é um todo indissociável, e Dolf Oehler ressaltou a resolução de Herzen de “viver uma vida digna da literatura e de eternizá-la, em seguida, através da escrita”¹⁰⁰. É por essa razão que se encontra na obra um “movimento em espiral que vai da literatura para a vida, e depois retorna à literatura, e assim por diante”¹⁰¹.

Mas a atração de Herzen pela autobiografia foi capitaneada exatamente pela vertente desse gênero que ultrapassa o mero plano literário, ou a dimensão restrita da literatura, e lança seus tentáculos sobre algo maior. Como já foi mencionado, o texto pelo texto pouco interessava a Herzen: sua obsessão era pela vida. Elsberg ressaltou essa

100 OEHLER, Dolf. *Le spleen contreloubli. Juin 1848. Baudelaire, Flaubert, Heine, Herzen*. Paris: Éditions Payot et Rivages, 1996, p. 235. “une vie digne de la littérature et de l'éterniser ensuite par l'écriture”.

101 Idem, ibidem, p. 234. “mouvement en spirale qui va de la littérature à la vie, puis revient à la littérature, et ainsi de suite”.

particularidade de Herzen, chamando a atenção para a dimensão propagandística do texto, algo determinante para um estudioso soviético que produziu nos anos stalinistas¹⁰²:

“Herzen não queria se tornar apenas um escritor. A literatura autobiográfica o atraía exatamente porque ela não poderia existir simplesmente como um caminho literário. Ele queria viver uma vida digna da narração autobiográfica. Herzen sonhava em se tornar o criador de uma autobiografia que se confundisse com a ‘autobiografia da humanidade’. Desde cedo presentiu que o seu trabalho autobiográfico seria um meio peculiar de propaganda [revolucionária]. Eles [seus textos autobiográficos] deveriam apresentar às pessoas uma vida dedicada à atividade e deveriam estar imbuídos vívida e brilhantemente da biografia da humanidade, de forma a encorajar os outros a se dedicarem também a uma vida de atividade, capaz de se emaranhar com a vida universal”.¹⁰³

Portanto, o texto em si, seu gênero etc., não era o que preocupava Herzen de imediato. Esse texto deveria ser o efeito colateral da sua vida merecedora do relato autobiográfico. Como já foi apontado, a preocupação com a emancipação da personalidade foi algo que obcecou a Herzen e a toda a sua geração. Desde a juventude, Herzen acreditava que cada momento da sua vida merecia ser biografado, ao passo que ele vivia corroborando esse objetivo de eternizar suas vivências. Vida e escrita da vida se influenciavam simultaneamente. Um exemplo dessa “autoimportância” atribuída a todas

102 Elsberg era tão alinhado com o regime que colaborou com a KGB e denunciou colegas de profissão.
103 ELSBERG, Iakov. *Herzen - Jizn i tvórtchestvo*. Moscou, Khudójestvennaia literatura, 1956, p. 65. «Герцен не хотел быть только писателем. Автобиографическая литература привлекала его как раз потому, что она не могла быть создана чисто литературным путем. Он хотел жить жизнью, достойной автобиографического воспроизведения. Герцен мечтает стать создателем такой автобиографии, которая сливалась бы с биографией человечества. Он рано почувствовал в своих автобиографических работах средство своеобразной пропаганды. Они должны были рассказать людям о жизненном пути, носящем на себе яркий и живой отпечаток биографии человечества, и призвать других к деятельной жизни, сливающейся с жизнью универсальной».

as etapas da sua existência pode ser apontada em uma carta que ele endereçou ao grande amigo de toda vida, Ogarióv, não por acaso a quem ele dedicou a sua autobiografia:

“A atitude de Herzen referente à sua autobiografia é revelada ingenuamente numa carta que ele escreveu a Ogarióv com o objetivo de obter dele as cartas de juventude dos dois: – ‘S [Sazónov] disse que você queimou as minhas cartas. Isso é péssimo. Teria sido melhor ter queimado um pedaço do mindinho da minha mão esquerda. Nossas cartas são os mais importantes documentos do nosso desenvolvimento; nelas, com a passagem do tempo, estão refletidas todas as modulações, ecoam todas as impressões das nossas almas. Oh, como você pôde queimar uma coisa dessas!’. Ogarióv, logicamente, havia destruído as cartas antecipando uma possível segunda visita da polícia, mas para o mais extravagante Herzen tais precauções de segurança eram secundárias tendo em vista a missão de registrar eternamente cada partícula da sua extraordinária existência”.¹⁰⁴

A ideia da eleição, ou a leitura de si próprio como um sujeito “predestinado”, é uma ideia central que explica em grande medida a feitura e a razão de ser de uma obra como *Passado e Pensamentos*. Na primeira parte da obra, quando introduz Ogarióv e descreve as lembranças do começo dessa amizade no período da infância, Herzen afirma: “estimávamos em nós mesmos o nosso futuro, olhávamos um para o outro como para

104 MALIA, Martin. *Alexander Herzen and the birth of Russian Socialism*. New York: The Universal Library, Grosset & Dunlap, 1965, p. 213. “(...) Herzen’s attitude towards this autobiography is revealed naively in a letter he wrote at the time to Ogarev in an attempt to obtain from him the letters of their youth – ‘S.[Sazonov] says that you... have burned my letters. This is bad. It would be better to have burned off an inch of the little finger of my left hand. Our letters are the most important document of our development; in them, with the passage of time, are reflected all the modulations, are echoed all the impressions of our souls. Oh, how could you have burned such things!’ Ogarev, of course, had destroyed the letters in anticipation of a possible second visit by the police, but for the more flamboyant Herzen such considerations of caution were secondary to the task of eternally memorializing every particle of his extraordinary existence”.

vasos de eleição, predestinados”¹⁰⁵. Na edição francesa de *Passado e Pensamentos*, publicada pela Editions L’Âge D’Homme e traduzida e comentada por Daria Olivier, há um comentário que se segue a essa frase que recupera um trecho de uma carta de Herzen para Ogarióv, datada de 5 de julho de 1833. Nessa carta, segundo a tradução francesa, Herzen afirma: “você ocupa um lugar fundamental na minha psicologia. Você e Tatiana Petrovna, vocês foram os dois seres que se deram ao trabalho de me compreender quando eu ainda era apenas uma criança, vocês foram os primeiros a se dar conta, desde aquela época, de que eu não seria apenas mais um em meio à multidão, mas seria único, original”¹⁰⁶.

Herzen identifica em Ogarióv o mesmo signo de eleição, a mesma predestinação a se distinguir da “multidão”, e é esse traço em comum que os torna amigos: “a partir de 1827, nós nos tornamos inseparáveis. Em cada recordação daquele tempo, particular e comum a nós, em toda parte e em primeiro plano está ele, com seus traços de adolescente, seu carinho comigo. Logo foi possível vislumbrar nele aquele traço que não se encontra presente em muitas pessoas – para a tristeza, ou felicidade, não sei - mas sem dúvida para distinguir-lhe da multidão”.¹⁰⁷

No capítulo IV da primeira parte de *Passado e Pensamentos*, Herzen empreende um salto temporal na narrativa: já entrado em anos, ele analisa a importância de Ogarióv no quadro completo da sua vida pintado até aquele momento do presente da escrita. Nessa análise retrospectiva, que entrecorta a narrativa destinada à infância, Herzen credita a

105 HERZEN, Aleksandr. *Bylóiie i dúmy (Passado e Pensamentos)*. In: <http://az.lib.ru/g/gercen>. “Мы уважали в себе наше будущее, мы смотрели друг на друга, как на сосуды избранные, предназначенные».

106 HERZEN, Alexandre. *Passé et Méditation. Tome Premier*. Lausanne: Editions l’age D’homme, 1974, p. 447. “...tu occupes une place immense dans ma psychologie. Toi et Tatiana Petrovna, vous avez été les deux êtres qui se sont donnés la peine de me comprendre quand j’étais encore un enfant, vous avez été les premiers à vous rendre compte, des ce temps-la, que je ne me fondrais pas dans la foule, mais serais quelque chose d’isolé, d’original...”

107 HERZEN. Op. Cit. “С 1827 мы не разлучались. В каждом воспоминании того времени, отдельном и общем, везде на первом плане он с своими отроческими чертами, с своей любовью ко мне. Рано виднелось в нем то помазание, которое достается немногим – на беду ли, на счастье, ли, не знаю, но наверное на то, чтоб не быть в толпе”.

Ogarión o papel de protagonista na história da sua vida. Escreve Herzen: “Eis como, Ogarión, de mãos dadas entramos juntos na vida! Nós seguimos sem medo e com orgulho, sem mesquinhez respondemos a cada chamado, com honestidade sustentamos cada uma das nossas paixões. O caminho que escolhemos não foi fácil, mas não nos desviamos dele nem uma só vez; feridos, alquebrados, nós seguimos, e ninguém nos deixou para trás. Eu alcancei... não o objetivo final, mas esse lugar onde o fim da linha se aproxima, e involuntariamente busco sua mão para que juntos partamos, para apertá-la e dizer, com um sorriso melancólico: ‘isso é tudo’”.¹⁰⁸

Da sensação de conclusão, com o seu “isso é tudo” retrocedendo até os anos da sua juventude, o ato de “memorializar” continuamente a vida foi algo que norteou a trajetória de Herzen. Mas mesmo com esse fantasma rondando-o o tempo todo, *Passado e Pensamentos* foi um empreendimento literário que se destacou de todos os outros e que foi efetivamente iniciado quando Herzen já se encontrava mais maduro e carregava vivências bastante traumáticas. O que foi determinante para que Herzen enfim se lançasse nessa aventura sempre tão sonhada?

1.10. Passado e Pensamentos como um texto autobiográfico

A resposta a essa pergunta foi o que nos fez enquadrar *Passado e Pensamentos* no rol das autobiografias clássicas: o fato da obra ser o resultado de uma profunda crise pessoal que funcionou como um gatilho para o reexame da vida como um todo. Essa é uma característica constitutiva do gênero autobiográfico e é por causa dela que, a despeito de todas as outras opções que destrinchamos até aqui, optamos por analisar *Passado e*

108 HERZEN. Op. Cit . “Так-то, Огарев, рука в руку входили мы с тобою в жизнь! Шли мы безбоязненно и гордо, не скупясь отвечали всякому призыву, искренно отдавались всякому увлечению. Путь, нами избранный, был не легок, мы его не покидали ни разу. Раненые, сломанные, мы шли, и нас никто не обгонял. Я дошел... не до цели, а до того места, где дорога идёт под гору, и невольню ищу твоей руки, чтоб вместе выйти, чтоб пожать её и сказать, грустно улыбаясь - Вот и все”.

Pensamentos como uma autobiografia. A autobiografia de Herzen foi motivada pela morte da sua mulher, o ápice de uma série de crises pessoais que serão exploradas nos outros capítulos dessa tese. Mas esse é um dado fundamental, pois como apontam Jacques e Éliane Lecarme, “biografia e autobiografia estão intimamente relacionadas aos textos de luto e de reparação. Ainda mais frequentemente, como se observa, é geralmente na metade da vida, quando vemos a morte despontar no horizonte que nos engajamos com todas as nossas forças no empreendimento autobiográfico (...). Podemos considerar o espectro da morte como um princípio gerador da autobiografia? Parece-nos claramente que a necessidade de escrever, quer dizer, de salvar a própria vida, aparece entre aqueles que conhecem muito precocemente o desaparecimento de um parente e que então se dão conta do que há de absoluto na morte”¹⁰⁹.

Por conseguinte, a preocupação em criar uma obra com uma frente de atuação no mundo, que como vimos é algo inerente às práticas autobiográficas na Rússia e muito latente em *Passado e Pensamentos*, não excluiu a dimensão de projeto genuinamente pessoal e subjetivo próprio do texto. Se, por um lado, como veremos mais de perto nos próximos capítulos da tese, *Passado e Pensamentos* consistiu em um manual para a ação revolucionária e um tratado de ideias e teorias da revolução, por outro lado, a reflexão de Herzen acerca das próprias ações, responsabilidades e culpas figurou como um dos aspectos nevrálgicos da autobiografia, conjuntamente com o desejo de erigir um monumento à memória da sua mulher, Natália, a grande personagem de *Passado e Pensamentos* depois do próprio Herzen. Foi sua condição de enlutado que o empurrou para a escrita autobiográfica, e esse desejo, apesar de ter rondado sua produção durante

109 LECARME, Op. Cit., pp. 129-131. “Biographie et autobiographie sont intimement liées dans ces textes de deliu et de réparation. Plus fréquemment encore, comme l’on a vue, c’est en général au milieu de la vie qu’on voit la mort s’inscrire à l’horizon et qu’on s’engage de toutes ses forces dans l’entreprise autobiographique(...). Doit-on considérer les traces de la mort comme principe générateur de l’autobiographie? Il semble bien que le besoin d’écrire, c’est-à-dire de sauver sa vie, apparaisse chez ceux qui ont connu très précocement la disparition d’un parente et qui ont ainsi perçu ce que la mort a d’absolut”.

toda a vida, só se concretizou por causa dessa situação específica marcada por lágrimas e dor, que estão na essência do seu texto.

Nesse sentido, outro traço inerente do gênero autobiográfico, que também está presente no texto de Herzen, é o desejo de atribuir um significado à vida por meio da escrita. A ânsia de escrever advém da superação de graves crises que obscurecem o sentido da existência. No geral, o que acontece é que “o autor posteriormente reconhece o papel determinante da crise na sua vida e é quando ele se dá conta de uma ordem e significado naquela vida iluminado pelo discernimento alcançado naquele momento decisivo¹¹⁰”. Este postulado geral sobre textos autobiográficos se encaixa perfeitamente no caso específico de *Passado e Pensamentos* e poderia funcionar como uma pequena sinopse do texto. A crise pessoal foi o gatilho para um importante reexame da vida, ao mesmo tempo em que serviu para o redimensionamento da mesma e para a atribuição de um sentido – a salvação da memória de Natália. Na esteira desse objetivo Herzen compôs o seu texto-propaganda e ilustrou para seus colegas de geração como transcorria a vida de um verdadeiro revolucionário.

Quando se sentou para redigir *Passado e Pensamentos*, Herzen também estava começando um empreendimento central para a sua biografia: a Imprensa Livre Russa. Examinaremos a Imprensa Livre com mais cuidado em outro capítulo. É importante aqui chamar a atenção para o sucesso dessa iniciativa na época das reformas do czar Alexandre II, pois graças a Imprensa a palavra russa se libertou da censura governamental e parte da sociedade civil pôde enfim debater os projetos da nação em jogo naquela conjuntura política. Portanto, ao mesmo tempo em que redigia *Passado e Pensamentos*, Herzen editava jornais centrais no debate de ideias do seu tempo, e dentro da sua concepção de mundo ele estava contribuindo com a libertação da sociedade do estado servil em que esta

110 WEINTRAUB, Op. Cit., p. 240. “the author subsequently recognizes the significant role of the crisis in his life and that he perceives an order and meaning in that life illuminated by the insights gained at an enlightening moment”.

se encontrava ao mesmo tempo em que pavimentava o caminho para a revolução socialista do futuro. A autopercepção enquanto sujeito histórico atuante deu combustível para o mergulho no empreendimento autobiográfico.

Assim, se Herzen sempre enxergou a si mesmo como um revolucionário exemplar, seus anos à frente da Imprensa Livre Russa retificaram essa impressão e transformaram a saída autobiográfica em um caminho natural, quase óbvio. *Passado e Pensamentos* nasceu dessa autoimagem e missão revolucionária somada à grande crise pessoal, que forneceu o gatilho necessário para o início do processo de escrita. E quando transformou sua própria vida no seu material primordial de escrita e reflexão, Herzen conseguiu salvar a si próprio do desespero aterrador no qual a crise pessoal o havia jogado e ao mesmo tempo criar um texto que, por suas qualidades, atingiu o patamar da grande arte que eternizou a geração dos escritores oitocentistas como os ourives da era de ouro da literatura russa.

Como afirmou Isaiah Berlin, “*Passado e Pensamentos* é a arca de Noé na qual ele salvou a si próprio, mas não só a si mesmo, da enchente destrutiva na qual muitos dos idealistas radicais dos anos 40 se afogaram. A arte genuína sobrevive e transcende seus propósitos imediatos. A estrutura que Herzen construiu em primeiro lugar para sua própria salvação, foi erigida sobre os seus dramas particulares – o exílio, a solidão, o desespero – e sobreviveu intacta”¹¹¹. A vitalidade e o fascínio que essas reminiscências despertam no leitor de todas as épocas “não arrefeceu mesmo depois dos cem anos que se passaram da época que os primeiros capítulos viram a luz”¹¹², e garantiram que a

111 BERLIN, Op. Cit., p. XLII - “My Past and Thoughts is the Noah’s ark in which he saved himself, and not himself alone, from the destructive flood in which many idealistic radicals of the forties were drowned. Genuine art survives and transcends its immediate purpose. The structure that Herzen built in the first place, perhaps, for his own personal salvation, built out of material provided by his own predicament – out of exile, solitude, despair – survives intact”.

112 Idem, ibidem, p. XLIII - “have not declined in the hundred years that have passed since the first chapters saw the light”.

perenidade e a urgência de *Passado e Pensamentos* não se perdesse com as vicissitudes da História.

CAPÍTULO 2

PASSADO E PENSAMENTOS: UMA ANÁLISE

2.1. “Sorria com alegria” por fazer parte da História

“... – Vera Artamónova, então me conte mais uma vez como os franceses chegaram em Moscou – disse eu, espreguiçando-me na minha cama seguramente cercada com uma tela, para que eu não caísse, e confortavelmente coberto pela manta.

– Ah, o que é que tem pra contar, você já ouviu tantas vezes, vamos deitar, assim amanhã você desperta melhor – respondeu de forma habitual a velhinha que, no entanto, tinha tanta vontade de repetir a sua história preferida quanto eu tinha de escutá-la.

– Sim, você poderia contar um pouquinho... o que você sabe e como começa?

– É assim que começa. O seu papai, você sabe como ele é, tudo ele deixa para amanhã; ele se preparou, se preparou e... não parou de se preparar! Todos falavam que era melhor partir, que não tinha o que esperar, que não tinha sobrado ninguém na cidade. Mas não, com o Pável Ivánovitch não adianta discutir, e dos que queriam partir junto com ele uma hora era um que não estava pronto, outra hora era outro. Finalmente nós nos aprontamos, as bagagens estavam preparadas, o carro pronto, e os senhores se sentaram para tomar café da manhã. De repente, o nosso cozinheiro entrou na sala de jantar muito pálido e anunciou: “O inimigo passou pela barreira de Dragomilov”, o coração de todos nós pulou, haja força, que Cristo esteja conosco! Ficamos todos preocupados; com apreensão mirávamos lá fora – e pela rua galopavam os dragões com aqueles capacetes numa fila de cavalos. Todas as barreiras se formaram, e eis o seu papai ficando ali para a festa, e você com ele; a sua babá, Dária, te deu o peito mais uma vez de tanto que você estava fragilizado.

E eu sorria com alegria, orgulhoso de ter participado da guerra. (...) Deixe-me tomar o lugar da velhinha para prosseguir com a sua história...”¹¹³.

113 HERZEN, A. *Bylôie i dúmy*. In: <http://az.lib.ru/g/gercen>. “Вера Артамонова, ну расскажите мне еще разок, как французы приходили в Москву, - говаривал я, потягиваясь на своей кровати, обшитой холстиной, чтоб я не вывалился, и завертываясь в стеганое одеяло.

- И! Что это за рассказы, уж столько раз слышали, даи почивать пора, лучше завтра пораньше встанете, -отвечала обыкновенно старушка, которой столько жехотелось повторить свой любимый рассказ, сколько мне – его слушать.

- Да, вы немножко расскажите, ну, как же вы узнали, ну, с чего же началось?

- Так и началось. Папенька-то ваш, знаете какой,- все в долгой ящик откладывает; собирался, собирался, да вот и собирался! Все говорили, пора ехать, чего ждать, почитай, в городе никого не оставалось. Нет, все с Павлом Ивановичем переговаривают, как вместе ехать, то тот не готов,то другой. Наконец-таки мы уложились, и коляска была готова; господа сели завтракать. Вдруг наш кухмист взошел в столовую такой бледный, да и докладывает: «Неприятель в Драгомиловскую заставу вступил», - так у нас у всех сердце и опустилось, сила, мол , крестная с нами! Все переполошилось; пока мы суетились да ахали, смотрим – а по улице скачут драгуны в таких касках и с лошадиным хвостом сзади. Заставы все заперли, вот ваш папенька и остался у праздника, да и вы с ним; вас кормилица Дарья тогда еще грудью кормила, такие были шедушные да слабыею.

И я с гордостью улыбался, довольный, что принимал участие в войне.(...) Позвольте мне сменить старушку и продолжать ее рассказ (...).”

É com essa passagem que Herzen abre *Passado e Pensamentos*, passagem esta que é interessante por condensar muitas das principais características da autobiografia. É notável o fato da obra se iniciar com um diálogo entre o Herzen criança e sua ama/cuidadora Vera Artamónova. Como a maioria das crianças, Herzen manifesta o desejo de escutar a mesma história inúmeras vezes – “você já ouviu essa história muitas vezes”; “Ah, mas conte um pouquinho” – porém, diferentemente da maioria das histórias de crianças, esta não é sobre fadas, bruxas etc, mas sobre como “os franceses chegaram em Moscou”, no ano de 1812. E como fica bem claro, o que encanta ao Herzen criança mais do que os pormenores da narrativa é o fato dele ser um dos personagens dessa história – “e sorria com alegria, satisfeito por ter participado da guerra”.

À primeira vista pode parecer cômica essa ideia de um bebe de colo ser um “participante” da guerra. Mas Herzen não está apenas fazendo uma brincadeira, e essa mesma história será narrada em pormenores durante todo o primeiro capítulo da obra, portanto em muitas e muitas páginas. E a responsabilidade por narrar será retirada das mãos de Vera e será reassumida pela próprio Herzen, como nos indica a frase – “permitam-me tomar o lugar da velhinha para continuar a sua história”. Assim, o narrador em primeira pessoa, sendo que este está identificado com o personagem principal e com o autor, vai assumir as rédeas da narração desse capítulo e de toda a obra.

É possível concluir que não é apenas o Herzen criança que sente orgulho por ter “participado” da guerra, mas também o Herzen maduro, que opta por abrir a sua autobiografia com esse episódio. Episódio este que está no centro nevrálgico da tese de *Passado e Pensamentos*. Nesse capítulo, Herzen conta como o seu pai foi ao encontro de Napoleão e recebeu a incumbência de levar uma carta dele para o imperador Alexandre I, em troca de um salvo conduto que permitiria que ele deixasse Moscou em companhia

da família. Sobre essa viagem Herzen escreveu: “Essa foi a minha primeira viagem através da Rússia; a segunda foi sem lanceiros franceses, sem cossacos dos Urais e sem prisioneiros de guerra, – eu estava sozinho, e ao meu lado estava sentado um policial bêbado”¹¹⁴. A segunda viagem à qual Herzen se refere é a sua deportação, ocorrida em 1835, quando foi condenado ao exílio por ser considerado um subversivo pelo regime de Nicolau I. Assim, Herzen cria uma ligação de causalidade entre sua primeira viagem em 1812 e sua segunda, em 1835, a primeira quando participava da História “compulsoriamente” e a segunda quando já era uma das forças históricas – um revolucionário.

Entre a primeira e a segunda viagem, uma construção de sensibilidade e de visão de mundo marcada pelo historicismo: “Eu ainda lembro, como que através de um sonho, os traços do incêndio ainda perceptíveis no começo dos anos 20, os casarões queimados, sem teto, sem janelas, paredes colapsadas, terrenos vagos fechados, um resto de madeira queimada e tubulações. As histórias sobre o incêndio de Moscou, sobre a batalha de Borodínó, sobre Berezínó, sobre a tomada de Paris eram minhas canções de ninar, minhas historietas infantis, minha Ilíada e Odisseia”¹¹⁵

Portanto, como já foi explorado no capítulo anterior, na época de Herzen a escrita autobiográfica estava intrinsecamente relacionada à ideia do florescimento da personalidade, que, por sua vez, era um conceito historicamente condicionado. Já sabemos que o conceito de personalidade surge na Rússia como uma medida de desenvolvimento da consciência histórica, como uma marca do tempo histórico, e que os membros da intelligentsia acreditavam que uma pessoa tinha o dever de dedicar a vida ao

114 Idem, *ibidem*. “Таково было мое первое путешествие по России; второе было без французских уланов, без уральских казаков и военнопленных, - я был один, возле меня сидел пьяный жандарм”.

115 Idem, *ibidem*. “Я еще, как сквозь сон, помню следы пожара, остававшиеся до начала двадцатых годов, большие обгорелые дома без рам, без крыш, обвалившиеся стены, пустыри, огороженные заборами, остатки печей и труб на них. Рассказы о пожаре Москвы, о Бородинском сражении, о Березине, о взятии Парижа были моею колыбельной песнью, детскими сказками, моей Илиадой и Одиссеей”.

aprimoramento e à emancipação da própria personalidade, porque quanto mais desenvolvida essa se tornasse, mais chances esse indivíduo teria de influir positivamente no curso dos acontecimentos históricos. A grande contribuição de Herzen foi dar um tratamento artístico a esse anseio da sua época histórica por meio de uma obra que, por sua originalidade e grandeza, despontou como uma instituição na tradição literária russa. Herzen transformou o historicismo em uma nova identidade autoral ao mesmo tempo em que criou um novo tipo de herói na literatura russa do século XIX.

2.2. O herói

“Muito cedo na vida ele decidiu que iria se tornar uma personagem histórica importante e, conseqüentemente, que seu exemplo deveria ser um livro aberto para todo mundo ler”¹¹⁶. Assim, já aos vinte e quatro anos, Herzen iniciou a escrita das *Memórias de um certo Homem Jovem*, que chamou a atenção do crítico Bielínski. Naquele ano de 1836, quase como num voo “premonitório”, Bielínski intuiu o fato de Herzen ter descoberto a sua vocação naquele gênero textual. Sobre este texto, Bielínski escreveu: “você pode exercer uma influência forte e benfazeja sobre o tempo presente. Você tem um gênero particular, que será tão perigoso de imitar quanto qualquer outra obra de arte verdadeira: como no ‘Nariz’, de Gógol, você pode dizer ‘eu sou eu, e ninguém mais’”¹¹⁷. Como afirmou Daria Olivier na introdução da edição francesa de *Passado e Pensamentos (Passé et Méditations)*, pela Editions L’Age D’Homme, “Bielínski é o profeta de Herzen, e ele próprio é profeta de si mesmo, o que não é nada comum”¹¹⁸.

116 MALIA, Martin. *Alexander Herzen and the birth of Russian Socialism*. New York: The Universal Library Grosset & Dunlap, 1965, p. 6-7. “Very early in life he decided that he was going to be an important historical personage and consequently, that his example should be an open book for all the world to read”.

117 OLIVIER, Daria. “Introduction”. In: HERZEN, Alexandre. *Passé et Méditations*. Présenté, Traduit et Commenté par Daria Olivier. Lausanne: Editions L’Age d’Homme, 1974, p. 23. “... Tu peux exercer une influence forte et bienfaisante sur le temps présent. Tu as un genre particulier, qu’il serait aussi dangereux d’imiter que toute œuvre d’art véritable; tel ‘Le Nez’ de Gogol, tu peux dire ‘Je suis moi, et rien d’autre!’”.

118 Idem, ibidem, p. 23. “Béliniski est profète de Herzen, et celui-ci est profète de lui-même, ce qui n’est pas chose commune!”

É digno de nota o fato de Herzen ter criado uma forma original em meio a um cenário onde o romance realista despontava como gênero hegemônico e veículo primordial dos debates de ideias da época. Como afirmou Lídia Guinsburg, na obra ficcional que data dos anos 1840, entre o peso das suas vivências e um modelo literário comprometido com o método realista, Herzen iniciou a transição do herói do tempo em voga para uma “identidade autoral” que se tornaria indissociável de todos os seus campos de atuação (filosofia, publicística e, evidentemente, a aventura autobiográfica).¹¹⁹

Herzen dedicou-se à literatura principalmente durante a juventude e suas obras de ficção apareceram de maneira sistemática durante as décadas de 1830 e 1840. Alguns estudiosos apontam o intervalo entre 1842-1847 como o mais fecundo da carreira do Herzen romancista, pois suas melhores incursões pelo gênero datam desse período. Após 1847 e definitivamente sediado na Europa, Herzen interrompeu a sua atividade literária e se concentrou primordialmente na escrita publicística e política. A partir de 1852, ele iniciou um empreendimento em paralelo ao ativismo, a escrita de *Passado e Pensamentos*, ao qual ele se dedicou até a data da sua morte e que abriu uma porta de comunicação entre o Herzen ativista do presente e o Herzen romancista do passado.

Dentre as obras de ficção escritas por Herzen na década de 1840 destaca-se o romance *Quem é o Culpado? (Kto Vinovát?)*, publicado em 1846. A trama do romance, na primeira parte da obra, está centrada em dois personagens: Liubonka e Krutsifiérski. Liubonka é filha ilegítima de um aristocrata, que vive entre a família nobre de seu pai, mas é submetida a situações humilhantes e a um tratamento inferiorizado se comparado ao dispendido às filhas legítimas do aristocrata. Krutsifiérski também é um jovem de origem não nobre, que vai trabalhar na casa dessa família como preceptor e apaixona-se por Liubonka, casando-se com ela e resgatando-a da situação desoladora na qual ela se encontrava.

119 Ver: GINZBURG, Lidia. *On Psychological Prose*. New jersey: Princeton University Press, 1991

Na segunda parte do romance a trama centra-se no personagem de Vladímir Biéltov. Biéltov é um jovem aristocrata brilhante, que após estudar e viver na Europa retorna à Rússia, mais especificamente à província onde reside o casal Krutsifiérski e Liubonka, decidido a dedicar-se a alguma atividade prática e relevante. Sua visão de mundo progressista, no entanto, entra em choque com o conservadorismo da província, e ele só consegue estabelecer relações de amizade com um médico, doutor Krupov, e com a família de Krutsifiérski. A aproximação, entretanto, resulta no envolvimento amoroso de Biéltov com Liubonka e, conseqüentemente, na destruição da felicidade conjugal e da vida familiar dela e de Krutsifiérski. O romance termina com a desgraça se abatendo sobre todos os personagens principais da trama e com a pergunta sem resposta: quem é o culpado por este trágico desfecho?

Para uma parcela da crítica, composta tanto por contemporâneos de Herzen quanto por estudiosos do século XX e XXI, existe sim um culpado que, apesar de Herzen não nomear, trata-se do atraso da sociedade russa materializado principalmente na burocracia, na servidão e na autocracia. No contexto da década de 1840, a literatura russa configurava-se como um canal de crítica social capaz de abrir caminho por entre os implacáveis braços da censura, que se estendiam sobre toda e qualquer tentativa de debate público. Entre as tendências literárias em disputa na época destacou-se o realismo comprometido com a denúncia das mazelas sociais, capitaneado por Vissarion Bielínski, que gozava de um grande prestígio e influência na cena literária da época.

As obras orientadas pelo método realista, o mesmo empregado em *Quem é o Culpado?*, seguiram uma tradição que remonta a uma obra dos anos 20, *A desgraça de ter espírito*, de A.S. Griboiédov, que apresenta o personagem Tchátски, personagem este que anos depois é reevocado na figura de Evguiéni Oniéguin, em obra de mesmo nome de Púchkin, em Petchórin, de *O herói do nosso tempo*, de Liérmontov, e por fim em Béltov, de Herzen. O que todos esses heróis tem em comum é o fato de serem aristocratas

bem educados, com elevados princípios morais e ideais progressistas, mas que entram em choque com a realidade paquidérmica da Rússia czarista, onde não conseguem exercer quaisquer atividades no sentido das suas convicções. Todos eles terminam por se tornar homens desiludidos, frívolos e vazios, que deixam um rastro de desgraça que reverbera naqueles que cruzam seus caminhos. Assim, segundo essa linha interpretativa, “a origem do drama espiritual e moral de sua personagem é relacionada por Herzen com o complexo sistema da Rússia, fundamentado na servidão e na desigualdade social, e com a especificidade do momento histórico”¹²⁰; e nesse sentido o objetivo do romance seria atestar que “nas condições em que se encontrava o país, nenhum homem que tivesse o mínimo grau de independência, originalidade e caráter poderia encontrar meios que lhe permitissem um desenvolvimento normal”¹²¹.

Portanto, é possível concluir que para uma parcela da crítica o culpado que Herzen não nomeia explicitamente, mas aponta, é o atraso da sociedade russa, e que o romance teria aberto caminho para obras pronunciadamente políticas, como *O Que Fazer?* de Nikolai Tchernichévski. É inegável, no entanto, que *Quem é o Culpado?* apresenta uma sofisticação do ponto de vista literário que a distingue de obras essencialmente publicísticas como a já citada *O Que Fazer?*.

Uma outra parcela da crítica discorda da ideia de que o romance aponta a sociedade russa como a culpada pelas desgraças dos personagens. Alguns autores, como Eduard Babaev e Monica Partridge, afirmam que Herzen não oferece nenhuma resposta para a pergunta que intitula o romance. Nas palavras de Partridge:

“não significa necessariamente, no entanto, que o trabalho literário de Herzen desse período seja propagandístico, e se é possível concordar com N.I.

120 BIANCHI, Maria de Fátima. *O “sonhador” de “A Senhoria” de Dostoiévski: um homem supérfluo*. 2006. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, p 116.

121 Idem, ibidem, p. 108.

Prutskov para quem o romance *Quem é o Culpado?* abriu caminho para *Ensaaios Provincianos* de Saltykóv-Chtchedrin e *O Que Fazer?* de Tchernitchévski, por outro lado não se pode afirmar simplesmente que a proposta de Herzen é publicística ou que o autor controla seu herói com mãos de ferro, e julga-o como um juiz. Herzen apresenta um problema mas não oferece respostas claras para ele (como Tchernitchévski faz, por sua vez), e se em alguns momentos é possível encontrá-lo emitindo juízos de valor sobre alguns personagens menores da trama, o seu objetivo principal é antes polêmico do que didático”¹²².

Na mesma linha, Babaev afirma que “*Quem é o Culpado?* é uma pergunta para a qual não há nenhuma resposta”¹²³ e, evocando Tolstói, reforça a tese do grande escritor russo de que antes de ser um ativista político Herzen é um artista, antes de ser um publicista Herzen é um escritor. Tendo em vista o contexto no qual Herzen escreveu esse romance: sua juventude, a forte influência que Bielínski exercia sobre ele e seu diálogo com a tradição nos parece que a parcela da crítica representada por Bianchi, para quem Herzen apontou um culpado no romance, está mais correta do que a outra parcela, que enxergou uma ausência de respostas ao problema central. Reconhecer que Herzen tinha uma agenda social para a sua literatura não diminui as suas qualidades enquanto romancista.

Como escritor de literatura, Herzen tem uma marca, um modo de composição original que se utiliza da experiência de vida como material literário. Partridge cita uma passagem do estudioso soviético especialista em Herzen, Iakov Elsberg, onde afirma que

122 PARTRIDGE, Monica. “Herzen’s changing concept of reality and its reflection in his literary works”. In: *Slavonic and East European Review*, n. 107 (Jul,1968), p. 415. “This does not necessarily mean, however, that Herzen’s literary work of this period was propagandist, and though it may readily be agreed with N. I. Prutskov that the novel ‘Who Is To Blame?’ opened up the way for Saltykov’s ‘Provincial Sketches’ (Gubernskie Ocherki) and Chernyshevsky’s ‘What is to be done?’ (Chto Delat) it cannot so easily be conceded that Herzen’s purpose was by now publicist or that the author stands above his hero, approaching him from one side, as a judge. Herzen states his problem but does not offer clear cut answers to it (as Chernyshevsky does, for instance), and even if he is regarded as making judgments against some of his minor characters, his main object was polemical rather than didactic”.

123 BABAEV, E. “Kto Vinovát?” Druguie Póvesti i Rasskazy Herzena. In: <http://az.lib.ru/g/gercen>. “Кто-Виноват? – вопрос, который не давал однозначного ответа”.

“o pessoal ocupou um grande espaço e, sendo intrinsecamente relacionado ao ‘social’, desempenhou um grande papel na vida de Herzen, muito maior do que na de alguns dos seus eminentes contemporâneos”¹²⁴. Assim, em *Quem é o Culpado?*, Herzen também parte das suas vivências para abordar uma temática que sempre foi muito instigante para ele enquanto sujeito, que é o problema do amor e da vida conjugal. Nessa obra puramente ficcional, o coração do seu método de composição enquanto autor de vulto, que parte das vivências pessoais para desembocar na criação literária, já começou a se desenhar.

O primeiro passo rumo à construção dessa identidade autoral, que Guinsburg denomina “herói herzeniano”, foi dado na ficção dos anos 1840. Portanto, o terreno ideológico a partir do qual floresceu o projeto das memórias é o mesmo no qual brotou o romance russo do século XIX. Quando Herzen se exila na Europa e começa a produzir suas obras políticas, essa identidade autoral reaparece e ganha contornos mais bem definidos em *Cartas da França e Itália* e *Da outra Margem*, textos “nos quais a voz pessoal e apaixonada do drama do revolucionário abalado pelo colapso da revolução na Europa se desenha”¹²⁵. Esta “identidade autoral” ainda carregava elementos românticos, configurando-se como um estágio intermediário entre “o princípio lírico anterior” e “um preciso senso de historicidade”.¹²⁶

Finalmente, *Passado e Pensamentos* representou o ponto de chegada dessa “identidade autoral”, a principal marca literária que permitiu a Herzen criar uma obra inimitável, como afirmou o jovem crítico Bielinski. Assim, as memórias nascem do amálgama que compreende os primeiros escritos autobiográficos, a atividade jornalística, os textos filosóficos, os escritos políticos como as *Cartas da França e Itália* e *Da outra Margem* e, por fim, o passeio pela escola natural na época em que Herzen se aventurou

124 GINZBURG, Lidia. *On Psychological Prose*. New Jersey: Princeton University Press, 1991. pp 401, 402. “The personal occupied a very great place and, being inextricably interwoven with the social, played in Herzen’s life a greater role than in that of some of his eminent contemporaries”.

125 Idem p 195. “which gave personal and passionate voice to the historical drama of the Russian revolutionary shaken by the revolution’s collapse in Europe”.

126 Idem p. 195. “the earlier lyrical principle” and “a sharp sense of history”.

pelos bosques da ficção. Em todas essas obras constam certas recorrências, como a predominância do ponto de vista pessoal sobre o mundo circundante. Mas é em *Passado e Pensamentos* que Herzen desenvolve finalmente em bases realistas seu herói autobiográfico.

Dessa forma, é possível afirmar que Herzen é, enquanto o herói de *Passado e Pensamentos*, menos um indivíduo com uma consciência psicológica a ser desvendada (como os heróis dos romances realistas que dominam a cena literária russa na segunda metade do século XIX e tem em Dostoiévski um dos seus maiores expoentes) e mais o retrato de um modelo do revolucionário russo do século XIX, do aristocrata que não se encaixa no atraso da sociedade russa e que almeja transformá-la, um “tipo” mais identificado com os heróis da literatura russa de inspiração romântica da primeira metade do século XIX, como Onéguin, Bazárov, Petchórin, porém quebrando com o padrão de inação de todos esses personagens e propondo uma saída revolucionária para o drama da inadequação à sociedade russa. Nas palavras de Lídia Guinsburg; “no processo de falar sobre si mesmo em *Passado e Pensamentos*, Herzen criou a imagem generalizada do revolucionário russo que caminha do Dezembrismo para uma visão de mundo revolucionária e democrática. Para o Herzen da maturidade, o herói positivo foi acima de tudo um participante ativo (ou potencial participante) no movimento de libertação, alguém comprometido em transformar teoria em prática”¹²⁷.

Assim, quando escreve sobre si em *Passado e Pensamentos*, Herzen não mergulha na sua individualidade, nem se preocupa com aspectos psicológicos da sua personalidade, como um Dostoiévski faria com as suas personagens. Herzen não almeja adentrar esses domínios, porque para ele o que estrutura a sua autobiografia não é o desejo de narrar a sua subjetividade e complexidade enquanto indivíduo, muito pelo contrário, “o princípio

127 Idem, ibidem, p. 197. “in the process of talking about himself in My Past and Thoughts, Herzen created a generalized image of the Russian revolutionary moving from Decembrism toward a revolutionary-democratic world view. For the mature Herzen, the positive hero was above all an active participant (or potential participant) in the liberation movement, someone bent on transforming theory into practice”.

estrutural é a identidade histórica individual”¹²⁸. Portanto, Herzen desenha a si próprio como um modelo desse revolucionário ilustrado, e as outras facetas da sua personalidade pouca importam, não merecem muita consideração. É dessa forma que ele opera com aqueles que aparecem em sua narrativa autobiográfica, tanto os amigos próximos quanto as grandes figuras do século XIX como, por exemplo, Mazzini, Proudhon, Garibaldi etc. Todos os retratados em *Passado e Pensamentos* aparecem como “filamentos condutores de correntes históricas”¹²⁹ e o que interessa para Herzen não são os indivíduos em si, mas a essência histórica e social que condicionam as suas existências.

Por conseguinte, o herói de *Passado e Pensamentos* é um exemplar de um estrato particular da sociedade da sua época, o revolucionário ilustrado, e todos os elementos por ele empregados para a representação de si estão voltados para a evidência dessa condição. É por isso que Herzen constrói esse seu herói corroborando o tempo todo aquilo que deu escopo à sua postura de revolucionário perante o mundo. A parte da autobiografia dedicada à sua infância é repleta desses indicadores. Por exemplo, Herzen sugere que desde a infância ele já estava imbuído de desinteresse pela propriedade privada: “eu nunca amei as coisas, a atração e a gana pela propriedade privada nunca despertaram em mim, nem quando adulto”¹³⁰. Mais adiante, afirma que desde criança compreendia a servidão como uma injustiça e tinha horror de se imaginar como um grande senhor proprietário de servos: “Eu termino esse triste assunto com um último adendo – o vestibulo não exerceu de forma alguma qualquer influência perniciosa sobre mim. Muito pelo contrário, desde a mais terna idade ele fez nascer em mim um ódio profundo por toda e qualquer escravidão e por toda e qualquer arbitrariedade. Quando eu ainda era uma criança, Vera Artamónova, querendo me atingir profundamente depois de qualquer traquinagem, me dizia: vai chegar o tempo em que você será um grande senhor, como todos os outros.

128 Idem, ibidem, p. 204. “for Herzen, that structural principle was the individual’s historical identity”.

129 Idem, ibidem, p. 205. “filament conductors of historical currents”.

130 HERZEN, Op. Cit. “я никогда не любил вещей, бугор собственности и стяжания не бил у меня разбит ни в какой возраст”.

Aquilo me ofendia terrivelmente. A velhinha ficaria contente, pois eu não me tornei como todos os outros”.¹³¹

Outros episódios que dão escopo à essa construção do herói como o “revolucionário russo” do seu tempo são a narração da sua identificação com os Dezembristas desde a infância, do juramento à causa revolucionária na companhia do amigo Ogarióv, da legenda que ele constrói em torno da sua própria prisão e exílio e da sua participação nas revoluções de 1848 e, por fim, da sua atuação na Imprensa Livre Russa.

Quanto à sua associação aos Dezembristas, é narrado em *Passado e Pensamentos*: “os relatos sobre o levante, sobre o processo, sobre o horror que envolveu Moscou me impressionaram fortemente. Um novo mundo se abriu para mim, o qual atraiu mais e mais para o seu centro todas as minhas preocupações interiores. Eu não sei como isso se deu mas, mesmo compreendendo pouco (ou vagamente) do que se tratava, eu senti que não poderia ficar do lado dos vitoriosos, dos projéteis, da prisão e dos grilhões. A execução de Pestel e de seus camaradas despertou definitivamente os sonhos infantis da minha alma”¹³². A referência aos Dezembristas aparece em outros momentos de *Passado e Pensamentos*, num claro indício de que essa associação com os revolucionários foi reforçada por Herzen ao longo de toda a sua vida. Por exemplo, em 1840 ele se instala em São Petersburgo para trabalhar como funcionário do Estado russo, e na descrição desse episódio Herzen escreve: “chegando às nove da noite em Petersburgo, eu peguei uma carruagem e fui até a Praça de Santo Isaac: ali que eu queria ser apresentado à São

131 Idem, *ibidem*. “Я заключение этого печального предмета скажу только одно – на меня передняя не сделала никакого действительно дурного влияния. Напротив, она с ранних лет развила во мне непреодолимую ненависть ко всякому рабству и ко всякому произволу. Бывало, когда я еще был ребенком, Вера Артамонова, желая меня сильно обудеть за какую-нибудь шалость, говаривала мне: Дайте срок – вырастете, такой же барин будете, как другие. Меня это ужасно оскорбляло. Старушка может быть довольна таким, как другие по крайней мере, я не сделался”.

132 Idem, *ibidem*. “Рассказы о возмущении, о суде, ужас в Москве сильно поразили меня. Мне открывался новый мир, который становился больше и больше средоточием всего нравственного существования моего. Не знаю, как это сделалось, но, мало понимая или очень смутно, в чем дело, я чувствовал, что я не с той стороны, с которой картечь и победы, тюрьмы и цепи. Казнь Пестеля и его товарищей окончательно разбудила ребяческий сон моей души”.

Petersburgo”¹³³. Não é por acaso que a praça em questão foi o palco do levante de 1825. O primeiro número da *Estrela Polar*, periódico da Imprensa Livre Russa que Herzen funda na Inglaterra na década de 1850, tem estampada na sua capa os nomes dos Dezembristas e uma gravura dos seus rostos em forma de homenagem.

O juramento à causa da revolução é uma das passagens mais memoráveis de *Passado e Pensamentos*. Muito jovem e na companhia do amigo Ogarióv (ainda mais jovem do que ele), os dois se dirigiram aos Montes dos Pardais em Moscou (onde também se encontra um memorial destinado aos mortos de 1812) e lá eles juraram dedicar a vida à ação revolucionária. A descrição que Herzen elabora do momento tem por objetivo fixar uma imagem na imaginação do leitor tal qual um belo quadro – o sol descendo, o vento batendo, a visão da cidade que se descortina a perder de vista. Esta passagem poderia estar localizada nas páginas de um romance, ou na cena de um filme, ou de uma peça de teatro (e de fato é evocada na peça *The Coast of Utopia*, de Tom Stoppard, sobre Herzen e seu círculo de revolucionários russos). Herzen tem consciência do quanto ele carrega nas tintas para pintar essa cena, mas ele se defende das possíveis críticas reafirmando logo em seguida no texto a exatidão daquilo que narra.

Eis a cena: “Nós ali estávamos: peito insuflado, faces ruborizadas e suor escorrendo. O sol se punha, as cúpulas brilhavam, a cidade estendia-se a perder de vista sob as montanhas, e uma brisa fresca soprava; e nós ali de pé fitávamos um ao outro, e de repente nos abraçamos, e juramos, encarando Moscou, dedicar nossas vidas à luta que elegemos como nossa”¹³⁴. Logo em seguida, no texto original, Herzen insere um mea-culpa se defendendo dos possíveis ataques quanto à inverossimilhança da cena descrita. Ele escreve: “esta cena pode parecer muito forçada, muito teatral, mas mesmo depois de

133 Idem, *ibidem*. “Приехав часов в девять вечером в Петербург, я взял извозчика и отправился на Исаакиевскую площадь – с нее хотел я начать знакомство с Петербургом”.

134 Idem, *ibidem*. “Запыхавшись и покрасневшись, стояли мы там, обтирали пот. Садилось солнце, купола блестели, город стлался на необозримое пространство под горой, свежий ветерок подувал на нас, постояли мы, постояли, оперлись друг на друга и, вдруг обнявшись, присягнули, в виду всей Москве, пожертвовать нашей жизнью на избранную нами борьбу”.

vinte e seis anos fico comovido até as lágrimas ao lembrá-la; ela foi tão sagrada e verdadeira que a prova disso foi o restante das nossas vidas”¹³⁵. Naquela época, escreve Herzen, eles ainda não tinham a clareza da dimensão da luta a que viriam abraçar. Mas, mesmo assim – segundo o próprio Herzen – a dupla jamais recuou diante das dificuldades.

Dentro dessa narrativa sobre o forjamento de um espírito revolucionário não poderia faltar à consagração que se dá quando ocorre a prisão do jovem Herzen e de seu amigo Ogarióv, em função de uma trama farsesca que visava atribuir-lhes a culpa por agitação revolucionária: “Esta primeira perseguição acabou adquirindo aos nossos olhos a forma de uma consagração”¹³⁶. Ainda sobre a educação de um revolucionário, figura o encantamento com o saint-simonismo – “o saint-simonismo se tornou o fundamento das nossas convicções e frequentemente a sua substância”¹³⁷ –, e o impacto das notícias referentes à revolução de 1830, na França, no seu imaginário– “bons tempos aqueles (...) quando nós não sabíamos nada do caráter ornamental e decorativo da farsa revolucionária na França, e nós a tomávamos por moeda verdadeira”¹³⁸.

Depois de preso, Herzen foi condenado ao exílio. A caminho do exílio, uma tempestade ameaçou a sua travessia do Volga. A certeza da sua missão revolucionária foi o que o manteve calmo durante esse episódio tenso – “no começo eu estava aterrorizado, e o vento de chuva trouxe uma certa desordem e confusão. Mas o pensamento de que aquilo era absurdo, de que eu não poderia morrer sem nada completar, e esse juvenil *Quid timeas? Cesarem vehis!* tomou a dianteira, e eu tranquilamente esperei a tempestade passar, certo de que eu não morreria entre Uslon e Kazan”¹³⁹.

135 Idem, *ibidem*. “Сцена эта может показаться очень натянутой, очень театральной, а между тем через двадцать шесть лет я тронут до слез, вспоминая её, она была свято искренна, это доказала вся жизнь наша”.

136 Idem, *ibidem*. “Это первое гонение должно было нам служить рукоположением”.

137 Idem, *ibidem*. “Сен-симонизм лег в основу наших убеждений и неизменно остался в существенном”.

138 Idem, *ibidem*. “славное было время (...) Тогда орнаментальная, декоративная часть революционных постановок во Франции нам была неизвестна, и мы все принимали за чистые деньги”.

139 Idem, *ibidem*. “Сначала и мне било жутко, ко тому же ветер с дождем прибавлял какой-то беспорядок, смятение. Но мысль , что это нелепо, чтоб я мог погибнуть, ничего не сделав, что

Em suma, todos esses eventos e muitos outros retratados por Herzen na sua autobiografia tem a função de fomentar essa narrativa sobre o “forjamento” de um espírito revolucionário. Cada evento narrado foi escolhido com o intuito de urdir esse fato literário, cujo resultado foi a criação de um novo herói na tradição literária russa: o herói do tempo que se travestiu na imagem do revolucionário exemplar. E esse herói, para além de proporcionar prazer de fruição literária ao leitor da autobiografia, tinha a função de servir como um modelo a ser imitado, como um exemplo didático de conduta em tempos de repressão política. No melhor estilo da literatura russa realista que visava transformar a realidade circundante, como o discípulo de Bielínski que Herzen nunca deixou de ser, nem mesmo na sua maturidade, a autobiografia entrava nesse veio da literatura russa do século XIX que tinha propósitos sociais muito claros. Em suma, “o sistema artístico de *Passado e Pensamentos* foi a culminação de todo o desenvolvimento anterior de Herzen. Ao mesmo tempo, foi condicionado por tendências históricas e literárias – uma resposta às demandas urgentes da sua contemporaneidade”.¹⁴⁰

A autobiografia foi bem sucedida dentro dessa proposta de indicar saídas para o seu momento histórico e efetivamente *Passado e Pensamentos* influenciou e inspirou a nova geração de revolucionários. Em parte como um código de conduta, com exemplos práticos de como agir no mundo, em parte como um tratado filosófico, com novas diretrizes para a compreensão dos fenômenos da vida, *Passado e Pensamentos* teve uma influência significativa no imaginário da Rússia progressista. Um exemplo, apontado por Elseberg, é a maneira como Herzen narrou sua amizade com Ogarión, como uma relação quase sagrada e edificante. Esse tipo de relação se transformou em um ideal para os jovens em formação e, segundo o estudioso de Herzen, despertou a atenção de Tchernichévski,

юношеское quid timeas? Cesarem vehis! взяло верх, и я спокойно ждал конца, уверенный, что не погибну между Услоном и Казанью”.

140 Idem, p. 197. “The artistic system of *My Past and Thoughts* was the culmination of Herzen’s entire previous development. At the same time, it was also conditioned by general historical and literary trends – it responded to the pressing demands of contemporary life”.

que almejou reproduzir na sua própria vida tal exemplo de parceria. O mesmo pode ser apontado no que se refere à relação amorosa de Herzen com Natália, que encantou e inspirou muitos leitores da autobiografia.

Assim, nas palavras de Elsberg, “*Passado e Pensamentos* influenciou não só no desenvolvimento do pensamento filosófico russo. As memórias de Herzen ajudaram a formar revolucionários, ensinando-os a ser devotados ao povo e a odiar a autocracia e a servidão”¹⁴¹. Assim, o herói de Herzen é uma função na equação da narrativa que consiste (para além de uma autobiografia pessoal) em uma peça de propaganda revolucionária. É por essa razão que não se trata de uma autobiografia obtusamente pessoal, fechada em si mesma.

Uma das grandes preocupações de Herzen foi escrever uma obra em duas frentes: privada e pública, sentimental e política, emotiva e combativa. Este tema também é abordado por ele na Introdução do seu texto: “pode ser que eu tenha superestimado isto [a autobiografia], que pela dificuldade da empreitada tenha destacado nesses ensaios coisas que dizem apenas respeito a mim; ou pode ser que seja eu que, ao ler minhas próprias páginas, apreenda mais do que escrevi de fato; talvez aquilo que relatei se confunda com meus sonhos, feito hieróglifos para os quais apenas eu detenho as chaves”¹⁴². Esses temores são afastados após Herzen chegar à seguinte conclusão, expressa no parágrafo que fecha a sua Introdução: “pode ser que *Passado e Pensamentos* sirva para acertar as contas com a minha vida pessoal e acabe por sintetizá-la. O restante das meditações serve à ação, o restante das forças serve à luta”¹⁴³.

141 ELSBERG, Iakov. *Herzen - Jizn i tvórtchestvo*. Moscou:Khudójestvennaia literatura, 1951, p. 341-342. “Былое и Думы влияли не только на развитие русской философской мысли. Мемуары Герцена помогали воспитывать революционеров, учили преданности народу, ненависти к самодержавию и крепостничеству”.

142 HERZEN, Op. Cit. “Очень может быть, что я далеко переценил его, что в этих едва обозначенных очерках схоронено так много только для меня одного; может, я гораздо больше читаю, чем написано; сказанное будут во мне сны, служит иероглифом, к которому у меня есть ключ”.

143 Idem, ibidem. “Пусть же Былое и Думы заключат счет с личною жизнью и будут ее оглавлением. Остальные думы – на дело, остальные силы – на борьбу”.

Dessa forma, para Herzen sua obra só tem valor “se ela se integrar na biografia da humanidade, e se a vida interior, exteriorizada pela ação, se desenvolver dentro do movimento da História”¹⁴⁴. Portanto, apesar de existir vida interior e matérias próprias da intimidade na obra, elas estão submetidas à lógica predominante do espelhamento e projeção de certos traços/aspectos pessoais no campo maior que interessa a Herzen, que é o das forças históricas. Nesse ponto, nos deparamos com a principal influência filosófica de Herzen – Hegel. Afinal, o grande sistema filosófico do gênio alemão, formulado, entre outros, na *Fenomenologia do Espírito*, trata da interpenetração da universalidade e individualidade e da necessidade de se encontrar um caminho para que individualidade e universalidade coincidam na ação moral.

É por essa razão que muitos estudiosos da obra, como Irina Paperno, argumentam que:

“nas cinco primeiras partes, *Passado e Pensamentos*, de Herzen, segue conscientemente a estrutura da *Fenomenologia do Espírito* de Hegel, inspirada, por sua vez, pelo modelo do *Bildungsroman*, cujo herói atravessa estágios de desenvolvimento pessoal propelidos por conflitos e contradições. Nessa jornada, ele se integra à jornada histórica de autodesenvolvimento do mundo. Recuperando os passos do *Geist* (o ‘herói’ da *Fenomenologia*), o herói autobiográfico de Herzen faz seu difícil progresso no trágico mundo tanto enquanto um indivíduo quanto enquanto o espírito da história encarnado, atravessando revoluções e guerras, mas, diferentemente da *Fenomenologia* de Hegel, *Passado e Pensamentos* de Herzen retrata o *Bildung* sem final feliz”¹⁴⁵.

144 OLIVIER. Op. Cit., p. 24. “si elle s’intègre dans la biographie de l’humanité, et si sa vie intérieure, extériorisée par son action, se développe dans le mouvement de l’Histoire”.

145 PAPERNO, Irina. “Introduction: Intimacy and History. The Gercen Family Drama Reconsidered”. In: *Russian Literature*, Volume 61, Issues 1–2, 1 January–15 February 2007, p. 50. “in its first five parts, Gercen’s *Byloe I Dumy* consciously follows the structure of Hegel’s *Phenomenology of Spirit*, inspired, by its turn, by the pattern of the *Bildungsroman*, whose hero passes through stages of self-development

Mas se há uma influência de Hegel em *Passado e Pensamentos*, por outro lado é importante salientar que Herzen não é um Hegeliano ortodoxo. Hegel fornece o ponto de partida de Herzen: a conversão da intimidade em matéria histórica e o método dialético. A dialética enquanto uma lei de movimento da vida foi uma chave de leitura importante incorporada por Herzen, porém ele imprimiu a esse movimento uma direção revolucionária. Herzen mesmo nomeou a sua descoberta como “álgebra da revolução”. Esse tópico será analisado mais demoradamente no próximo capítulo.

Se, por um lado, *Passado e Pensamentos* consistiu em um exemplo de formação de uma subjetividade revolucionária, por outro, apresentou um sistema filosófico próprio, que partiu das referências comuns a todos os membros da intelligentsia da geração de 40, mas que desembocou na contribuição própria de Herzen ao pensamento revolucionário. Como colocou Elsberg: “A história do desenvolvimento do pensamento russo dos anos 40, apresentado em *Passado e Pensamentos*, ajudou a formar a visão de mundo da nova geração de revolucionários. Por conseguinte, este não foi apenas um relato sobre o passado. Em paralelo à narração do seu crescimento espiritual e da sua própria individualidade emergiu, com toda força, a vitalidade da atividade necessária para a Rússia. E o jovem leitor, curioso e em formação, viu como a teoria revolucionária, a álgebra da revolução, encorpou o pensamento que ajudou a dar vida ao revolucionário”.

146

propelled by conflicts and contradictions. In his journey, he is at one with the historical journey of the self-developing world. Retracing the steps of Geist, the ‘hero’ of Phenomenology, Herzen’s autobiographical hero makes his uneasy progress in the unhappy world both as an individual and as the spirit of history incarnate, passing through revolution and war, but, unlike Hegel’s Phenomenology of Spirit, Herzen’s *Byloe I Dumy* depicts Bildung without the happy ending”.

146 ELSBERG, Op. Cit., p. 341. “История развития русской мысли 40-х годов, изложенная в *Былом и думах*, помогла формировать мировоззрение нового революционного поколения. Притом это не было только рассказом о прошлом. О своем духовном росте и своих исканиях рассказывал человек, полный сил, развивающий кипучую деятельность, нужную России. И молодой читатель, сам ищущий и растущий, видел, как революционная теория, алгебра революции, отвала мысли, помогала сделать жизнь революционера”.

Essa visão de mundo de Herzen embasada no choque entre dois mundos, o novo e o velho, e o tratamento dialético desse conflito pode ser apreendido na narrativa, por exemplo, na maneira como Herzen introduz o velho mundo, ou a força que se contrapõe ao revolucionário em formação. Assim, ao lado do herói autobiográfico que já dissecamos aqui, figura o anti-herói de *Passado e Pensamentos* – o czar Nicolau I. Em muitas partes, o czar Nicolau é evocado como o disparador da revolta de Herzen, assim como a razão para os seus infortúnios. Como os dois lados de uma mesma moeda, temos o revolucionário exemplar e o czar despótico, sendo que o primeiro se configura como força histórica por causa das ações do segundo. Nicolau I é retratado exatamente como a personagem que a história conheceu, mas Herzen se esforça o tempo todo para trazê-lo para o plano da vida e imbuí-lo de concretude. Para ilustrar essa ideia vamos nos deter na maneira como Herzen retrata o czar Nicolau I e muitos outros personagens históricos na sua autobiografia.

2.3. A galeria de retratos de Herzen

Logo no início, no terceiro capítulo da primeira parte, Herzen introduz o rival Nicolau na sua narrativa, quando afirma que recebeu a notícia da morte de Alexandre I com pesar. Sobre o ainda desconhecido Nicolau I, escreve Herzen: “Ninguém conhecia Nicolau antes do seu reinado; sob Alexandre, não se sabia nada dele e ele não interessava a ninguém. Então pulularam questões sobre ele; alguns oficiais da guarda puderam oferecer respostas: eles o detestavam pela sua crueldade fria, pelo seu pedantismo mesquinho, pela sua natureza rancorosa”.¹⁴⁷

147 HERZEN, Op. Cit. “Николая вовсе не знали до его воцарения; при Александре он ничего не знали и никого не занимал. Теперь все бросилось расспрашивать о нем; одни гвардейские офицеры могли дать ответ; они его ненавидели за холодную жестокость, за мелочное педанство, за злопамятность”.

Todas essas suspeitas irão se confirmar e Herzen descreve as suas próprias impressões nas duas ocasiões nas quais se encontrou pessoalmente com Nicolau I. Referente ao primeiro encontro, durante um serviço religioso no Kremlin, Herzen escreveu: “Então eu o vi pela primeira vez (...) ele era belo, mas a sua beleza emprestava-o frieza; não há um rosto que denuncie tão brutalmente o caráter de uma pessoa quanto o dele. A fronte rapidamente desaparecia atrás de uma mandíbula desenvolvida em detrimento do crânio inteiro, exprimindo um vontade irreprimível e um raciocínio débil, mais crueldade do que sensualidade. Mas o principal eram os olhos, sem nenhum calor, sem nenhuma compaixão, olhos invernais”¹⁴⁸.

O segundo encontro com o Czar autoritário também é descrito por Herzen: “nesse momento eu vi Nicolau pela segunda vez, e ainda mais fortemente seu rosto se fixou na minha memória. A nobreza ofereceu a ele um baile, eu estava na galeria da Assembleia e pude contemplá-lo demoradamente. Ele ainda não usava bigode, seu rosto era jovem, mas a transformação nas suas feições após a coroação me chamou a atenção. Com ar sombrio ele estava apoiado em uma coluna, e seu olhar feroz e glacial não se fixava em ninguém, apesar dele jamais deixar de olhar para frente. Ele havia emagrecido. Nesse semblante, nesses olhos de estanho era possível compreender o destino da Polônia e da Rússia. Ele estava atônito, assustado, e se questionava 120 vezes sobre a solidez do trono e preparava-se para se vingar daquilo que o fazia sofrer, do seu medo e das suas dúvidas”¹⁴⁹.

148 Idem, *ibidem*. “Я тут видел его в первый раз (...) он был красив, но красота его обдавала холодом; нет лица, которое бы так беспощадно обличало характер человека, как его лицо. Лоб быстро бегущий назад, нижняя челюсть, развитая на счет черепа, выражали непреклонную волю и слабую мысль, больше жестокости, нежели чувственности. Но главное – глаза, без всякой теплоты, без всякого милосердия, зимние глаза”.

149 Idem, *ibidem*. “В самое это время я видел во второй раз Николая, и тут лицо его еще сильнее врезалось в мою память. Дворянство ему давало бал, я был на хорах собрания и мог досыта насмотреться на него. Он еще тогда не носил усов, лицо его было молодо, но перемена в его чертах со времени коронации поразила меня. Угрюмо стоял он у колонны, свирепо и холодно смотрел перед собой, ни на кого не глядя. Он попохудел. В этих чертах, за этим оловянными глазами ясно можно было понять судьбу Польши, да и России. Он был потрясен, испуган, он усомнился в прочности трона и готовился мстить за выстраданное им, за страх и сомнение”.

Assim, salta aos olhos o emprego do método segundo o qual Herzen se detém em aspectos exteriores, nos traços físicos do czar para, a partir deles, assinalar os feitos dessa personagem – no caso de Nicolau, do seu semblante Herzen é capaz de apreender todo o sentido do reinado do imperador. O uso da metáfora dos olhos “frios” é muito exemplar no que tange a essa abordagem. No segundo relato, ele vai além e sugere que nesse olhar glacial estava contido o destino da Polônia e da Rússia. Aqui, evidentemente, Herzen está incorrendo em um anacronismo deliberado. Isso nos interessa aqui, pois revela a falsa premissa da indução, que acompanha toda obra, mas que não resiste a uma análise mais atenta. Uma vez que os detalhes que ele apresenta são todos, no geral, exteriores, frutos da observação, à primeira vista tendemos a compreender o método empregado por Herzen como indutivo. Com o olhar focado em algum traço físico, ou traje, ou detalhe (muitas vezes anedótico) da personalidade do seu personagem histórico, Herzen constrói a partir daí a sua análise filosófica a respeito do lugar ocupado por esse personagem no panorama construído por ele.

Entretanto, essa aparência de observação pura e simples dos fatos que Herzen quer passar encobre o que de fato está no cerne da sua obra. O suposto método indutivo esconde a dedução filosófica que está no núcleo de *Passado e Pensamentos*. Cada fato, evento, episódio levantado por ele, até mesmo nas partes em que a obra carece de uma unidade mais significativa, são escolhidos por Herzen com o objetivo de provar a sua tese. Portanto, Herzen não é um observador dos fatos. Antes disso, ele é um autor com uma premissa, e a sua construção narrativa toda gira em torno da comprovação da sua tese.

Por conseguinte, apesar da obra se construir sobre fatos e personagens históricos reais, é importante não perder de vista o tratamento artístico do material com fins a atingir objetivos muito claros. Herzen é, antes de qualquer coisa, um grande artista, e a sua concepção de vida é estetizada. A liberdade que ele toma para tratar de certos eventos e

personagens não consiste em “equivocos” ou “exageros”, mas em esforços deliberados para imprimir na sua obra a orientação idealizada de antemão. Como afirmou Lúdia Guinsburg, “em *Passado e Pensamentos*, a emergência do herói com todas as suas peripécias é a expressão da luta do povo enquanto unidade contra o mundo prestes a morrer. O historicismo, ainda não materialista, mas já infiltrado pela dialética revolucionária, define a substância da epopeia de Herzen e todo o seu sistema artístico”.¹⁵⁰

Assim, esse sistema artístico organiza-se ao redor de uma ideia mestra, nominalmente uma concepção historicista de mundo de orientação francamente revolucionária - “álgebra da revolução”. Por conseguinte, o seu comprometimento com o método realista divide espaço com o historicismo dialético, como é o que essa passagem sobre Nicolau I indica. Na descrição física do imperador, supostamente fruto da observação, Herzen quis condensar todo o terror do seu reinado – no “olhar gélido” do soberano, o destino da Rússia se desenha. E sabemos que Herzen acredita que há dois mundos em conflito, o velho mundo representado pelo imperador e um novo mundo que ainda não surgiu, mas que revolucionários como ele são os arautos. E o imperador, além de um inimigo pessoal, é a personificação do status quo a ser combatido. Inimigo pessoal, porque é o grande responsável por todos os infortúnios de Herzen: prisão, exílio, exílio permanente na Europa, subtração dos seus bens etc.

Nicolau é até mesmo, segundo Herzen, o responsável pela morte de um de seus filhos, que faleceu ainda recém-nascido, como ele coloca em *Passado e Pensamentos*: “o bebê foi executado por Nicolau. A mão mortífera da autocracia russa pesou sobre essa existência e a sufocou”¹⁵¹. Nesse exemplo é possível vislumbrar o cerne de *Passado e*

150 GUINSBURG, Lúdia. *Bylóie i dúmy Herzena*. Moscou: Gosudárstvennoie izdátelstvo khudójestvennoie literatury, 1957, p. 27. “В былом и Думах становление героя во всех своих перипетиях выражает концепцию борьбы нарождающихся общественных сил с отмирающими. Историзм, еще не материалистический, но уже проникнуты революционной диалектикой, определил и содержание эпопеи Герцена и всю ее художественную систему”.

151 HERZEN, Op. Cit. “(...) младенец был казнен Николаем. Мертвящая рука русского самодержца замешалась и тут – и тут задушила!”.

Pensamentos, a certeza da interpenetração entre a vida privada e a História. Isso é algo muito claro na quinta parte da obra, dedicada ao drama familiar de Herzen, que será abordado no próximo capítulo. E Nicolau I, o alzo de Herzen, figura nas páginas da autobiografia exatamente como a História o conheceu, e a observação supostamente direta da personagem em questão serve apenas para reforçar a ideia que Herzen já tem formada sobre ela. Isso se aplica a Nicolau, mas também a todas as outras personagens históricas evocadas na obra, apresentadas através da galeria de retratos de *Passado e Pensamentos*.

Nesta “galeria” figuram nomes como, por exemplo, o de Mazzini: “Mazzini se levantou e, olhando-me atentamente no rosto com seus olhos astutos, estendeu-me amigavelmente as duas mãos. Mesmo na Itália é raro encontrar uma cabeça com tamanha graça na sua seriedade rigorosamente antiga. Num minuto a sua expressão é capaz de se tornar brutal, severa, mas instantaneamente se alivia e ilumina. Um pensamento concentrado, ativo, brilha nos seus olhos tristes; neles e nas rugas da fronte desponta um compromisso profundo e obstinado. Em todos os seus traços distinguem-se preocupações de longa data, noites mal dormidas, tempestades violentas, fortes paixões, ou melhor, uma forte paixão um tanto quanto fanática – talvez ascética. Mazzini é muito simples, muito amável no trato, mas o hábito de comandar é evidente, principalmente nas discussões; ele dificilmente pode esconder sua frustração ao ser contrariado, e muitas vezes ele não a esconde. Ele conhece a sua força e abertamente ignora os sinais exteriores de sua autoridade quase ditatorial. A sua popularidade era então gigantesca”¹⁵².

152 Idem, *ibidem*. “Маццини встал и, глядя мне прямо в лицо своими пронизательными глазами, протянул дружески обе руки. В самой Италии редко можно встретить такую изящную в своей серьезности, такую строгую античную голову. Минутами выражение его лица было жестко, сурово, но оно тотчас смягчалось и прояснилось. Деятельная, сосредоточенная мысль сверкала в его печальных глазах; в них и в морщинах на брѹ – бездна воли и упрямства. Во всех чертах были видны следы долголетних забот, несанных ночей, пройденных бурь, сильных страстей или, лучше, одной сильной страсти, да еще что-то фанатическое – может, аскетической. Маццини очень прост, очень любезен в обращении, но привычка властвовать видна, особенно в споре; он едва может скрыть досаду при противуречии, а иногда и не скрывает ее. Силу свою он знает и откровенно пренебрегает всеми наружными знаками диктаториальной обстановки. Популярность его была тогда огромна”.

Esse excerto sobre o revolucionário italiano Mazzini ilustra bem um método de composição da “galeria de retratos” de *Passado e Pensamentos*. Aqui Herzen se detém na fisionomia do companheiro revolucionário e ressalta sua “expressão dura e austera”, seu olhar que evidencia uma atividade mental robusta e muita concentração, e os traços onde é possível se ler, por exemplo, “noites mal dormidas” e “paixões violentas”, mais especificamente “uma só e forte paixão, e também qualquer coisa de fanático, de ascético”.

Portanto, a descrição da fisionomia, que em si contém as características do Mazzini líder que a sua época conheceu – fundador da Giovini Italia, membro do Triunvirato etc. – é um exemplo desse método de aproximação que Herzen utiliza para retratar os principais personagens da sua obra. Escolhendo um aspecto e focalizando nele em detrimento de todos os outros, como o retratista que em sua pintura ressalta algum traço físico ou algum objeto com o intuito de assinalar algo que é próprio da atividade do retratado, Herzen atém-se aos detalhes para fixar a sua visão acerca dos seus contemporâneos e, ao mesmo tempo, encerrar esses contemporâneos na “função” que esses desempenhavam na sua época histórica e, por conseguinte, na sua narrativa.

Assim, a fisionomia de Mazzini por si só expõe todos os seus feitos. O grande revolucionário italiano está mimetizado em uma descrição do seu rosto, que expressa, acima de qualquer coisa, obstinação. Como a árvore está contida na semente, Mazzini, enquanto agente da História, pode ser depreendido do seu semblante. E é dessa forma que ele será afixado em *Passado e Pensamentos* – como a personagem histórica que o mundo conheceu, que nada tem de indivíduo real.

Turguêniev chamou a atenção para essa qualidade de Herzen – “na caracterização das pessoas com as quais ele se confrontou, ele não tem rivais à altura”¹⁵³. Mas, como colocou Elsberg, “Herzen, criando seus incríveis retratos literários, estava longe de ser o

153 ELSBERG, Op. Cit., p. 462. “В характеристике людей, с которыми он сталкивался, у него нет соперников”.

mestre da fotografia literária”¹⁵⁴. O que em outras palavras significa apontar que Herzen não buscava a exatidão do registro fotográfico, mas a forte impressão gerada pela arte do retrato. Assim, sempre se focando em um traço especial da personalidade do retratado, ou, mais frequentemente, em algum pormenor anedótico, Herzen utilizava-se desse recurso ao detalhe para compor a sua galeria de retratos sem se preocupar em demasia com a “exatidão” histórica, mas sim com o efeito literário e com a exemplificação do seu próprio discurso e da tese que ele almejava expor.

É isso o que ocorre, a título de exemplo, na passagem em que ele apresenta um diálogo que teria se dado entre ele e Ledru-Rollin. Os diálogos são outro método de composição recorrente em *Passado e Pensamentos*. Assim, como complemento dos retratos, que servem como suportes da sua visão acerca das personagens históricas que pululam na sua autobiografia, ele cria diálogos entre essas personagens, ou entre elas e ele próprio (o personagem principal da obra), com o intuito de evidenciar características destes personagens e, ao mesmo tempo, como uma forma de mapear o seu discurso próprio.

Eis o diálogo:

“Instalado confortavelmente no sofá, Ledru Rollin começou a me afiançar:

– A revolução – disse ele – só poderá acontecer (rayonner) na França. É claro que, independentemente do país ao qual você pertence, você deve, mais do que tudo, ajudar a nossa causa para o seu próprio caso. A revolução só pode ocorrer em Paris. Eu sei muito bem que o nosso amigo Mazzini não compartilha dessa opinião – ele está preso ao seu patriotismo. O que pode fazer a Itália com a Áustria no seu pescoço e com os soldados de Napoleão em Roma? Nós precisamos de Paris, Paris é Roma, Varsóvia, Sicília, e, felizmente, Paris está totalmente pronta – não se engane –, totalmente pronta! A revolução se fará – la revolution est fait: cest clair comme bonjour. Sobre isso eu nem me dou ao trabalho de pensar, eu penso sobre o passado, sobre a maneira de evitar os erros anteriores.

Ele continuou com esse discurso por uma meia hora e, de repente, enfim se dando conta de que não estava diante de um auditório, de forma amável se dirigiu a mim:

– Veja você, nós compartilhamos da mesma opinião.

154 Idem, ibidem, p. 462. “Герцен, создавая свои замечательные литературные портреты, отнюдь не был мастером литературных фотографий”.

Eu não tinha aberto a boca. Ledru-Rollin continuou:

– O que diz respeito ao fato material da revolução – ele é retardado pela nossa falta de recursos, nossos fundos se exauriram nessa luta que dura anos. Se eu tivesse agora em meu poder cem mil francos, ou quaisquer míseros 18 mil francos, depois de amanhã, ou em três dias, a revolução aconteceria em Paris.

– Como pode ser – eu dei prosseguimento – que uma nação tão rica, tão pronta a se levantar, não consiga providenciar, cem mil ou meio milhão de francos?

Ledru-Rollin corou um pouco, mas não hesitou. Respondeu:

– Pardon pardon, você fala de proposições teóricas, enquanto que eu falo sobre fatos.

Isso eu não compreendi.

Quando eu me levantei para partir, Ledru-Rollin, seguindo o hábito inglês, me conduziu até as escadas e, mais uma vez me estendendo sua enorme mão de atleta, falou:

– Eu espero que essa não seja a última vez, eu ficarei feliz ao revê-lo...

Então au revoir.

– Até Paris – eu respondi

– Como assim até Paris?

– Como você me fez enxergar que a revolução está realmente próxima, eu realmente não sei se terei tempo de reencontrá-lo por aqui.

Ele me olhou com perplexidade, e eu me precipitei para completar:

– Pela solidez da sua contribuição eu realmente espero por isso – e me parece que você não tem dúvidas sobre isso.

– Se tivesse, você não estaria aqui – respondeu o meu anfitrião, e então

nós nos separamos”.¹⁵⁵

155 HERZEN, Op. Cit. “(...) Усевшись покойно на кушетке, Ледрю-Роллен начал меня гарантировать.

- Революция, - говорил он – только и может лучиться (rayonner) из Франции. Ясно, что, к какой бы стране вы ни принадлежали, вы должны прежде всего помогать нам – для вашего собственного дела. Революция только может выйти из Парижа. Я очень хорошо знаю, что наш друг Маццини не того мнения, - он увлекается своим патриотизмом. Что может сделать Италия с Австрией на шею и с Наполеоновыми солдатами в Риме? Нам надобно Париж, Париж –это Рим, Варшава, Сицилия, и, по счастью, Париж совершенно готов – не ошибайтесь – совершенно готов! Революция сделана – la révolution est fait: cest clair comme bonjour. Я об этом и не думаю, я думаю о последствиях, о том, как избежать прежних ошибок... Таким образом он продолжал с полчаса и вдруг, спохватившись, что он и не перед аудиторией, добродушнейшим образом сказал мне:

- Вы видите, мы с вами совершенно одинакового мнения.

Я не раскрывал рта. Ледр- Роллен продолжал:

- Что касается до материального факта революции, - он задержал нашим безденежьем, средства наши истощились в этой борьбе, которая идет годы и годы, Будь теперь, сейчас в моем распоряжении сто тысяч франков – да, мизерабельных 18 сто тысяч франков – и послезавтра, через три дня революция в Париже.

- Да как же это, - заметил я, наконец – такая богатая нация, совершенно готова на восстание, не находить ста, тысяч, полмиллиона франков.

Ледрю-Роллен немного покраснел, но, не запинаясь. Отвечал:

- Pardon pardon, вы говорите о теоретических предположениях – в то время как я вам говорю о фактах.

Этого я не понял.

Когда уходил, Ледрю-Роллен, по английскому обычаю, проводил меня до лестницы и еще раз, подавая мне свою огромную, богатырскую руку, сказал:

- Надеюсь, это не в последний раз, я буду всегда рад... Итак au revoir.

- В Париже, - ответил я.

- Как в Париже?

- Вы так увидели меня, что революция за плечам что я, право, не знаю, успею ли я побывать у вас здесь.

Он смотрел на меня с недоумением, и потому я поторопился прибавить:

Esse trecho é significativo, pois lança luz sobre diversas estratégias empregadas por Herzen ao longo de toda a sua obra. É elementar o ato de criação literária que está por trás desse emprego de diálogos na autobiografia. Nem precisa ser salientado que, muitos anos depois, não é possível que a memória de Herzen tenha registrado esses diálogos com exatidão. Não podemos nem mesmo, em muitos casos, saber se esses diálogos sequer ocorreram. Mas eles têm uma função muito importante ao longo da obra, pois eles ajudam a delimitar as personagens evocadas pelo autor.

Nesse diálogo, o que é possível apreender da postura de Ledru-Rollin é uma vaidade pronunciada, principalmente no trecho que indica que, depois de meia hora falando, ele se deu conta de que não estava nem sozinho, nem diante de um auditório, e finalmente, como que desperto, ele voltou a se dirigir a Herzen. A próxima frase é “Veja você, nós dois temos exatamente a mesma opinião”, ao que Herzen complementa: “eu não tinha aberto a boca”. Tudo isso faz surgir na cabeça do leitor a figura um tanto ridícula de um homem extremamente autocentrado e cheio de si. Além disso, no texto original Herzen conserva algumas palavras em francês, o que na verdade é uma característica muito frequente no texto como um todo. Não só o francês dá as caras, mas também o inglês, o alemão etc. Mas nesse caso, quando ele usa o francês em trechos como “la revolution est fait: cest claire comme bonjour”, o intuito é de sublinhar o absurdo que vem embutido nessa declaração, assim como o artificialismo que está por trás desse pensamento.

Continuando a maneira implacável com a qual Herzen conduz esse diálogo, que serve como uma pequena amostra capaz de espelhar a essência do pensamento do seu companheiro das trincheiras da revolução, na conclusão Herzen sobressai-se com uma

- По крайней мере я этого искренно желаю – в этом, думаю, вы не сомневаетесь.
-Иначе вы не были бы здесь, - заметил хозяин, и мы расстались”.

ironia fina, quando sugere que o próximo encontro entre ambos se dará em Paris, uma vez que a revolução é algo tão certo – e que conseqüentemente obrigará os dois a se deslocarem para aquela cidade. A saída irônica é uma marca do estilo de Herzen que está presente em toda a sua prosa e é especialmente recorrente na sua publicística, mas que atravessa *Passado e Pensamentos* do começo ao fim.

Assim como a ironia, que é algo que leva o leitor a esboçar, em diversos momentos, um sorriso de canto de boca enquanto leva a cabo a sua leitura da autobiografia, o humor é algo muito particular da obra de Herzen, que por sua sutileza e inteligência marca a experiência de leitura dos que se aventuram por ela. Mas Herzen se utiliza do humor para falar de assuntos de grande seriedade e por meio dele expor o absurdo que o verniz da normalidade esconde. Assim, é possível apontar em certas partes de *Passado e Pensamentos* o uso de procedimentos que aproximam Herzen de Gógol, principalmente na segunda parte da autobiografia, onde Herzen se dedica à denúncia dos absurdos da burocracia russa que ele presenciou durante seu exílio em Perm e Viátka, quando assumiu funções administrativas junto à administração pública.

O próprio Herzen dá indícios dessa aproximação com Gógol quando abre o capítulo XV da segunda parte com a seguinte passagem: “Um dos mais tristes resultados da ascensão de Pedro, o Grande foi o desenvolvimento da classe dos burocratas. Uma classe artificial, ignorante, famélica, incapaz de fazer qualquer coisa além do serviço, alheia a tudo que não faz parte da estrutura administrativa, ela representa uma espécie de clero laico que age religiosamente nas cortes e escritórios policiais sugando o sangue do povo através de mil bocas ávidas e impuras. Gógol levantou um dos lados da cortina e nos mostrou o funcionário russo em toda a sua deformação; mas Gógol involuntariamente reconciliou sua representação por meio do riso, e seu enorme talento cômico se impôs

sobre o ultraje. Além disso, por causa da censura russa, ele mal pôde atacar o lado sórdido que se esconde no subterrâneo, onde se forja o destino do pobre povo russo”¹⁵⁶.

Dessa forma, Herzen reconhece os méritos de Gógol na denúncia dos excessos do funcionalismo russo, mas ele se propõe a ir além e trazer o que é próprio da vida que a obra de Gógol não pode retratar. Portanto, Herzen parte aqui (e em muitas outras partes da obra) de modelos que ele retira da literatura russa, principalmente do realismo que marcou o século XIX, e se propõe a aprofundar e a aproximar-se mais da “vida”, extrapolando assim os limites dessas obras ficcionais.

Para Elsberg, a “concretude” e aproximação da vida que Herzen alcança não encontram paralelo em nenhuma outra obra da literatura russa do século XIX: “Na literatura russa e mundial do século XIX não há outra criação artística na qual se encontre tamanha concretude histórica, profundidade ideológica e encantamento poético quanto em *Passado e Pensamentos*, obra esta que iria traduzir com precisão os comportamentos das pessoas da sua contemporaneidade e suas visões de mundo”¹⁵⁷.

Vejam os exemplos de como Herzen aborda a questão do funcionalismo. Aqui ele traz à tona situações que ele observou durante sua passagem pelas burocracias das províncias, portanto são casos “reais” (alguns deles, no entanto, apresentam imprecisões históricas, mas que não vamos destrinchar aqui). O fato é que a narração dessa experiência se dá com o intuito de resultar em um efeito cômico, tamanho os absurdos que existem na realidade, mas sempre acompanhado de uma responsabilidade de denúncia do status

156 Idem, *ibidem*. “Один из самых печальных результатов петровского переворота – это развитие чиновничьего сословия. Класс искусственный, необразованный, голодный, не умеющий ничего делать, кроме служения, ничего не знающий, кроме канцелярских форм, он составляет какое-то гражданское духовенство, священно действующее в судах и полициях и сосущее кровь народа тысячами ртов, жадных и нечистых.

Гоголь приподнял одну сторону занавеси и показал нам русское чиновничество во всем безобразии его; но Гоголь невольно примиряет смехом, его огромный комический талант берет верх над негодованием. Сверх того, в колодках русской цензуры он едва мог касаться печальной стороны этого грязного подземелья, в котором куются судьбы бедного русского народа”.

157 ELSBERG, Op. Cit., p. 440. “В русской и мировой литературе 19 века нет другого художественного произведения, в котором бы с такой исторической конкретностью, идейной глубиной и поэтическим очарованием, как в *Былом и Думах*, были бы воплощены образы передовых людей своего времени и их мировоззрение”.

quo. A ironia e o humor são as armas de Herzen para desestabilizar e capturar o leitor para o seu lado dentro do propósito maior da obra, que é demonstrar todas as etapas da formação da sua personalidade revolucionária.

“Caso sobre a transferência do menino Vassíli para o sexo feminino – Esse último me pareceu tão incrível que eu li o texto sem parar do começo ao fim. O pai do suposto Vassíli escreveu na sua súplica ao governador que 15 anos atrás nasceu sua filha, que ele quis chamar de Vassílissa, mas que o padre, levemente embriagado, batizou a menina de Vassíli e assim registrou na certidão. Pelo visto essas circunstâncias não incomodaram ao mujique, mas quando ele se deu conta de que logo iriam na sua casa exigir um recruta e o pagamento de um imposto, ele informou a autoridade local sobre o fato. À polícia essa história pareceu muito complicada. Ela de cara se recusou a ajudar o mujique, dizendo que ele perdeu o prazo de dez anos para reclamações. O mujique se dirigiu ao governador. O governador determinou solenemente que a menina fosse examinada por um médico e uma enfermeira... E assim começou não se sabe como uma correspondência com o consistório, e entrou em cena um padre, sucessor daquele que estava ligeiramente bêbado e que, por sua vez, não sabia da miscelânea dos sexos, e o caso se estendeu por anos, e a jovem não deixou de ser suspeita de pertencer ao sexo masculino. Não pense que esse fato absurdo se trata de uma brincadeira; longe disso, isso tudo está em concordância com o espírito da autocracia russa.”¹⁵⁸

158 HERZEN, Op. Cit. “Дело о перечислении крестьянского мальчика Василья в женский пол. Последнее было так хорошо, что я тотчас прочел его от доски до доски; Отец этого предполагаемого Василья пишет в своей просьбе губернатору, что лет пятнадцать тому назад у него родилась дочка, которую он хотел назвать Василиской, но что священник, быв под хмельком, окрестил девочку Васильем и так внес в метрику. Обстоятельство это, по-видимому, мало беспокоило мужика, но когда он понял, что скоро падет на его дом рекрутская очередь и подушная, тогда он объявил о том голове и становому. Случай этот показался полиции очень мудрен. Она предварительно отказала мужику, говоря, что он пропустил десятилетнюю давность. Мужик пошел к губернатору. Губернатор назначил торжественное освидетельствование этого мальчика женского пола медиком и повивальной бабкой.... Тут уж как-то завелась переписка с консисторией, и поп, наследник того, который под хмельком целомудренно не разбирал плотских различий, выступил на сцену, и дело длилось годы и чуть ли девочку не оставили в подозрении мужеского пола.

É impossível ler esse trecho e conter um sorriso, ainda que de incredulidade. Nesse ponto Herzen se aproxima de Gógol e indica o parentesco da sua autobiografia com o romance russo oitocentista. Mas essa aproximação se dá também em outros aspectos estilísticos de *Passado e Pensamentos* que merecem um exame mais atento.

2.4. Lirismo

É notável o lirismo presente em muitas das páginas de *Passado e Pensamentos*, e este pode ser apontado como outra herança da literatura realista oitocentista. A evocação de imagens poéticas recorrente, por exemplo, nas descrições de paisagens, nos faz acreditar que estamos diante de uma obra de Turguêniev, ou de algum outro grande mestre do romance russo do século XIX. Por exemplo, no trecho em que escreve, no capítulo XXXVII da quinta parte, sobre uma expedição ao Monte Rosa, na suíça, ao lado do amigo (e mais tarde rival) Herwegh: "Paramos em frente ao mar gelado e nevado que se estendia entre nós e Mont Servine; cercado por uma cadeia de montanhas, banhadas pelo sol, ele próprio, tão branco que cegava os olhos, representava a arena congelada de uma espécie de Coliseu gigantesco. Cavado pelos ventos em alguns lugares, ondulado, como se estivesse congelado no exato momento do movimento; as curvas das ondas congelaram sem terem tempo para se endireitar. Desci do cavalo e deitei em um bloco de granito, atracado por ondas de neve à margem... Uma brancura silenciosa e imóvel, sem limite,

Не думайте, что это нелепое предположение сделано мною для шутки; вовсе нет, это совершенно сообразно духу русского самодержавия”.

totalmente sem limite... um vento leve elevava um pouco de pó branco, levava-o embora, girava-o... ele caía e tudo voltava de novo à paz, e umas duas vezes avalanches, arrancadas com um estrondo surdo, rolaram para longe, agarrando-se aos penhascos, quebrando-se neles e deixando para trás uma nuvem de neve..."¹⁵⁹

Essa sobreposição de belas imagens poéticas como, por exemplo, o “Coliseu gigantesco” ou a “brancura silenciosa e imóvel” da paisagem compõe um quadro marcante, quadro este que é arrematado por Herzen com a seguinte reflexão de grande força poética: “O homem sente-se estranho nesse cenário – hóspede, supérfluo, intruso, e, por outro lado, ele respira livremente e está prestes a adquirir as cores do ambiente, se tornar branco e puro como o entorno... circunspecto e preenchido como um devoto”¹⁶⁰.

Esse é um exemplo de passagem lírica que pode ser encontrada com bastante frequência ao longo da autobiografia. Poderíamos destacar o capítulo III da primeira parte, que é destinado à descrição da infância de Herzen no campo e entrecortado por descrições idílicas e bucólicas das paisagens campestres, da amizade infantil com a prima mais velha, com o químico (outro primo), da descoberta da vida etc., por exemplo, no excerto: “O que me reconfortava era que no próximo mês de junho novamente nos reuniríamos em Vassílievskoie! Para mim o campo era tempo de férias, eu amava profundamente a vida no campo. As florestas, os pastos, a total liberdade – tudo isso era tão novo para mim que se agigantava para além dos campos de algodão, das paredes de

159 HERZEN, Op. Cit. “Мы остановились перед ледяным снежным морем, расстилавшимся между нами и Мон-Сервином; окаймленное грядою гор, облитых солнцем, оно само, белое до ослепительности, представляло замерзшую арену какого-то гигантского Колизея. Местами изрытое ветрами, волнистое, оно будто застыло в самую минуту движения; изгибы валов замерзли, не успев выправиться.

Я сошел с лошади и прилег на глыбу гранита, причаленную снежными волнами к берегу... Немая, неподвижная белизна, без всякого предела... легкий ветер приподнимал небольшую белую пыль, уносил ее, вертел... она падала, и все снова приходило в покой, да раза два лавины, оторвавшись с глухим раскатом, скатывались вдали, цепляясь за утесы, разбиваясь оних и оставляя по себе облако снега...” (Tradução de Ekaterina Volkova).

160 Idem, ibidem - “Странно чувствует себя человек в этой раме – гостем, лишним, посторонним, и, с другой стороны, свободнее дышит и, будто под цвет окружающему, становится бел и чист внутри... серьезен и полон какого-то благочестив!”.

pedra, e eu ousava burlar a proibição e, por qualquer pretexto, saía de casa sem pedir autorização e sem ser acompanhado por um serviçal”.¹⁶¹

Não só pelo estilo, mas também pela temática é possível apontar, assim como fez Pútintsiév, que estas “antigas lembranças sobre a vida no campo estão repletas da doce poesia da natureza russa e do silêncio das noites rurais. Essa genuína elegia poética nos remete à arte da narração de paisagens de Turguêniev e Tchekhov”¹⁶². Franco Venturi, na mesma linha, afirma que a parte de *Passado e Pensamentos* destinada à infância e juventude de Herzen “parece uma página de *Guerra e Paz*, como se estivéssemos em uma pintura do grande afresco de Tolstói”.¹⁶³

Tolstói se preocupou em reconhecer o lugar ocupado por *Passado e Pensamentos* entre as obras primas da literatura russa, comparando-a a *Guerra e Paz*, *Os Irmãos Karamázov* e *Almas Mortas*. Sobre Herzen, Tolstói escreveu: “este escritor, como um artista, se não está à frente, certamente se encontra no mesmo patamar dos nossos maiores escritores”¹⁶⁴. Turguêniev, outro autor a quem Herzen foi comparado, também deixou muitos comentários sobre a maestria de Herzen enquanto escritor. Turguêniev foi um amigo muito próximo de Herzen (apesar dos desentendimentos que os separaram no final da vida), e o grande romancista russo era leitor em primeira mão dos capítulos aprontados por Herzen para a sua autobiografia. Muitas foram as cartas com análises sobre *Passado*

161 Idem, *ibidem*. “Одно меня утешало – в будущем июне вместе в Васильевском! Для меня деревня была временем воскресения, я страстно любил деревенскую жизнь. Леса, поля и воля вольная – все это мне было так ново, выросшему в хлопках, за каменными стенами, не смея выйти ни под каким предлогом за ворота без спроса и без сопровождения лакея...”

162 PÚTINTSIEV, V. A. *Herzenpisátel*. Moscou: Izdatelstvo Akadémií Nauk SSSR, 1963, pp. 250-251. “Ранние воспоминания о деревенской жизни полны трогательной поэзии русской природы, тихих сельских вечеров. Это подлинно поэтическая элегия, напоминающая нам пейзажную живопись Тургенева и Чехова”.

163 VENTURI, Franco. “Introducción”. In: HERZEN, Aleksander. *El desarrollo de las ideas revolucionarias en Rusia: el povo ruso y el socialismo: carta a Jules Michelet*. Mexico: Siglo Veintiuno, 1979, p. 11. “parece una página de *La guerra y la paz*. Como si nos halláramos en un rincón del gran fresco de Tolstoi”.

164 GOSLITIZDAT, L. “L. N. Tolstói o literature”. In: <http://az.lib.ru/g/gercen>, 1995, pp. 228-229. “это писатель, как писатель художественный, - говорил Лев Толстой – если не выше, то уж наверное равный вашим первым писателям”.

e *Pensamentos* legadas por Turguêniev. Em uma delas, Turguêniev escreveu: “a língua dele, por sua loucura e incorreção, me causou uma grande impressão: é um corpo vivo”¹⁶⁵.

Essa “língua viva”, da qual fala Turguêniev, se explica por certos fatores. Em primeiro lugar, há muito de língua falada em *Passado e Pensamentos*. Muitos dos companheiros de Herzen destacaram a sua facilidade com a oratória e a sua característica de bom conversador, e estes traços da sua personalidade se imiscuíram na sua obra escrita, exatamente por se tratar de uma obra extremamente pessoal. Nesse sentido, segundo alguns estudiosos, como Daria Olivier, “sua escrita se aproxima frequentemente da língua falada; ora, todos que o conheceram ficaram encantados com a clareza e o brilhantismo da sua oratória”¹⁶⁶. Por exemplo, em um trecho da quinta parte, quando Herzen está narrando a sua “reconciliação” após seu drama conjugal (que será analisado com mais cuidado nos próximos capítulos), ele escreve: “falar sobre aquele tempo sagrado da reconciliação e sobre todo o seu significado... não, não reconciliação, essa palavra não cabe”¹⁶⁷. Assim, do ponto de vista da sintaxe o leitor sente que está diante de uma escrita “falada”, ou como se estivesse ouvindo o autor falar diretamente com ele numa conversa informal.

Sobre essa quinta parte de *Passado e Pensamentos*, dedicada ao drama conjugal dos Herzen, Turguêniev também escreveu: “O dia todo eu fiquei sob a forte impressão da parte de *Passado e Pensamentos*, de Herzen, na qual ele reconta a história da sua mulher, a morte dela etc.... isso tudo foi escrito com lágrimas, sangue: é fogo e labaredas. Só ele mesmo era capaz de escrever assim em russo”¹⁶⁸. Vejamos um exemplo do que

165 PURITOVA, N. M. Aleksandr Herzen – Revoliutsionier, myslitel tchelovik. Moscou: Moskvá Mysl, 1989, p.69. “язык его до безумия неправильный приводит меня в восторг: живое тело”.

166 OLIVIER, Op. Cit., p. 28. “son écriture se rapproche solvante de la langue parlée; or, tous ceux qui l’ont connu, ont été frappés par l’éclat et le brillant de sa conversation”.

167 HERZEN, Op. Cit. “(...) говорит о святом времени примирения и тут же замечаем: нет, не примирения, это слово не идёт”.

168 PURITOVA. Op. Cit. p. 69. “Все эти дни – писал Тургенев -, я находился под впечатлением той части Билого и дум Герцена, в которой он рассказывает историю своей жены, ее смерть и т.д.. все это написано слезами, кровью: это – горит и ждет. Так писать умел он один из русских”.

Turguêniev poderia ter identificado como essa escrita “com lágrimas e sangue”: “Muitas vezes, nos minutos de desespero e fraqueza, quando a amargura ultrapassava todos os limites, quando tudo na minha vida parecia uma sucessão de erros, quando eu duvidava de mim mesmo, no passado, no presente, vinha à minha cabeça essas palavras: porque eu não tomei a arma daquele trabalhador e não fiquei atrás da barricada? Acidentalmente atingido por uma bala, eu levaria para o túmulo ainda duas ou três convicções”.¹⁶⁹

O desespero é muito latente nessa passagem, assim como o apelo de Herzen à sensibilidade do leitor é muito talhante quando afirma que preferiria ter perecido numa barricada do que ter perdido as ilusões. O tom dramático dessa passagem, que é perceptível em toda a parte dedicada ao seu drama familiar, é algo muito pronunciado, que tem por objetivo capturar a simpatia e a compaixão do leitor (e ao mesmo tempo indispor o leitor com a personagem de Herwegh, o amante da mulher e seu grande rival).

Além das emoções pungentes que transparecem na língua “viva” de Herzen, é possível apontar o reflexo do seu próprio modo de vida na sua escrita. Herzen foi um exilado, portanto um cidadão do mundo. Certas liberdades tomadas por ele com relação à língua explicam-se também por esse dado marcante da sua vida. Já foi apontado o uso de palavras estrangeiras no texto. Isso também foi um procedimento muito usado por ele na sua publicística (esse ponto será explorado com mais detalhes num capítulo posterior). Há inclusive a criação de neologismos e muitas liberdades com relação à sintaxe, como se esse flamar pelo mundo se refletisse nas páginas da sua obra. Nas palavras de Puritova, “a força da prosa de Herzen [reside] na naturalidade do seu estilo, na deficiência categórica, na permanente busca pela verdade, na originalidade da sua língua”¹⁷⁰.

169 HERZEN, Op. Cit. “(...) Много раз в минуты отчаяния и слабости, когда горечь переполняла меру, когда вся моя жизнь казалась мне одной продолжительной ошибкой, когда я сомневался в самом себе, в последнем, в остальном, приходили мне в голову эти слова: Зачем не взял я ружья у работника и не остался за баррикадой? Невзначай среженный пулей, я унес бы с собой в могилы еще два-три верования”.

170 PURITOVA, Op. Cit., p. 69. “сила герценовской прозы – в естественности его стиля, в отсутствии категоричности, в постоянном поиске истины, в неповторимости его языка”.

Um outro aspecto que explica essa língua viva é o próprio processo de elaboração da obra. O fato de a autobiografia ter demorado muitos anos para ser escrita contribuiu para acentuar essa característica. Nas palavras de Herzen, “*Passado e Pensamentos* não foi escrita de uma vez; anos inteiros separam alguns capítulos. Assim, em tudo ficou o tom do seu tempo e variados estados de espírito – eu não gostaria de apagá-los”¹⁷¹. Ainda sobre a demora da composição da autobiografia, Herzen afirma que esta pode ser encarada como uma “vantagem”, uma vez que, na sua visão, a lentidão é um recurso que auxilia a decantar a “verdade” do passado. Sobre isso ele escreveu: “meu trabalho progrediu lentamente... muito tempo é necessário para que um passado atribulado se decante num pensamento sereno – desapontador, melancólico, mas passível de ser compreendido. Sem isso pode haver sinceridade, mas não *verdade*”¹⁷².

E Herzen tem razão quando diz que seu trabalho progrediu lentamente. O início da escrita da obra está intrinsecamente relacionado ao falecimento de Natalia, após a crise conjugal que acometeu o casal Herzen e que teve como pivô o poeta alemão Herwegh. Devastado pelos acontecimentos da sua vida familiar e desiludido com os caminhos da política europeia pós-1848, Herzen desembarcou na Inglaterra em 25 de agosto de 1852 acompanhado pelo seu filho mais velho, com o intuito de refazer a sua vida destrocada. Estabelecido em Londres, Herzen se viu assombrado pela solidão e pelas memórias do passado. Ele então se debruçou sobre as suas reminiscências e começou a redigir *Passado e Pensamentos*, obstinado pela ideia de restaurar a honra de Natália. Segundo Berlin, “a memória dos terríveis anos de 1848-51 obcecaram os pensamentos de Herzen e envenenaram sua corrente sanguínea: virou uma necessidade psicológica inescapável para ele encontrar alívio livrando-se dessa história amarga. Esta foi a primeira parte das

171 HERZEN, Op.Cit. “Былое и Думы не были писаны подряд; между иными главами лежат целые годы. Оттого на всем остался оттенок своего времени и разных настроений – мне бы не хотелось стереть его”.

172 Idem, ibidem. “Мой труд двигался медленно... много надобно времени для того, чтобы иная была; отстоялась в прозрачную думу – неутешительную, грустную, но примиряющую пониманием. Без этого может быть искренность, но не может быть истины!”.

memórias escrita por ele”¹⁷³. Esse mote inicial, no entanto, logo se esvaeceu e ele se convenceu a abordar nesses escritos tanto aquilo que era da ordem do privado quanto o que era da ordem do público, e transformou sua autobiografia literária em um retrato do seu tempo e, ao mesmo tempo, em um instrumento de transformação da sua época.

Assim, Herzen começou a escrever suas memórias nos últimos meses de 1852. Nesse mesmo ano, ele fundou com o amigo Ogarióv a publicação *Estrela Polar* (*Poliárnaia zvezdá*), voltada à agitação revolucionária e à crítica ao regime de Nicolau I. É nessa revista que publicou, em partes, *Passado e Pensamentos*, sendo que os textos que correspondem às partes finais também foram publicados no periódico *O Sino* (*Kólokol*), que ele lançou em 1857.

A parte correspondente à infância e aos anos de Universidade foi concluída por volta do final de 1853. A seção intitulada *Prisão e Exílio* foi completada no ano seguinte, 1854. Em meados de 1855, as primeiras cinco partes da autobiografia já estavam concluídas e, em 1857, publicadas. Nesse ano, Herzen reviu a parte IV, adicionando novos capítulos, e concluiu a parte mais cara a ele, a quinta, que tratou da sua vida íntima e dos acontecimentos envolvendo Natália. A parte VI foi escrita em 1858. Há um hiato de sete anos no qual Herzen deixa de se dedicar à autobiografia propriamente dita, mas escreve alguns ensaios independentes, que posteriormente são incorporados às partes VII e VIII. As partes VIII e VII (nessa ordem) foram escritas entre 1865-7.

É importante ressaltar que alguns capítulos e trechos só apareceram postumamente, pois Herzen sentiu-se desconfortável para incluí-los. Por exemplo, não foi a versão integral do drama familiar que foi publicada, mas apenas uma parte do capítulo intitulado *Oceano Negro*. Ou ainda, o caso que teve em Viátka com uma mulher casada que depois se tornou viúva (e que ele não quis desposar) e a aventura extraconjugal

173 BERLIN, Isaiah. “Introduction”. In: HERZEN, Alexander. Op. Cit., p. XXX. “the memory of the terrible years 1848-51 obsessed Herzen’s thoughts and poisoned his blood stream: it became an inescapable psychological necessity for him to seek relief by setting down this bitter history. This was the first section of his Memoirs to be written”.

com a serva Catarina, em Moscou (dessa vez quando Herzen já se encontrava casado com Natália), são trechos deliberadamente suprimidos por ele da sua obra autobiográfica que só foram introduzidos novamente após a sua morte.

De qualquer maneira, não é irrelevante o fato da escrita de *Passado e Pensamentos* ter levado mais de uma década, e evidentemente as transformações pessoais de Herzen influenciaram as diversas partes da obra. A escrita, enquanto processo dinâmico e vivo, influenciou o seu resultado. Como escreveu Elsberg: “Certo estava Chelgunóv quando escreveu: (...) diante de você expressa-se um ser pensante que analisa a si próprio e aos seus pensamentos. Este é um processo vivo, de uma pessoa comprometida consigo mesma”¹⁷⁴.

É um equívoco comum, no entanto, se ater a essa característica dispersa e compreender a mesma como um sinal de falta de unidade maior. O fato da autobiografia não apresentar um final propriamente dito, e das partes VI, VII e VIII aparentarem desconexão com as partes que as antecedem contribuiu para que muitos lessem nisso uma falta de direcionamento. Herzen tinha consciência da ausência de concisão do todo da autobiografia. Ele diversas vezes abordou esta ausência de unidade e expressou uma genuína preocupação com o efeito que isto poderia causar no leitor. Na introdução à quinta parte, Herzen comenta a questão da ausência de unidade, exatamente porque nesta a característica seria mais flagrante do que nas demais partes da obra, e relaciona-a ao objetivo principal de conservar a “verdade” daquilo que é narrado: “tem menos unidade aparente do que as primeiras partes. Eu não pude uni-la em uma coisa única. Quando se pretende tapar os buracos, muito facilmente se dá ao todo um outro plano e um outro enfoque, e a verdade anterior desaparece”¹⁷⁵. Mas, no caso específico da quinta parte, a

174 ELSBERG, Op. Cit., p. 449. “Прав был Шелгунов, когда писал: (...) пред вами вслух думающий человек, анализирующий сам себя и свои ощущения. Это... живой процесс, совершаемый человеком над самим собою”.

175 HERZEN, Aleksandr. *Bylóiie i Dúmy*. “Внешнего единства в них меньше, чем в первых частях. Спят их в одно – и никак не мог. Выполняя промежутки, очень легко дать всему другой фон и другое освещение – тогдашняя истина пропадет”.

ausência de unidade se explicava em grande medida em função do suprimento do capítulo sobre o drama familiar, que só foi publicado após a morte de Herzen.

De fato, a ausência de coesão não passou despercebida entre os leitores e críticos de *Passado e Pensamentos*. Para alguns, não se trata de uma falha, mas do princípio formal da obra. Dwight Macdonald, que organizou a versão condensada das memórias para o público norte-americano, afirmou sobre o seu trabalho de suprimir algumas partes de *Passado e Pensamentos*: “é um livro fácil de cortar porque não é realmente um livro. Herzen era por temperamento um anarquista – sua adesão a Proudhon e Bakúnin e sua rejeição a Marx tem razões muito mais profundas do que simplesmente políticas. Dessa forma, ele planejou sua obra-prima de acordo com os melhores princípios anarquistas – ele não o fez”¹⁷⁶. Já a tradutora e comentadora da edição francesa, Daria Olivier, se por um lado, concorda com Macdonald, por outro, enxerga sim um planejamento por trás da suposta ausência de unidade: “o texto é frequentemente entrecortado por eventos episódicos, digressões, histórias anexas, o que a princípio parece insólito. Uma leitura atenta mostra a unidade desse vasto conjunto; seu autor não se furtou de declarar: com a desordem eu faço a ordem”¹⁷⁷. Na nossa análise concordamos com Olivier.

2.5. Da desordem faz-se a ordem

Nas três últimas partes da autobiografia, que de fato não apresentam a unidade do primeiro conjunto, se desenha uma mudança em *Passado e Pensamentos*. O primeiro capítulo da sexta parte, intitulado “A neblina de Londres”, que narra a chegada de Herzen

176 MACDONALD, Op. Cit., p. XIV. “(...) it’s an easy book to cut because it’s not really a book. Herzen was a temperamental anarchist – his adherence to Proudhon and Bakunin and his rejection of Marx had much deeper roots than politics. Therefore, he planned his masterpiece according to the best anarchist principles, i.e., he didn’t”.

177 OLIVIER, Op. Cit., p. 28. “Le récit est souvent entrecoupé d’événements épisodiques, de digressions, d’histoires annexes, ce qui parfoit paraît insolite. Une lecture attentive montre l’unité de ce vaste ensemble; son auteur ne manquait pas de déclarer: Avec le désordre je fais de l’ordre”.

na cidade europeia onde ele se estabeleceu, fecha um grande ciclo. Nesse capítulo, Herzen descreve a sua solidão na cidade e como esta condição contribuiu para a sua transformação interior. Graças a essa transformação, seu desejo de vingança se arrefeceu e Herzen abandonou o projeto do tribunal de notáveis¹⁷⁸. A saudade da pátria tornou-se insuportável e ele passou a sentir a necessidade de reatar os laços com a Rússia, de abrir canais de comunicação com ela. É nesse momento da sua vida que ele começa a escrever *Passado e Pensamentos* e que se precipita na aventura jornalística que trouxe fama e reconhecimento para ele entre os russos. Nas palavras de Lídia Guinsburg, “o primeiro capítulo – *A Neblina de Londres* – é uma transição lírica entre a quinta e a sexta parte. Ele estabelece uma ligação emocional com aquilo que o precedeu. Pela última vez aparece o herói autobiográfico, com a sua tragédia pessoal”¹⁷⁹.

Assim, é possível afirmar que, do ponto de vista da estrutura formal da obra, esse capítulo encerra o conjunto mais coerente das reminiscências de Herzen no que diz respeito à construção do herói. Uma mesma linha perpassa todo esse conjunto, da introdução da primeira parte ao capítulo I da sexta parte. Segundo Guinsburg, o que unifica esse grande pedaço da obra é a coerência do “herói autobiográfico”, que em nenhum momento deixa de coincidir com ele mesmo. Nas outras partes que se seguem a fragmentação é mais evidente, e esse herói perde a consistência e o protagonismo.

Portanto, nas palavras de Guinsburg: “as primeiras cinco partes de *Passado e Pensamentos* recontam a história do amadurecimento do ideólogo do movimento revolucionário russo à luz da ideia preferida de Herzen de choque entre dois mundos – o velho e o novo. O tema dos dois mundos é recorrente nos escritos de Herzen (começando nos esboços românticos de 1830). Em *Passado e Pensamentos*, ele recebe um tratamento

178 Plano acalentado por Herzen que consistia na criação de um comitê de notáveis, composto por grandes nomes da luta revolucionária, que teria o dever de julgar Herweg.

179 HERZEN, Op. Cit., p. 209. “le premier chapitre – Brouillards de Londres – est une transition lyrique entre la cinquième et la sixième parties. Il établit un lien émotionnel avec ce qui précédé. Pour la dernière fois apparaît le héros autobiographique, avec sa tragédie personnelle.”

realista e dialético”¹⁸⁰. A partir da sexta parte, esse ideólogo sai de cena e dá espaço para certos temas que assumem o protagonismo da autobiografia.

Assim, a sexta parte está centrada no tema da revolução burguesa e na emigração não-russa. Nesta parte pululam retratos (algo que já estava presente nas outras cinco partes, mas que domina toda a sexta parte) de revolucionários de outros países da Europa. Há um capítulo intitulado “Os emigrados de Londres”, outro intitulado “Os emigrados alemães”, outro “Camicia Rossa”, sobre Garibaldi etc. A insistência nesses retratos não é ocasional, mas um sintoma das transformações no pensamento do próprio Herzen. Como já foi dito, a escrita da autobiografia, que se deu em um espaço de tempo considerável, foi acompanhando as mudanças das preocupações do seu autor.

Quando ele redige a parte seis, Herzen já não está mais preocupado em expor a sua formação como revolucionário russo. Nesse momento, ele começa a ceder o protagonismo da sua obra para uma nova entidade: o povo e, por conseguinte, o caráter nacional dos povos. Nesse ponto da sua trajetória intelectual, Herzen não quer mais fazer parte da comunidade de revolucionários internacionais e está muito mais comprometido com o que diz respeito apenas ao futuro da Rússia. Isso já se evidencia na atividade jornalística desenvolvida por ele, que será analisada em maiores detalhes em um capítulo separado. A Imprensa Livre Russa, seu apogeu e sua queda é o assunto que domina a sétima parte da autobiografia.

A oitava e última parte é composta por uma miscelânea de textos que tratam de assuntos diversos, por exemplo, impressões sobre cidades da Europa como Veneza, sobre paisagens suíças, sobre a França etc. Em paralelo são abordadas questões nacionais, como o desenvolvimento histórico dos povos latinos, e textos de autores como Pierre Leroux e

180 GINZBURG, Lydia. *On Psychological Prose*. Translated and Edited by Judson Rosengrant. Princeton: Princeton University Press, 1991, pp. 203-204. “The first five parts of *My Past and Thoughts* recount the story of the maturation of an ideologue of the Russian revolutionary movement in the light of Herzen’s favorite idea of a clash between two worlds – the old and the new. The theme of two worlds is pervasive in Herzen’s writing (beginning with the romantic sketches of the 1830’s). In *My Past and Thoughts* it receives a realistic and dialectical treatment”.

Victor Hugo sobre a grandeza da França, e é esse tipo de pensamento ao qual Herzen pretende se contrapor. Assim, nessas partes finais Herzen busca desconstruir o mito da superioridade europeia, porque ele está cada vez mais convencido de que a Rússia é o único país onde a revolução é possível. E para provar o seu ponto, irá se concentrar nos seus companheiros da luta revolucionária na Europa, com o objetivo de expor o erro no qual eles estão insistindo. Como afirmou Lídia Guinsburg, nessa parte da autobiografia sua crítica se concentra em dois alvos muito bem delimitados: “a marginalização da teoria da prática e a marginalização dos radicais burgueses do povo”¹⁸¹.

Complementarmente, outro objetivo de Herzen nas três partes finais de *Passado e Pensamentos* é demonizar o mundo burguês, que na sua visão é sinônimo da vida civil europeia. Nessas três últimas partes abundam trechos sobre esse tipo, por exemplo, no trecho em que Herzen diz que o burguês é aquele a quem “(...) o dinheiro encanta, que sabe o preço do dinheiro e o quão rápido ele se esvai, ao mesmo tempo em que os seus predecessores não enxergavam na riqueza nem dignidade nem interesse, e por isso se arruinaram. Mas se arruinaram com gosto”¹⁸². Salta aos olhos a origem aristocrática de Herzen, que explicaria em grande medida esse desprezo pela burguesia. Em muitas passagens como essa Herzen vai construindo sua narrativa, que visa apontar a decadência dos centros europeus, Paris principalmente, onde a burguesia ascendeu enquanto classe dominante. Na visão de Herzen, as nações que haviam sido dominadas pela classe burguesa tinham se afastado definitivamente do caminho da revolução. Seguindo essa premissa, ele analisa a questão nacional com vistas a identificar em que medida cada povo se encontrava próximo (ou longe) do movimento de libertação que o representa, cujos líderes eram parte do seu círculo e atuavam no coração da Europa.

181 GUINSBURG, Op .Cit., p. 325. “отрывом теории от практики и отрывном буржуазных радикалов то народа”.

182 Idem, ibidem. “давится денбгам и знает их цену и летучесть, в то время как его предшественники по богатству не верили ни в их истощаемость, не в их достоинство - и по-ому разорялись. Но разорялись они со вкусом”.

Garibaldi é um tema recorrente para Herzen, pois no seu ponto de vista ele exemplifica essa fusão perfeita entre povo e revolucionário representante desse povo. Sobre Garibaldi, Herzen escreve nessa sexta parte: “Desde 1848, eu sigo todos os passos da sua grande carreira; já em 1854 ele era para mim um personagem saído diretamente de Cornélio Nepos ou Plutarco... Desde então ele ultrapassou metade deles, e sorratamente se tornou o czar dos povos, a sua esperança, a sua lenda viva, seu homem sagrado, e isso da Ucrânia e Sérvia à Andaluzia e Escócia, da América do Sul aos Estados Unidos”¹⁸³. Outro aspecto levantado por ele nos parece bastante indicativo da intenção de Herzen ao compor sua obra: “a sua pessoa há muito tempo desapareceu atrás da sua causa”¹⁸⁴. Isso se aplica à Garibaldi, mas também à maneira como Herzen analisa todas as personagens históricas que pululam na sua autobiografia, e no limite como retrata a si próprio.

Como já foi assinalado, a intenção de Herzen é sempre apresentar seus personagens por meio da “função histórica” desempenhada por eles, e dessa forma a sua grande contribuição à tradição literária russa é a criação de um outro tipo de herói, ficcional evidentemente, porém embasado pela consciência histórica e circunscrito ao seu tempo. Uma vez que esses personagens são no limite invólucros do seu tempo histórico, não interessa a Herzen recuperar o que diz respeito à subjetividade desses personagens, e é por isso que o tratamento literário que ele dispense com esses personagens concentra-se na evidenciação de aspectos exteriores e sempre emblemáticos desses personagens. Quando fala novamente de Garibaldi, Herzen descreve suas roupas da seguinte maneira: “As roupas dele eram iguais às que você já viu em incontáveis fotografias, pinturas e estátuas: ele vestia uma camisa de lã vermelha e uma capa estranhamente abotoada no

183 HERZEN, Op. Cit. “С 1848 я следил шаг за шагом за его великой карьерой; он уже был для меня в 1854 году лицо, взятое целиком из Корнелия Непота или Плутарха... С тех пор он перерос половину их, сделался невенчанным царем народов, их упованием, их живой легендой, их святым человеком и это от Украины и Сербии до Андалузии и Шотландии, от Южной Америки до Северных Штатов”.
184 Idem, *ibidem*. “(...) его личность давно исчезла в его деле”.

peito; não no pescoço, mas nos ombros carregava uma echarpe, como aquelas dos marinheiros, presa ao dorso. Tudo isso lhe caía muito bem, principalmente a capa”¹⁸⁵. Ou seja, os leitores já sabem de antemão como se veste Garibaldi, da mesma maneira que as representações fotográficas, pictóricas etc., o apresentam. Mas, no limite, o homem Garibaldi sem sua capa não interessa a Herzen, pois ele busca afixar nas suas páginas a imagem de um exemplo de herói da causa revolucionária. E a qualidade “internacional” do herói, além da admiração confessada da parte de Herzen, foi responsável por poupar Garibaldi da sua ironia mordaz, à qual ele recorre sem pudores na sua retratística.

Outros retratados por Herzen nas três partes finais não compactuam da mesma sorte de Garibaldi, e nesse caso as críticas e a ridicularização de posturas é muito recorrente. Já vimos o caso de Mazzini e Ledru-Rollin. Ainda sobre eles, no capítulo II da sexta parte Herzen escreve: “Mazzini encarava a revolução italiana como um fanático; ele acreditava no seu ideal sobre ela. (...) O idealismo de Ledru-Rollin também não era muito complexo, ele recitava na íntegra o discurso da Convenção e os atos do Comitê de Saúde Pública”¹⁸⁶. A continuação desse parágrafo é marcada pela contraposição desses dois revolucionários a um terceiro, Lajos Kossuth: “Kossuth não trouxe consigo da Hungria nem a herança comum da tradição revolucionária, nem as fórmulas apocalípticas de um doutrinário social, mas o protesto da sua terra, o qual ele estudou profundamente – uma terra nova, desconhecida tanto no que se refere às suas necessidades quanto no que se refere às suas formas medievais. Comparado aos seus companheiros, Kossuth era um especialista”¹⁸⁷.

185 Idem, *ibidem*. “Одет он был так, как вы знаете по бесчисленным фотографиям, картинкам, статуэткам: на нем была красная шерстяная рубашка исверхуплащ, особым образом застегнутый на груди; не на шее, а на плечах был платок, так, как его носят матросы, узлом завязанный на груди. Все это к нему необыкновенно шло, особенно его плащ”.

186 Idem, *ibidem*. “Маццини глядит на итальянскую революцию – как фанатик; он верует в свою мысль об ней (...) Революционный идеализм Ледрю-Роллена тоже не сложен, его можно весь прочесть речах Конвента и в мерах Комитета общественного спасения”.

187 Idem, *ibidem*. “Кошут принес с собою из Венгрии не общее достояние революционной традиции, не апокалиптические формулы социального доктринаризма, а протест своего края, который он глубокого изучили, - края нового, неизвестного ни в отношении к его потребностям, ни

Assim, diferentemente do que ocorre com o italiano e com o francês, o revolucionário húngaro goza do apreço de Herzen, principalmente pelo seu conhecimento equilibrado acerca da situação particular do seu país. O equilíbrio de Kossuth é o resultado do estudo pormenorizado das condições práticas da Hungria, o que o poupou de cair em delírios fantasiosos; além disso “ele não esperava a revolução para amanhã”¹⁸⁸. Ora, quem mais estava voltado para as questões internas do seu país e não esperava a revolução para amanhã senão o próprio Herzen? Portanto, salta os olhos mais um dos estratagemas empregados por Herzen em *Passado e Pensamentos*, que é o de diminuir, ridicularizar aqueles com ideias diferentes das suas e, ao mesmo tempo, valorizar aqueles que apresentam pontos de vistas semelhantes aos seus. O Herzen da maturidade estava com os olhos totalmente voltados para a Rússia, como a sua aventura jornalística atesta, ao mesmo tempo em que estava completamente descrente da revolução em solo Europeu e certo da revolução em solo russo. Porém, como veremos com mais detalhes em um capítulo separado, mesmo a revolução na Rússia ele não enxergava como um evento em vias de acontecer, mas como algo que deveria ser construído paulatinamente junto ao povo russo até atingir, no futuro próximo, um estágio de maturação avançado.

Com vistas a esse objetivo de mostrar a si próprio como a alternativa mais certa no campo do pensamento revolucionário da sua época, Herzen vai minando a reputação dos revolucionários célebres dos principais países da Europa Ocidental, como Mazzini, Ledru-Rollin, Louis Blanc, o próprio Marx, entre outros, ao mesmo tempo em que vai sempre se apontado como a novidade, como o depositário da verdade revolucionária. Mas ele é sagaz o suficiente para realizar essa operação erguendo-se sobre os ombros dos grandes nomes do pensamento europeu.

в отношении к его средневековым формам. В сравнении с своими товарищами Кошут был специалист”.

188 Idem, *ibidem*. “он не ждал революции завтра”.

Isso fica muito flagrante nessas partes finais, onde constam alguns ensaios que foram originalmente publicados na Imprensa livre Russa de Herzen e depois incorporados na autobiografia. São ensaios que comentam algumas obras ou alguns pensadores importantes, por exemplo, um capítulo sobre John Stuart Mill e seu livro *Sobre a Liberdade*, ou outro sobre uma obra de Edgar Quinet. Nesses capítulos, o que chama a atenção é o fato de Herzen se utilizar desses autores para legitimar as suas próprias ideias. No caso de Stuart Mill, escreve Herzen sobre o livro do pensador inglês: “mas eis que desponta um livro que se aproxima de tudo que eu disse antes”¹⁸⁹. Ora, Herzen se utiliza de uma teoria de Mill, segundo a qual o aumento das classes médias e, conseqüentemente, da mediocridade em uma sociedade tornam as pessoas acomodadas e inaptas para a revolução, para reforçar a sua própria teoria acerca da inviabilidade da revolução na Europa Ocidental. Além disso, Herzen não perde a oportunidade de se apontar como aquele que formulou, antes de Mill, as ideias que tornaram célebre o pensador inglês.

Herzen escreve algo parecido sobre uma obra de Edgar Quinet. Ele aponta o fato de ter ideias muito parecidas às de Quinet, mas, como um adendo, Herzen afirma que sua satisfação ao perceber que algumas das suas ideias reaparecem no texto do pensador francês não advém do seu “complexo de vira-lata”, pois ele mesmo não se sente dessa forma, mas sim do efeito que essa constatação iria causar entre seus amigos compatriotas, que nutrem uma reverência infundada com relação aos pensadores europeus. Podemos acreditar em Herzen, mas seu ímpeto de negar esse sentimento pode muito bem indicar o contrário do que ele diz, ou seja, que sim, ele se sentia inferior aos europeus e ficava mais confiante ao ser respaldado por um pensador de renome como Quinet. Mas vamos deixar que Herzen fale por si próprio:

“É por causa dos meus próximos que eu estou feliz por ter encontrado Quinet. Nossos amigos até hoje, tendo em vista a atitude arrogante que muitos deles adotam com

189 Idem, *ibidem*. “но вот является книга, идущая далеко дальше всего, что было сказано мною (...)”.

relação à autoridade europeia, escutam [aos europeus] mais do que aos seus irmãos. Por isso eu tento, quando posso, colocar o meu pensamento sob a tutela da babá europeia. Agarrando-me a Proudhon, eu disse que às portas da França não havia Catilina, mas a morte; agarrando-me aos domínios de Stuart Mill, eu avisei sobre a chinização dos ingleses, e estou satisfeito de poder segurar nas mãos de Quinet e dizer: eis o que meu honorável amigo Quinet disse, em 1867, sobre a Europa latina, e que eu já havia dito a mesma coisa em 1847 e nos anos seguintes”.¹⁹⁰

Em síntese, essas três partes finais de *Passado e Pensamentos* serão marcadas por esses comentários de obras de terceiros e por retratos de revolucionários europeus, mas o que aparentemente consiste em uma compilação aleatória de assuntos diversos, na verdade é uma narrativa consciente cujo objetivo é a comprovação de uma tese. Como já assinalamos, nessas três últimas partes não se encontra a mesma unidade das cinco primeiras, que estão centradas no herói de *Passado e Pensamentos*. Mas se esse herói perde o protagonismo, ao mesmo tempo a ideia de Herzen enquanto pensador assume a dianteira da obra. Então nos deparamos o tempo todo com a reafirmação da ideia principal de Herzen segundo a qual a Europa Ocidental, uma vez aburguesada, tornou-se inapta para a revolução. Os revolucionários das mais diferentes nacionalidades, com seus acúmulos de erros, são um indicativo da falência do movimento de libertação na Europa. O objetivo de Herzen é provar que a sua teoria do socialismo em solo russo é a única viável e que os outros revolucionários europeus são todos, na sua essência, homens equivocados por acreditarem na revolução em algum país da Europa Ocidental. Herzen está o tempo todo comprovando que todos estão enganados, com exceção dele próprio, e

190 Idem, *ibidem*. “(...) Вот для родственников – то и я рад тому, что встретился с Кине. Наши друзья до сих пор, несмотря на заносчивую позу, которую многие из них приняли относительно европейских авторитетов, их больше слушают, чем своего брата. Оттого-то я и старался, когда мог, ставить свою мысль под покровительство европейской нянюшки. Ухватившись за Прудона, я говорил, что у дверей Франции не Катилина, а смерть, держась за полу Стюарта Миля, я твердил об английском кимаизме и очень доволен, что могу взять за руку Кине и сказать: Вот и почтенный друг мой Кине говорит в 1867 о латинской Европе то, что я говорил обо всей в 1847 и во все последующие”.

toda a sua obra é orientada por duas frentes: por um lado, ela visa expor a própria tese sobre o futuro do socialismo, que ele compreendeu após atravessar todas as etapas da sua vida, e por outro, ela é uma peça de propaganda para que esse ideal se realize no futuro. Como já foi apontado anteriormente, essa dimensão “didático- pedagógica” da autobiografia era intencional e visava servir à luta. Nas palavras do próprio Herzen, as suas meditações deveriam servir à ação. Uma análise mais detalhada dessa teoria do socialismo russo desenvolvida por Herzen lançará luz sobre os pensamentos (*dúmy*) indicados no próprio título da obra.

CAPÍTULO 3

HERZEN E A ÁLGEBRA DA REVOLUÇÃO

3.1. A febre Hegeliana

Na quarta parte de *Passado e Pensamentos*, Herzen descreve o seu retorno a Moscou após os anos que passou na prisão e no exílio, durante o período que ficou conhecido na história da intelectualidade russa como a “febre Hegeliana”. Herzen ficou estupefato com as mudanças ocorridas no seu círculo de amigos e se deu conta de que “o círculo de jovens que se formou ao redor de Ogarióv não era nosso círculo anterior. Apenas dois dos antigos amigos, além de nós, estavam presentes. Tom, interesses, preocupações – tudo havia mudado. Os amigos de Stankiévitich estavam em primeiro plano; Bakúnin e Bielínski eram as cabeças do grupo, cada um com um tomo da filosofia de Hegel nas mãos e com a intolerância juvenil sem a qual não se pode manifestar arraigadas convicções”.¹⁹¹

A recepção nesse meio enfeitado pelas ideias de Hegel mostrou a Herzen que, se por um lado, seus antigos amigos estavam contentes em revê-lo, por outro as suas concepções eram consideradas ultrapassadas. Assim, “meus novos conhecidos me receberam como se recebem emigrados e velhos combatentes, ou ainda pessoas liberadas das detenções, oriundas dos grilhões ou do exílio: com uma respeitosa condescendência, com prontidão para incluí-los em seu círculo, mas ao mesmo tempo sem fazer concessões,

191 HERZEN, Op. Cit. “Круг молодых людей – составившийся около Огарева, не был наш прежний круг. Только двое из старых друзей, кроме нас, были налицо. Том, интересы, занятия – все изменилось. Друзья Станкевича были на первом плане; Бакунин и Белинский стояла в их главе, каждый с томом Гегелевой философии в руках и с юношеской нетерпимостью, без которой нет кровных, страстных убеждений”.

indicando que eles são o *hoje*, e nós, o *ontem*, e exigindo de nós a aceitação incondicional da *Fenomenologia e Lógica* de Hegel de acordo com a interpretação deles”¹⁹².

A interpretação hegemônica do sistema metafísico de Hegel no círculo dos amigos de Herzen foi elaborada por Mikhail Bakúnin, que enxergava o filósofo alemão “como autor de uma doutrina do total quietismo político e da incondicional aceitação da realidade”¹⁹³. Essas ideias foram abraçadas com fervor por Vissariôn Bielínski no período da sua biografia que os estudiosos chamaram de “conciliação com a realidade”¹⁹⁴, e por causa dessa postura Herzen rompeu relações com o célebre crítico literário russo. Essa interpretação parte da tese de Hegel segundo a qual o processo histórico é a materialização da razão divina universal, cujo movimento inexorável se dá em direção a uma finalidade última, sendo esta a realização da *liberdade* entre os homens. Para Hegel a liberdade “não é senão o reconhecimento e a adoção de objetos substanciais universais, tais como Direito e Lei, e a produção de uma sociedade que está de acordo com eles – o Estado”¹⁹⁵.

O objetivo final, segundo a lógica hegeliana, será necessariamente alcançado por meio da ação dos homens, que são instrumentos desse processo histórico que tem uma direção pré-determinada e que se cumpre por etapas. No entanto, os homens não são considerados agentes ativos, mas passivos, análogos a condutores de uma corrente elétrica. A cada nação cabe oferecer a sua contribuição particular para o progresso da História. Os indivíduos, por sua vez, detêm um papel que “só parcialmente se explica mediante a consideração dos seus interesses imediatos e conscientes; deve fazer-se

192 Idem, *ibidem*. “Новые знакомые приняли меня так, как принимают эмигрантов и старых бойцов, людей, выходящих из тюрем, возвращающихся из плена или ссылки, с почетным снисхождением, с готовностью принять в свой союз, но с тем вместе не уступая ничего, а намекая на то, что они – сегодня, а мы – уже вчера, и требуя безусловного принятия Феноменологии и Логике Гегеля, и притом по их толкованию”.

193 FRANK, Joseph. *Dostoiévski- As Sementes da Revolta*. São Paulo: Edusp, 200, p. 164.

194 Para maiores informações sobre Bielínski recomendamos a leitura de: ESTEVES, Renata. *Vissariôn G. Belínski: uma apresentação*. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Pulo, 2011.

195 GARDINER, Patrick. *Teorias da História*. Lisboa: Fundação Couluste Gulbenkian, 1974, p. 72.

referência às poderosas forças históricas de que eles são tanto os instrumentos como (até certo ponto) os intérpretes”¹⁹⁶.

Essas ideias em solo russo adquiriram uma radicalidade espantosa, que se traduziu na defesa, entre importantes nomes da corrente progressista, de uma atitude passiva diante da autocracia. Bakúnin e Bielínski, como num lapso nas suas aguerridas trajetórias de contestação, resolveram cruzar os braços como os “budistas de Berlin”. Para Herzen, tal atitude beirava o nonsense, “como se tal concepção não fosse oposta à alma russa, sinceramente equivocada, aceitaram-na nossos hegelianos moscovitas. Bielínski, o mais ativo, aguerrido, dialético – de fervorosa natureza combativa – pregava agora a serenidade contemplativa hindu e o estudo teórico no lugar da luta”¹⁹⁷. Incrédulo, Herzen rompeu relações com o crítico, para restabelecê-las alguns meses depois durante uma viagem a São Petersburgo. A reaproximação foi selada durante um encontro intermediado por Ogarióv que, segundo Herzen, considerava, assim como ele, as ideias hegelianas de Bielínski uma “doença passageira”.

É importante ter em mente que Herzen escreveu essas páginas de indignação contra seus amigos “ludibriados” pelo hegelianismo muitos anos depois dos fatos narrados, do alto da sua derradeira interpretação de Hegel. Entretanto, a ideia que ele quer passar em *Passado e Pensamentos* de alguém imune a febre Hegeliana não se sustenta, se levarmos em conta a centralidade de Hegel no panorama do pensamento russo desse período. E tendo em mente a personalidade bastante egocêntrica de Herzen, podemos interpretar suas diferenças com os seus velhos amigos do círculo de Moscou também como uma questão de amor próprio ferido, uma vez que a sua interpretação de Hegel não foi abraçada de imediato pelos companheiros e Herzen não conseguiu exercer qualquer

196 Idem, ibidem, p. 73.

197 HERZEN, Op. Cit. “(...) Как такое воззрение ни было противоположно русскому духу, его, откровенно заблуждаясь, приняли наши московские гегельянцы. Белинский- самая деятельная, порывистая, диалектически – страстная натура бойца, проповедовал тогда индийский покой созерцания и теоретическое изучение вместо борьбы”.

papel de liderança dentro desse círculo, sendo que esse lugar de destaque era algo extremamente valorizado por ele.

Herzen foi um jovem dos anos 1830, sendo que estes, nas palavras de Pavlov, “estavam certos de que alcançariam os píncaros do conhecimento através da aplicação indiscriminada a absolutamente tudo dos princípios da filosofia alemã”¹⁹⁸. É fato que ele tinha interesses variados, que não se restringiam à filosofia alemã, mas que essa característica da sua geração deixou traços no seu desenvolvimento intelectual é algo difícil de objetar. Por conseguinte, assim como todo jovem de sua geração, Herzen estudou profundamente a filosofia de Hegel e também foi um hegeliano.

Da época de seu exílio em Vladimir, no ano de 1838, encontra-se em seus registros elogios à harmonia do sistema filosófico do pensador alemão, considerado por ele um forte “consolo”. Em cartas de 1839, encontramos entre os pedidos que ele encaminhava ao amigo Ketcher uma demanda por “alguma coisa dos hegelianos”, ao que se seguiu, duas semanas depois, um apelo mais resolutivo “me dê Hegel!”¹⁹⁹. A estudiosa A. Kelly chama a atenção para o fato de Herzen nessa época ter entrado em contato com autores hegelianos de esquerda, o que teria sido determinante para que sua interpretação acerca do filósofo alemão tomasse uma direção oposta ao dos seus amigos moscovitas, que leram Hegel a partir de uma chave mais conservadora. Pois “os primeiros divulgadores russos de Hegel nos anos 1830 eram do círculo de Stankiévitich. A partir de 1835, Stankiévitich passou a ver a filosofia divorciada da História como estéril e embarcou em um estudo sistemático de Hegel, tendo adquirido as obras completas do alemão. Ele exaltou principalmente a visão de Hegel sobre o Estado como ‘o único refúgio do capricho

198 KELLY, M. ALLEN. *The Discovery of a Chance*. Cambridge/Massachusetts: Harvard University Press, 2016, p. 116. “believed themselves to have attained the heights of knowledge by applying to everything the principles of German philosophy”.

199 Idem, ibidem, p. 149. “something by the Hegelians”; “Give us Hegel”.

subjetivo’, a única esfera na qual os seres humanos poderiam alcançar a realização individual”.²⁰⁰

Assim, liderados por Stankiéovich, que depois deixou a Rússia rumo a Alemanha para beber na fonte direta do hegelianismo, a ala progressista, como já mencionamos aqui, numa inversão heterodoxa considerando-se a orientação original do grupo, aprofundou a tal “conciliação com a realidade” que a retirou, por um breve período, da linha de frente da luta contra o czarismo. Os liberais russos, por sua vez, também praticavam um “contorcionismo filosófico” ao tentar integrar o Estado russo como eles conheciam, portanto autocrático, no esquema hegeliano de progresso racional, e enquanto esses dois grupos embrenhavam-se nesses intrincados paradoxos, Herzen estava se aproximando de Hegel através de um caminho diferente: via leituras de esquerda. Dentre os Hegelianos de esquerda, aos quais Herzen recorreu, destaca-se o polonês Count August von Cieszkowski. Tanto A. Kelly quanto U. Schmid defendem que esse autor teria influenciado de forma determinante a interpretação de Herzen acerca do sistema hegeliano. Mas quem foi Cieszkowski?

“Cieszkowski foi um dos principais representantes dos ‘velhos’ Hegelianos de esquerda, assim chamados porque, diferentemente do grupo que se tornou proeminente nos anos 1840, eles não rejeitavam o método especulativo de Hegel a priori. Ao contrário, eles buscavam incorporá-lo no projeto de reforma radical, adotando o seu diagnóstico da era como de crise e transição impelida pelo senso agudo dos seres humanos da profunda divisão nas consciências, mas sustentando que essas divisões não poderiam ser sanadas por meio do pensamento especulativo. Produto do ‘velho mundo’ do dualismo, isso poderia explicar a

200 Idem, *ibidem*, p. 151. “The first Russian propagators of Hegelianism in the 1830s were the Stankevich circle. By 1835 Stankevich had come to see philosophy divorced from history as sterile and embarked on a systematic study of Hegel, having acquired a complete set of his work. He extolled Hegel’s view of the state as the ‘sole refuge from subjective caprice’, the only sphere in which humans could achieve self-realization”.

História apenas post factum e não seria capaz de moldar o futuro. Com Hegel a filosofia atingiu sua culminância: através da revelação das leis da história ela abriu caminho para uma nova era de ‘filosofia da ação’ na qual as divisões da consciência humana seriam superadas, não pelo pensamento, mas pelo desejo, por meio de uma síntese de pensamento e ação para o qual Cieszkowski cunhou o termo ‘práxis’²⁰¹.

A ideia de práxis presente no pensamento de Cieszkowski influenciou consideravelmente a leitura que Herzen empreendeu de Hegel. O excesso de metafísica e o convite à inação são aspectos da filosofia hegeliana contra os quais Herzen se insurgiu ainda jovem. A História do Espírito do Mundo (considerando-se o espírito do mundo como a razão e seus subprodutos), que tem como objetivo último assemelhar-se ao Espírito Divino e que é explicitada por Hegel nas mais diferentes áreas (arte, política, cultura), aos olhos de Herzen carregava uma inclinação fortemente teológica e consistia, na sua visão, em uma História desprovida de concretude, de práxis. Nas suas palavras: “Hegel mais indicou do que desenvolveu a ideia de atividade... Ao descrever as áreas de influência do espírito ele fala da arte, da ciência, e esquece a atividade prática, que está, por sua vez, associada a todos os acontecimentos da História”.²⁰²

Uma maneira de resolver esse incômodo referente a ausência da atividade, que era o foco do grande descontentamento de Herzen com o hegelianismo, foi exatamente se

201 Idem, *ibidem*, p. 152. “Cieszkowski was one of the principal representatives of the ‘old’ Left Hegelians, so called because, unlike the variety that came to prominence in the 1840s, they did not reject Hegel’s speculative method a priori. Instead they sought to incorporate it into a blueprint for radical reform, adopting his diagnosis of the age as one of crisis and transition impelled by human’s acute sense of the deep divisions in consciousness, but arguing that these divisions could not be healed by speculative thought. A product of the ‘old world’ of dualism, it could explain history only post factum and could not shape the future. With Hegel philosophy had reached its culmination: by uncovering the laws of history it opened the way to a new era of the ‘philosophy of action’ where the divisions in the human consciousness would be overcome, not by thought, but by will, through a synthesis of thought with action for which Cieszkowski coined the term ‘praxis’”.

202 VENTURI, Franco. *Les intellectuels, le peuple et la révolution: histoire du populisme russe au XIX siècle*. Paris: Galimard, 1972, p. 126. “Hegel a plus indiqué que développé l’idée de l’activité... Em décrivant les régions de l’esprit, il parle de l’art, de la Science, et il oublie l’activité pratique, qui est pourtant étroitement associée à tous les événements de l’histoire”.

voltar para intérpretes, como Cieszkowski, que de fato desenvolveram a ideia de atividade apenas indicada por Hegel. Assim, “a expectativa de Cieszkowski por um futuro melhor, o qual, por sua vez, dependeria não apenas do progresso da consciência, mas da ação humana, se encontrou com o desapontamento de Herzen com o panlogismo de Hegel”²⁰³. A demanda de Cieszkowski por uma “filosofia da ação” como uma forma de trazer para o plano da realidade o que se desenhava no plano da consciência, e de que o movimento do espírito por si só não bastava para a compreensão do movimento da História, já que o plano da luta implacável levada a cabo pelos seres humanos não podia ser desprezada, aproximaram Herzen do pensador polonês. Portanto, “a ideia de que a História tem que ser criada e impulsionada para frente pelos homens é central tanto para Cieszkowski quanto para Herzen”²⁰⁴, e o aprofundamento do diagnóstico do hegelianismo como uma “filosofia da ação” foi aprimorada por Herzen na sua célebre interpretação do sistema filosófico de Hegel como a “álgebra da revolução” à qual nos reportaremos mais adiante.

Na década de 1840, Herzen publicou o ensaio “Diletantismo na Ciência” na revista *Os Anais da Pátria*, no ano de 1843, na época sob o comando editorial de Bielínski. Nesse artigo, como o nome indica, ele critica os “diletantismos” nas ciências, dentre os quais o dos “budistas das ciências”, ou os hegelianos de direita que se preocupam apenas com a dimensão especulativa sem se ater às questões concretas da vida. Como alternativa ele propõe uma filosofia da ação engajada, que visa conciliar especulações abstratas com necessidades urgentes da vida humana.

Para Herzen, a cisão entre a filosofia e a política inerente à interpretação conservadora do hegelianismo adquire, a seus olhos, a feição de um estratagema que priva a História da sua base real. É por isso que, dos elementos do sistema filosófico do gênio

203 SCHMID, Ulrich. “The Family Drama as an Interpretative Pattern in Aleksandr Gercen’s *Byloe I Dumi*”. In: *Russian Literature*. N. LXI, (2017) I/II, p. 82. “Cieszkowski’s expectation of a better future, which, however, would not rely solely on the progress of consciousness, but on human action, matched up with Gercen’s disappointment with Hegel’s panlogism”.

204 Idem, *ibidem*, p. 82. “the idea that history has to be created and pushed forward by man is central to both Cieszkowski and Gercen”.

alemão, “a filosofia da História lhe parece a parte mais caduca do sistema hegeliano, uma construção artificial que não faz outra coisa a não ser mascarar a História”²⁰⁵. À essa maneira puramente especulativa de interpretar a realidade histórica Herzen contrapôs a “filosofia da ação” (*Filosófia diéla*), ideia que evidentemente pegou emprestada de Cieszkowski. Assim, Herzen descarta o que não lhe interessa da filosofia Hegeliana, mas não abre mão da dialética, que se torna um motor do seu pensamento revolucionário. Nas palavras de Franco Venturi, “eis o que restou-lhe da filosofia de Hegel: a fé no desenvolvimento, na interpretação da dialética não mais como uma filosofia da História, mas como um movimento que possui em si o seu próprio valor. É o que o fará dizer mais tarde que a embriologia da História é diferente do desenvolvimento da dialética do espírito. Ainda uma outra vez ele resumiu seu pensamento afirmando que a filosofia de Hegel era ‘a álgebra da revolução’”²⁰⁶.

3.2. Álgebra da revolução

A ideia de “álgebra da revolução” é um dos aforismos mais citados de Herzen. John Rees, no seu livro intitulado *The Algebra of Revolution*, aponta que “foi Herzen quem primeiro descreveu a filosofia de Hegel como a ‘álgebra da revolução’”²⁰⁷. Trótski também menciona o lampejo sagaz que ocorreu a Herzen com essa definição da filosofia Hegeliana, mas ele pega emprestada a ideia de álgebra e a aplica na definição do marxismo: “Herzen disse que a doutrina de Hegel é a álgebra da revolução. Esta definição

205 Idem, ibidem, p. 125. “(...) la philosophie de l’histoire lui sembla la parti ale plus caduque du système hégélien, une construction artificielle qui ne faisait que masquer l’histoire”.

206 Idem, ibidem, p. 126. “Voilà donc ce qu’il lui restait de la philosophie de Hegel: la fois dan le développement, l’interprétation de la dialectique non plus comme une philosophie de l’histoire, mais comme um mouvement qui possède en soi as propre valeur. C’est ce qui lui fera dire plus tard que l’embryologie de l’histoire est différente du développement de la dialectique de l’esprit. Une autre fois encore il a résumé as pensée en disant que la philosophie de Hegel était l’algèbre de la révolution”.

207 REES, John, *The Algebra of Revolution: The Dialectic and the Classical Marxist Tradition*. Londres: Routledge, 1998, p. 139. “It was Herzen who first described Hegel’s philosophy as ‘the algebra of revolution’”.

aplica-se ainda mais corretamente ao marxismo. A dialética materialista da luta de classes constitui a verdadeira álgebra da revolução. Reinam o caos, o cataclismo, o informe e o ilimitado, na arena visível aos nossos olhos. Mas é um caos calculado e medido. Suas etapas estão previstas. Fórmulas inexoráveis encerram e antecipam a regularidade de sua sucessão. No caos dos elementos há o abismo dos cegos. Mas a clarividência e a vigilância existem na direção política. A estratégia revolucionária não é informe como a força da natureza; é acabada como a fórmula matemática. Vemos, pela primeira vez na história, a álgebra da revolução funcionar”²⁰⁸.

A definição de Trótski para a “álgebra da revolução”, mas no caso aplicada ao marxismo, nos interessa especialmente pela maneira como ele se detém ao que está implicado no termo “álgebra”. A ideia de se ter um controle sobre o caos, uma vez que as variáveis são conhecidas, e de que o caos pode ser “calculado” e “medido” é o que explica em grande medida o impulso de Herzen de ter tomado emprestado um conceito da matemática para pensar a revolução. Pesam sobre esse conceito as noções de “previsão”, “regularidade” e, finalmente, como colocou Trótski, que a “estratégia revolucionária (...) é acabada como uma fórmula da matemática”.

Não devemos perder de vista a formação universitária de Herzen. No início do século XIX, mais especificamente no ano de 1804, foi criada na Universidade de Moscou a Faculdade de Física e Ciências Matemáticas, “que oferecia cursos de matemática pura e aplicada, física teórica e experimental, química, mineralogia, agricultura e tecnologia comercial e industrial”²⁰⁹. Quando Herzen iniciou seus estudos universitários, em 1829, esse currículo havia se mantido praticamente inalterado, e ele escolheu ingressar exatamente nessa faculdade.

208 TROTSKI, Leon. *Literatura e Revolução*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980, 2ª edição, p. 95.

209 KELLY, Op. Cit., p. 51. “which offered courses in pure mathematics, applied mathematics, theoretical and experimental physics, chemistry, mineralogy, agriculture, and industrial and commercial technology”.

Uma vez que Herzen estudou matemática no ensino superior, seu domínio de conceitos matemáticos, como o conceito de álgebra, era algo inquestionável. Antes do século XIX a álgebra era definida como o estudo da solução de equações polinomiais, definição esta que os estudiosos chamam de *clássica*. Já no século XX, a álgebra passou a ser definida como o estudo de sistemas axiomáticos abstratos, ou simplesmente de estruturas matemáticas tais como grupos, anéis e corpos, definição que, por sua vez, os estudiosos chamam de *moderna*. A transição entre álgebra clássica e a álgebra moderna ocorreu durante o século XIX, e significou a predominância da álgebra abstrata.

Segundo Israel Kleiner, “a álgebra abstrata surgiu principalmente porque os matemáticos não conseguiam resolver problemas clássicos (anteriores ao século XIX) através de meios clássicos. (...) a álgebra abstrata surge na tentativa de se solucionar problemas ‘concretos’, promovendo assim confirmação do dictum paradoxal de Whitehead, segundo o qual ‘as maiores abstrações são as armas verdadeiras às quais podemos recorrer para controlar nossa compreensão do fato concreto’. Colocado de outra maneira: não há nada mais prático do que uma boa teoria”.²¹⁰

Não temos espaço aqui para desenvolver mais demoradamente o conceito matemático de álgebra, mas é interessante levarmos em consideração essa ideia de lançar mão de uma abstração, no caso a álgebra, para se controlar no plano das ideias dados da realidade. Herzen, por sua vez, lançou mão da dialética criada por Hegel para criar o aporte teórico para o entendimento dos mecanismos que transformariam a revolução em uma saída necessária e incontornável. Dessa forma, apoiado em Hegel, Herzen entendeu que tudo que é real é racional, e conseqüentemente a rebelião contra a ordem opressiva é algo justificado pela razão.

210 KLEINER, Israel. *A History of Abstract Algebra*. Boston: Birkhauser, 2007, p. XI. “Abstract algebra came into existence largely because mathematicians were unable to solve classical (pre-nineteenth-century) problems by classical means. (...) ‘abstract’ algebra has arisen in attempts to solve some of these “concrete” problems, thus providing confirmation of Whitehead’s paradoxical dictum that ‘the utmost abstractions are the true weapons with which to control our thought of concrete fact.’ Put another way: there is nothing so practical as a good theory”.

Herzen se fixou especialmente na ideia de Hegel segundo a qual “a história nos ensina que aquilo que nos pode parecer trivial nem sempre existiu no mundo”²¹¹, portanto que o movimento do espírito não é uma repetição infinita, mas uma constante transformação que nasce exatamente da atividade de ultrapassar a imediatidade, negando-a, e retornar a si. Dessa forma, o ato próprio do espírito de transmutar-se num outro princípio superior, pois o espírito, ao refletir sobre si destruindo a determinação do seu ser e apreendendo o seu universal, se qualifica para imprimir ao seu princípio uma nova determinação, é entendido por Herzen como um retorno à ação após a conquista dessa verdade abstrata, e é dessa forma que a dialética é compreendida como “álgebra da revolução”. Assim, como afirma Venturi, “o socialismo russo dos anos 1840 tinha então atrás de si seus entusiastas formados na filosofia de Hegel, e isto contribuiu para lhe dar um aspecto particular. Não se tratava mais de um elo romântico ao redor de uma palingênese; era, ou almejava ser, a busca de uma verdade política e ao mesmo tempo filosófica”.²¹²

No entanto, como já foi assinalado, a compreensão de Hegel e da importância da dialética como a “álgebra da revolução” foi apenas o pontapé inicial para o desenvolvimento da teoria revolucionária de Herzen, que dependeu muito mais da análise da sociedade russa e dos debates intelectuais da sua época para se desenhar. No plano concreto das questões da ordem do dia, Herzen desenvolveu uma nova tese acerca do futuro do socialismo na Rússia que impactou profundamente o seu tempo. Como inúmeros estudiosos salientaram, embasados pelos relatos do próprio Herzen, a decepção com o desfecho da Revolução de 1848 significou o ponto de virada do seu pensamento.

211 CARDACHEVSKI, Cristiana Maria. “Idéia e progresso em Hegel – Álgebra da Revolução”. *Primeiros escritos*, nº1, DF/USP, 1997/98, p. 56.

212 VENTURI, Op. Cit., p. 128. “Le socialisme russe des années 1840 avait désormais derrière lui ses classes, faites sur la philosophie de Hegel, et cela contribuait à lui donner un aspect particulier. Ce n’était plus un élan romantique vers une palingénésie; il était, ou il voulait être, recherche d’une vérité politique et en même temps philosophique”.

Franco Venturi afirma que “as jornadas de junho foram decisivas para ele”²¹³. Herzen dedicou páginas e mais páginas a esse acontecimento, páginas estas que figuram “entre as mais impressionantes já escritas sobre 1848 e sobre Paris”²¹⁴.

3.3. Os efeitos da Revolução de 1848 no pensamento de Herzen

Ao analisar os efeitos da revolução sobre si próprio em *Passado e Pensamentos*, Herzen afirma: “mas pode alguém passar pelas provações dos anos de 1848 e 1849 e permanecer o mesmo? Eu mesmo sinto esta metamorfose”²¹⁵. Seus amigos e leitores também perceberam, segundo ele, as mudanças decorrentes da vivência das revoluções de 1848: “Um ano e meio passado no coração dos conflitos e tensões políticas, em um estado de irritação permanente, espectador de cenas sangrentas, de golpes terríveis e traições mesquinhas; tudo isso depositou muita amargura, aflição e cansaço no fundo da minha alma. A ironia adquiriu um novo caráter”²¹⁶.

A *ironia* é o recurso mais largamente utilizado por Herzen nos seus escritos, e ao mesmo tempo é entendida como um traço constitutivo dos homens do seu tempo. Assim, para Herzen, aquele que faz uso da ironia dá vazão a sua desilusão, que não se trata de um estado de espírito individual, estritamente pessoal, mas de um sintoma do tempo histórico no qual esse sentimento é gestado. Aqui já se desenha a forte conexão entre o indivíduo e a História que é o ponto de chegada do pensamento herzeniano. Sobre a ironia, Herzen escreveu: “a ironia expressa o desgosto com o fato de que a verdade lógica não é

213 Idem, *ibidem*, p. 148. “les journées de juin furent pour lui décisives”.

214 OEHLER, Op. Cit., p 223. “parmi les plus impressionnants jamais écrites sur 1848 et sur Paris”.

215 HERZEN, Op. Cit. “Но мог ли человек пройти искусом 1848 и 1849 года и остаться тем же? Я сам чувствовал эту перемену”.

216 Idem, *ibidem*. “Полтора года, проведенные в средоточии политических смут и распрей, в постоянном раздражении, в виду кровавых зрелищ, страшных падений и мелких измен, осадили много горечу, тоски и устали на дне души. Ирония принимала другой характер”.

idêntica à verdade histórica, que, além da evolução dialética, ela [a História] possui a sua fervorosa e imprevisível evolução, que, acima da razão, contém seu próprio romance”.²¹⁷

Assim, nesse momento da sua trajetória, começa a se desenhar diante de Herzen a sua ideia força segundo a qual a História não é lógica, nem segue um sentido estrito, e por ser feita pelos homens e mulheres é repleta de arbitrariedades e movimentos que não obedecem à razão. Dessa forma, Herzen torna-se cético e desprendido do idealismo, o que o liberta para conceber uma nova interpretação para a história da Europa Ocidental com base na sua experiência do fracasso da revolução. Ele então deixa de considerar a Europa Ocidental o terreno onde necessariamente a revolução socialista floresceria e volta seus olhos para a sua terra natal – a Rússia czarista e feudal.

Sobre a descrença na viabilidade da Revolução na Europa Ocidental, Herzen escreveu em *Passado e Pensamentos*: “Em Genebra eu comecei a perceber cada vez mais claramente que a revolução não apenas tinha sido derrotada, mas que ela tinha que ter sido derrotada”²¹⁸; mais adiante, acometido pela dor, ele escreve: “o coração languesceu por causa dessa dura verdade: a lição dessa difícil página teve que ser vivenciada”²¹⁹. Ele então explicita os motivos que embasam a sua conclusão, ciente, no entanto, de que “destruir os sonhos é sempre um ato desagradável”²²⁰.

Herzen enumera as razões para o fracasso da revolução. Segundo ele, a ignorância dos russos a respeito da Europa advém do fato de que “nós [os russos] de maneira geral conhecemos a Europa de maneira escolar, literária, ou seja, nós não a conhecemos”²²¹. Após viver alguns anos na Europa Ocidental, Herzen sente-se apto a afirmar que a visão idealizada dos russos acerca dos países desse continente não corresponde à realidade –

217 Idem, *ibidem*. “Иронией высказывается досада, что истина логическая – не одно и то же с истиной исторической, что, сверх диалектического развития, она имеет свое страстное и случайное развитие, что, сверх своего разума, она имеет свой роман”.

218 Idem, *ibidem*. “В Женеве я стал понимать яснее и яснее, что революция не только побеждена, но что она должна была быть побежденной”.

219 Idem, *ibidem*. “Сердце изнывало от этих тяжелых истин: трудную страницу воспитания приходилось переживать”.

220 Idem, *ibidem*. “Разрушать мечты вообще дело неприятное”.

221 Idem, *ibidem*. “Мы вообще знаем Европу школьно, литературно, то есть мы не знаем ее”.

“vivendo um ano ou dois na Europa, nós com assombro vimos que, no geral, os ocidentais não correspondem à nossa concepção sobre eles, e que eles estão muito aquém daquilo que imaginamos”.²²²

Herzen associa a falência civilizacional da Europa Ocidental à emergência da classe burguesa e à universalização dos valores antes circunscritos a ela. Em uma análise próxima à de Dostoiévski em *Notas de Inverno sobre Impressões de Verão*, Herzen também credita à monetarização de todas as esferas da vida europeia a principal razão do colapso dessa civilização. Herzen escreve: “sob a influência da burguesia tudo se transformou na Europa”²²³ e “a vida se reduziu a uma permanente luta por dinheiro”.²²⁴

Para Herzen, os Estados (mesmo quando se tratam de governos republicanos) cuidam de interesses privados (da burguesia) como se estivessem cuidando de interesses públicos, e o sufrágio universal (onde ele se implementou) consistiu apenas em um meio de manipulação das massas, para que estas legitimassem a defesa dos interesses da classe burguesa sob a aparência da livre participação na política. A burguesia fez, prossegue Herzen, do protestantismo a sua religião e tentou fazer da revolução a sua república, mas ao perceber que esta foi longe demais não tolerou as suas consequências e sufocou-a de uma vez por todas, para que ela não destruísse a ordem burguesa recém-instaurada. É por essa razão que Herzen decreta o fim da Era das Revoluções na Europa Ocidental.

Esta conclusão, no entanto, soou extremamente impopular para a época. Sobre essa reação negativa, Herzen escreve em *Passado e Pensamentos*: “Eu sofri muito por causa da minha triste visão sobre a Europa e pela simples – sem receio nem lamentos – maneira de exprimi-la”²²⁵. Especialmente entre os russos essas ideias de Herzen foram mal recebidas, exatamente porque “nós [os russos] precisamos da Europa como ideal,

222 Idem, *ibidem*. “Поживши год, другой в Европе мы с удивлением видим, что вообще западные люди не соответствуют нашему понятию о них, что они гораздо ниже его”.

223 Idem, *ibidem*. “Под влиянием мещанства все переменялось в Европе”.

224 Idem, *ibidem*. “Жизнь связалась на постоянную борьбу из-за денег”.

225 Idem, *ibidem*. “Много я принял горя за то, что печально смотрю на Европу и просто, без страха и сожаления, высказываю это”.

como exprobração, como exemplo benéfico; se ela não é assim, nós por necessidade a inventamos”.²²⁶

Outra razão para a recepção desfavorável dessas ideias em solo russo advém do fato de Herzen ser um nome importante da ala progressista e Ocidentalista da *intelligentsia* do seu país natal, como ele mesmo aponta: “uma das causas do descontentamento, justamente frente às minhas opiniões, é compreensível antropologicamente, pois acima do terrível desconforto provocado pela destruição de opiniões sedimentadas e ideais fossilizados, a irritação contra mim vem do fato de eu ser um deles (...)”²²⁷.

3.4. Ocidentalistas X Eslavófilos

Já mencionada no primeiro capítulo dessa tese, a célebre polêmica da Rússia oitocentista, conhecida como a “querela” entre Ocidentalistas e Eslavófilos, colocou em campos opostos duas correntes de pensamentos preocupadas com o futuro do país – enquanto que os Eslavófilos defendiam o retorno à tradição e aos modos de vida tipicamente russos, os Ocidentalistas acreditavam na incorporação dos modelos de desenvolvimento da Europa Ocidental na política, economia e sociedade russa.

A preocupação que norteia esses dois grupos é muito anterior ao século XIX e suas origens podem ser localizadas no período Petrino, no final do século XVII e na primeira metade do século XVIII, uma vez que Pedro, o Grande, foi um monarca obcecado em tornar a Rússia uma nação europeia. Durante o reinado do célebre monarca

226 Idem, *ibidem*. “Европа нам нужна как идеал, как упрек, как благой пример; если она не такая, ее надобно выдумать”.

227 Idem, *ibidem*. “Одна из причин неудовольствия, собственно против моих мнений, антропологически понятна, сверх докучного беспокойства, приносимого разрушением окончанных мнений и окаменелых идеалов, на меня досадовали за то, что я свой человек, (...)”.

emergiu a questão maldita que assombra os russos até hoje: qual é a real identidade da Rússia?

No entanto, é importante ressaltar que é um equívoco comum considerar esses dois grupos como irremediavelmente antagônicos. Em um capítulo de *Passado e Pensamentos*, Herzen afirma: “ao lado do nosso círculo [dos Ocidentalistas] se encontravam nossos adversários ‘nos ennemis les amis’, ou mais exatamente ‘nos amis les inimies’: os Eslavófilos de Moscou”²²⁸. Por conseguinte, nos escritos dedicados aos Eslavófilos é possível perceber uma atitude de condescendência, até mesmo simpatia da parte de Herzen. Ele não minimiza o fato do grupo “rival” se pautar por ideias que ele considera conservadoras, como a de “consciência nacional”, ou a idealização infantil de um passado idílico de glórias, mas considera estas ideias subprodutos de uma legítima resistência ao que ele chama de “terrorismo cultural de Petersburgo”²²⁹, já que nessa cidade encontrava-se encastelada a burocracia estatal e a aristocracia supérflua que reproduziam de forma irrefletida e subserviente os hábitos e comportamentos das elites europeias, principalmente francesa. E, no que diz respeito ao regime de Nicolau I, Eslavófilos e Ocidentalistas posicionavam-se do mesmo lado, ou seja, contrários ao governo do monarca.

Assim, se por um lado os Eslavófilos foram inventores de uma tradição considerada inverificável pelos Ocidentalistas, por outro eles também foram críticos do regime autocrático de Nicolau I, portanto aliados naturais dos Ocidentalistas na grande batalha da intelectualidade contra a opressão czarista. Como afirmou Bruno Gomide: “ao contrário do que comumente se pensa os eslavófilos, pelo menos na sua formação primeira (...), não eram intelectuais diretamente afinados com o regime repressivo de

228 Idem, *ibidem* - “Рядом с нашим кругом были наши противники nosamieslesinimies или, вернее nosinimieslesamies, - московские славянофилы”.

229 Para Herzen, o “terrorismo cultural de Petersburgo” era praticado pela burocracia e aristocracia que orbitavam ao redor do poder e que adotavam comportamentos e valores europeus completamente descolados da realidade russa.

Nicolau I²³⁰. Assim, “talvez possamos definir os eslavófilos como um tipo de conservadorismo dissidente”.²³¹

De tal modo, se o ódio a Nicolau I era compartilhado, a pergunta que se coloca é: por que se fala tanto em “querela” entre Ocidentalistas e Eslavófilos? Ora, um evento da história cultural russa operou como um divisor de águas e levou Ocidentalistas e Eslavófilos a tomarem posições mais rígidas e irremediavelmente antagônicas. Este evento foi a publicação da carta de Tchaadáiev, carta célebre pelo fato do seu autor ter sido decretado oficialmente louco pelo regime. As ideias defendidas pela carta consistem na denúncia de uma Rússia carente de tradição, portanto sem realizações importantes para a civilização; um país que se assemelhava a uma fantasmagoria, um engodo.

A carta teve tanta repercussão que obrigou a intelectualidade a se posicionar. Herzen a chamou de um “tiro no escuro” e escreveu, em *Passado e Pensamentos*: “o que são duas ou três páginas publicadas em uma revista mensal? (...) mas a carta de Tchaadáiev sacudiu toda a Rússia pensante”²³². Ele definiu a carta como a antítese perfeita dos Eslavófilos: “nada no mundo era mais contrário aos Eslavófilos do que as visões desesperançadas de Tchaadáiev”.²³³

Assim, como apontou Bruno Gomide: “uma boa forma de definir o famoso debate entre ocidentalistas e eslavófilos, quanto à sua formação, é como uma reação ao texto de Tchaadáiev. Ele congregou posições e articulou projetos que vinham fervilhando de modo disperso na cultura russa dos anos 1820 e 1830”²³⁴. Portanto, após o advento da carta termina a “lua de mel” dos “amis les ennemies” com os “ennemies les amies” e as acusações se tornam mais severas. Em *Passado e Pensamentos*, Herzen escreveu: “o erro

230 GOMIDE, Bruno Barreto (Org). *Antologia do Pensamento Crítico Russo (1802-1901)*. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 17.

231 Idem, *ibidem*, p. 17.

232 HERZEN, Op. Cit. “Что, кажется, значат два-три листа, помещенных в ежемесячном обозрении?(...) письмо Чаадаева потрясло всю мыслящую Россию»”.

233 HERZEN, Op. Cit. “В мире не было ничего противоположнее славянам, как безнадежный взгляд Чаадаева(...)”.

234 GOMIDE, Op. Cit., p. 15.

dos Eslavófilos é o seguinte: a eles parece que a Rússia tem algum desenvolvimento próprio, sufocado por acontecimentos diversos e, enfim, pelo período petersburguês. A Rússia nunca teve tal desenvolvimento”²³⁵. Em decorrência de posicionamentos como esse é que Herzen foi associado ao Ocidentalismo.

A carta de Tchaadáiev foi publicada em 1836. Herzen era bastante jovem na época e ainda vivia na Rússia. O já mencionado exílio na Europa foi um acontecimento que transformou significativamente sua forma de ver a “querela”. Como afirmou Szamuely, “jovem e no seu país, ele engrossou a frente dos Ocidentalistas; pensador político na maturidade, escritor político no exílio, ele tornou-se mais e mais Eslavófilo. Porém, antes de qualquer coisa, ele era um socialista”²³⁶. A vivência na Europa Ocidental serviu para Herzen rejeitar por completo o modelo de desenvolvimento social, político e econômico que ele testemunhou in loco. Ainda segundo Szamuely, “antes da viagem ao Ocidente, ele teria respondido que à Rússia interessaria antes de tudo se reformar seguindo, no plano econômico e social, o exemplo dos países europeus. Suas experiências, suas observações, o choque profundo de 1848 fizeram-no revisar totalmente essa posição”²³⁷.

Após a decepção com o desfecho da Revolução de 1848, Herzen se voltou para a sua Rússia natal. Nas palavras de Szamuely, “desviando os olhos do Ocidente, desalentado, decepcionado, Herzen passou a enxergar seu país com outros olhos”²³⁸. E continua ele: “uma tal evolução, sem dúvida, o reaproximou muito dos Eslavófilos”²³⁹. Mas, ao contrário dos Eslavófilos, Herzen passou a olhar para as virtudes daquilo que ele

235 HERZEN, Op. Cit. “Ошибка славян состояла в том, что им кажется, что Россия имела когда-то свойственное ей развитие, затемненное разными событиями и, наконец, петербургским периодом. Россия никогда не имела этого развития и не могла иметь”.

236 SZAMUELY, Op. Cit., p. 241. “Jeune homme, dans son propre pays, il avait figure aux rangs des occidentalistes; penseur politique dans sa maturité, écrivain politique en exil, il devenait de plus en plus slavophile. Car, avant tout, c’était un socialiste”.

237 Idem, ibidem, p. 245. “avant son voyage en Occident, il aurait répondu que la Russie avait tout intérêt à se reformer en suivant, sur le plan économique et social, l’exemple des pays européens. Ses expériences, ses observations, le choc profond de 1848 l’avaient conduit à réviser totalement cette position”.

238 SZAMUELY, Op. Cit., p. 246. “s’étant détourné de l’occident, découragé, déçu, Herzen voyait maintenant son pays avec des yeux neufs”.

239 Idem, ibidem, p. 246. “une telle évolution, bien sûr, le rapprochait beaucoup des slavophiles”.

considerava essencialmente russo de uma perspectiva francamente revolucionária, e não conservadora.

3.5. Teoria revolucionária de Herzen

A análise de Herzen é bastante perspicaz. Para ele, a tomada de consciência da Rússia sobre si própria se deu, na perspectiva histórica, exatamente sob a mão de ferro da autocracia. Ele afirma, em *Passado e Pensamentos*, que “através da lágrima, do sangue e do suor de vinte gerações”²⁴⁰ que não pereceram sob o jugo da autocracia a consciência nacional russa foi se moldando, ou seja, não apesar do Estado sufocante de características prussianas, que é como os Eslavófilos entendiam a contenda, mas exatamente por causa dele. Portanto, a marca distintiva do povo russo enquanto nação é essa capacidade de resistir e não perecer, mesmo em meio aos mais terríveis abusos cometidos pelo Estado. Na vida em comunidade a sociedade russa desenvolveu seus mecanismos próprios de sobrevivência com base na fraternidade genuína.

A unidade nacional, a solidariedade do povo russo, a organização da comuna – todas estas instituições são as respostas aos horrores patrocinados pela autocracia e funcionam como uma alternativa de sobrevivência num quadro de desolação, violência e barbárie. Nas palavras de Herzen, “eis os fundamentos do modo de vida russo: não se tratam de lembranças, mas de elementos vivos, que não estão nos Anais, mas na atualidade; mas eles apenas sobreviveram às difíceis condições históricas impostas pela edificação de uma unidade nacional e pela repressão do Estado apenas se conservaram, mas não se desenvolveram”²⁴¹.

240 HERZEN, Op. Cit. “утученных кровью, слезами и потом двадцати поколений”.

241 Idem, *ibidem*. “Это основы нашего быта – не воспоминания, это – живые стихии, существующие не в летописях, а в настоящем; но они только уцелели под трудным историческим выработыванием государственного единства и под государственным гнетом только сохранились, но не развились”.

As instituições propriamente russas que tem por base a solidariedade e ajuda mútua, como é o caso da comuna rural (obchtchina/mir), na visão de Herzen, são produtos de um desenvolvimento histórico difícil, mas cuja base é real e não abstrata. É na concreta dificuldade da vida em comunidade que a sociedade russa desenvolveu seus mecanismos próprios de sobrevivência.

Nessa linha de raciocínio, quando as ideias ocidentais socialistas penetram na Rússia elas encontram um solo fértil para florescer, exatamente porque os fundamentos dessas ideias (sendo a fraternidade o principal deles) já existem por si só nesse país e são anteriores à doutrina filosófica do socialismo. No texto *O Desenvolvimento das Ideias Revolucionárias na Rússia* Herzen escreveu: “depois de 1830, com a aparição do Saint-Simonismo, o socialismo impressionou muitas das mentes moscovitas. Acostumados como nós estamos às comunas, repartição de terras, cooperativas de trabalhadores, nós vemos nessas doutrinas a expressão de sentimentos que estão mais próximos de nós do que se encontra nas doutrinas políticas. Tendo testemunhado os abusos mais terríveis, nós somos menos incomodados pelo socialismo do que a burguesia ocidental”.²⁴²

Portanto, para ele a incapacidade eslava de desenvolver um Estado moderno de tipo Europeu e a consequência disso, ou seja, o fato da Rússia ter ficado estagnada por causa do domínio da autocracia, não se trata de uma desvantagem histórica, mas de uma vantagem se o que se tem em mente é a revolução socialista do futuro. Szamuely aponta que esse aspecto diferencia consideravelmente a teoria de Herzen das teorias em voga no seu tempo, principalmente a de Marx, para quem a superação das etapas de desenvolvimento histórico é pré-requisito para a viabilidade da Revolução. Herzen, ao contrário, elaborou uma teoria da revolução “que não era universal, mas única,

242 HERZEN, Alexander. “On the Development of Revolutionary Ideas in Russia”. In. PARTHÉ, Kathleen (ORG). *A Herzen Reader*. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 2012, p. 21. “(...) after 1830, with the appearance of Saint-Simonism, socialism made a strong impression on minds in Moscow. Accustomed as we are to communes, land partition, and workers’ cooperatives, we saw in this doctrine an expression of sentiments that were closer to us than what was found in political doctrines. Having witnessed the most terrible abuses, we were less bothered by socialism than the Western bourgeoisie”.

fundamentada não na luta de classes, mas no povo. Para Herzen, o povo russo na sua integridade – diferentemente das sociedades europeias cindidas pela luta de classes – consistia em uma força revolucionária unificada, oposta a uma estrutura monárquica-burocratizada exógena e desenraizada. Herzen parece ter sido o primeiro a descobrir o conceito de nações proletárias”²⁴³. A grande instituição existente na sociedade russa que a tornaria apta ao socialismo era a comuna rural (obchtchina/mir), cuja preservação ao longo da história deveu-se ao fato da Rússia não ter vivenciado o capitalismo – “Herzen fez da obchtchina a pedra angular do populismo russo”²⁴⁴.

No texto já citado (*O Desenvolvimento das Ideias Revolucionárias na Rússia*), em outra passagem Herzen afirma: “o socialismo parece ser para nós o silogismo mais natural; a aplicação da lógica no governo”²⁴⁵. Portanto, o que costura a sua teoria revolucionária é a defesa da incorporação das ideias ocidentais socialistas a um modo de vida genuinamente russo que, a seu ver, carece de método e organização, e nesse ponto ele se reaproximou do grupo dos Ocidentalistas. Sobre isso ele escreveu, em *Passado e Pensamentos*, que “só o poderoso pensamento ocidental, ao qual se agrega toda a sua longa história, é capaz de fertilizar as sementes que dormem nos modos de vida patriarcais dos eslavos. Os grupos e a comuna rural, a repartição dos rendimentos dos campos, os conselhos comunais, a reunião das aldeias em distritos administrativos autônomos, tudo isso representa as pedras angulares sobre as quais se elevará o santuário da nossa vida futura, livremente comunal. Mas essas pedras angulares não são mais que pedras... e sem o pensamento ocidental nossa catedral de amanhã ficará apenas nas suas fundações”.²⁴⁶

243 SZAMUELY, Op. Cit., p. 248. “Elle n’était pas universelle mais unique, s’appuyant non sur la lute des classes mais sur le peuple. Chez Herzen, le peuple russe dans son intégralité – à différence des sociétés européennes déchirées par l’affrontement des classes – constitue une force révolutionnaire unifiée, oppose à une structure monarch-bureaucratique allogène et sans racines. Herzen semble donc avoir été le premier à découvrir le concept de nations prolétaires”.

244 Idem, ibidem, p. 248. “Herzen fit de l’obshchina la pierre langur du populisme russe”.

245 HERZEN, Op. Cit., p. 21. “Socialism seems to us to be the most natural syllogism, the application of logic to government”.

246 HERZEN, Op. Cit. “Одна мощная мысль Запада, к которой примыкает вся длинная история его, в состоянии оплодотворить зародыши, дремлющие в патриархальном быту славянском. Артель и сельская община, раздел прибытка и раздел полей, мирская сходка и соединение сел в волости,

Em síntese, numa inédita resposta para a questão do futuro da Rússia (e ao mesmo tempo do futuro da revolução socialista), Herzen aponta que o fato do seu país ter sido esmagado sob o jugo da autocracia, tornando-se inapto a desenvolver um Estado nos moldes dos Estados europeus modernos, não se trata de uma desvantagem histórica, mas de uma vantagem se o que estiver no horizonte for o porvir. A Rússia do futuro é a Rússia socialista, ao passo que a Europa, cada vez mais despótica e aburguesada, perdeu o bonde da revolução e está condenada a ficar presa ao passado.

Após a experiência de 1848, Herzen convenceu-se de que a Europa não poderia ser palco da revolução socialista, enquanto que “nós pensamos que a Rússia nisto não é totalmente incapaz, e nisso nós estamos de acordo com os Eslavófilos. E sobre isso se ergue nossa fé no seu futuro. Essa fé eu carrego desde o fim de 1848”²⁴⁷. É dessa maneira que Herzen costura com perspicácia o pensamento eslavófilo ao pensamento ocidentalista, driblando o conservadorismo dos Eslavófilos ao direcionar a “saída russa” para o caminho da revolução socialista e invertendo a ótica do pensamento ocidentalista ao focalizar no desenvolvimento histórico da Rússia o meio capaz de impulsionar o grande passo rumo ao futuro.

A linha que viabiliza esse alinhar é o socialismo. Assim, como sintetizou Szemuely, “é ao forjar numa única corrente esses três ingredientes, Ocidentalismo, Eslavofilismo e Socialismo, que Herzen tornou-se o criador dessa filosofia propriamente russa: o populismo (*narodnitchestvo*), a base ideológica do movimento revolucionário do século XIX. Assim, ele foi bem sucedido, pode-se dizer dessa forma, na resolução do problema da quadratura do círculo: adaptando as ideias europeias de socialismo às condições russas, ele demonstrou pela primeira vez que a Rússia retrógrada estava mais

управляющиеся сами собой, - все это краеугольные камни, на которых созиждется храмина нашего будущего свободно – общинного бытия. Но эти краеугольные камни- все же камни... и без западной мысли наш будущий собор бы при одном фундаменте”.

247 Idem, *ibidem* - “мы думаем, что Россия не так неспособна к нему, и на этом сходимся с славянами. На этом основана наша вера в ее будущность. Вера, которую Я проповедовал с конца 1848 года”.

madura para o socialismo do que a Europa industrializada. Esta foi uma descoberta considerável”²⁴⁸. Ou, em outros termos, é possível ler a tese de Herzen acerca do futuro da Rússia como uma terceira via e como a aplicação da “álgebra da revolução” em um contexto específico. A equação cujas incógnitas são ideias eslavófilas, ideias ocidentalistas e socialismo tem como resultado a teoria herzeniana do socialismo russo.

3.6. Os textos tardios de Herzen e a polêmica sobre suas teses sobre a História

A teoria do socialismo agrário foi importante no contexto do século XIX, mas foi rejeitada pelos revolucionários que de fato tomaram o poder na Rússia. Lênin escreveu que não havia sequer “um grão de socialismo” na teoria desenvolvida por Herzen, mas mesmo assim não o excluiu da linha do tempo do pensamento revolucionário russo: “o maior dos revolucionários, Vladimir Lênin, afirmou que ‘os dezembristas originaram Herzen. Herzen desenvolveu a agitação revolucionária, que foi recuperada, estendida, reforçada e alastrada pelos raznotchíniets’. Em 1912, Lênin concluiu que a quarta geração de revolucionários – o partido bolchevique fundado por ele – iria enfim conquistar a vitória. Cinco anos depois aquilo era verdade”.²⁴⁹

E se Herzen se equivocou ao imaginar um socialismo de tipo agrário na Rússia, por outro lado seu diagnóstico a respeito da inviabilidade da revolução na Europa Ocidental se provou acertado. Esse é um dos aspectos que apartam a teoria socialista de

248 SZAMUELY, Op. Cit., p. 241 - “C’est en fusionnant en un courant unique ces trois ingrédients, occidentalisme, slavophilie et socialisme, que Herzen fut le créateur de cette philosophie proprement russe: le populisme (narodnichestvo) la base idéologique du mouvement révolutionnaire du XIX siècle. Ainsi réussit-il, pourrait on dire, à résoudre le problème de la quadrature du cercle: adaptant les idées européennes de socialisme aux conditions russes, il montra pour la première fois que la Russie rétrograde était en fait plus mûre pour le socialisme que l’Europe industrialisée. Ce fut une découverte d’importance considérable”.

249 SZAMUELY, Tibor. La Tradition Russe. Paris: Editions Stock pour la Traduction Française. 1976 p. 219. “Le plus grand de ses révolutionnaires, Vladimir I. Lenin, nous l’affirme: ‘ les décembristes suscitèrent Herzen. Herzen développa l’agitation révolutionnaire, qui fut reprise, étendue, renforcée et trempée par l’action des raznochintsy’. Lenine en conclut, en 1912, que la quatrième generation de révolutionnaires, le parti bolchevique fondé par lui, allait enfin remporter la victoire. Cinq ans plus tard, c’était vrai”.

Herzen do materialismo científico, corrente que sempre o desagradou. Mas ao lado da crença na revolução russa, dois outros pontos cruciais da teoria de Marx não pareciam plausíveis a Herzen: a ideia de necessidade e de culminância do processo histórico. Sobre isso escreveu Isaiah Berlin:

“Herzen é mais coerentemente ‘dialético’ do que os socialistas ‘científicos’, que acabaram com as ‘Utopias’ dos seus rivais apenas para sucumbir às suas próprias fantasias milenaristas. Para pôr ao lado do idílio sem classes de Engels no Manifesto Comunista, escolhamos essas linhas de Herzen: ‘O socialismo se desenvolverá em todas as suas fases até alcançar seus próprios extremos e absurdos. Então novamente irromperá do titânico peito da minoria em revolta um grito de recusa. Uma vez mais ocorrerá uma batalha mortal, onde o socialismo ocupará o lugar do conservadorismo de hoje e será derrotado pela revolução vindoura, ainda invisível para nós [...]’. O processo histórico não tem ‘culminância’. Os seres humanos inventaram essa ideia porque não conseguem encarar a possibilidade de um conflito interminável”²⁵⁰.

Dessa forma, Berlin chama a atenção para a incompatibilidade do pensamento de Herzen com o materialismo científico, exatamente porque as ideias de inevitabilidade e de finalidade desse último chocam-se com uma visão do processo histórico como palco da improvisação, do domínio da vontade e da liberdade, sem limites nem caminhos preestabelecidos, que é algo que desponta nas teorias acerca da História elaboradas tardiamente por Herzen e sobre as quais Berlin se apoia quando redige a passagem em questão.

Nas partes finais de *Passado e Pensamentos* constam alguns textos ensaísticos sobre temas como o sentido da História. Um capítulo intitulado “Robert Owen” é

250 BERLIN. Op.Cit p 111.

especialmente significativo nesse sentido, pois reuniu uma ala importante de estudiosos especialistas em Herzen, capitaneados por Isaiah Berlin, de argumentos que apontavam para certa postura anti-abstrações e antifilosofias da História, que no limite poderia expressar uma descrença na revolução russa. Essa corrente de estudiosos, em sua maioria ingleses, defende que no final da vida Herzen enveredou para o liberalismo e abandonou o seu âmago revolucionário.

No capítulo “Robert Owen”, que foi escrito em 1860, constam trechos como: “como não há nem programa, nem um tema determinado, nem um resultado inevitável, a desordenada improvisação da história está pronta para andar com qualquer um, e qualquer um pode imprimir nela seus versos”²⁵¹. Mais adiante, numa metáfora “mobiliária”, Herzen afirma que os homens podem “alterar a estampa do tapete”²⁵², uma vez que “não há nenhum dirigente, nenhuma planta preconcebida, e nós todos estamos completamente sozinhos”²⁵³, reforçando assim o protagonismo individual no desenrolar da História. A ideia presente no ensaio de que na história os homens e as mulheres são ao mesmo tempo o barco, a onda e o piloto (e sem qualquer mapa!) corrobora essa tese centrada na liberdade do indivíduo e no seu papel fundamental enquanto agente histórico.

Uma vez que a *liberdade* é o “motor” da história, e considerando que um dos efeitos da *liberdade* é a imprevisibilidade, a teoria proposta por Herzen acerca da história chamou a atenção para a ausência de verdades e diretivas capazes de direcionar as ações dos homens. Portanto, a novidade que Herzen representa é uma visão que descarta a ideia de direcionamento necessário para o processo histórico e, conseqüentemente, a ideia de que há um sentido maior que esse curso segue. Nas palavras de Herzen: “ficamos surpreendidos diante da sabedoria abstrata da natureza e do desenvolvimento histórico; é

251 Idem, *ibidem*. “Не имея ни программы, ни заданной темы, не неминуемой развязки, растрепанная импровизация истории готова идти с каждым, каждый может вставить в нее свой стих...”.

252 Idem, *ibidem*. “переменишь узор ковра”.

253 Idem, *ibidem*. “Хозяина нет, рисунка нет, одна основа, да мы одни-одинехоньки”

tempo de perceber que há na natureza e na história muita casualidade, bobagem, fracasso, confusão...”.²⁵⁴

Assim, o que Herzen começa a apontar é a possibilidade da história não consistir em um caminho linear rumo ao que o seu século enxergou como o progresso, mas um caminho tortuoso repleto de atalhos, obstáculos, idas e vindas que são omitidas no ato da reconstituição do passado, exatamente porque os que o fazem tem diante de si o resultado acabado. E é importante ter em mente que ele escreveu isso no século das grandes Filosofias da História, “no mesmo ano que Marx afirmou que o comunismo era a solução para o enigma da história, Herzen declarou que não existia qualquer solução: a história, como a natureza, é uma improvisação, sujeita às obras do acaso”.²⁵⁵

Foi esse aspecto das teorias tardias de Herzen a respeito da História que chamou a atenção de uma gama considerável de estudiosos, que consideraram essas ideias excepcionalmente inéditas para o seu tempo. É o caso de Isaiah Berlin, que afirma que Herzen “(...) expressa ideias ousadas e originais, e é um pensador político (e consequentemente moral) de primeira importância”²⁵⁶. Dessa forma, Berlin defende que “as ideias políticas básicas de Herzen são únicas não só pelos padrões russos, mas também pelos europeus”²⁵⁷, e, por conseguinte, essas ideias devem ser contrapostas ao pensamento histórico hegemônico da época. M. Kelly concorda com Berlin e afirma que Herzen antecipou teses que se tornariam recorrentes apenas no século seguinte. Em pleno século XIX, “revolucionários e reformistas, materialistas e idealistas alarmavam-se com a sua recusa [de Herzen] de reconhecer algo absoluto, sua rejeição da lógica do ‘isto/ou aquilo’, e, acima de tudo, sua alegação de que a história não segue o caminho do progresso

254 Idem, *ibidem*. “Довольно удивлялись мы отвлеченной премудрости природы и исторического развития, пора догадаться, что в природе и истории много случайного, глупого, неудавшегося, спутанного...”.

255 KELLY, M., *Op. Cit.*, p. 5. “In the same year as Marx’s pronouncement that communism was ‘the solution of the riddle of history’, Herzen declared that there were ‘no solutions’: history, like nature, was an improvisation, subject to the play of chance”.

256 BERLIN, Isaiah. *Pensadores Russos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 97.

257 Idem, *ibidem*, p. 97.

para um objetivo final, contrariando todas as teorias embasadas no progresso que sustentaram o otimismo europeu durante mais de dois milênios”.²⁵⁸

O século XIX ganhou o epíteto de século da disciplinarização da História, pois é o momento em que este conhecimento ganha o estatuto de ciência e é incorporado ao sistema universitário. Entretanto, os pressupostos que orientam a concepção científica do século XIX foram gestados no século XVIII, por exemplo, a crença de que as causas das mazelas do mundo residem na falta de conhecimento, na ignorância dos homens, e que o esclarecimento, conjuntamente à descoberta das leis que governam o mundo físico, permitiria o estabelecimento da harmonia e da felicidade na terra. Newton foi o grande responsável por descobrir e formular as leis da física, mas o *newtonianismo* extrapolou o campo dessa ciência e envolveu todas as áreas do conhecimento. Surge um paradigma centrado no método experimental que se transforma no parâmetro universal da ciência moderna, e o método experimental passa a ser aplicado indiscriminadamente, inclusive nas ciências humanas.

A História, já no século XVIII, incorpora a postura “científica” em voga, apostando no método experimental, e o século XIX irá aprofundar esse caráter, reforçando “os dogmas de que o mundo obedecia a leis inteligíveis, o progresso era possível segundo algum plano inelutável e idêntico ao desenvolvimento das forças ‘espirituais’, e que os especialistas poderiam descobrir essas leis e ensinar os outros a compreendê-las”²⁵⁹. Assim, as principais teorizações acerca da História que datam do século XIX entendem que há leis que são cumpridas pelas sociedades nos seus diferentes estágios de desenvolvimento e que estas podem ser decifradas pelos estudiosos. A crença

258 KELLY, M. AILLEN, Op. Cit., p. 3. “revolutionaries and reformers, materialists and idealists alike were alarmed and repelled by his refusal to recognize any absolutes, his rejection of the logic of “either/or”, and above all his contention that history follows no path of progress to a final goal, contrary to all the theories of progress that had sustained European optimism over two millenia”.

259 BERLIN, Isaiah. Op. Cit., p. 98.

de que há um sentido que orienta a História é a ideia mestra que aproxima todas essas grandes filosofias da História.

Hegel e Marx, mestre e pupilo, são os maiores artífices destes grandes sistemas filosóficos, mas dividem em sua época o campo de batalha das ideias com outras correntes teóricas. O que havia de comum entre todas essas correntes era:

“a crença, em primeiro lugar, de que o universo obedece a leis e mostra um modelo, quer seja inteligível para a razão, acessível a descobertas empíricas ou apreensível pela revelação mística; em segundo lugar, que os homens são elementos de conjuntos maiores e mais fortes do que eles, de modo que o comportamento individual se explica em termos desses conjuntos, e não vice-versa; em terceiro, que as respostas sobre o que se deve fazer podem ser deduzidas do conhecimento acerca das metas do processo objetivo da história em que os homens, quer queiram quer não, estão envolvidos, e devem ser as mesmas para todos os que realmente conhecem, ou seja, para todos os seres racionais; em quarto, que nada pode ser imperfeito, cruel, estúpido ou feio, se for um instrumento para a realização da finalidade cósmica objetivamente dada – não poderá sê-lo pelo menos ‘ultimamente’ ou ‘em última análise’, apesar do que possa parecer frente a ela – e, inversamente, tudo o que se opõe à grande finalidade sê-lo-á. Quanto ao caráter de tais metas, as opiniões podiam variar: para alguns, elas eram inevitáveis, e o progresso, portanto, automático; ou, pelo contrário, os homens eram livres para escolher realizá-las ou abandoná-las, para sua inevitável ruína pessoal. Mas todos concordavam que os fins objetivos de validade universal poderiam ser descobertos, e eram os únicos verdadeiros fins de todas as atividades sociais, políticas e individuais.”²⁶⁰

260 Idem, *ibidem*, pp. 98-99.

Em comparação com esse sistema de ideias, as teses sobre a História apresentadas por Herzen em 1860 são de fato muito destoantes dos sistemas filosóficos hegemônicos no século XIX. Um exame dessas teses sobre a História, de forma independente do quadro maior do pensamento de Herzen, suscita questões como: teria então Herzen teorizado uma filosofia da História que antecipou os questionamentos colocados pelo século vindouro, o século XX? Teria sido ele um visionário, artífice de um novo paradigma? Teria ele desafiado a máxima “os homens se parecem mais com a sua época do que com seus pais”?

Porém, uma análise dessas teses sobre a História que as incorpore no quadro maior do pensamento que Herzen desenvolveu ao longo de toda a sua vida nos coloca diante de questões ainda mais difíceis de serem respondidas, por exemplo: como compreender essas teses tardias ao lado de um pensamento e uma vida dedicada à revolução socialista na Rússia? Em outras palavras, como compreender um autor que concilia a tese da imprevisibilidade histórica com a certeza da revolução futura? Dúvidas como esta nos impulsionam a mensurar o lugar ocupado por essas ideias tardias no quadro completo do pensamento herzeniano, que apesar dos seus interesses tão variados tem como eixo central a formulação da teoria da revolução socialista na Rússia.

Essa questão assombrou muitos dos pesquisadores que vieram antes de nós. Isaiah Berlin é um deles que, apesar de ter construído a sua interpretação de Herzen com base nessas teses tardias, também ressaltou que “independentemente do quão cético Herzen pode ter sido a respeito de planos e doutrinas revolucionárias específicas na Rússia – e ninguém foi mais do que ele – ele acreditou até o fim da sua vida na necessidade moral e social e na inevitabilidade, cedo ou tarde, da Revolução Russa – uma transformação violenta seguida por uma ordem justa, ou seja, uma ordem socialista”²⁶¹. Mas mesmo reconhecendo que Herzen permaneceu um socialista “irremediável” por toda a vida,

261 BERLIN, Op. Cit. pp. XL-XLI. “However skeptical Herzen may have been of specific revolutionary doctrines or plans in Russia –and no-one was more so- he believed to the end of his life in the moral and social need and the inevitability, sooner or later, of a Revolution in Russia-a violent transformation followed by a just, that is a socialist, order”.

Berlin, por seu turno, interpretou esse apego à ideia de inevitabilidade da revolução como um exemplo da visão utópica de Herzen da qual ele jamais conseguiu se livrar, fundamentada no seu patriotismo cego e no seu “infundado otimismo”, consistindo, dessa forma, em quase numa anomalia localizada no plano maior das modernas ideias de Herzen que o tornaram apto para ocupar o panteão dos pensadores relevantes herdeiros da tradição iluminista.

Ao contrário de Berlin, que enxerga a fé revolucionária de Herzen como uma anomalia que persiste no seu sistema de pensamento mais interessante e coerente, nós tendemos a interpretar essas teses sobre a História como uma constatação muito importante e inovadora acerca dos problemas referentes ao sentido (ou inexistência dele) da História, mas que ocupa um espaço marginal dentro do universo teórico herzeniano. Portanto, as ideias explanadas em “Robert Owen”, texto originalmente publicado como ensaio na Imprensa Livre Russa de Herzen e que foi incorporado como um capítulo de *Passado e Pensamentos*, consistem em um voo teórico muito interessante, mas que em nenhum momento é trazido para dentro do *modus operandi* do próprio Herzen enquanto pensador, o que se torna evidente na própria forma como ele arquiteta a sua autobiografia.

3.7. A “moldura Hegeliana” na quinta parte de Passado e Pensamentos

Isso é muito claro no segmento da autobiografia dedicado ao desmantelamento da sua vida conjugal, que Herzen intitulou de “História de um drama familiar” e que consta na quinta parte de *Passado e Pensamentos*. No prefácio desta parte, intitulada “Paris-Itália-Paris (1847-1852)”, ele afirma: “Não é tudo que eu posso oferecer aos meus leitores ainda, por razões tanto pessoais quanto públicas. Mas não está distante o tempo quando se publicarão não apenas as páginas e capítulos omitidos, mas todo o volume, um dos

mais caros para mim”²⁶². Como já mencionado, essa parte só foi publicada postumamente, mas Herzen acreditava que somente quando ele oferecesse ao leitor os escritos que tratam da sua tragédia familiar que a verdade intrínseca à autobiografia se desvelaria – já que a autobiografia começa a ser escrita como um acerto de contas com esse episódio.

A análise dessa parte de *Passado e Pensamentos* fornece uma chave interpretativa de outro aspecto da teoria da História elaborada por Herzen ancorada, como afirmou Klinger, no fato de que a “política não tinha nenhum significado para ele desconectada da esfera do pessoal”²⁶³. A maneira como ele mensura historicidade é muito particular, já que para Herzen as transformações pelas quais as sociedades humanas passam ao longo do tempo só existem concretamente no presente vivenciado pelos homens e mulheres; tanto o pretérito quanto o porvir são irrelevantes, são abstrações da consciência humana, orientados por uma lógica artificial e estranha à estrutura mental dos seres humanos. Assim, o indivíduo no presente é quem *faz e sente* os efeitos da História.

Como já mencionado, Herzen destaca o papel dos indivíduos, que ele considera ao mesmo tempo *o barco, a onda e o piloto (e sem qualquer mapa!)* no mar dos acontecimentos históricos. E ele compreende o indivíduo como um ponto no tempo e no espaço, no qual há a intersecção de vetores os mais variados possíveis, mas de natureza única: histórica – “o movimento da História em si é discernível na personalidade humana”²⁶⁴. Esta ideia se encontra exemplarmente aplicada em *Passado e Pensamentos* e de uma maneira bastante explícita, uma vez que ele, Herzen, é a referência inicial a partir da qual se constrói a narrativa da História.

262 HERZEN, Op. Cit. “но всего я не могу еще передать читателям, по разным общим и личным причинам. Не за горами и то время, когда напечатются не только выпущенные страницы и главы, но и целый том, самый дорогой для меня”.

263 KLINGER, Илья. “Auto-historiography: genre, trope and modes of emplotment in Aleksandr and Natal’ja Gercen’s Narratives of the Family Drama” In: *Russian Literature*. N. LXI, (20017) I/II, p. 106. “(...) politics could have no meaning for him without a link to the sphere of the personal”.

264 Idem, ibidem, p. 104. “the movement of history itself (is) discernible in the human personality”.

Podemos lembrar aqui, a título de exemplo, como logo na abertura de *Passado e Pensamentos* ele informa o ano de seu nascimento (1812) e narra como na infância ele pedia para a babá contar e recontar as suas aventuras de recém-nascido, em uma Moscou abalada pelos incêndios e pela invasão napoleônica. Como já foi mencionado no capítulo anterior, após ouvir essas histórias mais do que conhecidas ele “sorria orgulhosamente satisfeito de ter participado da guerra”²⁶⁵. Essa crença na indissociabilidade da história individual com a História é fruto da leitura da própria vida como “figurações microcósmicas da totalidade histórica da qual eles são parte”²⁶⁶, e da crença de que a História perpassa a tudo e “entra no sangue dos seus participantes como uma doença infecciosa”²⁶⁷. Tal visão perpassa *Passado e Pensamentos* do começo ao fim e ganha uma evidência especial na “História de um drama familiar”.

A “História de um drama familiar” é talvez a parte mais emblemática, controversa e debatida de *Passado e Pensamentos*, que gerou frenesi até antes mesmo de ser publicada, em 1919. Isso porque o tema dessa quinta parte diz respeito não só a Herzen e Natália, mas também a Georg e Emma Herwegh, o casal apontado por Herzen como o responsável pela destruição da sua vida familiar. Como já foi repetido aqui, *Passado e Pensamentos* surgiu como um acerto de contas com esse episódio e como uma condenação desses dois personagens. Herwegh e Natália tiveram uma relação amorosa que se concretizou no final da década de 1840 e início da década de 1850, e que selou a ruptura entre as famílias e a inimizade entre os antes inseparáveis companheiros Aleksandr e Georg. É importante ter em vista que a vida compartilhada entre as duas famílias era enxergada por Herzen como um microcosmo da sociedade socialista do futuro, ao mesmo tempo em que consistia, em solo europeu, na reprodução da dinâmica dos círculos da intelligentsia nos quais Herzen estava habituado a viver na Rússia. Se

265 HERZEN, Op. Cit. “я с гордостью улыбался, довольный, что принимал участие в войне”.

266 Idem, ibidem, p. 104. “microcosmic figurations of the historical totality of which they are parts”.

267 Idem, ibidem, p. 121. “enters into the blood of its participants like an infectious disease”.

acrescentarmos a esse ideal protossocialista o imaginário romântico da época, alimentado principalmente pela literatura de George Sand, nos depararemos com um ambiente propício para novos arranjos íntimos e familiares.

Quanto aos modelos literários, cabe aqui um parêntese sobre a importância dos mesmos para o imaginário dos Herzen-Herweg. Ao lado de Sand, autores como Rousseau, Goethe e o próprio Herzen eram tidos como referência quanto ao tema de “amizade no amor” e o potencial das relações triangulares, ou até quadrangulares, como um instrumento de reprodução no âmbito privado da harmonia social aspirada para a coletividade. O caso de Herzen é especialmente interessante. No capítulo anterior, mencionamos o romance *Quem é o Culpado?*, escrito por Herzen na década de 1840. O envolvimento de Natália com Herwegh foi tão parecido com a trama de *Quem é o Culpado?* que Herzen se perguntou, na sua autobiografia, se seu romance não foi uma premonição do seu destino: “na manhã seguinte eu peguei minha velha história ‘Quem é o Culpado’ e reli o diário de Liubonka e os últimos capítulos. Será que foi uma profecia do meu destino? – assim como o duelo de Oniéguin foi uma premonição do destino de Púchkin? Mas uma voz interior me diz – sendo eu Krutsifíerski e ele Biéltov – onde está a nobre sinceridade dele, e onde está minha lacrimosa abnegação?”²⁶⁸.

Para Svetlana Grenier, “na realidade Herzen subestimou a exatidão da sua profecia e *Quem é o Culpado?* foi um plano ideológico e retórico crucial para o caso de Natália”²⁶⁹. É evidente que Natália e os demais envolvidos no quadrângulo amoroso se inspiraram em modelos literários capazes de turbinar de significado os seus papéis no drama familiar. E quanto a Natália, como assinalou Irina Paperno, “de todos os modelos literários possíveis,

268 HERZEN, Op. Cit. “На другое утро я взял свою старую повесть Кто Виноват? И перечитал журнал Любеньки и последние главы. Неужели это было пророчество моей судьбы – так, как дуэль Онегина была предвещанием судьбы Пушкина? Но внутренний голос говорил мне: какой ты Круциферский – да и он что за Бельтов – где в нем благородная искренность, где во мне слезливое самоотвержение?”.

269 GRENIER, Svetlana. “A Qui la Faute? Dans le Drame Familial des Herzen – était-ce une prémonition de mon destin?”. *Revue des Études Slaves*, Vol 83 N1, Alexandre Herzen (1812-1870): son époque, sa postérité (2012) p 87. “en réalité Herzen a sous-estimé l’exactitude de sa prophétie et que A Qui la Faute? Est un plan idéologique et rhétorique crucial pour l’affaire de Natalie”.

o romance de Herzen [*Quem é o Culpado?*] era de qualquer maneira o mais próximo da sua realidade e, conseqüentemente, o mais provável de incitar Natália a o imitar”.²⁷⁰

Já Herzen evoca, em *Passado e Pensamentos*, Goethe e Georges Sand no seu percurso de depreciação de seu rival, ao descrever Herwegh como o novo Werther e citar com frequência o romance *Horácio*, de Sand, para fazer um paralelo com o seu próprio drama. Na autobiografia, a maneira como Herzen retrata a sua amizade com o poeta antes da descoberta do envolvimento dele com sua esposa é em si um fato literário com direito até mesmo a juramento de fidelidade. Depois, Herzen pinta a si mesmo como a vítima de uma grande injustiça e seu rival como o mais vil e mesquinho dos homens.

É interessante que, na cruzada de Herzen em prol da depreciação da imagem de Herwegh, desponte a intenção do russo de apresentar o rival como um homem burguês um tanto quanto afeminado, exatamente para minimizar o efeito da traição sobre sua “honra” masculina. Por exemplo, ao comentar a correspondência trocada com Herwegh, Herzen escreve: “As cartas dele para mim – que ainda estão comigo – parecem mais cartas de amor do que uma correspondência entre amigos. Com lágrimas ele me repreende por frieza, ele implora para que eu não o deixe, pois não pode viver sem mim (...)”²⁷¹. Portanto, Herzen enfatiza que as cartas de Herwegh se assemelhavam às cartas que uma mulher apaixonada endereça ao seu amado, tanto para mostrar a fragilidade de Herwegh quanto para reafirmar seu protagonismo na contenda, colocando-se também de certa forma como o objeto de amor do ex-amigo.

As cartas são as únicas fontes disponíveis sobre a versão de Georg e Emma Herwegh sobre o episódio. Ao contrário de Herzen, seu rival não deixou nada escrito, e

270 GRENIER, Op. Cit., p. 88. “Comme le remarque Irina Paperno, ‘du début à la fin, des modèles littéraires arbitrent cette relation [entre Natalie, Herzen et Hergwegh], de tous les modèles littéraires possibles, le roman de Herzen était en bien de façons le plus proche de sa réalité, et par conséquent le plus a meme d’inciter Natalie a limiter”.

271 HERZEN, Op. Cit. “Письма его ко мне – сохранившиеся у меня – скорее похожи на письма любовника, чем на дружескую переписку. Он со слезами упрекает меня в холодности, он умоляет не покидать его, он не может жить без меня (...)”.

esse silêncio de Herwegh serviu como uma ameaça velada a Herzen durante toda sua vida, que o inibiu de publicar seu drama familiar junto com o restante de *Passado e Pensamentos*. Após a morte de Herzen, diante da dúvida de publicar ou não a parte mais cara ao pai, os filhos de Herzen foram procurar a ajuda de Turguêniev e Ánnenkov, que se opuseram à publicação. Turguêniev disse: “é uma pena que seja impossível publicar isso”²⁷², e Ánnenkov completou: “pense só, todas as cartas da pobre Natália Aleksandrovna para Herwegh ainda estão nas mãos da madame Herwegh”²⁷³. Portanto, o medo da retaliação, ou de que Herwegh enfim resolvesse se pronunciar sobre o assunto foi o que influenciou a decisão dos amigos de Herzen de manter o texto fora de circulação por mais tempo.

Mas voltando às cartas de Herwegh, os estudiosos que se debruçaram sobre elas também notaram o recurso a modelos literários por parte do algoz de Herzen, o que nos permite concluir que todos os envolvidos na trama viviam absortos num amálgama entre vida e literatura que expressava o desejo de “viver a vida como poesia”²⁷⁴. Assim, como resumiu o estudioso Ulrich Schmidt, “o drama familiar de Herzen é então narrado em suas duas facetas (tanto por Herzen como por Herwegh) segundo intrigas românticas diferentes: uma traição cruel, um amor fatal; a fusão da amizade e do erotismo; o casamento despótico e finalmente a união do amor e da morte”.²⁷⁵

Diante desse panorama nos parece crucial que os fatos relativos a esse episódio sejam expostos aqui, a fim de se compreender a partir do que foram tecidas essas duas

272 PAPERNO, Irina. “Introduction: Intimacy and History. The Gercen Family Drama Reconsidered”. In: *Russian Literature*. N. LXI, (20017) I/II, p. 28. “it’s a pity that’s impossible to publish this”.

273 Idem, ibidem, p. 28. “just think, all the letters of poor Natal’já Aleks[androvna] to Herwegh are still in the hands of M-me Herwegh”.

274 AIKHENVALD, Iúli. “Herzen (Psikhologúitcheskie kóntury)” In: http://dugward.ru/library/gercen/ayhenv_gercen.html. “Он жил свою жизнь как поэму”.

275 Idem, ibidem, p. 121. “Le drame familial de Herzen est donc narré sous deux facettes dans différentes intrigues romantiques: une trahison noire, un amour fatal, la fusion de l’amitié et de l’érotisme, le mariage despotique et finalement l’union de l’amour et de la mort. Herzen exposé sa version littéraire du drame familial à tous les esprits dirigeants de l’Europe, Proudhon et Michelet en recoivent des lettres détaillées, George Sand est informée par son amant Muller-Strubing, et meme Karl Marx sera au courant de cette histoire”.

histórias de traição cruel *versus* amor fatal, ou arrependimento da esposa *versus* despotismo do marido. Como já foi mencionado, quando os Herzen se mudaram para a Europa fizeram amizade com o casal Herwegh e, após a revolução de 1848, os laços entre ambos se estreitaram de tal maneira que as famílias optaram por compartilhar o mesmo teto, tanto em Paris quanto na Suíça. A partir de agosto de 1849, Natália e Georg começaram a se envolver intimamente. Nesse ínterim, Georg se desentendeu com Emma e ambos se separaram. Aflitos com a quebra da harmonia do quarteto, tanto Herzen quanto Natália insistiram para que Georg fizesse as pazes com Emma. Em fevereiro de 1850, George resolveu se reunir novamente com Emma e a deixou a par sobre o que estava se passando entre ele e Natália, e Herzen foi o último a saber, tomando conhecimento do caso apenas no início do ano de 1851. Chocado com a revelação, ele exigiu que os Herwegh deixassem a casa em comum, mas, como Herzen era quem sustentava a vida de todos eles, esse pedido foi muito mal recebido pelo casal de alemães e os desentendimentos só se multiplicaram a partir de então.

Enfim a separação se concretizou e, segundo Herzen, Herwegh partiu “três burgeoisement, com bagagem, mulher, criada e filhos”²⁷⁶. Pouco depois disso, ao encontrar com o amigo Sazónov em Viena, Herzen ficou sabendo que Herwegh havia tornado o caso público e que a comunidade radical da qual os dois faziam parte estava julgando Herzen como o grande culpado pelo episódio, como aquele que havia despoticamente subjugado a esposa, impedindo-a de desfrutar do amor ao lado do amante. Herzen exigiu que ela tomasse uma posição, e Natália foi se juntar a Herzen em Turim, no episódio que ele denominou o segundo casamento dos dois. Mas o aparente final feliz foi revertido por uma nova onda de desgraças: a morte da mãe de Herzen e do filho num naufrágio. Em uma carta impiedosa, Herwegh atribuiu essa nova tragédia a uma vingança do destino a seu favor, fez revelações chocantes sobre o caso dele com Natália e desafiou

276 PAPERNO, Op. Cit., p. 12. “très bourgeoisement, avec bagage, femme, bonne et enfants”.

Herzen para um duelo. Mas, como ressaltou Paperno, Herzen – o aristocrata russo – não aceitou duelar e optou por tornar o caso público, para que Herwegh fosse então condenado por um júri de honra composto por membros da democracia internacional. Um pouco depois do acidente que tirou a vida da mãe e do filho de Herzen, foi a vez de Natália sucumbir a uma doença pulmonar grave, logo após dar à luz um bebê que também não resistiu e morreu horas depois. Esse desfecho trágico fez Herzen perder o chão, e na sua lógica de homem ferido a única maneira de sobreviver a essa maré de desgraças seria condenando Georg Herwegh, o culpado, para ele, de toda essa história. A constituição do “júri de honra” se tornou para ele uma obsessão.

Antes de explorarmos essa ideia aparentemente bizarra da constituição do júri, é oportuno nos debruçarmos, ainda que brevemente, sobre a “culpa” de Herwegh. A rigor, Herwegh era culpado do quê? A ideia de triângulo ou quadrângulo amoroso, antes de ter sido colocada em prática por Natália, não era nem um pouco estranha a Herzen. Leitor dos mesmíssimos autores que encantavam Natália, Herzen era simpático às formas mais livres de amor, e inclusive as tinha colocado em prática ao se envolver com uma mulher casada na juventude e mais tarde, já casado, ao ter tido um intercuro sexual com uma criada da casa, fato que magoou profundamente a esposa quando descoberto.

No entanto, o que é mais contraditório (e por essa razão não pode passar despercebido) é a ironia de Herzen ter escrito sobre o drama familiar estando novamente implicado em outro drama familiar, mas dessa vez no papel que outrora fora desempenhado por Herwegh. Uma vez que a primeira versão da parte de *Passado e Pensamentos* dedicada ao drama familiar foi completada entre 1857-1858, isso significa, como apontou Paperno²⁷⁷, que enquanto Herzen escrevia a história do envolvimento de sua esposa com Herwegh, um outro “drama familiar” estava se desdobrando sob seu teto, mas dessa vez ele estava no papel do “amante”, uma vez que ele estava se envolvendo

277 Ver: PAPERNO, Irina. “Introduction: Intimacy and History. The Gercen Family Drama Reconsidered”. In: *Russian Literature*, N. LXI, (2017) I/II, p. 20

sexualmente com Natália Tutchkova-Ogarióva (que ele não menciona nas memórias), a esposa de Ogarióv.

Depois do falecimento de Natália, Herzen resolveu tentar a sorte em um novo país e se mudou para a Inglaterra. Em outro capítulo falaremos mais sobre a importância do período inglês na biografia de Herzen. O fato é que Herzen chegou a Londres em 1852, e alguns anos depois seu amigo de longa data, Ogarióv, foi se juntar a ele. Quando Ogarióv se mudou para a Inglaterra ele levou consigo sua esposa, também chamada Natália, uma antiga grande amiga de Natália. Natália inclusive, antes de morrer, pediu a Herzen para que ele delegasse o cuidado dos filhos do casal a amiga, agora esposa de Ogarióv.

Após alguns meses vivendo sob o mesmo teto, Herzen viu a situação anterior se repetir, quando ele identificou um interesse de outra ordem da parte dele e da esposa do amigo. Ogarióv não se opôs ao envolvimento sexual dos dois e Natália, nos anos em que a relação se deu, teve três filhos de Herzen, mas que oficialmente foram tratados como filhos de Ogarióv, e o trio (que pode ser considerado quarteto, uma vez que a presença de Natália era um fato incontornável) manteve essa relação por anos a fio, intercalados por algumas separações entre Herzen e Natália e muitas crises familiares, uma vez que ela tinha um temperamento muito turbulento e frequentemente se desentendia com os filhos mais velhos de Herzen. É digno de nota que essa relação não teve uma menção sequer em *Passado e Pensamentos*.

Isso posto, a questão apresentada anteriormente volta a se colocar, e para entender onde reside a culpa de Herwegh precisamos nos debruçar sobre os escritos de Herzen sobre o episódio. Para ele, Herwegh cometeu uma traição imperdoável, um crime – “no minuto em que ele adivinhou minhas suspeitas e não apenas silenciou, mas me assegurou mais e mais de sua amizade – ao mesmo tempo em que influenciou com mais força ainda um mulher que estava com o coração abalado –, no minuto em que ele começou a mentir para mim tentando se corrigir e suplicando a ela (como eu fiquei sabendo depois) para

não estragar nossa amizade por causa de uma palavra imprudente, nesse minuto começou seu crime”²⁷⁸. Para Herzen Herwegh mentiu, agiu de maneira desleal, e influenciou Natália de forma vil.

O que na versão de Herzen jamais constou (e nem poderia constar) foi a leitura da participação de Natália no caso, que dizia respeito a ela antes do que a ele, Herzen. O marido enganado jamais considerou ler esse caso sob a ótica da esposa, e nunca cogitou que, ao invés de vítima de um homem perverso, ela poderia ter sido a protagonista da trama. E, como já foi apontado, o medo da retaliação por parte de Herwegh acompanhou Herzen e seus descendentes pelo fato do amante nunca ter se desfeito das cartas de Natália, tendo-as guardado por anos a fio. Essa atitude por si só era um indicativo de que a versão de Herzen era muito ingênua e, portanto, insuficiente para dar conta da história. Essas cartas só vieram a público quase um século depois da data em que foram escritas, na década de 1930. O primeiro a ter acesso a elas foi o pesquisador E. Carr, que obteve a permissão dos descendentes de Herwegh para ler os documentos e salvaguardá-los na biblioteca nacional de Londres. A nacionalidade não russa de Carr foi o que o ajudou a conseguir a permissão da família do alemão, que nunca cedeu as cartas aos pesquisadores russos que tentaram ter acesso a elas tamanha a desconfiança de uma possível parcialidade da parte destes, em função da nacionalidade em comum, a favor de Herzen.

Aqui cabe um parênteses interessante sobre a relação dos estudiosos de Herzen com o drama familiar. Como não é difícil de acontecer na Rússia, a história trágica de Herzen provocou reações apaixonadas até naqueles que não tiveram qualquer participação direta na trama. É o que ocorreu, por exemplo, com Nikolai Antsíferov, historiador especialista em história da cidade e estudioso da literatura russa. Em 1911, na

278 HERZEN, Op. Cit. “С той минуты, с которой он угадал мое сомнение и не только промолчал, но больше и больше уверял меня в своей дружбе, - и в то же время своим отчаянием еще сильнее действовал на женщину, которой сердце было потрясено, - с той минуты, с которой он начал со мною отрицательную ложь молчанием и умолял ее (как я после узнал) не отнимать у него моей дружбы неосторожным словом, - с той минуты начинается преступление”.

sua lua de mel em Paris, Antsíferov procurou a filha mais velha de Herzen, Tata, pedindo a permissão dela para publicar a parte 5 de *Passado e Pensamentos*. Muito interessado em Herzen, ele trabalhou por muitos anos em um livro sobre a temática do amor na vida de Herzen que foi interrompido inúmeras vezes, em função das suas repetidas prisões. Para ilustrar a magnitude do interesse de Antsíferov em Herzen, vamos reproduzir aqui um trecho do diário de Emma Gerstein, amiga de Antsíferov, intitulado *Memórias de Moscou*: “um dos mais respeitados membros do nosso grupo era Nikolai Antsíferov. Sempre gentil, interessado em tudo e gozando da popularidade do seu trabalho, ele era um inspirado estudioso do meio urbano, como seu famoso livro *A Alma de São Petersburgo* indica. Ele também tinha uma devoção romântica por Natália, esposa de Herzen, e era um ardente defensor do amor de Herzen por ela (...). Quando as cartas de amor de Natália Herzen para Herwegh foram descobertas Antsíferov, ficou profundamente chocado. O comentário maldoso que circulou foi que a infidelidade dela o matou; e ele de fato morreu logo depois da publicação dessa descoberta sensacional”²⁷⁹.

Como Paperno coloca, a lenda é ainda mais dramática e prega que após ler o texto sobre Natália Herzen, Antsíferov teve um ataque do coração e morreu. Antsíferov nem morreu de um ataque do coração provocado por Natália Herzen, nem mesmo faleceu em 1933, data da publicação do livro de Carr com as cartas inéditas. Nas palavras de Paperno, “essas lendas são um indicativo do poder que o drama familiar dos Herzen exerceu sobre as mentes e emoções dos intelectuais russos: alguns inclusive parecem ter revivido o drama familiar dos Herzen em suas próprias vidas”.²⁸⁰

279 GERSTEIN, Emma. *Moscow Memoirs*. Londres: The Harvill Press, 2004, p. 196. “One of the most respected members of our team was Nikolai Antsiferov. Always kindly, interested in everything and enjoying the work of popularization, he was an inspired scholar of the urban milieu, as his famous book *The Soul of Petersburg* testifies. He also had a most romantic devotion to Herzen’s wife Natalya and was a passionate defender of Herzen’s love for her. (...) When Natalya Herzen’s love letters to Herwegh were discovered, Antsiferov was deeply shocked. The unkind comment was that her infidelity killed him; he indeed died soon after the publication of this sensational discovery”.

280 PAPERNO, Op. Cit., p. 43. “these legends are indicative of the power that the Gercen Family drama exercised over the minds and emotions of Russian intellectuals: some have even seemed to relive the Gercen Family drama in their own lives”.

Parênteses feito, voltando ao drama original, o fato é que as cartas contradizem a versão que Herzen tentou fixar para a posteridade – a de uma mulher enganada, arrependida e indignada com o comportamento do amante – e, ao contrário, atestam o amor ardente de Natália por George até o fim da vida dela. Tanto que, em seu leito de morte, ela abençoou o amante, sinalizando que a ruptura completa tão propagada (e desejada) por Herzen jamais ocorreu de fato.

Portanto, se a análise distanciada do drama familiar não nos permite identificar culpados com tanta facilidade, no caso de Herzen, tanto enquanto estava vivenciando a história quanto no restante da sua vida, não existiram matizes, dúvidas ou reexames, mas uma certeza total e inabalável da culpa de Herwegh no seu drama familiar e da necessidade de responsabilizá-lo pelo seu crime. Por isso, para Herzen havia a necessidade indiscutível da criação de um “júri de honra” para tratar do caso, composto por nomes centrais da democracia europeia como Mazzini, Proudhon, Michelet, entre outros. Mais do que isso, na visão de Herzen não existiria outro veredito possível a ser pronunciado por esse júri que não fosse a condenação total e irrestrita de Herwegh e sua exclusão do posto de soldado da revolução.

Em carta a Michelet, escrita em 25 de julho de 1852, Herzen explicitou seu desejo de “levar a causa ao único tribunal que eu reconheço, eu desejo punir a ofensa pela força moral da democracia”²⁸¹. Em carta endereçada a Proudhon, redigida em 6/7 de setembro de 1852, Herzen comentou o protesto emitido por Herwegh, que afirmou não ter encontrado relação entre um acontecimento da ordem do privado com os valores da democracia, e Herzen rebateu afirmando que “a democracia a qual eu pertenço pressupõe perfeitamente a solidariedade de todos frente a cada um e o dever moral de esclarecer os mal-entendidos. Eu pertenço a esta nova sociedade a qual você [Proudhon] pertence e

281 HERZEN, Alexandre. *Passé et Méditations*. Présenté, Traduit et Commenté par Daria Olivier. Lausanne: Editions L’Age d’Homme, 1974, p. 217. “porter la cause au seul tribunal que je reconnaisse, je voulais punir le traître par la seule force morale de la Démocratie”.

seus amigos, eu pertenço à revolução, a mesma que Mazzini e seus amigos pertencem”²⁸². Tanto Michelet quanto Proudhon se mostraram solidários a Herzen, mas se abstiveram de tomar qualquer partido ou providência referente ao poeta alemão, desapontando dessa forma o revolucionário russo.

Herzen também escreveu a Richard Wagner, que era amigo de Herwegh, e mesmo tendo selado o destino do poeta alemão na carta, ao afirmar que “a morte moral do senhor Herwegh é pronunciada”, ele falhou em conseguir um aliado, pois Wagner não demonstrou o menor interesse na contenda. Continua a carta: “Escarnecido por todos os homens de bem, banido da democracia, ele será obrigado a esconder sua existência ressequida em qualquer canto escondido do mundo. Porque na Suíça, França, na Itália ele não terá descanso”.²⁸³

O incansável Herzen resolveu então apelar à mentora sentimental de toda a sua geração: George Sand. Ele endereçou uma carta para Müller-Strübing, amante de Sand, e nessa carta escreveu que “ela [George Sand] precisa conhecer essa história, ela que sintetiza na sua pessoa a ideia revolucionária da mulher. Eu já te falei sobre o meu desejo de que ela fique a par desse caso”²⁸⁴. Herzen, no entanto, nunca recebeu uma carta em resposta, mas é possível que essa história tenha chegado aos ouvidos dela, assim como chegou aos ouvidos de Marx, como afirmam estudiosos como Schmid.²⁸⁵

Porém, se é fato que quase toda a comunidade radical europeia ficou sabendo dessa história, por outro lado o tal júri composto pelos democratas da sociedade do futuro nunca se reuniu para condenar Herwegh. O que à primeira vista parece uma ideia absurda

282 Idem, ibidem, p. 221. “La démocratie à laquelle j’appartiens comprend parfaitement la solidarité de tous pour chacun et le devoir moral de flétrir les traîtres. J’appartiens à cette nouvelle société à laquelle vous appartenez et vos amis, j’appartiens à la révolution à laquelle Mazzini appartient et les siens”.

283 Idem, ibidem, p. 213. “la mort morale du sieur Herwegh est prononcée. Conspué de tous les hommes de bien, mis au ban de la démocratie, il sera force de cacher son existence flétrie dans quelque coin éloigné du monde. Car en Suisse, en France, en Italie, il n’aura pas de repos”.

284 Idem, ibidem, p. 227. “elle [G. Sand] doit connaître cette histoire, elle qui résume dans sa personne l’idée révolutionnaire de la Femme. Je t’ai exprimé mon désir de l’instruire de cette affaire”.

285 Ver: SCHMID, Ulrich. “Um duel entre deux romantiques: Herzen et Herwegh”. *Revue des Études Slaves*, Vol 83. N°1, 2012, p. 121

– a criação de um tribunal de democratas para julgar um caso pessoal – é na verdade uma amostra pontual de um sistema de pensamento, do qual já falamos aqui, de alguém que sempre enxergou sua vida como um palco para a luta por um novo mundo, e todos os momentos dessa vida como situações basais nas quais essa luta se descortina. A importância desse júri dentro da *Weltanschauung* de Herzen foi muito bem analisada por Daria Olivier:

“Nós já assinalamos: uma das ideias mestras de Herzen é a união absoluta entre o público e o privado. A derrocada do que é geral arrasta inevitavelmente atrás de si a catástrofe particular (...). Assim, o homem que enxerga a si mesmo como o representante de uma elite intelectual, de uma minoria cultivada, como a emanação de um grupo social chamado à ação, deve ser exemplar e responsável. É a partir dessas premissas que Herzen considera o seu drama pessoal como um acontecimento de importância geral, que diz respeito a todos os seus irmãos democratas. Herwegh é a encarnação de tudo que é condenável e odioso; ele é o velho mundo. Herzen é o mundo novo, ainda em gestação sem dúvida, mas no qual ele acredita e proclama. Ele faz parte da História como todo o indivíduo militante responsável; ele traz consigo os princípios morais desse mundo novo; ele não pode ser humilhado, nem atingido por aquele que não é senão negação desse novo mundo, por aquele que não é senão irresponsabilidade. Herzen desejou então ardentemente a condenação e a aniquilação moral daquele que, ao o trair, insultar e provocar, desafiou tudo aquilo que ele representa (...).²⁸⁶

286 OLIVIER, Op. Cit., p. 265-266. “Nous l’avons noté: une des idées-force de Herzen, c’est l’union absolue entre ce qui est privé et ce qui est public(...). Aussi, l’homme qui se voit comme le représentant d’une élite intellectuelle, d’une ‘minorité cultivée’ con l’émanation d’un groupe social appelé à l’action, doit être exemplaire et responsable. C’est à partir de ces prémices que Herzen considéré son drame personnel comme une affaire d’importance générale, concernant tous ses ‘frères démocrates’. Herwegh est l’incarnation de tout ce qu’ils condamnent et haïssent: il est le monde ancien. Herzen est le monde nouveau, encore en gestation sans doute, mais qu’il affirme et proclame. Il fait partie de l’Histoire, comme tout individu militant responsable; il porte les principes moraux de ce monde nouveau; il ne peut être ni humilié, ni atteint par celui qui n’est que négation et irresponsabilité. Herzen désirait donc ardemment la

Assim, voltamos aqui à “ideia mestra” de Herzen: a absoluta intersecção entre o privado e o público. Nesse caso específico Herzen entendia que a tragédia pessoal estava imbuída da questão da revolução, e não por acaso o seu início tinha se dado concomitantemente à revolução de 1848. A quinta parte de *Passado e Pensamentos* se encontra dividida em duas seções, e a primeira delas, que foi escrita entre 1855 e 1857, foi publicada de forma esparsa a partir de 1855 nos periódicos de Herzen, *Estrela Polar* e *O Sino*, até 1862. A primeira seção trata exatamente dos acontecimentos de 1848 e mescla uma análise da situação política com as impressões de Herzen enquanto testemunha ocular da experiência revolucionária. As páginas dedicadas à participação de Herzen na revolução de 1848 foram intituladas “Ocidente. Primeira seção. Externo (1849-1852)” (*Západ. Otdeliénoe piérvoe. Outside*) e saíram na *Estrela Polar* do ano de 1859. Como o título faz o leitor intuir, essas páginas provavelmente antecipam uma segunda parte que, pela lógica, deveria sair com o subtítulo “Inside”.

Os escritos sobre a matéria mais íntima foram publicados, ainda que de forma parcial, na *Estrela Polar*, em 1856 e 1859, e no *Sino*, em 1862, mas sem o subtítulo “Inside”. Esses textos depois apareceram em *Passado e Pensamentos*, como o capítulo “Oceano Nox”, mas o que nos interessa especialmente é a ideia que está por trás da oposição Outside/Inside, que mesmo sem ter sido colocada em prática indica uma complementariedade, uma unidade. Isso porque, para ele, tanto acontecimentos como o massacre do povo francês, em 1848, quanto, por exemplo, a morte da mãe e do filho no naufrágio, não são acontecimentos de natureza diferente que ocorreram coincidentemente em épocas próximas, mas uma evidencia da interdependência entre essas duas esferas igualmente destroçadas pelo signo da tragédia. Assim, para Herzen a tragédia havia

condamnation et l’anéantissement moral de celui qui, en le trahissant, en l’insultant, en le provoquant, avais porte atteinte à ce qu’il représentait”.

colorido igualmente a História e a sua história. Isso é encarado por ele como uma evidência de que o plano individual é um receptáculo das forças históricas.

Dolf Oehler, estudioso da Revolução de 1848, escreveu sobre as impressões deixadas por Herzen a respeito desse evento histórico: “esta experiência, que se emparelhou com uma catástrofe de ordem privada, foi um trauma duplo. (...) é precisamente esta impotência, esta obsessão pelas imagens e as emoções daquela época, no curso da qual se fundiram para ele o destino da História e da história particular, que conferem um tom patético incomparável aos textos de Herzen que datam de 1848 e que atribuem a eles uma impressão de imediatismo e de autenticidade, graças aos quais é possível ainda sentir, apesar da grande distância temporal, os horrores há muito esquecidos”.²⁸⁷

Logo no início de “História de um drama familiar” Herzen comenta acerca da aniquilação do pessoal pelo histórico durante as jornadas de junho de 1848: “os pensamentos pessoais foram sobrepujados pela História”²⁸⁸. Ele ressalta a centralidade desse episódio na sua vida, pois, segundo ele “esses dias de junho e os que se seguiram foram terríveis, eles deixaram uma marca na minha vida”²⁸⁹, marca esta que, mais adiante, ele compara a uma grave doença: “disso poderia ter morrido, ou enlouquecido. Eu não morri, mas envelheci; eu me restabeleci das jornadas de junho como de uma grave doença”.²⁹⁰

Ele vai mais longe e credita ao horror dos massacres que acompanharam essas jornadas uma das razões para a sua crise conjugal. Sobre a terrível impressão que esses

287 OEHLER, Dolf. Op. Cit., p. 218. “cette expérience, qui alla de pair avec une catastrophe d’ordre privé, fut un double traumatisme. (...) c’est précisément cette impuissance, cette obsession pour les images et les émotions de cette époque, au cours de laquelle fondit sur lui le destin tout à la fois de l’histoire et de la petite histoire, qui conférèrent un pathétique incomparable aux textes de Herzen datant de 1848 et qui donnent une impression d’immédiateté et d’authenticité, grâce à quoi on peut encore ressentir, si grand que soit la distance historique, des épouvantes depuis longtemps oublié”.

288 HERZEN, Op. Cit. “Личное раздумье было побеждено историей”.

289 Idem, ibidem. “Июньские дни, дни шедшие за ними, были ужасны, они положили черту в моей жизни”.

290 Idem, ibidem. “(...) – от этого можно умереть, сойти с ума. Я не умер, но Я состарелся; я оправляюсь после Июньских дней, как после тяжелой болезни”.

massacres causaram em Natália, Herzen escreveu: “e como de outra forma isto, tanta infelicidade, poderia se refletir na alma de uma mulher que é profundamente tocada por tudo que é triste”²⁹¹. Ele se responsabilizou por não ter sido capaz de ajudá-la, pois “ela sofria, e ao invés de curá-la ofereci o cálice amargo do ceticismo e da ironia”²⁹².

E Herzen se lamenta por ter sofrido o que ele considerou uma dupla traição, que ocorreu tanto no âmbito privado quanto no âmbito público – traído por Natália e traído pela História. “O que é, afinal, este gracejo? Tudo que nos era caro, que amávamos, a que aspirávamos, a que nos sacrificávamos... A vida traiu, a História traiu, traiu para os seus próprios fins (...)”.²⁹³

E tanto na traição da vida quanto na traição da História, Herzen não tinha dúvidas de que havia um mesmo e único pivô. Nesse ponto voltamos ao nosso bom e velho Herwegh, mas diferentemente do que apontamos anteriormente não é apenas a pessoa de Georg Herwegh, enquanto o responsável por ludibriar Natália, que interessava a Herzen, mas o que ele simbolizava para além da sua individualidade. Isso porque, como já mencionamos anteriormente, Herzen identificava na Europa Ocidental a perigosa ascensão de uma classe que para ele muito claramente atuava como a grande força contrária à revolução: a classe burguesa.

Na sua leitura da revolução de 1848, Herzen apontava a classe burguesa como uma das principais responsáveis pelo fracasso dessa experiência revolucionária, pois ao ver seus privilégios ameaçados a burguesia colocou-se como um obstáculo ao avanço da revolução socialista. Mais do que isso, Herzen lia a república e o sufrágio universal como dois instrumentos dos quais a burguesia fazia uso para transformar o Estado em uma retaguarda dos seus interesses, como se esses interesses fossem os interesses da maioria.

291 Idem, *ibidem* - “И как же иначе могло это отразиться на душе женщины, так несчастно, глубоко понимавшей все печальное”.

292 Idem, *ibidem*. “Она страдала, а я вместо врачеванья подавал горькую чашу скептицизма и иронии”.

293 Idem, *ibidem*. “Что ж, наконец, все это шутка? Все заветное, что мы любили, к чему стремились, чему жертвовали. Жизнь обманула, история обманула, обманула в свою пользу”.

Ele apontava que a burguesia tinha sido sábia o suficiente a ponto de transformar o sufrágio universal em uma ferramenta para assassinar a república através do povo, convertendo-o em um meio de manipular as massas para que elas identificassem como seus os interesses da classe burguesa e, portanto, achassem natural e desejável que o Estado se erigisse como um bastião na defesa desses interesses. É por isso que essa classe, ao se aproveitar da revolução para que fosse instaurada a república, trabalhou para matar a revolução, temendo que essa extrapolasse esse objetivo burguês. Herzen escreveu um interessante parágrafo sobre isso em *Passado e Pensamentos*: “da revolução eles [os burgueses] quiseram fazer a sua república, mas ela escorreu por entre seus dedos, assim como a civilização antiga escorregou dos bárbaros, ou seja, desconectado do presente, mas nutrindo esperanças por uma *instaurationem magnam*”.²⁹⁴

Para Herzen, Herwegh, o amante alemão de Natália, para além de um poeta sem talento era também a personificação do pior que havia nessa burguesia e um exemplo de como esta classe não tinha escrúpulos para alcançar seus objetivos. Em *Passado e Pensamentos*, Herzen acusa Herwegh de ter se deixado levar cada vez mais pelo que ele chama de um “epicurismo burguês”²⁹⁵, e em outra passagem o descreve como “um pequeno-burguês, como o Horácio de Georg Sand, que maldizia uma mulher que ele amava e o homem a quem antes chamava de ‘irmão’ e ‘pai’ e, sendo um pequeno-burguês alemão, ele ameaçava com frases melodramáticas, compostas à maneira pseudo-schilleriana”.²⁹⁶

Não é apenas com o intuito de ofender o seu rival que, como afirmou Michel Mervaud, que ele ressalta que Herwegh é “o símbolo do velho mundo, dessa pequena

294 Idem, *ibidem*. “Из революции они хотели сделать свою республику, но она ускользнула из-под их пальца так, как античная цивилизация ускользнула от варваров, то есть без места в настоящем, но с надеждой на *instaurationem magnam*”.

295 Idem, *ibidem*. “буржуазный эпикуреизм”.

296 Idem, *ibidem*. “Мещанин, как Орас Ж. Санда, он болтал в отомщенье женщине, которую любил, и человеку, которого называл братом и отцом, и — мещанин-немец, он грозился melodраматическими фразами, сочиненными на псевдошиллеровский лад”.

burguesia desprovida de honra e limitada a apenas discursar no lugar de agir”²⁹⁷, antes seu objetivo é circunscrevê-lo a uma etapa da história a ser superada, a uma ordem a ser solapada pela revolução socialista da qual ele, Herzen, é o representante legítimo. Através da condenação pelo “júri de honra”, que Herzen tanto almejava, ele pretendia banir o seu rival das fileiras da revolução e devolvê-lo ao seu verdadeiro lugar, que na visão de Herzen era a velha ordem e a classe burguesa desprovida de moral. Assim, ele garantiria que o papel de revolucionário coubesse apenas a ele, e que, ao permanecer do lado “certo” da História, que a mesma absolvesse também a sua honra de marido traído.

Por conseguinte, à guisa de buscar por respostas que deem conta do complexo sistema de pensamento de Herzen, é interessante nos perguntarmos como tal concepção de que a revolução socialista deverá solapar o velho mundo pode conviver com as teses sobre a História que afirmam que esta não caminha para lugar nenhum? Como um capítulo que apresenta saídas teóricas tão modernas para a teoria da história (“Robert Owen”) pode ser componente da mesma unidade textual que também apresenta como texto central uma parte claramente influenciada por um historicismo de tipo hegeliano (“História de um drama familiar”)?

Alguns estudiosos chamaram a atenção para o fato de Herzen nunca ter se preocupado em elaborar um sistema de pensamento muito estruturado e coerente. R. Harris ressaltou que Herzen nunca fora um teórico, mas antes um “escritor reativo”; H. Rothe apontou que, enquanto leitor, Herzen era voraz, mas retinha as informações de forma vaga e não se interessava em penetrar muito a fundo no texto dos outros; por fim, M. Cofino salientou que tudo o que Herzen lia passava pelo escrutínio da sua própria experiência, e que era o resultado desse casamento que de fato interessava a ele. Este último escreveu na sua análise de Herzen, apoiada nas lições de I. Berlin, que “como

297 MERVAUD, Michel. “Un Grand Européen: Alexandre Herzen”. In: *Revue des Études Slaves*, Vol. 78, n. 2/3, Alexandre Herzen L’Européen (2007), p. 157. “ le symbole du vieux monde, de cette petite-bourgeoisie sans honneur et portée à faire des phrases au lieu d’agir”.

Isaiah Berlin apontou com precisão: Herzen absorveu de pensadores como Hegel, George Sand, Fourier, Proudhon, somente o que era necessário para ele e misturou à torrente veemente da sua própria experiência. De qualquer forma, acrescenta Berlin, quando Herzen enfim escreveu suas memórias, quase todos os traços da influência hegeliana já haviam sumido”.²⁹⁸

Já ressaltamos nessa tese que Isaiah Berlin baseou grande parte da sua interpretação a respeito do legado de Herzen nas ideias tardias sobre a história que ele desenvolveu no capítulo “Robert Owen”. Também algumas linhas acima chamamos a atenção para o fato de que, apesar de reconhecer que Herzen permaneceu um revolucionário até o fim da vida, Berlin tratou essa característica como um efeito colateral de um patriotismo e um otimismo pouco defensáveis, e esse como o aspecto menos interessante da notável carreira do pensador russo. Assim, dentro desse questionamento que estamos propondo, Berlin defenderia que a moldura hegeliana é pouco significativa e que Herzen deveria ser celebrado como o grande adversário das Filosofias da História do século XIX, como o cavaleiro solitário na batalha contra as abstrações e os *ísmos* que marcaram o seu século e como aquele que antecipou os questionamentos colocados pelo século XX referentes à teoria da História.

Outros estudiosos discordam frontalmente da interpretação de Berlin no que tange a essa questão específica, sendo Martin Malia um deles. Nas palavras de Malia, “não importa o quanto Herzen se afastou de todos os esquemas metafísicos rígidos, a cena de um universo envolvente e em expansão continuou piscando dentro da sua mente, e ele nunca abriu mão de uma generalização historicista para justificar suas esperanças

298 COFINO, Michel. “Isaiah Berlin, Alexander Herzen, and Russia’s Elusive Counter-Enlightenment”. In: MALI, Joseph, WOKLER, Robert (ed). *Isaiah’s Berlin’ Counter-Enlightenment*. Transactions of the American Philosophical Society, New Series, Vol. 93, nº5, 2003, p. 184. “As Isaiah Berlin aptly remarked: Herzen took from thinkers such as Hegel, George Sand, Fourier, Proudhon, and the others just what he needed, and poured into the vehement torrent of his own experience. In any case, adds Berlin, when Herzen eventually wrote his memoirs, almost all traces of Hegelian influence were gone”.

políticas”²⁹⁹, e o socialismo de Herzen “estaria para sempre imbuído do maximalismo do seu idealismo original”.³⁰⁰

Quando Herzen fala da febre hegeliana, como vimos ainda nesse capítulo, ele busca a todo custo minimizar a importância da influência de Hegel sobre o seu pensamento. Nós não acreditamos que esta atitude seja uma estratégia para despistar o leitor da verdadeira autoridade que está por trás do seu texto autobiográfico, porém entendemos que se, por um lado, a influência de Hegel é perceptível, especialmente nessa quinta parte de *Passado e Pensamentos*, por outro ela não parece ser resultado de uma reflexão minuciosa da parte do próprio Herzen, mas sim algo sub-reptício que importa para o texto, porém não é determinante para ele. Exatamente porque compartilhamos da opinião dos autores que reconhecem a vastidão do conhecimento teórico de Herzen, mas que entendem que essa erudição não funcionava como uma prisão, mas como um campo fértil para o livre cultivo das influências, a partir do que podemos localizar como o grande “sol” do sistema de pensamento do autor russo: a experiência pessoal.

E isso não poderia ser diferente na sua análise sobre os sentidos (ou ausência deles) da História. Voltando ao exemplo que o próprio Herzen nos fornece: se Herwegh é o responsável pela sua infelicidade particular e a burguesia é a responsável por frear a Revolução, essa coincidência de fatos não é uma simples coincidência, mas uma evidência de como a História é vivenciada por indivíduos na urgência do presente. E ao ser escrita no presente e na esfera da individualidade, a História compreende tanto o que é do âmbito do público quanto o que é do âmbito do privado, sem distinguir uma coisa da outra. Para Herzen, “o público, o privado – tudo deslizou para o abismo”³⁰¹, e isto não é apenas um recurso literário, mas uma convicção profunda da interdependência desses dois

299 MALIA, Op. Cit., p. 255. “no matter how far Herzen moved from all fixed metaphysical schemes there always lurked in the back of his mind the picture of a growing, evolving universe, and he was never at a loss for an apt ‘historiosophic’ generalization to justify his political hopes”, e o socialismo de Herzen “would always be imbued with the maximalism of the idealist original”.

300 Idem, ibidem, p. 256. “would always be imbued with the maximalism of the idealist original”.

301 HERZEN, Op. Cit. “(...) Общее, частное – все неслоь куда-то в пропасть (...)”.

âmbitos no que diz respeito à sua vida. Portanto, “tudo que Herzen viveu refletiu-se na obra prima improvisada das suas memórias. Ele compreendeu a instrumentalização da história de uma forma focada em como ela afetou as vidas das pessoas comuns, o que, no final das contas, é a sua única medida de progresso”³⁰².

Se nos concentrarmos no conceito de progresso, a “menina dos olhos” do século de Herzen, podemos entender que se ele não enxergava culminância no processo histórico, isso não significava que ao mesmo tempo ele não estivesse convencido de que a revolução socialista na Rússia era incontornável. Ou, nas palavras de Klinger, “então, dizer – como Herzen o faz eventualmente em *Passado e Pensamentos* – que a História não vai para lugar nenhum não é necessariamente dizer que ela não tem direção”³⁰³. E se pensamentos como esse podem soar incômodos por sua aparente contradição, nós entendemos que isso não era algo que tirava o sono de Herzen, pois ideias contraditórias povoavam o seu sistema filosófico sem que isto fosse encarado por ele como uma falha ou um problema. Uma vez que Herzen era especialmente sensível à experiência e ao que se dava no plano concreto da vida, mudanças no plano das ideias não eram vistas como problemáticas, mas como um efeito natural das transformações geradas pelo fluxo da vida.

Isso nos faz retornar ao problema da moldura hegeliana da quinta parte *versus* as teses tardias sobre a História e a deixar de encarar esta como uma questão central a ser resolvida pelo estudioso. Malia desbravou esse caminho quando afirmou: “nesse contexto a contradição entre determinismo e liberdade no seu pensamento perde importância. Historicismo nunca foi um fim em si mesmo para Herzen, mas apenas um dispositivo para reforçar a sua convicção no inevitável triunfo da liberdade. Ele não era um filósofo,

302 PARTHÉ, Kathleen. “Vivos voco: Herzen’s Past, Present and Future”. In: *Poljarnyj vestnik: Norwegian Journal of Slavic Studies*, vol.17, 2014, pp. 44-45. “Everything Herzen experienced found reflection in the improvisational masterpiece that is his memoir. He understood the instrumentality of history in a way that focused on how it affected the lives of ordinary people”.

303 KLINGER, Op. Cit., p.132. “thus, to say – as Herzen occasionally does in Byloe i Dumy and elsewhere – that History may be going nowhere is not necessarily to say that it has no direction”.

mas um jornalista político, e se ele era consistente na sua aspiração essencial pela liberdade ele nem sempre era lógico na sua racionalização disso”.³⁰⁴

Dessa forma, nós identificamos em *Passado e Pensamentos* a convicção de que a História não caminha para lugar nenhum, não obedece a nenhum plano nem é orientada por qualquer sentido. Mas também identificamos, especialmente nesta quinta parte, a apreciação do autor dos eventos da sua vida pessoal como um microcosmos da estrutura da sua época histórica, à partir da lente emprestada da *Fenomenologia do Espírito* de Hegel. A essa leitura da parte pelo todo se soma a identificação de Herwegh com a velha ordem caduca, carcomida, vil, em contraposição a ele próprio, Herzen, o legítimo representante de uma nova ordem vindoura, próspera e necessária. Ao mesmo tempo em que Herzen diz que a História não tem direção, ele não duvida um minuto sequer de que ela está avançando rumo ao socialismo russo. E ideias aparentemente contraditórias não anulam umas às outras, mas enriquecem-se mutuamente quando analisadas a partir do mecanismo que orienta o pensamento de Herzen: o embate dos opostos, que enquanto método da contradição se firma como dialético, próprio da transformação permanente inerente à vida.

304 MALIA, Op. Cit., p. 255. “in this context the contradiction between determinism and liberty in his thought loses most of its importance. Historicism had never been an end in itself for Herzen but only a device to bolster his conviction in the inevitable triumph of liberty. He was not a philosopher but a political journalist, and he was consistent in his basic aspiration to freedom if not always logical in his rationalization for it”.

CAPÍTULO 4

HERZEN E A IMPRENSA LIVRE RUSSA

4.1. Herzen em Londres

O período londrino da biografia de Herzen foi apontado por muitos estudiosos como um divisor de águas na carreira do revolucionário russo. De fato, a importância desse período é inegável, uma vez que foi em Londres que Herzen iniciou o empreendimento que o transformou em uma das figuras mais poderosas e influentes da política e da intelectualidade russa, mesmo sem jamais ter retornado à terra natal – a Imprensa Livre Russa –, e foi onde ele encontrou motivação para escrever *Passado e Pensamentos*, sua obra prima.

Martin Malia, em sua célebre biografia intelectual de Herzen, apontou o exílio como o fator determinante na transformação do russo, “de um jornalista insignificante, que escrevia tratados hegelianos distorcidos e ficção de segunda linha para os intelectuais moscovitas, em uma figura revolucionária de respeito”³⁰⁵. Thomas Harlan Campbell, na mesma linha, assinalou que, caso o período inglês da sua biografia não tivesse existido, Herzen permaneceria para a posteridade apenas como o autor promissor de *Da Outra Margem*, *Quem é o Culpado* e *Cartas da França e Itália*. Apesar de relevantes, essas obras são menores se comparadas à Imprensa Livre Russa e a *Passado e Pensamentos*; portanto, se o período londrino não tivesse existido, Herzen não seria o importante autor que conhecemos hoje.

305 MALIA, Martin. *Alexander Herzen and the birth of Russian Socialism*. New York: The Universal Library - Grosset & Dunlap, 1965, p. 335. “from a minor journalist, writing gnarled Hegelian treatises and second-rate social fiction for the Moscow intellectuals, into a major revolutionary figure”.

O próprio Herzen discordaria dessa afirmação, pois numa carta endereçada a Ogarión, escrita em 1868, ele afirmou que o exílio foi um dos maiores erros da sua vida. A leitura de *Passado e Pensamentos* e da correspondência entre amigos sugere ao leitor que a sensação de isolamento acompanhou Herzen por todos os países onde ele residiu. O sofrimento que o exílio gerou em Herzen é compreensível, tendo em vista o temor que “o perigoso território de não pertencer”³⁰⁶ provoca nos que estão submetidos à esta condição.

Por outro lado, o caráter “irremediavelmente secular e insuportavelmente histórico”³⁰⁷ do exílio (e cabe um parênteses no sentido de apontar que esta talvez seja a principal força histórica que moldou a vida de Herzen) gerou a ânsia de produzir a fim de não perecer, que é um dos efeitos colaterais também indissociáveis dessa experiência traumática. Segundo Edward Said, “grande parte da vida de um exilado é ocupada em compensar a perda desorientadora”³⁰⁸, e a maneira como Herzen agiu quando conseguiu finalmente se estabilizar em Londres, após todas as crises e desgraças pessoais que se abateram sobre ele, foi exatamente no sentido de construir um legado consistente na Rússia e na história do pensamento revolucionário. O ônus do deslocamento, cujo efeito é a “insegurança produtiva”³⁰⁹ de criar algo relevante em condições adversas, foi o que impulsionou Herzen a agir e produzir.

Entretanto, ele em vida não teve a mesma percepção dos críticos que apontaram o exílio como uma condição análoga a uma mola produtiva, e o que imperou nos seus escritos foram as queixas e lamúrias com relação à essa condição. Por exemplo, é célebre a sua sarcástica afirmação de que a vida na Inglaterra era tão excitante como a dos “vermes num queijo”, e o tempo todo ele reforçou em *Passado e Pensamentos* que jamais

306 SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio*. São Paulo: Cia das Letras, 2003, p. 54.

307 Idem, ibidem, p. 47.

308 Idem, ibidem, p. 54.

309 TIHANOV, Galin. “Why did modern literary theory originate in Central and East Europe?” In: *The disregardable Second Word*. Duke University Press, 2004, p. 68. “productive insecurity”.

se encaixara na sociedade vitoriana inglesa. Alguns estudiosos, como Isaiah Berlin, embarcaram na versão de Herzen e produziram passagens como a seguinte: “Herzen não estabeleceu nenhuma relação pessoal genuína com os ingleses”³¹⁰. Entretanto, é sabido que Herzen tinha uma paixão pelo exagero e por pintar na sua autobiografia quadros que melhor lhe convinham, dos mais diversos períodos da sua vida, e estudos encabeçados por pesquisadoras inglesas, como Monica Patridge e François Kunka, servem de contraponto à versão fornecida pelo próprio Herzen. Estes estudos demonstraram que Herzen estabeleceu muitos contatos profissionais e pessoais em Londres, e sua solidão não foi tão atroz quanto ele desenhava.

Um dos motivos evidentes para a supressão da informação referente aos seus contatos profissionais tem relação com a preocupação de Herzen em proteger a identidade daqueles que o ajudaram a estabelecer a Imprensa Livre Russa. Entre seus colaboradores podem ser incluídos o editor Nicholas Trübner, Joseph Cowley, William J. Linton e outros jornalistas de esquerda que influenciaram Herzen em sua prática jornalística como Thomas Allsop, Holyoake, Thornton Hunt, G. H. Lewis, Richard Pigott e Charles Bradlaugh. Amizades não só profissionais, mas também pessoais, com algumas famílias inglesas foram um fator importante referente à sociabilidade no período inglês da vida de Herzen, apesar de ele pouco falar sobre isso na sua autobiografia.

O fato é que Herzen optou por não retornar à Rússia, e a Inglaterra foi o país onde ele encontrou liberdade para publicar e atuar politicamente. É da sua pena a afirmação que a Inglaterra era o único país onde a vida era possível, tendo em vista seus objetivos, nada modestos, como constam nas memórias de Mawilda Von Meysenbug : “dali ele iria abertamente retornar à sua terra natal para se tornar o vingador dos oprimidos, o arauto

310 KUNKA, Françoise. *Alexander Herzen and the Free Russian Press in London 1852-1866*. London: LAP Lambert Academic Publishing, 2011, p. 4. “Herzen did not establish any genuine personal relationship with the English”.

das luzes e do iluminismo e o mensageiro de um futuro promissor”³¹¹. Excessos “herzenianos” a parte, do que Herzen começa a se dar conta é que “a perspectiva da revolução e da realização do sonho socialista tinham-no distraído dos piores aspectos do status quo na Rússia”³¹², sendo que a transformação desse status quo é o que, na sua visão, permitiria a pavimentação do caminho para o futuro socialista. O regresso às questões urgentes da pátria, por meio da atividade jornalística, foi uma forma de romper o estado de paralisia causado pelas tragédias pessoais e recuperar a verve revolucionária. A fase londrina da vida de Herzen foi também a sua fase mais “russa”, ou o período da vida em que Herzen se preocupou menos com o socialismo e as revoluções europeias e mais com o seu próprio quintal.

Entretanto, através dos caminhos tortuosos da História, no século XX, estudiosos ingleses se debruçaram sobre a vida e obra de Herzen com o intuito de inverter essa orientação em direção à Rússia e recuperar os aspectos universais do pensamento do russo exilado. Dessa forma, uma forte corrente interpretativa, baseada no país onde Herzen viveu por mais tempo depois da Rússia, se estabeleceu e ocupou um lugar de destaque no Ocidente, tendo como principal contribuição intelectual a inserção de Herzen no panteão dos grandes pensadores europeus do século XIX. É oportuno salientar que, do ponto de vista da tradição crítica, a corrente inglesa de estudiosos se estabeleceu como uma linha forte na briga pela interpretação da vida e da obra do escritor. Dessa forma, a Inglaterra foi um terreno fértil tanto para Herzen escrever e atuar politicamente quanto para seus estudiosos interpretarem essas obras. Levados a cabo por nomes de peso como Isaiah Berlin, e beneficiados pela presença do russo no país, os estudos de pesquisadores

311 Idem, *ibidem*, p. 8. “from there, he would openly return to his homeland to become the avenger of the oppressed, the herald of light and enlightenment, and the messenger of a better future”.

312 ACTON, Edward. *Alexander Herzen and the role of the intellectual revolutionary*. London: Cambridge University Press, 1979, p. 116. “the prospect of Revolution and the realization of the socialist dream had distracted him from the worst aspects of the status quo in Russia”.

ingleses sobre Herzen consistem numa “instituição” incontornável para os interessados em Herzen no Ocidente (e na própria Rússia).

4.2. English Herzenism

A tradição do “English Herzenism” foi fundada por dois intelectuais ingleses de peso: Edward Carr e o já mencionado Isaiah Berlin. O fato dos dois ocuparem posições diametralmente opostas no espectro político do seu tempo já é um indício significativo do quanto Herzen é uma figura ideologicamente “maleável”. Carr, o célebre historiador inglês responsável pelos catorze volumes da *History of Soviet Russia* e por opiniões simpáticas ao regime e à economia soviética, muito pouco poderia ter em comum com o pensador liberal Berlin, um exilado da URSS e grande crítico do regime. Herzen foi o ponto de convergência que aproximou esses dois intelectuais tão diametralmente opostos (e que forneceu material de sobra para um embate intelectual de anos).

O primeiro contato de Carr com os assuntos russos se deu em função da sua carreira diplomática como funcionário do Foreign Office. Interessado nos temas referentes à Rússia, Carr decidiu estudar o idioma em 1925, e então se aventurou na sua primeira incursão intelectual por esse universo: uma biografia do escritor Fiódor Dostoiévski. Em seguida Carr se dedicou ao estudo da vida de Bakúnin, projeto que então se desdobrou no *Romantic Exiles*, livro consagrado à vida de Herzen e Ogarióv na Europa.

Romantic Exiles é um livro fundamental, pois é o primeiro contraponto à versão escrita por Herzen acerca do seu drama conjugal (a relação amorosa de Natália com Herwegh, a ruptura da amizade entre as famílias de Herzen e do poeta alemão, seguida pelo adoecimento e morte de Natália). Já foi mencionado que a ideia da escrita de *Passado e Pensamentos* surge em função desse episódio, pois a biografia é encarada como uma defesa da honra de Natália e uma demonstração da culpa integral de Herwegh pela

tragédia conjugal dos Herzen. Em *Passado e Pensamentos*, Herzen escreveu que era esse episódio que conferia sentido ao conjunto da obra, e que sua publicação elucidaria a razão de ser da autobiografia. No entanto, a história do drama conjugal (a quinta parte de *Passado e Pensamentos*) não veio à luz enquanto Herzen viveu, por receio do próprio autor, e o texto saiu pela primeira vez na edição da obra editada por Lemke em 1919, em São Petersburgo. Versões ligeiramente diferentes do texto apareceram numa publicação editada em Berlim, em 1921, por Fiódor Rodichev, e na edição soviética completa dos textos de Herzen, editada em 1950.

Todas essas publicações, entretanto, a despeito das pequenas diferenças textuais, apresentam a versão de Herzen do ocorrido e sua interpretação dos fatos. A obra de Carr surge como o grande contraponto ao próprio Herzen, porque o historiador britânico foi o primeiro a ter acesso às cartas de Natália endereçadas a Herwegh, guardadas por anos a fio pelo poeta alemão e posteriormente pelos seus familiares. Em 1933, Carr colocou as mãos nos documentos desconhecidos pelo próprio Herzen e por seus filhos, e após uma complicada negociação com as famílias dos envolvidos publicou a sua versão da célebre contenda. Assim, a importância de Carr na tradição do “English Herzenism” repousa na grande descoberta documental que permitiu que ele se transformasse no “primeiro estudioso a fornecer uma versão coerente do drama familiar de Herzen diferente da do próprio Herzen”³¹³.

Isaiah Berlin, por sua vez, que ganhou grande prestígio nas ciências humanas durante o século XX, é o autor do clássico *Pensadores Russos*, obra que “teve um papel crucial porque moldou a maneira como o Ocidente (em particular os estudiosos anglo-americanos) interpretaram a intelligentsia russa”³¹⁴. A novidade de *Pensadores Russos*

313 PAPERNO, Irina. “Introduction: The Gercen Family Drama Reconsidered”. In: *Russian Literature*, Volume 61, Issues 1–2, 1 January – 15 February, 2007, p. 6. “first scholar to give a coherent account of the Gercen Family drama, and one not limited to Gercen’s view”.

314 MASON, Addis. “Isaiah Berlin’s Russian Thinkers and the Argument for Inclusion”. In: *Kritika: Explorations in Russia and Eurasian History*, Vol 13, N.1, Winter 2012 (New Series), p. 186. “had a crucial

consistiu na inclusão dos nomes da intelligentsia no escopo maior dos pensadores da Europa ocidental, buscando minimizar o “exotismo” comumente atribuído aos russos. A obra de Berlin surgiu como um contraponto às análises que apresentavam a intelligentsia como precursora dos bolcheviques e revolucionários, e às que apresentavam esses nomes como fruto da “alma” e consciência nacional russa, oferecendo como saída interpretativa um retrato dos russos como pensadores pertencentes à história intelectual da Europa.

Herzen é um dos “pensadores” retratados na obra, mas o interesse de Berlin pelo revolucionário em muito ultrapassou o capítulo que ele dedicou a Herzen em *Pensadores Russos*, pois Berlin foi um dedicado estudioso da vida e da obra de Aleksandr Herzen, para muitos o “English Herzenist par excellence”. A escolha de Herzen como objeto de investigação tem relação com o projeto maior que Berlin levou a cabo ao longo de toda a sua trajetória intelectual, a saber, “sua construção de um baluarte intelectual pelo pluralismo liberal logo que a Guerra Fria se tornou uma realidade, e sua celebração da tradição russa pré-revolucionária de pensamento estético e político”³¹⁵. As ideias de Herzen foram utilizadas como provisão para ambas as frentes de atuação, e não é à toa que o autor russo foi elevado à condição de herói por Berlin, segundo testemunho de sua aluna e continuadora Aileen Kelly.

Herzen surge como uma carta na manga de Berlin, por uma série de motivos objetivos e subjetivos. Como motivo subjetivo, podemos apontar a semelhança das trajetórias dos dois pensadores russos. Ambos exilados (um da Rússia e outro da União Soviética), tanto Herzen quanto Berlin encontraram na Inglaterra um terreno neutro, capaz de oferecer liberdade de pensamento e atuação (e condições materiais de publicação). Assim, a condição de exilado pode ser apontada como uma das

influence in shaping the way Western (particularly Anglo-American scholars) understand the Russian intelligentsia”.

315 CAMPBELL, Thomas Harlan. “The Gercen Family Drama and Tom Stoppard’s *Shipwreck*”. In: *Russian Literature*, Volume 61, Issues 1–2, 1 January – 15 February, 2007, p. 218. “his construction of an intellectual bulwark for liberal pluralism as the Cold War raged around him, and his celebration of the pre-revolutionary tradition of Russian political and aesthetic thought”.

características de Herzen que atraiu a simpatia de Berlin e abriu espaço até para certa projeção, no sentido psicanalítico do termo. Como motivo objetivo, podemos apontar o momento histórico em que se dá a atuação intelectual de Berlin (a Guerra Fria) e seu projeto de apontar o perigo da degradação da tradição iluminista, da qual ele foi um grande propagador e defensor, na nova tradição dos “ísmos” datada do século XIX (Hegelianismo, Marxismo, Nacionalismo antiliberal, etc) e perigosamente colocadas em prática no século XX, na forma do Comunismo e Nazifascismo.

Como já mencionado anteriormente, são os escritos tardios de Herzen a respeito dos (des)caminhos da História que fornecem estofo para as reflexões de Berlin. Por exemplo, no seu texto sobre Robert Owen, Herzen expressa dúvidas de que a História de fato caminha para alguma direção, e condena o sacrifício dos homens do presente em nome de um futuro abstrato e, portanto, incerto. Ou o fato de Herzen jamais abrir mão da defesa da dignidade e da liberdade do indivíduo nos seus textos (tendo em vista sua visão ideal de socialismo como o regime capaz de garantir essa liberdade), que foi recuperado por Berlin e utilizado para transformar Herzen em “um intenso e espirituoso Oxbridge liberal de esquerda don avant la lettre”.³¹⁶

Michael Cofino resumiu em quatro pontos os aspectos do pensamento de Herzen que atraíram Berlin e forneceram a ele material suficiente para a sua leitura liberal do legado do escritor russo: “a noção de liberdade individual; a recusa do sacrifício do presente em nome do futuro; a rejeição das grandes abstrações e o ceticismo quanto ao significado e valor de tais ideias abstratas e, finalmente, o senso de realidade de Herzen”³¹⁷. É inegável que todas essas posições se encontram de fato na obra de Herzen

316 Idem, *ibidem*, p. 217. “an intense, witty left-liberal Oxbridge don avant la lettre”.

317 COFINO, Michael. “Isaiah Berlin, Alexander Herzen, and Russia Elusive Counter-Enlightenment”. In: MALI, Joseph Mali, WOKLER, Robert and others (ed.). *Isaiah Berlin – Counter- Enlightenment*. Transactions of the American Philosophical Society, New Series, Vol. 93, N.5, 2003, p. 183. “the notion of individual liberty; the refusal to sacrifice the presente for the future; the rejection of great magnificent abstractions, and a skepticism about the meaning and value of abstract ideas as such; and, finally, Herzen’s sense of reality”.

e dão margem para uma interpretação nessa linha. Porém, essas posições convivem na obra de Herzen com outras muito mais radicais e revolucionárias que foram deliberadamente minimizadas por Berlin.

Já apontamos nessa tese que o pensamento de Herzen tem como principal característica um caráter multifacetado que possibilita a coexistência de noções muitas vezes vistas como antagônicas, por exemplo, o seu anseio pela destruição total da Europa burguesa, em *Da Outra Margem*, e a condenação da destruição pela destruição, na sua *Carta a um Velho Companheiro*, endereçada à Bakúnin. Muitos outros exemplos podem ser fornecidos, mas o fato é que Herzen é um pensador que dá margem a diferentes interpretações e, na sua leitura do revolucionário russo como antítese das tiranias e abstrações, Berlin privilegiou um dos aspectos do pensamento de Herzen em detrimento de outros, para construir uma narrativa afeita ao seu projeto intelectual, projeto este continuado por Ailen Kelly, estudiosa de Cambridge, e mais recentemente por Tom Stoppard, na peça *The Coast of Utopia*.

Aileen Kelly, como herdeira e continuadora do English Herzenism, analisou o pensamento de Herzen como uma “contra tradição” do ponto de vista da tradição russa, e após mapear a influência do Schillerianismo e do Darwinismo, assim como as similaridades das ideias de Herzen com as de John Stuart Mill, Kelly chegou à conclusão de que Herzen opera com noções do liberalismo clássico e, portanto, pode ser identificado com essa corrente de pensamento. Ela foi uma das grandes fontes do dramaturgo Tom Stoppard, que escreveu a trilogia *The Coast of Utopia* sobre Herzen e sua geração, e que estreou com enorme sucesso em Londres, direcionando os holofotes para o revolucionário russo 150 anos depois do desembarque dele na cidade.

Stoppard – um exilado acolhido pela Inglaterra na sua deserção do regime comunista – é, por sua origem eslava e sua história de vida, uma figura identificada com seu personagem (Herzen) e com Isaiah Berlin. Numa atualização pós-moderna do velho

problema da orientação revolucionária de Herzen *versus* seus escritos tardios céticos e contrários aos sistemas totalizantes e abstratos, Stoppard opta por retratar “um Herzen inglês, um cavalheiro nos modos e um moderado, defensor das reformas sem banho de sangue”³¹⁸. A peça foi um grande sucesso de público e, sem sombra de dúvida, o maior veículo de divulgação de Herzen para a contemporaneidade. É interessante atentar para o fato de que a ideia de Herzen que Stoppard traz para o nosso tempo é a de um homem equivocado em seus princípios, defensor de uma “utopia” passadista, hipócrita em seu modo de vida (em diversas cenas é acentuada a característica aristocrática de Herzen, como se essa fosse uma contradição em si com o seu socialismo) e (felizmente) derrotado na sua velhice.

Stoppard é sem dúvida a radicalização, com tintas pós-modernas, da linha interpretativa fundada por Berlin. E como Michael Cofino sabiamente identificou na forma de atuação de Berlin, se, por um lado, é inegável “sua capacidade de apresentar às vezes um retrato complexo e intrincado da personalidade e do pensamento de Herzen”, por outro lado, “outras vezes ele faz o oposto, ou seja, destaca um assunto (por exemplo a visão de Herzen acerca da liberdade) e, via um tour de force de extremo reducionismo, apresenta o núcleo da posição de Herzen em completo isolamento dos outros aspectos importantes da sua visão de mundo global, por conseguinte ignorando essas contradições”³¹⁹.

As contradições do pensamento de Herzen são o combustível para as interpretações que colocam ou retiram o pensador do panteão dos grandes revolucionários socialistas do século XIX. A desconfiança acerca do real compromisso de Herzen com a

318 ZIMMERMAN, Judith. “Tom Stoppard’s Russian Thinkers” in *New England Review*, Vol. 28, N3 (2007), p. 86. “an English Herzen, a gentleman of means and moderation, looking for reform without bloodshed”.

319 COFINO, Michael. Op Cit, p 186. “his capacity to present at times a very complex and intricate picture of Herzen’s personality and thought”; “at other times [he] does the opposite, namely, single out one subject (for instance, Herzen’s views on ‘liberty’) and, by a tour the force of extreme reductionism, present the core of Herzen’s stand in complete isolation from important aspects of his whole mindset, thereby ignoring these contradictions”.

causa revolucionária, que já existia da parte dos pais do socialismo científico e depois dos revolucionários russos radicais do século XIX, foi transformada em argumento para as interpretações liberais no século XX.

4.3. Herzen: um revolucionário?

A contenda a respeito do caráter socialista e revolucionário do pensamento de Herzen não data, entretanto, do século XX, e remete aos embates do próprio Herzen com os grandes teóricos da revolução proletária do seu tempo: Karl Marx e Friedrich Engels.

Herzen e Marx, apesar de compartilharem do mesmo status de exilados em Londres e de terem vários conhecidos em comum, jamais se cruzaram, e suas interações foram sempre belicosas em função das repetidas acusações de Marx de que Herzen e Bakúnin eram na verdade espiões russos. Herzen (assim como Bakúnin) nunca escondeu sua aversão à ala germânica dos revolucionários do seu tempo. O grande rancor de Herzen com relação aos alemães advinha do suposto sentimento de superioridade destes em relação aos russos que, na opinião de Herzen, era flagrante.

Em *Passado e Pensamentos*, o antigermanismo de Herzen é evidente no sexto capítulo da sexta parte. Para ilustrar o seu argumento de que os alemães se sentiam superiores aos russos, Herzen reproduz as ideias de um livro escrito por E. Bauer, onde consta a seguinte passagem: “que a Rússia não passava de um material grosseiro, bárbaro e instável, do qual a força, a glória e a beleza não são oriundas de outra coisa senão do gênio alemão, que a fez segundo sua imagem e semelhança”³²⁰.

Não satisfeito e empenhado como estava em pintar um retrato nada lisonjeiro dos alemães, Herzen recupera, nesse mesmo capítulo, uma história de vinte anos atrás, quando

320 HERZEN, A. *Bylóie i dúmy*. In: <http://az.lib.ru/g/hercen>. “что Россия один грубый материал, дикий и неустроенный, которого сила, слава и красота только оттого и происходят, что германский гений ей придал свой образ и подобие”.

Marx acusou Bakúnin de ser um espião russo, apenas para ilustrar sua convicção de que os alemães não suportam quando um russo se destaca (no caso Marx não teria suportado o sucesso de Bakúnin). Muitos outros episódios dessa briga “Herzen *versus* Marx” são recuperados por Herzen para que o mau-caratismo do seu adversário não se perca de vista.

Por exemplo, Herzen relembra a ocasião de um jantar oferecido em Londres pelo cônsul americano e que contou com a presença de notáveis revolucionários de diversos países, com exceção dos alemães, fato esse que teria indignado Marx e os marxistas. Ou o episódio da tentativa de criação de um “Comitê Internacional” por iniciativa de Ernest Jones, comitê este que elegeu Herzen como um dos seus membros. Marx se posicionou contra a permanência de Herzen, o que não foi acatado pelos demais membros e que resultou no afastamento de Marx, uma vez que este se recusou a fazer parte de uma organização que tinha Herzen como um dos seus membros eleitos.

A iniciativa de Herzen de dedicar páginas e mais páginas à desqualificação de Marx, visto por ele próprio como um adversário, é muito característica do seu método de composição empregado em *Passado e Pensamentos*: o apreço pelo detalhe. A partir de detalhes minuciosos, Herzen vai construindo sua narrativa com o intuito de desnudar os pontos fracos dos seus “adversários”, visando, evidentemente, iluminar a sua superioridade moral em relação ao seu antagonista.

O embate com Marx que interessa a Herzen não se dá no plano das ideias – Herzen inclusive não se preocupava muito com Marx, ao contrário desse último, que conhecia a teoria revolucionária de Herzen e a considerava um delírio eslavófilo de nenhuma utilidade prática para o movimento revolucionário mundial –, mas sim no nível da postura moral, que faz de um indivíduo um verdadeiro revolucionário. Dentro da lógica particular de Herzen que entendia a vida como, no limite, a grande obra de qualquer homem, e que, por conseguinte, via a sua trajetória como o exemplo máximo do comprometimento com a causa revolucionária, o ato de diminuir Marx, em função das suas atitudes mesquinhas,

operava no sentido de engrandecer sua própria figura na batalha pelo protagonismo no campo dos revolucionários do seu tempo.

Já Marx, que também desconfiava fortemente da autoridade moral de Herzen uma vez que, naquela época, era muito difundida “a imagem do rico, falante de francês e excêntrico russo da nobreza”³²¹ que no exílio se dizia contra a autocracia, foi forçado a dominar com mais propriedade as ideias de Herzen e Bakúnin em função da notoriedade que ambos gozavam no grupo dos revolucionários exilados na Europa. Outro fator que obrigou Marx e Engels a se debruçarem sobre os textos dos russos foi a temperatura política na Europa pós-1848. Com a falência da revolução de 1848, o sentimento de desencantamento com o futuro da Europa Ocidental se apoderou dos revolucionários da época, e a saída que começou a se desenhar no horizonte apontava para duas realidades alternativas: a América ou a Rússia. Muitos penderam para o lado da Rússia, e nesse contexto os escritos de Herzen começaram a ganhar notoriedade.

Marx e Engels, por sua vez, discordavam da teoria de Herzen que enxergava a Rússia como uma “potência socialista” em função das organizações primitivas da *obchtchina* e do *mir*, que, na visão de Herzen, consistiam em organizações protossocialistas na sua essência e que qualificavam os camponeses ao status de agentes revolucionários naturais. A existência dessas organizações sociais imunes às transformações em longa escala promovidas pela industrialização seria, na visão de Herzen, uma vantagem histórica que garantiria à Rússia o protagonismo no movimento revolucionário mundial. Para os autores do *Manifesto Comunista*, entretanto, essa teoria não passava de uma bobagem sem tamanho e, diante dos desafios do momento histórico que empurravam companheiros para o lado da Rússia, o dever de ambos era demonstrar o engano dessa opção, uma vez que para eles “uma mentalidade genuinamente

321 NAARDEN, Bruno. *Socialist Europe and Revolutionary Russia: Perception and Prejudice*. London: Cambridge University Press, 2002, p. 42. “the image of the rich, french-speaking, eccentric Russian nobleman”.

revolucionária só poderia vir à tona amparada nas convicções antirrussas do período pré 1848”.³²²

Apesar do sentimento anti-Rússia e da crença na superioridade da Europa ocidental como o foco disparador da revolução socialista do futuro, Marx e Engels permaneceram atentos aos eventos históricos importantes da Rússia tendo em vista a tese, ainda que remota, de que se a queda da autocracia russa se confirmasse, o continente Europeu como um todo seria revirado de cabeça para baixo. Assim, ambos acompanharam com atenção os desdobramentos das reformas liberalizantes iniciadas pelo czar Alexandre II, inclusive lendo as publicações do archi-inimigo Herzen, e em seguida os efeitos da insurreição polonesa de 1863, mas o fracasso de ambos os eventos serviu para reforçar a visão da dupla da Rússia como o quintal da autocracia, e da autocracia russa, por conseguinte, como o bastião do conservadorismo na Europa.

A I Internacional, que teve lugar em Londres em 1864, foi o espaço para que Marx expressasse sua aversão à Rússia czarista, através da proposta da inclusão de uma moção de repúdio à Rússia por sua postura com relação à Polónia. A inclusão desse item na agenda da reunião foi criticada por muitos dos presentes através do argumento segundo o qual muitos outros governos tiranos oprimiam povos na Europa, não apenas a Rússia. Nomes importantes se opuseram a Marx, inclusive Proudhon, e o primeiro chegou a ser acusado de “russofobia” por um dos presentes. Sentindo-se derrotado nesse aspecto, Marx, em carta endereçada a Engels, escreveu que “os companheiros todos aderiram ao moscovitismo de Proudhon e Herzen”.³²³

A aversão à Rússia, entretanto, se arrefeceu com o passar dos anos, e uma mudança significativa na postura de Marx com relação aos revolucionários russos também se tornou evidente, a partir do final da década de 1860. Um fator importante foi

322 Idem, *ibidem*, p. 46. “a genuine revolutionary mentality could only be shown by tenaciously holding on to the anti-Russian convictions of pre 1848”.

323 Idem, *ibidem*, p. 50. “the fellows have all joined Proudhon-Herzen Muscovitism”.

o interesse que *O Capital*, publicado em 1867, despertou entre socialistas russos, e outro fator foi o surgimento da geração radical frustrada com as reformas liberais do czar, e que por essa razão enterrou Herzen como liderança por seu suposto “liberalismo”. A morte de Herzen no início dos anos 1870, assim como o enfraquecimento de Bakúnin, tornou mais fácil para Marx se aproximar dos revolucionários russos. Lopátin e Danielson, os tradutores de *O Capital* para o russo, se tornam correspondentes habituais de Marx. Marx e Engels passaram a se interessar por publicações russas, assim como pelas ações dos radicais russos, que por sua origem popular gozavam da legitimidade que faltava aos revolucionários aristocratas da geração anterior. Esses correspondentes, por sua vez, começam a cobrar de Marx um posicionamento final com relação à Rússia. A segunda parte do *Capital* foi ansiosamente aguardada no país, e os revolucionários russos queriam saber de Marx se a Rússia poderia traçar um caminho próprio, incomum ao restante da Europa, e se realizaria a revolução socialista sem passar pela etapa do capitalismo.

A carta de Vera Zassúlitch sintetiza a principal demanda da sua geração com relação a Marx: “Você estaria nos prestando um grande favor se você expusesse as suas ideias sobre o possível destino da comuna rural e sobre a teoria segundo a qual é historicamente necessário que todos os países do mundo atravessem todas as fases da produção capitalista. Em nome dos meus amigos eu tomo a liberdade de pedir a você, cidadão, que nos preste esse favor”.³²⁴

A resposta de Marx, evasiva, relembra o fato de *O Capital* não se debruçar sobre a Rússia. Entretanto, ele indica que a comuna poderia ser “o fulcro da regeneração social” se a ela surgisse uma oportunidade de desenvolvimento espontâneo: “A análise presente no *Capital*, por sua vez, não apresenta razões nem favoráveis nem contrárias à vitalidade

324 ZASULITCH, VERA. *Marx-Zasulich correspondence*. In: <https://www.marxists.org/archive/marx/works/1881/zasulich/zasulich.htm>. “You would be doing us a very great favor if you were to set forth Your ideas on the possible fate of our rural commune, and on the theory that it is historically necessary for every country in the world to pass through all the phases of capitalist production. In the name of my friends, I take the liberty to ask You, Citizen, to do us this favor”.

da comuna russa. Mas um estudo em paralelo que eu realizei sobre o assunto, incluindo uma busca por fontes originais, me convenceu de que a comuna é o fulcro da regeneração social na Rússia. Mas para que ela opere como tal, as nefastas influências que a assaltam por todos os lados devem ser eliminadas, e então devem ser asseguradas as condições para o seu desenvolvimento espontâneo”³²⁵. O fato de a carta ter sido rascunhada mais de três vezes, e de Marx frisar para Vera sua intenção de não publicá-la, indica o receio de se comprometer com uma resposta categórica. Nada mais natural para alguém que duvidou a vida toda da teoria da revolução agrária propagada pelo detestado Alexander Herzen. E, como afirmou o estudioso soviético Elsberg, se Marx se posicionou com ressalvas sobre o futuro socialista da Rússia, Herzen por sua vez o fez com paixão: “Herzen ofereceu uma solução para a questão indicada sem profundidade ou análise detalhada dos dados e fatos da vida econômica russa. É verdade que ele não deu uma resposta categórica, mas através das suas considerações sinalizou que a Rússia, com o seu sistema de *obchtchina*, tinha mais chances de caminhar para o socialismo do que a Europa Ocidental com o seu proletariado”³²⁶. E como a história provou que Herzen escreveu certo por linhas tortas, ele foi promovido a herói da URSS ao lado do seu arqui-inimigo Marx.

4.4. Herzen na tradição russa/soviética

Elsberg, autor de um estudo clássico sobre Herzen que leva o nome do revolucionário russo e que foi publicado em 1951, abre sua introdução com uma citação

325 Idem, *ibidem*. “The analysis in *Capital* therefore provides no reasons either for or against the vitality of the Russian commune. But the special study I have made of it, including a search for original source material, has convinced me that the commune is the fulcrum for social regeneration in Russia. But in order that it might function as such, the harmful influences assailing it on all sides must first be eliminated, and it must then be assured the normal conditions for spontaneous development”.

326 ELSBERG, Iakov. *Herzen - Jizn i tvórtchestvo*. Moscou: Khudójestvennaia literatura, 1951, p. 277. “Герцен же брался за решение указанного вопроса без глубокого и детального анализа конкретных данных и фактов русской экономической жизни. Правда, он не давал категорического ответа, но во всяком случае считал, что Россия с ее общинным устройством имеет больше шансов перейти к социализму, чем Западная Европа с ее пролетариатом”.

de Lênin sobre o revolucionário do século XIX: “escritor que teve um importante papel na preparação da revolução russa”.³²⁷

A citação de Lênin, mais especificamente do seu texto “Em memória de A. Herzen”, não ocorre apenas no texto de Elsberg, pois a maioria esmagadora das obras sobre Herzen publicadas durante a existência da União Soviética abre com a citação da estrela máxima do regime (e caso se esta não se encontre na introdução, a referência a Lênin é retomada em algum dos capítulos da obra). Por exemplo, o estudo clássico sobre Herzen de autoria de Lídia Guinsburg, publicado em 1957, apresenta a seguinte frase na introdução: “Lênin escreveu: ele foi, no seu tempo, um democrata, um revolucionário, um socialista”³²⁸. N. Puritova, em um estudo mais recente que coincide temporalmente com o último suspiro do regime soviético (1989), também não abre mão das palavras de Lênin para introduzir o autor objeto do seu livro: ao se referir às importantes realizações de Herzen, afirma que graças ao *Sino* “o silencio servil foi quebrado”.³²⁹

V. Pútintsiev, autor de “Herzen escritor”, publicado em 1963, discute longamente na sua introdução o texto de Lênin: “o artigo ‘Memória de Herzen’, no contexto da luta ideológica de sua época, foi um documento programático do Partido Bolchevique quanto à questão da ligação do proletariado revolucionário com a melhor tradição russa de luta pela liberdade e do pensamento progressista do passado”³³⁰. Portanto, o texto de Lênin, que data do ano de 1912, teve o importante papel de fornecer uma interpretação única e definitiva do legado de Herzen.

No início do seu texto, Lênin afirma que, cem anos após o nascimento de Herzen, tanto a Rússia liberal quanto a ala mais direitista da imprensa estava homenageando o

327 Idem, *ibidem*, p. 3 - “писателя, сыгравшего великую роль в подготовке русской революции”.

328 GUINSBURG, Lídia. *Bylóiie i dúmy Herzena*. Moscou: Gosudárstvennoie izdátelstvo khudójestvennoie literatury, 1957, p. 3. «Ленин писал: он был тогда демократом, революционером, социалистом».

329 PURITOVA, N. M. *Aleksandr Herzen – Revoliutsionier, myslitel tchelovik*. Moscou: Moskvá Mysl, 1989, p. 5. “Рабые молчание было нарушено».

330 PÚTINTSIEV, V. A. *Herzenpisátel*. Moscou: Izdátelstvo Akadímii Nauk SSSR, 1963, p. 7. “Статья Памяти Герцена в условиях идейной борьбы того времени была программным документом большевистской партии по вопросу об отношении революционного пролетариата к лучшим традициям русского освободительного движения и передовой общественной мысли прошлого”.

revolucionário russo com a intenção enviesada de defender que Herzen renunciou à revolução no final da sua vida. Ele, então, afirma que o partido da classe trabalhadora tem o dever de comemorar o centenário do revolucionário com o propósito de clarificar seus próprios desafios e identificar, de uma vez por todas, o papel real que Herzen ocupou na história do movimento revolucionário, uma vez que, nas palavras de Lênin, Herzen “teve um papel importante na preparação da revolução russa”.³³¹

Lênin, então, recupera a trajetória de Herzen: aristocrata, porém filho espiritual dos dezembristas, Herzen assimilou a dialética de Hegel, transformou essa dialética na álgebra da revolução, superou Hegel com o estudo de Feuerbach e aterrissou no materialismo dialético antes da existência propriamente dita do materialismo histórico. Quando deixou a Rússia e foi para a Europa Ocidental tornar-se um espectador das revoluções derrotadas, Herzen já era um verdadeiro revolucionário, democrata e socialista, porém seu socialismo não era o socialismo “verdadeiro”, mas uma variação do “socialismo burguês e pequeno-burguês”.³³²

A grande desilusão que Herzen vivencia é um sintoma, na visão de Lênin, do inevitável estilhaçamento das ilusões burguesas do socialismo. O drama de Herzen é equivalente ao drama histórico de encontrar-se em uma época de transição, na qual “o caráter revolucionário dos burgueses democratas já tinha morrido (na Europa) enquanto que o caráter revolucionário do proletariado socialista ainda não tinha amadurecido”³³³.

Assim, para Lênin, a fase de ceticismo de Herzen não foi uma conversão ao liberalismo, mas um passo em direção à compreensão de que as antigas formas revolucionárias eram insuficientes para os desafios do futuro, e que uma nova força, a força do proletariado, forneceria a resposta para todas as dúvidas a respeito dos caminhos

331 LÊNIN, V. I. “Pámiati Hertsená”. In: *V Liberalizm i Sotsializm Západ i Rossíia*. Moscou: Bibliotéka *Jurnála Alternatívny*, 2012, p. 9. “сыгравшего великую роль в подготовке русской революции”.

332 Idem, *ibidem*, p. 10. “буржуазного и мелкобуржуазного социализма”.

333 Idem, *ibidem*, p. 10. “революционность буржуазной демократии уже умирала (в Европе), а революционность социалистическая пролетариата еще не созрела”.

da revolução. A evidência dessa evolução, na visão de Lênin, estaria nas “Cartas a um Velho Camarada”, endereçadas à Bakúnin, e que são o momento no qual Herzen rompe com o anarquismo do antigo companheiro e começa a caminhar em direção ao Internacionalismo.

Sobre a doutrina de Herzen, que postulava o potencial revolucionário da comuna rural e vislumbrava a revolução como o resultado da emancipação dos servos com terras, Lênin afirmou tratar-se de uma doutrina onde “não havia nenhum grão de socialismo”³³⁴. Mas, mesmo assim, Lênin reconheceu o grande feito de Herzen, que foi a criação da Imprensa Livre Russa que, entre outras coisas, capitaneou a campanha pela abolição dos servos e quebrou o silêncio da opinião pública russa. Ao puxão de orelhas que Lênin deu em Herzen, pela atitude liberal de apelação ao czar e às instituições russas por mudanças, seguiu-se um perdão pelo fato de Herzen ter deixado a Rússia no ano de 1847, e por essa razão ele não viu “o povo revolucionário e [por isso] não podia acreditar nele”.³³⁵

A conclusão do texto é que o proletariado deve celebrar a memória de Herzen, porque ele oferece um exemplo de dedicação incansável à causa da revolução. Homenagear Herzen também significa prestar tributo a uma geração de revolucionários que começa com os dezembristas, passa por Herzen e que tem como ponto de chegada, obviamente, Lênin e os bolcheviques.

O perdão a Herzen por sua fraqueza liberal torna-se a interpretação hegemônica durante a época soviética e orienta a maior parte dos estudos dedicados ao autor pelas próximas décadas. Há outros nomes fundamentais que engrossam o coro dos entusiastas de Herzen, como Plekhánov, que em estudos sobre o autor pontuou que Herzen caminhou do Hegelianismo para o Materialismo, sendo assim um dos precursores do movimento

334 Idem, *ibidem*, p. 11. “нет ни грана социализма”.

335 Idem, *ibidem*, p. 12. “не видел революционного народа и не мог верить в него”.

revolucionário russo. Lunatchárski, em texto dedicado a Herzen, o chamou de “o grande irmão mais velho dos comunistas”.³³⁶

Em suma, a reabilitação de Herzen por Lênin, que opta por minimizar seus “deslizes liberais” em favor da sua atividade revolucionária, é o que vai orientar a leitura do legado do autor na Rússia. Edward Acton fala da “batalha ideológica acerca do lugar ocupado por Herzen na história da Rússia”³³⁷, que envolveu muitos acadêmicos soviéticos especialistas no autor. Porém, essa “batalha ideológica” também pode ser apontada no ambiente acadêmico de Acton, a Inglaterra durante a Guerra Fria, onde importantes estudiosos desenvolveram estudos que apresentaram o russo como um *gentleman* de tendências liberalizantes e descrente da saída revolucionária.

A interpretação do English Herzenism se baseia nos aspectos do pensamento de Herzen sensíveis às questões da integridade/liberdade do indivíduo como um valor inegociável, entre outros já mencionados anteriormente. O foco nesse aspecto de seu pensamento esbarra no problema do socialismo de Herzen ter, na sua essência, a idealização de uma sociedade igualitária e livre para todos, e a valorização do indivíduo consistir na genuína crença de que todos devem desfrutar das benesses de uma sociedade socialista. A valorização do indivíduo nada tinha a ver com os valores do Estado burguês de direito da Europa Ocidental, que Herzen sempre desprezou por completo.

Já para a ala dos estudiosos russos que decidiram eleger Herzen como um precursor dos revolucionários que instalaram o Estado soviético, as dificuldades esbarraram no evidente descompasso entre a celebração da liberdade como valor inegociável e uma ideologia oficial que visava substituir o indivíduo pelo coletivo; na ausência da abordagem de questões econômicas, programáticas e táticas na teoria revolucionária de Herzen; na hesitação em relação ao recurso à violência, que fica

336 LUNATCHÁRSKI, A. V. “Kommunisty i Herzen”. In: *V Liberalizm i Sotsializm Západ i Rossiia*. Moscou: BibliotékaJurnálaAlternatívy, 2012, p. 23. “для коммуниста великого старшего брата”.

337 ACTON, Op. Cit., p. 145. “ideological battle over Herzen’s place in Russian History”.

evidente durante os últimos anos da sua vida; na apelação ao Czar; na defesa da *obchtchina* e do *mir* como o coração da teoria de socialismo agrário, entre outros. Os subterfúgios usados pelos estudiosos de um regime que transformou o marxismo em matéria aplicada na conversão de Herzen em um exemplo de revolucionário para os soviéticos consistiram, entre outros, na valorização do “humanismo” como o escopo da noção herzeniana de revolução, e do destaque do seu amor pelo povo russo e da sua exortação de agir em favor do povo.

Em suma, a vida e a obra de Herzen abriram espaço para interpretações diametralmente opostas sobre o seu legado e estudiosos com os mais diferentes projetos ideológicos disputaram seus louros. Sobre isso escreveu Martin Malia:

“ele tem gozado uma reputação ambígua na história russa: apesar do seu populismo, no fim do século XIX ele podia plausivelmente ser apontado como um precursor igualmente pelo russos liberais e pelos socialistas, uma vez que ele sempre fez da dignidade e liberdade do indivíduo, ou da questão dos direitos civis, a inspiração para a sua ação política. A imagem liberal de Herzen, entretanto, é secundária e a imagem primária continua sendo a do revolucionário populista; não se deve confundir seu conceito personalista de vida civilizada com moderação. Em última análise, sob Alexandre II, assim como sob Nicolau I, se Herzen tivesse que encolher entre as conquistas da civilização reinante e a democracia – como em 1848 – ele teria escolhido a democracia”³³⁸.

338 MALIA, Op. Cit., p. 424. “he has enjoyed an ambiguous reputation in Russian history: despite his populism, by the end of the century he could be plausibly claimed as a precursor by Russian liberals no less than by socialists, since he had always made the dignity and freedom of the individual, or the problem of the civil rights, the inspiration of his politics. This liberal image of Herzen, however, is secondary and the primary image remains that of the revolutionary populist; nor should we confuse his personalist concept of the civilized life with crypto-moderation. In the last analysis, under Alexander II as under Nicholas I, if Herzen had to choose between the accomplishments of existing civilization and democracy – as in 1848 – he took democracy”.

Dessa forma, apesar de atitudes que podem ser consideradas típicas de um liberal, como a já mencionada apelação ao czar tão repudiada por Lênin, no nosso ponto de vista essas ações de Herzen são etapas do seu projeto de vida que tinha como objetivo final a implementação do socialismo na Rússia. Os meios para tanto, que se esbarravam em concessões liberais, não anulavam a finalidade desse grande projeto. Herzen nunca se enxergou como um liberal – em 1859, ele escreveu que “essa palavra liberal cai mal em mim”³³⁹. Antes, ele via a si próprio como uma “natureza revolucionária, *semper in motu*”.

340

As formas como ele enxergava a estratégia de ação revolucionária é que foram mudando ao longo do tempo. Herzen era um grande leitor do tempo Histórico: “Herzen compreendia o ritmo da história”³⁴¹, e a análise do contexto, somada às profundas transformações na sua forma de enxergar o futuro do socialismo, fizeram-no conceber o projeto da Imprensa Livre Russa.

4.5. O socialismo de Herzen pós-1852

Como já foi mencionado em capítulos anteriores, o Herzen de 1852, que atravessara o trauma da revolução de 1848 e, mais importante ainda, o trauma da crise pessoal, não era o mesmo Herzen de 1847, convicto da iminência da explosão destruidora das massas e indiferente à destruição absoluta do Velho Mundo, como consta em *Da Outra Margem*. O Herzen de 1852 é um revolucionário ferido nas suas mais profundas convicções de vida: de que a revolução socialista era necessária e inevitável ou, mais ainda, de que existia qualquer chance real de que ela estourasse em um futuro próximo.

339 ELSBERG, Op. Cit., p. 373. “самое слово либерал как-то мало идет ко мне”.

340 PURITOVA, Op. Cit., p. 46. “революционной натурой, *semper in motu*”.

341 Idem, ibidem, p. 128. “Герцен чувствовал ритм истории”.

A teoria revolucionária de Herzen previa a revolução das massas, sendo que essas massas correspondiam principalmente às camponesas, prontas para o socialismo em função da existência secular das organizações protossocialistas da *obchtchina* e do *mir*. Também defendia o papel do *intelligent* como o mediador entre a natureza socialista das massas e a representação racional dessas ideias, tais como elas se apresentavam no pensamento socialista Ocidental. A experiência do fracasso da revolução de 1848 e, principalmente, o seu fracasso pessoal serviram para que ele relativizasse o alcance dessa teoria.

A fé no socialismo, que o acompanhou desde a mais tenra idade, era em muitos aspectos uma fé na sua sina pessoal. Como já mencionado, em sua autobiografia Herzen compõe a narrativa do revolucionário exemplar. Sua ligação emocional com os dezembristas, as prisões e exílios, o juramento pela causa, em suma, todos esses elementos configuram uma representação literária de um ego que compreende a si mesmo como “predestinado” para a ação revolucionária. O socialismo, para Herzen, é uma missão ética, estética e existencial, como a escrita da sua autobiografia exemplifica. Como lembra Malia, a frustração com o ambiente opressor da Rússia de Nicolau I apenas reforçou a fé de Herzen na sua “estrela pessoal”.

A decepção com a História, porém muito mais importante que isso, a afronta pessoal que representou o *affair de Herwegh* para a sua sensibilidade a florada, afetou as bases do socialismo de Herzen, que como um *dipuos* era sustentado pela fé na História (e aqui consideramos o idealismo de tipo Hegeliano que ele nunca abandonou por completo na sua maneira de ver o mundo) e pela fé em si próprio, alimentada pelo ideal romântico do indivíduo destacado da multidão. Nas palavras de Acton: “o seu otimismo histórico estava calcado na sua inabalável fé em si mesmo, na sua predestinação para uma vida

extraordinária (...). A confiança na vida, e com isso a complacência quanto à direção da história, foi destruída pela sua tragédia pessoal”.³⁴²

Descrente de que a revolução socialista do futuro era uma verdade inexorável, o Herzen amadurecido pelas contingências da vida resolveu, a partir de 1852, modificar a sua estratégia de atuação. O ceticismo no progresso necessário não significou um mergulho no niilismo total e no mais profundo desespero, mas sim uma aposta cada vez maior na iniciativa individual e no anseio verdadeiro de lutar pelo futuro desejado. As utopias revolucionárias deram lugar ao desejo genuíno de agir no mundo. A necessidade de ser uma força ativa e efetiva na luta pela implementação do socialismo é o que está por trás do projeto da Imprensa Livre Russa, que norteou os anos de maior produtividade de toda a vida de Herzen. E se o socialismo de Herzen tinha base agrária, é lógico que ele enxergasse a causa da abolição da servidão como um pressuposto para o sucesso do socialismo no futuro.

4.6. Herzen em ação: a Imprensa Livre Russa e a atividade revolucionária

Após desembarcar em Londres, Herzen começou a conceber a sua campanha pela emancipação dos servos. Em 1852, quatro meses depois da sua chegada, ele mencionou pela primeira vez o projeto em carta à Maria Reichel: “um projeto incrível está habitando a minha mente – de me dedicar à agitação pela liberação dos servos”³⁴³. O ambiente que ele encontrou em Londres o ajudou a amadurecer essa ideia: a cidade encontrava-se sob o efeito da campanha pela abolição da escravidão negra nos Estados Unidos e a classe

342 ACTON, Op. Cit., p. 107. “His historical optimism was bound up in his irrepressible belief in himself, in his own capacity for the most exquisite life (...) The confidence in life, and with it his complacency about the direction of History, was destroyed by his personal tragedy”.

343 KUNKA, Op. Cit., pp. 94-95. “an amazing Project is turning around my head – to undertake the agitation for the liberation of the peasants”.

letrada, assim como a imprensa radical, estava escrevendo e lendo com interesse tudo o que saía sobre o assunto.

Entre as atividades em prol da causa abolicionista nos EUA deve ser mencionada a passagem por Londres de Harriet Beecher Stowe, autora de *A Cabana do Pai Tomás*, um poderoso relato sobre o tema. A palestra que a autora proferiu na cidade, em 1853, foi muito comentada pela Londres esclarecida, e isso influenciou consideravelmente Herzen na elaboração da sua causa, à qual ele se referia como “escravidão branca” na Rússia. Nesse mesmo ano (1853), Herzen começou a coletar e produzir material sobre a causa da servidão, que, no entanto ele não dissociava do objetivo maior da libertação da Rússia das mazelas da autocracia. Esse material foi publicado pela Imprensa Livre Russa, fundada por ele já no ano de 1853.

Numa carta escrita em 4 de novembro de 1852 por Théophile Thóre a Herzen, há uma passagem que afirma que uma “gráfica forneceria”³⁴⁴ o espaço necessário para os revolucionários daquela época debaterem suas ideias. Tal sugestão veio de encontro ao maturado plano de Herzen de criar uma Imprensa Livre. Este plano torna-se bastante compreensível à luz de uma das mais importantes tradições da cultura russa: a das revistas grossas e dos periódicos, que surgem no século XVIII e se multiplicam no XIX, transformando-se em um fenômeno único da cultura letrada daquele país.

O que caracteriza uma revista (*jurnál*, em russo) comum da Rússia oitocentista? Como estudiosos já apontaram, este é um fenômeno difícil de definir, mas que consiste basicamente em uma “publicação periódica que ocupa um lugar intermediário entre o jornal, com a sua autoria coletiva e preocupação com os eventos cotidianos, e o livro, que é geralmente um fenômeno único fruto do trabalho de uma só pessoa”³⁴⁵. As “revistas

344 VUILLEUMIER, AUCOUTURIER, STELLING, CADOT. *Autour d'Alexandre Herzen – Documents inédits*. Genebra: Librairie Droz, 1972, p. 86. “l'imprimerie suppléerait...”.

345 MAGUIRE, Robert. A. “Introduction”. In: MARTINSEN, Deborah A (Ed). *Literary Journals in Imperial Russia*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997, p. I. “periodical publication that lies somewhere between the newspaper, with its multiple authorship and focus on current events, and the book, which is usually a one-time event and the work of a single hand”.

grossas” (*tólstyjURNál*), por sua vez, eram publicações com as características apontadas acima, mas cujo eixo central era a preocupação com a literatura, uma vez que a ficção e a crítica literária estavam no cerne desses periódicos, e literalmente as “engrossavam”.

É importante não perder de vista que essas publicações ocupavam um lugar central na cultura da Rússia oitocentista, pois consistiam, entre outras coisas, no principal norte para escritores e leitores compreenderem o foco e a temperatura dos debates de ideias do momento. Do ponto de vista prático, eram esses jornais que forneciam aos escritores um meio de sobrevivência material, pois esses veículos remuneravam esses escritores e garantiam a sobrevivência daqueles que não tinham outra fonte de renda, como é o caso de Dostoiévski. No entanto, esses jornais “faziam mais do que prover sustento, uma plataforma de publicação e um modelo estilístico para escritores. Eles eram também a principal fonte de informação e atitudes, uma arena onde escritores e outras pessoas letradas podiam aprender e absorver mais cultura do que em qualquer outra parte do sistema formal russo de educação”.³⁴⁶

Assim, consistindo em um gênero em si mesmo, as “revistas grossas” eram uma instituição incontornável da cultura russa oitocentista. Lado a lado com os periódicos regulares, uma vez que era muito difícil definir o limite entre os jornais literários e não-literários numa tradição como a russa, na qual a literatura era praticamente onipresente, estas se tornaram o centro da comunidade letrada já na década de 1840, e palavras como “degelo”, no sentido de um clamor pelo fim da censura institucional, começaram a pipocar nessas publicações a despeito da ferocidade dos anos do reinado de Nicolau I. Na década de 1850, após o falecimento do imperador tirano, as publicações cresceram em número e em força, e algo que apenas se esboçou na década anterior ganhou mais e mais

346 BELKNAP, Robert L. “Survey of Russian journals, 1840-1889”. In: MARTINSEN, Deborah A (Ed). *Literary Journals in Imperial Russia*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997, p. 92. “did far more than provide a living, a publication outlet, and a stylistic framework for writers. They were also the chief source of information and attitudes, an arena in which writers and other literate people could learn more and absorb more culture than in any part of Russia’s explicit system of education”.

terreno: “a palavra censura começou a aparecer, e degelo novamente se tornou uma palavra de ordem na imprensa”.³⁴⁷

Diante desse contexto, a ideia de Herzen de criar uma imprensa russa livre da censura se torna bastante compreensível e até elementar, uma vez que seu objetivo de influenciar o curso dos acontecimentos na Rússia demandaria o meio de maior alcance e eficiência possível, e este, sem dúvida, era o periódico. Esse plano foi então colocado em prática no ano de 1853, com a ajuda da comunidade polonesa em Londres. Stanislaw Worcell, um revolucionário polonês no exílio que Herzen conheceu pela primeira vez em 1852, no Comitê Europeu de revolucionários, e que se tornou um dos seus melhores amigos, foi quem o encorajou a estabelecer a sua Imprensa Livre Russa em Londres e quem o apresentou aos poloneses que já tinham uma tipografia montada em um endereço na Regents Street, e que cederam espaço para que Herzen iniciasse a sua no mesmo endereço. Nesse escritório, Herzen conheceu Czerniecki, que trabalhou para ele por muitos anos, e Tchorzewski, o dono de uma livraria no Soho que comercializou os primeiros exemplares publicados pela Imprensa Livre Russa. Graças aos poloneses, ele pôde começar a publicar e distribuir o seu material.

4.7. O início da Imprensa Livre Russa

Em 21 de fevereiro de 1853, Herzen lançou o panfleto que apresentou a sua iniciativa e que ao mesmo tempo significou um apelo para que seus “irmãos na Rússia” colaborassem com a sua Imprensa:

“Em casa não há espaço para a palavra russa livre (...). Parece-nos que chegou o tempo de publicar textos em russo fora da Rússia (...). Se estivermos equivocados

347 Idem, *ibidem*, p. 103. “censorship itself had become mentionable, and glasnost again became a watchword of the press”.

ou não, vocês irão nos mostrar. Se nós não recebermos nada da Rússia, não será nossa culpa (...). Mas eu não acredito nisso – até agora ninguém publicou nada em russo no exterior, porque não havia uma imprensa livre. A partir de primeiro de maio de 1853, a imprensa estará aberta. Enquanto espero com esperança receber algo de vocês, eu irei publicar meus manuscritos (...). Ser o vosso órgão, a vossa liberdade, o vosso discurso livre da censura – esse é meu objetivo”³⁴⁸.

A proposta de fundação de uma imprensa colaborativa é muito clara, e o apelo aos “irmãos russos” é tão intenso que se configura em uma condição para o prosseguimento da empreitada. Mas mesmo com esse discurso incisivo, os primeiros meses da Imprensa Livre Russa experimentaram o silêncio total da parte de seus conterrâneos, e a tipografia na prática consistiu, nos seus primórdios, em uma plataforma para Herzen publicar os seus próprios textos.

Alguns meses depois, Herzen reiterou o seu apelo, dessa vez por meio de um chamado publicado no jornal Francês *La Nation*, ainda em 1853. Dessa vez em francês, ele escreveu:

“Imprensa Russa em Londres: Nós anunciamos, no mês de fevereiro de 1853, nossa intenção de abrir uma imprensa livre russa em Londres, para criar uma tribuna livre para o pensamento russo e para revelar os atos monstruosos do governo de São Petersburgo. Nós, ao mesmo tempo, convidamos a todos os russos amantes do seu país, mas também amantes da liberdade, a nos enviarem manuscritos. Nós estamos dispostos a imprimi-los às nossas custas, uma vez que tais publicações se mostrem úteis para a propaganda. Esse projeto foi realizado. Desde 1 de junho de 1853, nossa imprensa não está desocupada, apesar das

348 HERZEN, A. I. *Sobránie sotchinénii v 30 tomakh*. Moscou: Akad. Nauk SSSR, tomo 12, pp. 62-64. “Дома нет места свободной русской речи (...) Время печатать по-русски вне России, кажется нам, пришло. Ошибаемся мы или нет – это покажете вы. (...) Если мы не получим ничего из России – это будет не наша вина. (...) Но я не верю этому – до сих пор никто ничего не печатал по-русски за границей, потому что не было свободной типографии. С первого мая 1853 типография будет открыта. Пока, в ожидании, в надежде получить от вас что-нибудь, я буду печатать свой рукописи. (...) Быть вашим органом, вашей свободной, бесцензурной речью – вся моя цель”.

dificuldades causadas pela guerra, que fechou muitos canais de comunicação. Nós reiteramos hoje o pedido para que nos enviem manuscritos e, se vocês nos permitem, chamamos a atenção de vocês ao que foi realizado pela imprensa nesse um ano e meio. Vejam os títulos das nossas publicações em língua russa (...).³⁴⁹

Ele então lista essas publicações e o que se pode perceber, com poucas exceções, é que a maior parte dos textos é de sua autoria, como *O Dia de S. Yuri (Iuriev Den! Iuriev Den!)*, *A propriedade batizada (Krechtchiónaia sóbstvennost)*, *Da outra margem (S Togo Biérega)*, *Cartas de França e Itália (Pisma iz Frantsii i Italii)*, e *Prisão e exílio (Tiurmá i Ssýlka)*, sendo esse último uma das partes de *Passado e Pensamentos* que veio a público pela primeira vez. *A propriedade batizada* e *O Dia de S. Yuri* são ambos escritos condenatórios da servidão na Rússia, e este último, nas palavras de Puritova, consiste em uma memorável consideração “que combinou elementos da teoria revolucionária da nobreza com a revolução democrática”³⁵⁰. Esses dois artigos foram publicados na imprensa inglesa no periódico *The Leader*, na forma de três artigos mais curtos intitulados em seu conjunto “Russian Serfdom”, e foram lidos com interesse como fonte de informação sobre o assunto por leitores britânicos. Tanto que foram mencionados em um longo artigo sobre o assunto publicado no jornal *The Athenaeum*, em 6 de janeiro de 1855. O jornal *The Leader* também noticiou a criação da Imprensa Livre Russa na Inglaterra.

Mas, mesmo com o espaço dado para ele na imprensa britânica, Herzen sentia-se bastante frustrado e desmotivado com o silêncio dos seus compatriotas e o descaso dos

349 Idem, ibidem, p. 235-236. “Imprimerie Russe à Londres: Nous avons annoncé au mois de février 1853 notre intention d’ouvrir une imprimerie russe à Londres, pour donner une libre tribune à la pensée russe, pour dévoiler les actes monstrueux du gouvernement de St. Pétersbourg. Nous avons en même temps invité tous les Russes aimant leur pays, mais aimant aussi la liberté, - à nous envoyer des manuscrits. Nous étions même prêts à les imprimer à nos frais, au cas où leur publication pourrait être utile à la propagande. Ce projet c’est réalisé. Depuis le 1-er Juin 1853 notre presse n’a point chômé, malgré les graves difficultés que la guerre a dû faire naître, en entravant beaucoup plus les voies de communication. Nous avons écrit, nous avons fait imprimer(...). Nous réitérons aujourd’hui la prière de nous envoyer des manuscrits et nous demandons la permission de mettre sous les yeux du lecteur le compte rendu de ce qu’a fait l’imprimerie en un année et demie. Voilà le titre de nos publications en langue russe (...)”.

350 PURITOVA, Op. Cit., p. 51. “удивительным образом сочетались элементы дворянской революционности с революционным демократизмом”.

amigos com a sua iniciativa. A frustração só aumentou após a visita de Mikhail Chtchépkin que, em nome dos amigos de Moscou, trouxe o recado de que Herzen deveria desistir da Imprensa Livre Russa e migrar para os Estados Unidos. Com o início da guerra da Crimeia, que colocou os russos em uma posição difícil diante da Europa, sua situação piorou ainda mais, e “ele ficou furioso quando o *The Times*, *La Nation*, *La Gazette de Cologne* e até o *The Leader* insinuaram que muitos exilados russos eram agentes do governo russo. Ele escreveu para Linton: ‘a guerra me obriga a ficar calado’”.³⁵¹

É anedótica a passagem que consta em *Passado e Pensamentos* na qual Herzen, surpreendido com a primeira receita advinda da Imprensa Livre Russa (10 shillings), deu um shilling para o garoto de recados (que trouxe as novas do livreiro), e com “alegria burguesa” guardou metade do dinheiro em um lugar especial. Se, por um lado, os feitos da Imprensa Livre Russa eram muito modestos, por outro lado o impacto causado pela publicação do primeiro extrato das suas memórias foi algo notável. *Prisão e Exílio (Tiurmá i Ssýlka)* saiu no ano de 1854, e no ano seguinte a obra foi traduzida para o alemão e o inglês, e um pouco depois para o francês e o dinamarquês. Segundo Elsberg, “o sucesso se tornou um estímulo para o prosseguimento do trabalho em *Passado e Pensamentos* e para a publicação das partes já escritas”³⁵². Isso demonstra o quanto a Imprensa Livre Russa é indissociável do projeto de escrita de *Passado e Pensamentos*. A aventura jornalística deu base concreta para o eterno anseio revolucionário de Herzen. Isso o impulsionou com fervor para criar a sua autobiografia, uma vez que esta era na essência uma grande (auto)propaganda revolucionária. E as páginas da autobiografia nutriam a Imprensa Livre Russa, numa retroalimentação propositiva.

351 KUNKA. Op. Cit., p. 100. “He was furious when The Times, La Nation, La Gazette de Cologne and, even The Leader all subsequently claimed that various émigrés were Russian agents. He wrote to Linton ‘The war obliges me to remain silent’”.

352 ELSBERG. Op. Cit., p. 327. “Успех явился стимулом для продолжения работы над Былым и Думами и для публикации уже написанных частей”.

Porém, nos primeiros anos o sucesso ficou restrito aos textos autobiográficos, e a Imprensa Livre Russa engatinhou por falta de material. O cenário pouco animador, entretanto, não fez Herzen desistir da sua missão. Ele persistiu por mais alguns anos, até que finalmente a notícia da morte de Nicolau I soou como música para seus ouvidos e se colocou diante dele como uma oportunidade única para o avanço da sua empreitada. Em grande medida, o silêncio da parte dos contemporâneos se explicava pelo receio da repressão impiedosa das autoridades imperiais, direcionada a quem ousasse emitir opiniões livres e furar o bloqueio da censura. Enviar textos, ou mesmo ler as publicações de Herzen sob Nicolau era uma atividade muito arriscada. A morte do imperador coincidiu com a abolição, em solo inglês, do Stamp Duty, uma espécie de imposto que recaía sobre as publicações da imprensa. A guerra da Criméia também chegava ao fim. A feliz coincidência desses três eventos fez com que Herzen desse um passo adiante, e dessa vez lançasse uma revista de caráter mensal denominada *Estrela Polar* (*Poliárnaia zvezdá*).

4.8. Estrela Polar

A declaração sobre a criação dessa nova revista veio à luz pela Imprensa Livre Russa, em 25 de março de 1855. O anúncio da nova revista consistiu em uma comemoração do fim do reinado do czar tirano: “A *Estrela Polar* se escondeu atrás das nuvens do reinado de Nicolau”³⁵³. O otimismo com o novo período que viria pela frente se descortinou na apresentação da revista como o órgão da Rússia do futuro: “A jovem Rússia, a Rússia do futuro e da esperança, não possui nenhum órgão. Nós ofereceremos um a ela.”³⁵⁴ O manifesto também destacou sua missão de publicar livremente

353 HERZEN, A. I. *Sobránie sotchiniénii v 30 tomakh*. Moscou: Akad. NaukSSSR, tomo 12, pp. 265-271. “Полярная звезда скрылась за тучами николаевского царствования”.

354 Idem, *ibidem*. “(...) А юная Россия, Россия будущего и надежд, не имеет ни одного органа. Мы предлагаем его ей”.

manuscritos que seriam alvo da censura imperial: “A *Estrela Polar* deverá ser – e esse é um dos nossos desejos mais ardentes – o refúgio para todos os manuscritos afogados pela censura imperial, todos que foram mutilados por ela”³⁵⁵. Essa característica da publicação a aproximava das “revistas grossas” russas do século XIX.

O título, emprestado de uma publicação criada pelos dezembristas que circulou na Rússia entre os anos 1823 a 1825, assim como a iconografia, que apresentava na primeira página retratos dos dezembristas executados, são evidências do caminho escolhido por Herzen de vincular a sua publicação à tradição revolucionária russa. O primeiro número saiu em agosto de 1855, já no endereço de Thornhill Place, na Caledonian Road (a Imprensa havia mudado da Regents Square para o número 82 da Judd Street, até que finalmente separou-se dos poloneses e estabeleceu-se na Caledonian Road, onde permaneceu até encerrar suas atividades em Londres e migrar para Genebra). A primeira edição trouxe poemas de Púchkin, a célebre carta de Bielínski a Gógol, textos de V. Enguelsón e N. Sazónov, amigos de Herzen, e mais uma parte de *Passado e Pensamentos*, entre outros.

Dessa vez, para júbilo de Herzen, seus leitores russos responderam, assim como a publicação foi reconhecida por revolucionários de renome, como o próprio Herzen salienta na revista – “Victor Hugo, Mazzini, Michelet, Louis Blac, Proudhon estão conosco! Está conosco a revolução, o socialismo!”³⁵⁶. E, de fato, muitos deles escreveram palavras encorajadoras a respeito da nova publicação, como o próprio Victor Hugo, que numa carta cumprimentou Herzen pela iniciativa e desejando-o sucesso.

Como a estudiosa Monica Patridge apontou, muito do sucesso se deveu à decisão acertada tomada por Herzen quanto à distribuição do seu material. Antes dependente das redes amadoras dos poloneses, Herzen decidiu profissionalizar a tarefa e optou por se

355 Idem, *ibidem*. “Полярная звезда должна быть – и это одно из самых горячих желаний наших – убежищем всех рукописей, тонущих в императорской цензуре, всех изувеченных ею”.

356 PURITOVA, Op. Cit., p. 75. “В Гюго, Н. Маццини, И, Мишле, Луи Блан, П. Прудон с нами! Снами революция, снами социализм!”.

associar a um dos mais importantes editores do seu tempo, Nicholas Trübner, da Trübner & Co., que em novembro de 1854 começou a demonstrar seu interesse em comercializar os escritos da Imprensa Livre Russa, e desde então passou a anunciar os textos de Herzen no periódico da Associação de Livreiros Alemães (Börsenblatt für den Deutschen Buchhandels). As vendas cresceram e, no fim de 1855 e início de 1856, Herzen firmou um acordo de colaboração total com Trübner, que graças à sua influência passou a comercializar tanto na Europa quanto na Rússia (enviando de forma escondida as publicações de Herzen para São Petersburgo) as publicações da Imprensa Livre Russa.

Assim, nas palavras de Patridge, “Herzen não poderia ter encontrado uma forma melhor, legal ou ilegal, do que através de Trübner para anunciar e fazer circular sua propaganda na Europa e, mais importante ainda, na Rússia. Através dele livros puderam ser (e de fato foram) encomendados e despachados em pacotes ou sacos sob o selo de Trübner para a Rússia, com frequência em grande número para livrarias em São Petersburgo e cidades na fronteira russa ou próximas à fronteira, e em cidades da Europa Ocidental, como Paris e Roma, em volta das quais os viajantes russos orbitavam”.³⁵⁷

Solucionado o problema da distribuição, os leitores russos passaram a responder de forma entusiasmada à iniciativa de Herzen. Os companheiros de geração, como era esperado por Herzen, passaram a ler a *Estrela Polar*, mas não apenas eles – “na virada do ano 1856, Herzen recebeu a primeira resposta de um novo, jovem auditório”³⁵⁸. Por exemplo, o revolucionário Dobroliúbov, que mais tarde entraria em conflito com Herzen acusando-o de não ser suficientemente revolucionário, escreveu sobre a *Estrela Polar*:

357 PATRIDGE, Monica. *Alexander Herzen: Collected Studies*. Londres: Astra Press, 1962, p. 204. “no better way, legal or illegal, could have been found by Herzen through Trubner for advertising and circulating his propaganda in Europe and, even more important, in Russia. For by it books could be (and were) ordered and dispatched in packages or bales under the Trubner label into Russia, often in large numbers to bookshops in Saint Petersburg and were stocked also by booksellers in towns on or near the Russian frontier and in West European towns such as Paris and Rome to which Russian travelers in the West more often gravitated”.

358 PURITOVA. Op. Cit., p. 79. “под новый 1856 год Герцен долучил первый отклик от новой, молодой аудитории”.

“às 10 horas eu começava a leitura e só parava às 5 da manhã”, e “admirava uma vez mais o retrato de Iskander”.³⁵⁹

Já na *Estrela Polar*, Herzen (ou Iskander, que era como assinava seu material publicístico) começou sua campanha pela abolição da servidão e abertura da autocracia, utilizando-se do método que seria desprezado pela geração de Dobroliúbov (e mais para frente pelos seus estudiosos soviéticos): a apelação direta ao czar por meio de cartas. Para Lênin, cartas essas que não poderiam ser lidas sem um profundo sentimento de “repulsa”.

De qualquer forma, na primeira edição da *Estrela Polar* Herzen insere sua primeira carta ao imperador Alexandre II. Ele deixa claro as diferenças significativas existentes entre ele e Aleksandr (ele socialista, o imperador um autocrata), mas mesmo assim apela ao bom senso e ao amor pelo povo russo, numa tentativa de envolver o Imperador na sua luta: “logicamente minha bandeira não é a mesma que a sua, eu sou um socialista incorrigível, você um imperador autocrata; mas entre a sua bandeira e a minha pode haver algo em comum – nominalmente seu amor pelo povo sobre o qual nós trataremos”.³⁶⁰

Ele então se diz disposto a dar uma trégua nos seus ataques à autocracia se o Imperador aceitar colaborar com o seu programa mínimo: “Eu estou disposto a esperar, a me retratar, a falar sobre outra coisa, desde que você mantenha em mim viva a esperança de que fará algo pela Rússia. (...) Soberano, dê liberdade à palavra russa (...). Dê terra aos camponeses (...)”. Ele conclui com uma espécie de provocação, chamando atenção para o seu feito da criação de uma Imprensa Livre: “Soberano, se essas linhas chegarem até você as leia sem amargura, sozinho – e pense sobre elas. Não é sempre que você escuta a voz sincera de um russo livre”.³⁶¹

359 ELSBERG. Op. Cit., p. 347. “С 10 часов начал Я чтение и не прерывал его до пяти утра”; “полюбовавшись еще раз на портрет Искандера”.

360 *Poliárnaia Zvezdá*, “Pismók Imperátoru Aleksandru Vtorómu”, 1855, folha 1, pp. 11-14. In: HERZEN, A. I. *Sobránie sotchiniénii v 30 tomakh*. Moscou: Akad. Nauk SSSR, vol. 12, pp. 272-274

361 *Poliárnaia Zvezdá*, “Pismók Imperátoru Aleksandru Vtorómu”, 1855, folha 1, pp. 11-14. “Разумеется, моя хоругвь- не ваша, я неисправимый социалист, вы самодержавный император; но между вашим

4.9. O Sino

A esta primeira carta se seguiram outras publicadas em *O Sino*, nova empreitada jornalística de Herzen. O interesse crescente dos leitores pela *Estrela Polar*, juntamente com a chegada do grande amigo e companheiro de Herzen, Ogarióv, em Londres, foram cruciais para que ele se aventurasse em uma publicação de maior impacto na realidade russa, seguindo a sugestão de Ogarióv. A *Estrela Polar*, que mais se assemelhava a um livro por ser uma “revista grossa” e que era publicada anualmente, não consistia em um órgão apropriado para debater os acontecimentos do momento. A opção por um jornal muito menor, de poucas páginas e baseado na colaboração dos leitores foi anunciada já nas páginas da *Estrela Polar*, no ano de 1857:

“A *Estrela Polar* sai muito esporadicamente – nós não temos meios de publicá-la com mais frequência. Além disso, as mudanças na Rússia estão se dando com muita rapidez e devem ser capturadas na hora e discutidas imediatamente. Diante disso, estamos preparando uma nova publicação. Não fixaremos a sua frequência, nós tentaremos preparar uma folha, às vezes duas, todo mês”. Ele então, reproduzindo as ideias que norteiam a carta ao Imperador Aleksandr, afirma que: “como em 1855, nós consideramos necessário, inevitável e urgente o primeiro passo: libertação da palavra da censura; libertação dos servos dos proprietários de terras; libertação do regime de aplicação de castigos corporais”³⁶². Fora dada a largada para a aventura revolucionária mais bem sucedida de toda a vida de Herzen.

знаменем и моим может быть одно общее – именно та любовь к народу, о которой шла речь (...). Я готов ждать, стереться, говорить о другом, лишь бы у меня была живая надежда, что вы что-нибудь сделаете для России. (...) Государь, дайте свободу русскому слову. (...) Дайте землю крестьянам. (...) Государь, если эти строки дойдут до вас, прочтите их беззлобно, одни – и подумайте потом. Вам не часто придется слышать искренний голос свободного русского”.

362 *Poliárnaia Zvezdá*, “Kólokol”, 1857, folha 3, p. 11. In: HERZEN, A. I. *Sobránie sotchinénii v 30 tomakh*. Moscou: Akad. Nauk SSSR, vol. 12, pp. 357-358. “Полярная звезда выходит слишком редко, - мы не имеем средств издавать ее чаще. Между тем события в России несутся быстро, их надобно ловить на лету, обсуживать тотчас. Для этого мы предпринимаем новое повременное издание. Не

O Sino saiu pela primeira vez como parte da *Estrela Polar* em julho de 1857. O objetivo da publicação era abrir espaço para a livre circulação das ideias dos editores e leitores, sem que fosse fixado um programa político muito rígido. O que norteava o *Sino* era o já mencionado tripé: abolição da servidão (com terra para os camponeses), abolição da censura e abolição dos castigos corporais. Para além desse programa básico, o objetivo era servir como um meio para o estabelecimento do livre debate de ideais da sociedade civil russa.

Na introdução ao *Sino*, publicada nas três primeiras páginas do jornal em 1º de julho de 1857, Herzen reproduz o programa lançado anteriormente e aproveita para fazer uma curta retrospectiva da história da Imprensa Livre Russa. Ele relembra a inauguração da empreitada, em 1853, e a convocação dos amigos russos para participarem da iniciativa, ato que não surtiu efeito – “não teve resposta”. Nesse primeiro momento, foram os escritos de Herzen que serviram para manter a Imprensa Livre Russa em movimento, e enquanto na Europa circulavam obras de Herzen traduzidas para o inglês e o francês, “os livros em russo não eram vendidos (...). Eles eram empilhados por todo chão da gráfica e eram distribuídos entre nós ou doados”³⁶³. A grande virada se deu com a morte de Nicolau, e quando a notícia alcançou Herzen o pensamento que ocorreu a ele foi: “agora ou nunca”. A aposta no “agora ou nunca” fez Herzen publicar a *Estrela Polar*, que obteve bastante sucesso, e em seguida *O Sino*. O que Herzen não podia prever, no momento em que escrevia essa introdução, era quão longe sua iniciativa chegaria.

Em *Passado e Pensamentos* Herzen mencionou a “avalanche” de cartas que recebeu da Rússia por causa de *O Sino*. A publicação circulou por mais de uma década, a

определяя сроков выхода, мы постараемся ежемесячно издавать один лист, иногда два”; “Как в 1855 году, считаем первым необходимым, неминуемым, неотлагаемым шагом: освобождение слова от цензуры; освобождение крестьян от помещиков; освобождение податного состояния от побоев”.
363 *Kólokol*, folha 1, 1º de julho de 1857, p. 1-3. In: HERZEN, A. I. *Sobránie sotchiniénii v 30 tomakh*. Moscou: Akad. Nauk SSSR, vol. 13, pp. 7-12. “ответа не было”; “русских книг не было продано (...). Они гудами валялись в типографии или рассылались нами на наш счет, и притом даром”; “Тепер или никогда”.

casa de Herzen em Londres se transformou em um centro de “peregrinação” dos russos em viagem pela ilha (a ponto do endereço de Herzen constar em uma espécie de “guia turístico” para viajantes russos) e a circulação da publicação foi de fato muito significativa. Como afirmou a estudiosa Helen Williams, uma atividade clandestina como a publicação da Imprensa Livre Russa, que propositalmente escondia seus números do alcance das autoridades, é difícil de quantificar. Já a estudiosa François Kunka fala em edições com mais de três mil cópias: “de 1857 até 1861, as vendas tanto da *Estrela Polar* quanto do *Sino* foram imensas. As edições chegavam até 3.000 cópias e segundas edições eram com frequência solicitadas dessas e de outras publicações lançadas pela Imprensa Livre”³⁶⁴. Um estudioso russo mencionou a circulação de 10.000 cópias do *Sino* no ano de 1861, mas essa estimativa é muito superior à apresentada pela maioria dos estudiosos da história do periódico.

O sucesso do *Sino* se explica em grande medida em função dessa colaboração dos leitores, o que permitiu que, mesmo a muitos quilômetros de distância da Rússia, a publicação influenciasse o curso dos acontecimentos políticos e sociais. Uma sessão do jornal intitulada *Seria Verdade? (Právda li?)* dedicava-se a denunciar abusos cotidianos da vida russa relatados pelos leitores. Por exemplo, no *Sino* de 1º de julho de 1857 consta a seguinte denúncia: “seria verdade que o ministro das finanças, Brok, fez uma oposição furiosa à libertação dos servos, a partir do momento em que, com o auxílio indulgente de um fiscal, adquiriu mais de mil almas?”³⁶⁵. A quantidade de denúncias desse tipo recebidas pelos editores foi tão grande que incentivou Herzen e Ogarióv a criarem um novo título, *Na Justiça (Pod Sud)*, que circulou de 1859 a 1862 e dedicou-se

364 KUNKA. Op. Cit., p. 107. “From 1857 until 1861 sales of both The Polar Star and Kolokol were huge. Editions run to as many as three thousand copies and second editions were often needed of these and other publications that were still coming from the press”.

365 *Kólokol*, folha 1, 1º de julho de 1857, p. 10. In: HERZEN, A. I. *Sobránie sotchiniénii v 30 tomakh*. Moscou: Akad. Nauk SSSR, vol. 13, p. 19. “Правда ли, что министр финансов, Брок, сделался яростным противником освобождения крестьян, стех пор как он с споспешествующей помощью откупщиков благоприобрел больше тысячи живых душ?”

exclusivamente a publicar as irregularidades apontadas pelos leitores – “nós resolvemos lançar, como um suplemento do *Sino*, uma folha intitulada *Na Justiça*. Com base na quantidade de material, nós publicaremos uma ou duas vezes por mês”.³⁶⁶

Como estudiosos apontaram, esse espaço para a denúncia criado pela Imprensa Livre Russa teve efeitos práticos, pois os abusos eram muitas vezes investigados e coibidos após terem sido descritos nas páginas do jornal. Como afirmou Elsberg, “as revelações do *Sino* muitas vezes tiveram resultados práticos”³⁶⁷, e mais do que isso, como afirmou Ulam, “um atento burocrata petersburguês teria que seguir o jornal com a intenção de não só saber mais sobre a situação da opinião pública na Rússia, mas às vezes para descobrir o que estava acontecendo no seu próprio ministério”³⁶⁸.

Portanto, esse profícuo diálogo com os leitores, que pressionou as autoridades e garantiu certas mudanças de comportamento, foi um dos fatores responsáveis pelo estrondoso sucesso do *Sino*. Outro fator a ser apontado é o talento inegável de Herzen como publicista e escritor.

4.10. Publicística

Sob a pena de Iskander, Herzen redigiu artigos, editoriais, ensaios e cartas para os leitores com o seu estilo único e inimitável – o “tom herzeniano”, ao qual se referiu Elsberg. Ainda segundo Elsberg, “precisamente esta publicística que se apresentava como

366 *Kólokol*, folha49, 1º de agosto de 1859, p. 406. In: HERZEN, A. I. *Sobránie sotchiniénii v 30 tomakh*. Moscou: Akad. Nauk SSSR, vol. 14, p. 139. “(...) мы решились издавать как прибавление к Колокол листок под заглавием Под Суд. Смотря по количеству материала, он будет выходить раз в месяц или в два месяца (...)”.

367 ELSBERG, Op. Cit., p. 368. “Разоблачения Колокола не раз приводили к практическим результатам”.

368 ULAM, Adam. *Prophets and Conspirators in Prerevolutionary Russia*. Londres: Routledge, 1977, p. 118. “an alert Petersburg bureaucrat would have to follow the journal in order to find out not only the state of Russian public opinion, but sometimes also what was happening in his own ministry”.

ideológica e literária que estava no âmago do *Sino*, permanentemente viva, apaixonante, pungente, cheia de furiosos e irônicos comentários sobre eventos da vida russa”.³⁶⁹

A publicística é um fenômeno muito significativo da vida russa, que consiste na atividade que ergue uma ponte entre a vida social e política e a produção literária ficcional – fundamental para a consciência nacional. A definição de publicística, em poucas palavras, é a discussão em meios impressos dos problemas pungentes da vida russa. É um discurso crítico dirigido à opinião pública, discurso esse que é “acessível para o cidadão médio educado, não tem limites preconcebidos que a restringem a certos assuntos ou visões de mundo, e tem o objetivo de criar uma consciência nacional, de moldar a opinião pública e, de preferência, exercer influência na política”.³⁷⁰

Como muitos comentadores assinalaram, Herzen é um mestre da publicística. Sua maneira inimitável de abordar os assuntos nos seus textos causava um grande efeito sobre os leitores, e a autoridade que ele adquiriu em meio à opinião pública russa se deveu em grande medida à sua habilidade como escritor. Por exemplo, em um artigo do *Sino*, com o objetivo de criticar a existência de castigos corporais na sociedade russa, Herzen escreveu: “fustigar ou não fustigar o mujique? That is the question”³⁷¹. O uso do mais que célebre anglicanismo somado à organização da frase que abre o artigo gera um efeito cômico que dificilmente passa despercebido pelo leitor, ao mesmo tempo em que trata de um tema gravíssimo e uma das principais bandeiras de Herzen. A destreza de Herzen residia na sua sensibilidade em abordar certos temas de forma inusitada, para provocar um grande efeito literário e incentivar a reflexão do leitor.

369 ELSBERG, Op. Cit., p. 364-365. “герценовский тон”; “именно эта публицистика представляла собою как бы идейный и литературный стержень Колокола, являясь живым, страстным, острым, полным гнева и иронии комментарием к событиям русской жизни”.

370 WHITEHEAD Claire. “Debating detectives: The influence of Publitsistika on nineteenth-century Russian crime fiction”. *The Modern Language Review*, Vol. 107, N.1 (January 2012), p. 233. “is accessible to the average member of educated society, has no preconceived biases restricting it to a particular disciplines or world views, and is intended to create national awareness, to shape public opinion and, preferably, to exert an influence on politics”.

371 *Kólokol*, folha 6, 1º de dezembro de 1857, p. 45-48. In: HERZEN, A. I. *Sobránie sotchiniénii v 30 tomakh*. Moscou: Akad. Nauk SSSR, vol. 13, p. 105-107. “Сечьилинесечьмужика? Thatisthequestion!”.

Outro exemplo que pode ser fornecido é a maneira como Herzen se dirige aos leitores em cartas publicadas no jornal. Por exemplo, em resposta a uma dama russa, Herzen escreve: “erroneamente você desculpa e desobriga a minha resposta no final, pensando que eu não vou e nem posso responder sinceramente. Muito pelo contrário, eu mesmo quero responder e muito abertamente. Eu geralmente não omito minhas razões”³⁷². A maneira franca e direta de se dirigir à leitora, somada à afirmação pessoal muito incisiva que estará presente em toda a história da Imprensa Livre Russa, pois não são poucos os artigos nos quais constam opiniões, vivências pessoais etc., assim como o fato de muitos trechos e capítulos de *Passado e Pensamentos* terem sido publicados na Imprensa Livre por Herzen, fortalecem o seu protagonismo na sua empreitada publicística e a centralidade da sua personalidade como uma marca estilística. Portanto, o mesmo homem que escreve a sua autobiografia e publica trechos dela por meio da Imprensa Livre Russa é aquele que assina os artigos e editoriais com uma marca pessoal muito distinta, o que prova o quanto essas duas atividades – *Passado e Pensamentos* e Imprensa Livre Russa – foram indissociáveis na frente de atuação de Herzen durante seus anos em Londres.

Para alguns autores, como Zimmerman, essa marca pessoal foi o fator determinante para o sucesso da Imprensa Livre Russa, pois nas suas palavras “eram menos as suas ideias que conquistavam seus seguidores do que a sua personalidade – os fogos de artifício do seu espírito e a energia com a qual ele se comprometia com os seus objetivos”³⁷³. Acreditamos que o sucesso se deu devido a uma combinação de fatores, mas é inegável que o Herzen personalista deixou sua marca em todas as suas atividades revolucionárias.

372 *Kólokol*, folha 36, 15 de fevereiro de 1859, p. 291-293. In: HERZEN, A. I. *Sobránie sotchiniénii v 30 tomakh*. Moscou: Akad. NaukSSSR, vol. 14, pp. 69-73. “Напрасно вы извиняетесь в конце его и избавляете меня от ответа, думая, что я не буду и не могу отвечать искренно. Совсем напротив, я сам хочу вам отвечать, и притом очень откровенно. Я вообще не скрытен, а тут и нет причины”.

373 ZIMMERMAN, Op. Cit., p. 93. “it was less his ideas that won his followers than it was his personality – the ‘fireworks’ of his wit, and the energy with which he committed himself to his goals”.

Mas outro fator que garantiu a proeminência de Herzen na época da publicação do *Sino* foi o sucesso da sua campanha pela abolição da servidão. Herzen fez um trabalho incansável pela causa da abolição. Além de persuadir o Czar, como já ficou claro na primeira carta endereçada a Alexandre II mencionada acima, ele também tentou divulgar a causa para os leitores Europeus. Foi publicada em francês, graças a Herzen, a notícia “Le premier pas vers l’émancipation des paysans serfs em Russie”³⁷⁴, em 1856, sobre a ordem de 2 de dezembro emitida por Alexandre II que autorizou os membros da nobreza a elegerem comitês para trabalhar na execução da emancipação.

Durante cinco anos os nobres russos organizados nos comitês elaboraram projetos para a emancipação. Herzen acompanhou com muita atenção esse movimento, e já começou a dar mostras da sua desconfiança com relação ao czar. É importante ressaltar que a campanha de Herzen visava promover a emancipação acompanhada pelo direito incondicional à terra e qualquer coisa diferente disso era, do seu ponto de vista, traição à causa. Não é à toa que em um artigo de 1856 ele lamenta a nomeação do ministro M. Muravióv, um conservador contrário aos direitos dos servos, e que para Herzen representou uma traição pessoal – “nós fomos surpreendidos pelo último excesso, pela traição aberta”³⁷⁵. E que em um artigo, de 1º de julho de 1858, escreve que “Alexandre não justifica a esperança que a Rússia depositou no seu reinado”³⁷⁶. Mas isso não o impediu de comemorar o manifesto de emancipação da servidão, emitido em 19 de

374 HERZEN, Aleksandr. *La Conspiração Russe, suivie d’une lettre sur l’émancipation des paysans em russie, par Iskander*. Londres, 1858, p. 33-41. In: HERZEN, A. I. *Sobránie sotchiniénii v 30 tomakh*. Moscou: Akad. Nauk SSSR, vol. 13, pp. 146-151

375 *Kólokol*, folhas 68-69, 15 abril de 1856, pp. 567-569. In: HERZEN, A. I. *Sobránie sotchiniénii v 30 tomakh*. Moscou: Akad. Nauk SSSR, vol. 14, p. 256. “Мы держались до последней крайности, до открытой измены”.

376 Idem, folha 18, 1 julho de 1858, pp. 141-143. In: HERZEN, A. I. *Sobránie sotchiniénii v 30 tomakh*. Moscou: Akad. Nauk SSSR, vol. 13, pp. 293-298. “Александр не оправдал надежд, которые Россия имела при его воцарении”.

fevereiro de 1861, no *Sino* de março daquele mesmo ano – “Se nós pudéssemos mais uma vez bradar “Você venceu, Galileu!”, o quão alto e verdadeiramente nós bradaríamos!”³⁷⁷

À celebração do acontecimento se seguiu uma campanha cada vez mais enfática com o objetivo de influenciar o czar e uma crítica cada vez mais contundente ao governo. Isso se deveu ao fato da emancipação não ter atendido às expectativas de Herzen, já que os servos foram obrigados a comprar as terras, ao mesmo tempo em que os aristocratas receberam generosas compensações pelas suas propriedades muito acima do valor do mercado³⁷⁸.

No artigo “Manifesto”, de 1º de abril de 1861, ele reconhece os méritos do czar “libertador”, pois, nas suas palavras, “Alexandre fez muito, realmente muito, e seu nome agora já está ao lado dos seus predecessores. Isso nem nós nem o povo russo jamais esquecerá”. Porém, como ele deixa claro nesse mesmo manifesto, isso é só o começo: “o primeiro passo foi dado (...). Depressa, depressa ao segundo passo! Comece a degelar!”³⁷⁹. O degelo para Herzen significava, em curto prazo, o fim da censura e, em longo prazo, o fim da autocracia.

O endurecimento do regime, no entanto, conjuntamente com a atitude imperialista de Alexandre II com relação à Polônia, fizeram Herzen assumir a postura de franca oposição (para a alegria dos estudiosos soviéticos que sempre exaltaram o lado revolucionário e antiautocracia de Herzen). Ele vai, por exemplo, condenar a perseguição aos estudantes das universidades russas levadas a cabo pelo governo e vai comparar com

377 Idem, folha 93, 1 março de 1861, p. 777. In: HERZEN, A. I. *Sobránie sotchiniénii v 30 tomakh*. Moscou: Akad. Nauk SSSR, vol. 15, pp. 52-53. “Если бы можно било еще раз сказать Ты победил, Галилеянин!, как громко и как от души сказали бы мы это”.

378 Daniel Aarão Reis, em seu artigo “Revolução e Liberdade: a trajetória de Alexandre Herzen” publicado em *Verve. Revista semestral autogestionária do Nu-Sol*. Nº3, 2003, pp 50-74, discutiu mais demoradamente esta questão.

379 Idem, folha 95, 1 abril 1861, p. 797. In: HERZEN, A. I. *Sobránie sotchiniénii v 30 tomakh*. Moscou: Akad. Nauk SSSR, vol. 14, p. 203. “Александр сделал много, очень много, его имя теперь уже стоит выше всех его предшественников. (...) Этого ему ни народ русский ни всемирная история не забудут”; “Первый шаг сделан! (...) Скорее – скорее второй шаг! (...) Черед за гласностью!”.

a “guerra aberta contra as universidades típica da época de Nicolau”³⁸⁰. Inclusive ele vai alertar os jornais do Ocidente quanto aos abusos da autocracia, como na carta que envia ao editor do *The Times*, em 20 de novembro de 1861 – “Senhor, nós esperamos que concorde em inserir nas suas estimadas páginas algumas palavras em benefício dos jovens russos aprisionados em São Petersburgo, Cronstadt, e Moscou, com o objetivo de apresentar uma queixa ao imperador Alexandre, pedindo que ele pare com a sua perseguição à educação na Rússia”³⁸¹. Em 1864, escreve no *La Cloche*, uma edição em francês do *Sino*, o seguinte ataque ao governo: “infelizmente ela continua, a sociedade russa, a perder a sensação de liberdade à qual ela aspirou durante o primeiro ano desse reinado, e o governo já ultrapassou em crueldade, em ferocidade, Nicolau e seus predecessores. O sangue corre como água, a pena capital foi introduzida por uma pequena porta na legislação, na Sibéria os criminosos comuns são fuzilados, na Polônia são fuzilados os prisioneiros de guerra”.³⁸²

Herzen não abandona sua tentativa de influenciar o czar, e dirige outra carta ao imperador em 1865: “sim, soberano, agora chegou o momento no qual o senhor precisa decidir qual será o caminho que irá seguir”³⁸³. Para Herzen, ainda havia tempo para o czar escolher o caminho mais progressista e democrático, afastando-se do obscurantismo e do autoritarismo. A derradeira tentativa de diálogo deu-se através da carta publicada no *Sino* em 1º de junho de 1866, como ele mesmo anuncia: “Pelo que parece esta é minha última

380 Idem, folha 95, 1 de dezembro de 1859, p. 57-58. “ (...) откровенной николаевской войне против университетов?”.

381 *The Times*. “To the Editor of The Times”, 20/11/1861. In: HERZEN, A. I. *Sobranie sotchiniénii v 30 tomakh*. Moscou: Akad. Nauk SSSR, vol. 15, pp. 190-191. “Sir, we hope you will not refuse to insert in your esteemed columns a few words in behalf of the Russian youths imprisoned in St. Petersburg, Cronstadt, and Moscow, for an attempt to present an address to the emperor Alexander II, asking him to discontinue his persecutions of instruction in Russia”.

382 *La Cloche*, n. 46, 25/07/1864. In: HERZEN, A. I. *Sobranie sotchiniénii v 30 tomakh*. Moscou: Akad. Nauk SSSR, vol. 18, p. 252. “(...) malheureusement elle continue, la société russe, a perdre le sens de la liberté, à laquelle elle aspirait la première année de ce règne, et le gouvernement a surpassé en cruauté, em férocité Nicolas et ses prédécesseurs. Le sang coule comme l’eau, la peine capitale s’est introduite par une petite porte dans la législation, em Sibérie on fusille de simples criminels, em Pologne on fusille les prisonniers de guerre”.

383 *Kólokol*, folha 197, 12 de maio de 1865, pp. 1613-1614. In: HERZEN, A. I. *Sobranie sotchiniénii v 30 tomakh*. Moscou: Akad. Nauk SSSR, vol. 18, pp. 337-341. “Да, государь, тепер настала минута, в которую вам надо решиться, который из ваших путей вам продолжать”.

carta para o senhor, soberano. Leia-a”. Esta carta foi escrita quando a popularidade do *Sino* já havia despencado consideravelmente, e pouco antes do jornal encerrar as suas atividades. No início da carta ele diz: “Soberano, havia uma época na qual o senhor lia o *Sino* – agora o senhor não o lê mais”³⁸⁴, sendo que isto era algo que se aplicava não só ao czar, mas à sociedade russa como um todo, que abandonara o *Sino* e voltara às costas para Herzen.

4.11. O declínio do *Sino* e da influência de Herzen

O *Sino* de 1866 estava muito distante do *Sino* de 1861, ano do auge da Imprensa Livre Russa. Para Herzen e para muitos estudiosos, a semente do declínio foi plantada no próprio ano de 1861, no dia 10 de abril, quando na festa em comemoração à emancipação dos servos que foi oferecida por Herzen na Orsett House, sua residência em Londres, o brinde em homenagem ao Czar libertador foi abortado em decorrência da chegada da notícia acerca do recente massacre dos poloneses pelas tropas russas em Varsóvia. Portanto, na versão de Herzen (e de muitos estudiosos) a perda do público se deveu em grande medida ao apoio à causa polonesa.

Em *Passado e Pensamentos*, Herzen se refere à “Profecia” do servo Martiánov, um defensor da causa abolicionista que se refugiou na Europa e publicou textos através da Imprensa Livre Russa, mas que se desentendeu com Herzen e Ogarióv quando estes aprofundaram as críticas ao czar e defenderam a causa polonesa. Em *Passado e Pensamentos*, Herzen escreveu que Martiánov, em uma visita, disse a ele: “não se aborreça comigo, Oleksandr Ivanovitch, mas, de um jeito ou de outro, você matou o *Sino*. Pra que você foi se meter no assunto dos poloneses... Os poloneses podem estar certos,

384 Idem, folha 221, 1 de junho de 1866, p. 1805. In: HERZEN, A. I. *Sobránie sotchiniénii v 30 tomakh*. Moscou: Akad. NaukSSSR, vol. 18, p. 337-341. “По всей вероятности, это последнее письмо мое к вам, государь. Прочитите его”.; “Государь, было время когда вы читали Колокол – теперь вы его не читаете”.

mas o assunto deles é um assunto de nobres – não o seu”. Coincidência ou não, pouco depois dessa visita, como continua Herzen na sua autobiografia, “no final de 1863, a tiragem do *Sino*, de 2500, 2000 passou para 500 e nunca mais ultrapassou os 1000 novamente. Charlotte Corday de Oriól e o profeta Daniel dos servos estavam certos”.³⁸⁵

Charlotte Corday é outra visitante que, dessa vez em 1862, trouxe notícias preocupantes para a Imprensa Livre Russa de Herzen. Segundo Herzen, ela o procurou para perguntar se as acusações de que ele estaria por trás dos incêndios em São Petersburgo eram verdadeiras, o que ele negou. Herzen identificou este como o momento “no qual começou a fase de acusações contra o nosso jornalismo”³⁸⁶. Herzen condenou veementemente os incêndios no jornal, mas o sinal vermelho já estava aceso, e por isso ele colocou essa dama, ao lado do servo, como os profetas da “queda”.

O fato é que Herzen se viu num fogo cruzado que vai muito além da questão do seu apoio à independência polonesa. Até a emancipação havia uma espécie de frente única em favor da causa, na qual Herzen se destacava como “uma grande força, um poder dentro do estado”³⁸⁷, como alguns seguidores se referiam a ele. Neste momento, inclusive, “os dois Alexandres estavam se confrontando praticamente nos mesmos termos”³⁸⁸. Nas palavras de Daniel Aarão Reis, até a emancipação ocorrer de fato, ao tentar combinar “referências do socialismo libertário e do reformismo liberal, Herzen imaginou, em certo momento, que uma síntese poderia ser construída a partir do reformismo pelo alto de Alexandre II, reunindo, em torno de objetivos comuns, um amplo espectro, dos nobres

385 HERZEN, A. *Bylóie i dúmy*. In: <http://az.lib.ru/g/gercen>. “Вы не сердитесь на меня, Алесандр Иванович, так ли, иначе ли, а Колокол – то вы порешили. Что вам за дело мешаться в польские дела... Поляки, может, и правы, но их дело шляхетское – не ваше(...)”; “К концу 1863 года расход Колокола с 2500, 2000 сошел на 500 и ни разу не подымался далее 1000 экземпляров. Шарлотта Корде из Орла и Даниил из крестьян были правы”.

386 Idem, *ibidem*. “тогда только начинался фискальный период нашей журналистики”.

387 ULAM, Op. Cit., p. 125. “a great force, (...) a power in the state”.

388 Idem, *ibidem*, p. 123 - “the two Alexanders were soon confronting each other on almost equal terms”.

liberais, passando pelos intelectocratas reformistas aos revolucionários socialistas. Estas expectativas frustraram-se”³⁸⁹.

As expectativas de Herzen foram frustradas porque, após a emancipação as forças progressistas se dividiram em dois lados opostos: de um lado a corrente liberal representada por Tchitchiérin e Kaviélin, que tiveram textos publicados na *Vozes da Rússia* (outra publicação da Imprensa Livre Russa) e que foi com quem Herzen primeiro se desentendeu, e de outro lado os radicais encabeçados por Tchernichévski e Dobroliúbov, nomes ligados ao jornal o *Contemporâneo*. No artigo “Russos alemães e alemães russos”, Herzen se colocou contrário à ideia de que um liberalismo nos moldes ocidentais seria a saída para a situação da Rússia, o que angariou o apoio dos radicais a Herzen. Porém, essa lua de mel não durou muito tempo, pois o desentendimento com os radicais logo se deu por meio da publicação dos artigos “Very Dangerous” e “Homens supérfluos e homens biliosos”, nos quais é evidente o conflito de gerações tão célebre da cultura russa, e não faltam reprovações da parte de Herzen aos homens que perderam a “jovialidade” da sua juventude e que tinham uma vaidade “distorcida”, além, evidentemente, da incompatibilidade da sensibilidade artística que separa as duas gerações.

Entretanto, o cerne do desentendimento não residiu nessas questões “acessórias”, mas sim na questão central do posicionamento de Herzen a respeito da postura a ser tomada com relação ao regime de Alexandre II, quando este deu sinais de que não levaria a cabo as outras reformas fundamentais para a sociedade russa. Os radicais eram a favor da revolução iminente e esperavam que Herzen os apoiasse nesse caminho. Mas Herzen se mostrou muito hesitante, o que provocou a ira dos jovens que até então o admiravam.

Herzen até que ensaiou alguns passos nesse caminho quando, por exemplo, divulgou, ainda que a contragosto, a organização revolucionária Terra e Liberdade, que

389 FILHO, Daniel Aarão Reis, “Revolução e Liberdade: a trajetória de Alexandre Herzen”. In: Verve. *Revista semestral autogestionária do Nu-Sol*. Nº3, 2003, p 67.

surgiu na Rússia entre a juventude e tomou para si a responsabilidade de agir em prol da revolução. Quando o delegado da Terra e Liberdade foi enviado a Londres com a proposta de colaboração Herzen a princípio recusou, como ele afirma na sua autobiografia: “o delegado estava orgulhoso da importância da sua missão e nos convidou para que nos tornássemos agentes da sociedade Terra e Liberdade. Eu me recusei, para a surpresa não só de Bakúnin, mas também de Ogarióv”³⁹⁰. Após a insistência dos amigos ele concordou com a parceria e, no *Sino* de 1º de março de 1863, informou sobre a existência da organização, e fez o mesmo no *La Cloche*, versão francesa do *Sino*, onde escreveu que como “o título mesmo basta para definir o princípio: o direito de cada um à terra, e o objetivo: um governo eletivo e federalista”³⁹¹.

Outro passo em direção à saída revolucionária foi dado por Herzen no seu famoso artigo de 1º de novembro de 1861, publicado no *Sino*, que conclama a juventude a ir “ao povo”. Diz o texto:

“Escutem – uma vez que as trevas não os impedem de escutar: de todos os lados do nosso enorme país, do Don e dos Urais, do Volga e de Dnieper, um urro está crescendo, um murmúrio aumentando – é o primeiro rugido das ondas do oceano, agitadas, empurradas pelo vento, depois de uma terrível e extenuante calmaria. Ao povo! Ao povo! Eis o seu lugar, exilados da ciência, mostrem que dentre vocês não virão os oficiais insignificantes, mas soldados, não os mercenários desabrigados, mas os guerreiros do povo russo!”³⁹²

390 HERZEN, A. *Bylóie i dúmy*. In: <http://az.lib.ru/g/gercen>. “Уполномоченный был полон важности своей миссии и пригласил нас сделать сягентами общества Земли и Воли. Я отклонил это, к крайнему удивлению не только Бакунина, но и Огарева”.

391 *La Cloche*, n. 14, 25 de fevereiro de 1863. In: HERZEN, A. I. *Sobránie sotchiniénii v 30 tomakh*. Moscou: Akad. Nauk SSSR, vol. 17, p. 53. “le titre même suffit pour em définir le princepe: droit de chacun à la terre et le but: gouvernement électif et fédéral”.

392 *Kólokol*, folha 110, 1 de novembro de 1861, pp. 917-918. In: HERZEN, A. I. *Sobránie sotchiniénii v 30 tomakh*. Moscou: Akad. Nauk SSSR, vol. 15, p. 175. “Прислушайтесь – благо тьма не мешает слушать; со всех сторон огромной родины нашей, с Дона и Урала, с Волги и Днепра, растет стон, поднимается ропот – это начальный рев морской волны, которая закупает, чреватая буряти, после страшно утомительного штиля. В народ! К народу! – вот ваше место, изгнанники науки, покажите этим бистромам, что из ваз выйдут не подьячие, а воины, но не безродные наемники, а воины народа русского!”

A crítica soviética, que como já foi apontado se apoiava predominantemente na interpretação de Lênin acerca do legado de Herzen, se apegou com afinco a esse movimento de Herzen para comprovar o seu pertencimento à mesma trincheira de Tchernichévski e Dobroliúbov. Muitos dos estudiosos de Herzen defenderam a “nova orientação” do *Sino* a partir de 1860 como, por exemplo, o professor Elsberg, que afirmou que “por conseguinte, nos anos 60, a posição do *Sino* referente à sua preocupação central assumiu um caráter revolucionário e democrático. A tendência liberal agora já não tinha mais espaço”³⁹³. Puritova também vai na mesma linha de Elsberg e escreve que “os meses que se seguiram ao manifesto de 19 de fevereiro de 1861 representaram uma mudança na orientação política do *Sino*”³⁹⁴, e dessa forma “começou a vigorar nele a tese prática de propaganda popular – para o povo e com o povo”³⁹⁵.

Esses estudiosos se apoiaram em grande medida na célebre visita que Tchernichévski fez a Herzen para demonstrar a inegável aliança entre o jovem e o maduro revolucionário. Nas palavras de E. Acton, “o encontro entre as duas figuras de destaque do movimento revolucionário pré-marxista tem sido o assunto de muita controvérsia. Alguns estudiosos soviéticos, sedentos em demonstrar que Herzen já estava claramente com o campo revolucionário contemporâneo, fizeram grandes malabarismos com o julgamento de Tchernichévski sobre Herzen que se seguiu ao encontro em Londres”³⁹⁶. Assim, os estudiosos soviéticos tentaram minimizar a má impressão que Herzen teria causado no jovem revolucionário. No geral, os estudiosos que se debruçaram sobre esse

393 ELSBERG. Op. Cit., p. 385. “Действительно, в 60-х годах позиция Колокола по вам основным вопросам принимает революционно-демократический характер. Либеральные колебания и тенденции теперь уже не играют в нем сколько-нибудь существенной”.

394 PURITOVA. Op. Cit., p. 128. “Месяцы, последовавшие за появлением манифеста 19 февраля 1861 г, ознаменовались изменением политического курса Колокола”.

395 Idem, ibidem, p. 129. - “начал входить в пропагандистскую практику народнический тезис – для народа и посредством народа”.

396 ACTON, Op Cit p 145. “the encounter between the two outstanding figures of the pre-marxist revolutionary movement has been the subject of great controversy. Some soviet scholars, anxious to demonstrate that Herzen was already clearly within the contemporary’s revolutionary camp, have been much exercised over Chernyshevskii’s judgements of Herzen following their London meeting”.

encontro relataram certo estranhamento de ambas as partes, principalmente da parte de Tchernichévski com relação às maneiras aristocráticas de Herzen.

No *Sino*, Herzen defendeu Tchernichévski com fervor quando da sua prisão arbitrária pela autocracia russa, inclusive chamou a atenção dos jornais da Europa sobre o ocorrido. Num artigo de 1864, noticiou o fato: “Tchernichévski foi condenado a sete anos de trabalhos forçados e exílio permanente. Eis o czar que saudamos há dez anos atrás!”³⁹⁷. Escreveu também para o editor do *Daily News*:

“Senhor, eu tenho diante de mim um carta de São Petersburgo que contém os terríveis detalhes da condenação do celebrado escritor Tchernichévski, o diretor de *O Contemporâneo*, e um dos mais importantes homens das letras russas do nosso tempo (...). Eles querem se livrar de um antagonista ardente e genial e, dessa forma, foi sentenciado a sete anos de prisão e ao exílio perpétuo. (...) Como um filho orgulhoso, o imperador Alexandre está revivendo a memória do seu pai”.³⁹⁸

Mas isso não significou que Herzen embarcou de cabeça no campo radical: muito pelo contrário, ele se manteve crítico aos jovens niilistas e permaneceu no “caminho do meio”, que mais tarde custou sua popularidade e sua autoridade perante à opinião pública russa. Dessa forma, Herzen criticou Alexandre II sem piedade, mas ao mesmo tempo continuou tentando influenciá-lo, como as três cartas endereçadas ao imperador comprovam. Herzen defendeu Tchernichévski com afinco, inclusive o eximiu de qualquer responsabilidade perante os incêndios de São Petersburgo, mas criticou a escalada da

397 *Kólokól*, folha 186,1 de julho de 1864, pp. 15-25. In: HERZEN, A. I. *Sobránie sotchiniénii v 30 tomakh*. Moscou: Akad. Nauk SSSR, vol. 18, p. 221. “Чернышевский осужден на семь лет каторжной работы и на вечной посление (...) И это-то пар ствование мы приветствовал лет десять тому назад!”.

398 *Daily News*, “Liberty in Russia”, 14/06/1864. In: HERZEN, A. I. *Sobránie sotchiniénii v 30 tomakh*. Moscou: Akad. Nauk SSSR, vol. 18, p. 231. “Sir, I have before me a letter from St. Petersburg, containing the disgraceful details of the condemnation of the celebrated writer, N. Tchernischevski, the director of the *Contemporain*, and one of the most distinguished literary men of the day in Russia (...). They wanted to get rid of a clever and ardent antagonist, and he was accordingly sentenced to 7 years hard labor in Siberia, and to transportation for life. (...) Like a worthy son, the Emperor Alexander is reviving the memory of his father”.

violência repudiando, por exemplo, o atentado contra Alexandre II, em um artigo do *Sino*, de 1º de maio de 1866: “O tiro de 4 de abril calou fundo na nossa alma. (...) tiros não são necessários... nós, com toda força, vamos por um caminho mais amplo”.³⁹⁹

Enquanto a nova geração de radicais aguardava uma palavra de ordem vinda de Herzen em prol da ação revolucionária imediata, Herzen recuou e descartou esse papel de liderança, definindo o papel do seu jornalismo no famoso artigo intitulado *1865*:

“o *Sino* permanece o que sempre foi – o órgão do desenvolvimento social na Rússia. Ele será, como antes, contra tudo que dificulta tal desenvolvimento e a favor de tudo que o auxilia. A propaganda deve ser claramente dividida em duas. De um lado a palavra, o conselho, a análise, a acusação, a teoria. De outro lado a formação de círculos [revolucionários], o estabelecimento de contatos internos e externos. Ao primeiro nós dedicaremos toda a nossa autoridade, toda a nossa habilidade. O segundo não pode ser feito do exterior. Este assunto nós deixamos esperançosamente para um futuro próximo”.⁴⁰⁰

Muitos dos revolucionários radicais leram nesse posicionamento um sinal claro da hesitação e da covardia de Herzen. Mais ainda, como uma evidencia de que ele já se encontrava superado. A dura carta aberta à Herzen, escrita por um antigo aliado, é um exemplo claro do desprezo que Herzen granjeou da nova geração de revolucionários:

“Sim, a nova geração compreendeu você. Tendo compreendido, virou as costas para você com desprezo; e você ainda sonha que é o guia da nova geração, que é ‘um poder e uma força dentro do Estado russo’, que você é um líder que

399 *Kólokol*, folha 219, 1 de maio de 1866, p. 1789. In: HERZEN, A. I. *Sobránie sotchiniénii v 30 tomakh*. Moscou: Akad. Nauk SSSR, vol. XIX, p. 58. “Выстрел 4 апреля был нам не по душе.(...) пуль нам не нужно... мы в польной силе идем большой дорогой”.

400 *Kólokol*, folha 219, 1 de janeiro de 1865, p. 1581. In: HERZEN, A. I. *Sobránie sotchiniénii v 30 tomakh*. Moscou: Akad. Nauk SSSR, vol. 18, p. 313. “Колокол остается чем он был – органом социального развития в России. Он будет, как прежде, против всего, что мешает этому развитию, и за всё, что ему способствует. Пропаганда явным образом распадается надвое. С одной стороны слово, совет, анализ, обличение, теория; с другой – образование кругов, устройство путей, внутренних и внешних сношений. На первое мы посвящаем всю нашу деятельность, всю нашу преданность. Второе не может делаться за границей. Это дело, которого мы ждем в ближайшем будущем”.

representa a juventude. Você nosso líder? Ha! Ha! Ha! (...) Você é um poeta, um pintor, um artista, um contista, um romancista – tudo o que você quiser, mas não um líder político e ainda menos um pensador político, o fundador de uma escola ou doutrina... (...) Você, o complemento de Tchernichévski? Não, Senhor Herzen. É muito tarde para se esconder atrás de Tchernichévski. Olhe com mais atenção ao que está acontecendo à sua volta e então você irá finalmente entender que folhas secas e maços de papel não interessam a ninguém. Que você, Sr. Herzen, é um homem morto!”.⁴⁰¹

Essa carta é um retrato da incompreensão da postura de Herzen por parte dos seus sucessores. A desconfiança, porém, era mútua. Se os jovens revolucionários repreendiam Herzen por sua fraqueza típica de um *grand seigneur*, Herzen, por sua vez, entendia que a insolência da juventude também tinha raízes no extrato social da qual ela advinha. Como Herzen escreveu em *Passado e Pensamentos*: “A nudez deles não esconde, mas revela quem são eles. Ela revela que a grosseria sistemática deles, o discurso brutal e impertinente deles não tem nenhuma relação com a grosseria ingênua e insolente do servo camponês, mas tem a ver com o baixo clero, com o contador e com o laçao da casa senhorial. O povo os considera tão pouco como os seus, da mesma maneira que o faz com os eslavófilos”.⁴⁰²

401 LAMPERT, E. *Studies in Rebellion*. Londres: Routledge and Kegan Paul, 1957. “Yes, the Young generation has understood you. Having understood you, it has turned away from you in disgust; and you still dream that you are its guide, that you are a ‘power and a force in the Russian state’ that you are a leader and representative of youth. You our leader? Ha! Ha! Ha! (...) You are a poet, a painter, an artist, a storyteller, a novelist – anything you please, but not a political leader and still less a political thinker, the founder of a school and doctrine... (...) You the complement of Chernyshevsky! No Mr. Herzen. It is too late now to take refuge behind Chernyshevsky! (...) Look more closely at what is going on around you, and you will then perhaps understand that dry leaves and paper kits interest nobody... That you, Mr. Herzen, are a dead man”.

402 HERZEN, A. *Bylóie i dúmy*. In: <http://az.lib.ru/g/gercen>. “(...) Нагота не скрывает, а раскрывает, кто они. Она раскрывает, что их систематическая неотесанность, их грубая и дерзкая речь не имеет ничего общего с неоскорбительной и простодушной грубостью крестьянина и очень много с приемами подьяческого круга, торгового прилавка и лакейской помещицкого дома. Народ их так же мало считал за своих, как славянофилов в мурмолах”.

A ideia de um grupo de revolucionários completamente alienado do povo, que almeja ser o condutor do processo revolucionário em prol desse mesmo povo que não reconhece nem se identifica com seus futuros “líderes”, é para Herzen a receita do fracasso da revolução. Quando Herzen conclama os jovens a “irem ao povo” a ideia é exatamente o oposto disso, ou seja, que esses jovens aprendam com as massas as suas reais necessidades e sonhos. Para Herzen, era flagrante a imaturidade das massas para a revolução socialista, por isso a sua estratégia foi a de colocar a questão social na frente da política, ou seja, de lutar por melhoras objetivas na vida russa que pudessem significar uma mudança concreta na condição de vida da população (por isso sua luta pela abolição, pelo fim dos castigos corporais, por reformas no judiciário, no sistema educacional etc.).

Ao constatar que essas mudanças poderiam vir por meio da ação do czar, Herzen se dispôs a somar forças com a autoridade imperial. Quando o governo começou a desapontá-lo, Herzen não economizou nas críticas, mas ao mesmo tempo não entendeu que o momento era de agir para a derrubada imediata desse mesmo governo, em função da sua percepção de que não havia nada ainda satisfatoriamente maturado para colocar no lugar. A ideia de que uma elite revolucionária iria despontar e subjugar o povo russo ao seu socialismo, imposto de cima, era algo muito pouco palatável para um homem como Herzen, defensor acima de tudo da liberdade. Assim, por mais paradoxal que possa parecer, “o seu próprio compromisso com a revolução foi inibido pela sua consciência do atraso do povo e seu simultâneo protesto fundamental em nome da liberdade desse povo”.

403

Dessa forma, Herzen preferiu desapontar a nova geração afoita por ação imediata do que trair as suas mais profundas convicções. Ao reiterar que o *Sino* permaneceria o que sempre fora – um órgão plural de debate de ideias e não um programa revolucionário

403 ACTON, Op. Cit., p. 175. “his own commitment to revolution (...) was inhibited by his consciousness of the backwardness of the people and his simultaneous and fundamental protest in the name of their liberty”.

fechado – Herzen selou o destino do jornal. Consciente da cilada na qual se encontrava, ele optou por se manter fiel a si mesmo: “indo pra direita – perde-se o cavalo, mas estará a salvo; indo para esquerda – o cavalo salva-se, mas você morrerá; indo em frente – todos te abandonam; voltando para trás - isso não é mais possível (...)”.⁴⁰⁴

Em 1865, ele se mudou com suas publicações para Genebra, após ver as vendas dos seus órgãos da Imprensa Livre Russa despencarem. No fim do ano de 1865, escreveu: “seguir pelo mesmo caminho nas atuais circunstancias, o qual nós seguimos nos últimos três anos, foi difícil. (...) O *Sino* continua o que sempre foi, fiel a si próprio, ele representa as mesmas ideias e não um pensamento único”⁴⁰⁵.

No entanto, essa reafirmação de princípio não alterou em nada o caminho de franca decadência, até que Herzen admitiu, no mesmo *Sino*, que eles, enquanto órgão democrático socialista, eram “menos necessários”⁴⁰⁶. Até que, como consta numa carta publicada no jornal *Le Figaro*: “O *Sino* não deixou de existir. Depois de uma luta incessante de 10 anos, nós decidimos resumir tudo que fizemos e nos recolher. Nós iremos, conseqüentemente, suspender nossa publicação até 1 de janeiro de 1868. Nós iremos notificar todas as livrarias que trabalham conosco. O senhor me obriga a fazer esse menção no *Figaro*”⁴⁰⁷. É uma forma de tergiversar sobre o inegável – o fim iminente do jornal.

Assim termina uma das mais bem sucedidas aventuras da história da imprensa mundial. Como afirmou Helen Willians: “O *Sino* publicou regularmente por 11 anos,

404 HERZEN, A. *Bylôie i dúmy*. In: <http://az.lib.ru/g/gercen>. “Пойдешь направо – потеряешь коня, но сам цел будешь; пойдешь налево – конь будет цел, но сам погибнешь; пойдешь вперед – все тебя оставят; пойдешь назад – этого уже нельзя”.

405 *Kólokol*, folha 209, 1 de dezembro de 1865, pp. 1709-1712. In: HERZEN, A. I. *Sobránie sotchiniénii v 30 tomakh*. Moscou: Akad. NaukSSSR, vol. 18, p. 451. “Идти своим путем при обстоятельствах, при которых мы шли последние три года, было трудно (...). Колокол остался тем, чем был, остался самим собой, он представлял ту же мысль и не представлял никакой котерии”.

406 Idem, *ibidem*, p. 467. “меньшенужны”.

407 *Le Figaro*, 10/08/1867, N. 75. “Le Kolokol n’apascessé d’exister. Après une lutte incessante de dix années nous avons voulu reprendre herein et nous recueillir. Nous avons, em consequéce, suspendu notre publication jusqu’au 1 janvier 1868. Nous em avons averti tous les libraires avec lesquels nous sommes em rapport. Vous m’obligerez, monsieur, em em faisant une mention dans Le Figaro”.

quando menos de 1/4 de todos os jornais publicados por emigrados nos 50 anos que antecederam à revolução de 1905 não duraram nem mesmo cinco anos. Poucos sequer alcançaram algo parecido com a regularidade e frequência do *Sino*”⁴⁰⁸. Edward Carr, na mesma linha afirmou que “foi uma época na qual o jornalismo como força política era desconhecido na Rússia e pouco relevante até mesmo no restante da Europa, e a história do *Sino* é um episódio único, não só na vida de Herzen, mas na história moderna”⁴⁰⁹. É importante frisar que a publicação do *Sino* (e da Imprensa Livre Russa como um todo) não só foi um episódio “único” na vida de Herzen, como também fundamental para a sua weltanschauung. Foi a vertente prática que deu respaldo para a concepção filosófica acerca de si próprio como uma subjetividade essencialmente revolucionária. Essa voz de revolucionário que ele buscou ao longo de toda a sua vida ganhou a vibração precisa durante a sua madura aventura jornalística. E essa voz precisou ser projetada para que o mundo todo ouvisse. A música que essa voz potente entoou foi *Passado e Pensamentos*, sua autobiografia/testamento e arma de (auto)propaganda revolucionária.

408 WILLIAMS, Helen. “Ringing The Bell: editor-reader dialogue in Alexander Herzen’s Kolokol”. *Book History*, Vol. 4 (2001), p. 126. “Kolokol maintained regular publication for eleven years, whereas less than a quarter of all émigré periodicals in the fifty years up to the 1905 revolution lasted even five years. Far fewer ever achieved anything approaching Kolokol’s regularity and frequency (...)”.

409 CARR, Edward Hallet. *The Romantic Exiles – A nineteenth century portrait gallery*. Cambridge: MIT Press, 1981, p. 204. “It was an age when journalism as a political force was unknown in Russia, and unimportant even in the rest of Europe, and the story of The Bell newspaper is a unique episode, not only in Herzen’s life, but in modern history”.

CAPÍTULO 5

NO VENDAVAL DA HISTÓRIA: A REATUALIZAÇÃO DE PASSADO E PENSAMENTOS NA TRADIÇÃO AUTOBIOGRÁFICA DO SÉCULO XX

5.1. Ecos de *Passado e Pensamentos* nos textos do século XX

Já foi apontado nessa tese que, dentro da tradição da intelligentsia russa, *Passado e Pensamentos* fez escola e influenciou gerações e gerações de russos motivados pela possibilidade de narrar suas vidas e, ao mesmo tempo, deixar o testemunho de uma época. A tese defendida pela estudiosa norte-americana Irina Paperno é a de que o texto de Herzen é o grande modelo para os textos memorialísticos/autobiográficos que inundaram a Rússia durante e após o término da União Soviética. Esta tese, que no nosso ponto de vista é correta e estabelece uma continuidade textual entre os tão distintos séculos XIX e XX, foi exposta na obra *Stories of the Soviet Experience: Memoirs, Diaries, Dreams* em trechos como o seguinte:

“um dos textos fundadores da cultura da intelligentsia, *Passado e Pensamentos* ajudou a criar a sua principal instituição: um círculo íntimo de intelectuais alienados do Estado e da sociedade que se sentiam ligados pela consciência de sua missão social e histórica. Além disso, as memórias de Herzen e aquelas que vieram depois mostram o funcionamento desse círculo: a intensidade das vidas compartilhadas (da ação política ao amor erótico, passando por tarefas cotidianas) investidas de um claro significado e propósito histórico. Argumenta-se que o gênero intitulado ‘memórias de contemporâneos’ – a memória focada em uma experiência compartilhada de um período histórico – teve um papel crucial na

construção da identidade e comunidade da intelligentsia russa dos seus primórdios nos séculos XVIII e XIX à época soviética”.⁴¹⁰

Evidentemente, um período histórico como o século XX fornece material de sobra para o gênero “memórias de contemporâneos”. Se nos detivermos apenas na Rússia, episódios como o do terror stalinista ou dos efeitos da Segunda Guerra em cidades como São Petersburgo (Leningrado) justificam a profusão de textos a respeito da vida em meio a esses acontecimentos. Além de garantir a sensação de pertencimento àqueles que escrevem narrativas sobre suas experiências, o ato de registrar a vida funciona como uma maneira de lidar com situações difíceis, superar traumas, recuperar a memória daqueles que não resistiram, elaborar melhor o passado e refletir sobre o eu que se constitui no momento da escrita. O principal é expressar nesses textos o sentimento de quem teve a vida pessoal talhada pela História, sentimento este que é o mote de *Passado e Pensamentos* e que reaparece nos textos que bebem dessa tradição.

A profusão de memórias de pessoas dos mais diversos estratos sociais e dos mais diferentes níveis de escolaridade, principalmente a partir da segunda metade do século XX, indica que o apreço por esse tipo de texto é algo compartilhado pela sociedade russa como um todo, porém a intelligentsia é ainda a classe que mais se aventura nesse tipo de escrita. Como Irina Paperno assinala, *Passado e Pensamentos* brindou os intelectuais soviéticos com dois facilitadores: um livre conduto para o problema da autoria e uma pista para a escolha do gênero. Entretanto, o que de mais significativo eles absorveram da autobiografia de Herzen “foi a posição autoral: uma consciência de si de tipo

410 PAPERNO, Irina. *Stories of the Soviet Experience. Memoirs, Diaries, Dreams*. Ithaca and London: Cornell University Press, 2009 p. 11. “One of the founding texts of the intelligentsia culture, *My Past and Thoughts* helped to create its main institution: an intimate circle of intellectuals alienated from the state and society who felt bound by a sense of their social and historical mission. Indeed, Herzen’s memoirs, and those that followed, show the working of this circle: the intensity of shared lives (from political action to erotic love to quotidian tasks) invested with distinct historical purpose and meaning. It has been argued that the genre labeled ‘memoirs of contemporaries’ – the memoir focused on a shared experience of a historical period – played a major role in the construction of the identity and community of the Russian intelligentsia from its inception in the eighteenth or nineteenth century to Soviet times”.

historicista que deu significado e valor para as suas vidas difíceis e complexas, transformando registros pessoais diversos em documentos de significativo potencial histórico. A escrita memorialística prometeu um senso de si e pertencimento histórico para a classe favorita da história: a *intelligentsia*⁴¹¹. Portanto, se a escrita de si é uma prática muito comum entre os russos no seu conjunto, ela é especialmente significativa para a *intelligentsia*, para quem esta é um importante instrumento cultural capaz de forjar a sua identidade enquanto grupo.

Irina Paperno analisa no seu livro a obra de uma importante intelectual russa do século XX, Lídia Tchukóvskaia⁴¹², que escreveu entre os anos de 1938-1942 e 1952-1965 um diário sobre o seu dia-a-dia em companhia da amiga e poeta Anna Akhmátova. A obra foi publicada com o título de *Notas Sobre Anna Akhmátova*, e é um interessante exercício de escrita de si que funciona como uma via de mão-dupla: é, ao mesmo tempo, uma biografia da poetisa e uma autobiografia da autora.

A obra, que apresenta quadros narrativos que indicam, por exemplo, como era viver em meio ao terror stalinista sendo membro da *intelligentsia*, ultrapassa as individualidades de Tchukóvskaia e Akhmátova e esboça um retrato que abarca o coletivo dos *intelligents*. Anna Akhmátova interessa para Tchukóvskaia não tanto pela sua personalidade ou individualidade, mas principalmente porque ela é a síntese desse grupo do qual as duas fazem parte, é a personificação de tudo aquilo que confere uma identidade a esse grupo: alienação e desprezo ao status quo, apego à palavra e à literatura como uma

411 PAPERNO, Op. Cit., p. 12. “(...) was the authorial position: a historicist self-consciousness that gave meaning and value to their difficult and complex lives, turning diverse personal records into documents of potential historical significance. Memoir writing promised a sense of self and a membership in history’s favorite class: the *intelligentsia*”.

412 Lídia Tchukóvskaia nasceu em São Petersburgo no ano de 1907 e morreu em 1996 em Perekelkina, Rússia. Foi uma escritora e crítica literária muito influente na Rússia soviética. Na sua extensa obra constam textos memorialísticos, crítica literária, poesia, prosa, como por exemplo a novela *Sófia Petrovna*. É autora de um estudo sobre Herzen que consta na bibliografia dessa tese. Foi responsável pela revelação de muitos escritores do seu tempo, como também muitas vezes saiu em defesa de artistas considerados subversivos pelo regime. Há em português sobre a autora uma dissertação de mestrado disponível: Camargo-Sipionato, M. *Sófia Petrovna e a memória proibida do cotidiano soviético*. 2014. Dissertação (mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo.

forma de autopreservação e, acima de tudo, “firme crença na literatura como uma fonte de autoridade moral e uma convicção esmagadora no significado histórico das vidas individuais”.⁴¹³

A filiação à intelligentsia do século XIX é evidenciada no texto de Tchukóvskaia em passagens nas quais há menção, por exemplo, a Herzen e à obra *Passado e Pensamentos*. Nas *Notas sobre Anna Akhmátova*, Tchukóvskaia reproduz diálogos que ela teria travado com Akhmátova sobre Herzen. Em um desses diálogos, Akhmátova afirma não gostar das revelações que Herzen faz da sua intimidade na sua autobiografia por considerá-las excessivas e desnecessárias. Tchukóvskaia, por sua vez, sai em defesa de Herzen e afirma que, se ele expôs demais a sua vida privada e sua intimidade, ele o fez *para* a História. Portanto, a ideia de escrever sobre si *para* a História, ou seja, que as vidas têm significado histórico e por isso merecem ser narradas, é uma ideia que Tchukóvskaia toma emprestado de Herzen e que a impulsiona a escrever a sua própria obra. É importante ressaltar que Tchukóvskaia foi uma importante estudiosa de Herzen e *Passado e Pensamentos* e autora de trabalhos acadêmicos fundamentais sobre este autor do século XIX.

5.2. Lídia Guinsburg

Outra importante estudiosa de Herzen e *Passado e Pensamentos*, que também se aventurou pelo gênero autobiográfico, foi Lídia Guinsburg⁴¹⁴. Guinsburg é um nome

413 PAPERNO, Op. Cit., p. 60. “(...) staunch belief in literature as a source of moral authority; and an overwhelming sense of the historical significance of one’s personal life”.

414 Lídia Guinsburg nasceu em Odessa no ano de 1902 e faleceu em 1990 na cidade de São Petersburgo, onde viveu a maior parte da sua vida. Escritora e crítica literária, se notabilizou no Ocidente por causa dos seus trabalhos sobre “prosa psicológica” e sobre “gêneros intercalados”, como cartas, diários e memórias. É uma das mais importantes estudiosas da vida e obra de Herzen. Também escreveu textos de caráter autobiográfico sobre a experiência de ter sobrevivido ao cerco de Leningrado, como é o caso do *Diário do Cerco*, examinado nesse capítulo. Esses exercícios autobiográficos só foram descobertos na década de 1980, e desde então Guinsburg vem sendo estudada e já é considerada uma das principais figuras da literatura russa do século XX.

notável da intelectualidade russa soviética e que se tornou uma heroína literária na atualidade em função da sua vida difícil e dos seus feitos intelectuais. Judia, homossexual, perseguida pelo regime e sem recursos financeiros, Guinsburg só teve os seus escritos de cunho autobiográfico publicados na década de 1980, com o esfacelamento da União Soviética, mas a dificuldade de publicar não a impediu de compor uma obra rica e impactante, que por décadas ficou trancafiada em armários e gavetas.

Um trauma vivenciado por Lída Guinsburg forneceu material para um conjunto de textos, que consistem em interessantes exercícios de escrita de características autobiográficas. Trata-se do cerco de Leningrado, que ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial e submeteu os moradores da cidade às mais terríveis privações e dificuldades. Leningrado (atual São Petersburgo) ficou cercada pelas tropas de Hitler de 8 de setembro de 1941 até 27 de janeiro de 1944, num total de 872 dias, levando à morte de aproximadamente 1,4 milhão de pessoas que residiam ou lutavam pela cidade. Muitos deixaram Leningrado, mas Lída Guinsburg optou por permanecer ali durante a guerra. Por ter sobrevivido ao cerco, Guinsburg dedicou alguns dos seus escritos ao acontecimento, sendo o mais célebre deles o *Notas do Cerco (ou Notas de uma pessoa cerceada)*, que foi publicado pela primeira vez no ano de 1984, no jornal *Neva*, e atualmente já se encontra traduzido para o inglês, francês e italiano.

Notas do Cerco consiste em um interessante exercício de escrita de si que transita entre alguns possíveis gêneros. Na apresentação do livro que se encontra na edição em inglês, da Vintage Classics, aparece o termo “ficção documental”. Irina Paperno, que não analisa a obra de Guinsburg, mas que dedica em *Stories of the Soviet Experience* algumas linhas à autora, afirma que a russa criou um gênero novo, de fronteiras propositalmente fugidias, que ela intitulou de *Notas*. Para Paperno, o resultado do trabalho de Guinsburg, exercitado em muitos textos, mas cujo ponto de chegada é a obra sobre o cerco, “não foi

uma Memória (ou Romance), nem um Diário, mas um pseudo-gênero intermediário (segundo as suas palavras): uma coleção de notas antigas e informais”.⁴¹⁵

É importante ressaltar que o termo *Notas* também foi utilizado por Tchukóvskaia no título da sua obra sobre Akhmátova, o que fornece escopo para a ideia de Paperno de que é possível falar de um novo gênero contido na ideia de *Notas* nesses escritos do século XX. Mas, independentemente das inovações formais trazidas por Guinsburg e por suas colegas, a ideia de *Notas* não é nova na tradição autobiográfica russa: Herzen, na sua correspondência com amigos, numa tentativa de definição de *Passado e Pensamentos* arriscou o termo “notinhas”; era muito recorrente o gênero *notas autobiográficas* no século XVII na Rússia etc.

E no que consistem essas *Notas* sobre o cerco de Leningrado? Uma análise detida da obra de Guinsburg nos permite afirmar que as *Notas* são uma mistura de narrativas em primeira pessoa em torno de uma personagem ficcional com algumas características semelhantes às da autora; transcrição de diálogos ou situações presenciados na época do cerco; aforismas; citações de obras de terceiros; análises sobre situações típicas do cotidiano do cerco (por exemplo, o fato dos alemães bombardearem com pontualidade); pequenos exercícios ensaísticos etc. Tudo isso se encontra mesclado no corpo da narrativa (sem cortes abruptos na passagem de um tema para outro) e consiste em uma nova proposta narrativa. O novo gênero de *Notas* funciona melhor do que outros gêneros já consolidados para a expressão de algo inédito: a análise distanciada da própria experiência em meio aos escombros do século XX.

O texto de Guinsburg gira em torno de uma personagem, *N*. O que se sabe desta personagem é que é um intelectual que vive em Leningrado na época do cerco. Na narrativa, a descrição que aparece é a seguinte: “Um pouco disso tudo está relatado aqui. Eu não apenas quis mostrar a vida no cerco que era comum a todos, mas também o dia a

415 PAPERNO, Op. Cit. p. 6. “(...) was not a memoir (or novel), not a diary, but an ‘in between’ (her word) pseudo-genre: a collection of loosely dated notes”.

dia da existência de um homem. Esse homem é uma composição convencional (e por isso ele se chama N.); é um intelectual em circunstâncias excepcionais”⁴¹⁶. O fato de Guinsburg também se encaixar nessa descrição chama atenção: ela também era uma intelectual vivendo em meio ao cerco. Aproximações entre autora e personagem são inevitáveis, mas a escolha de Guinsburg funciona como um antídoto à tentação de equiparar autor/narrador/personagem: ela, N. e muitos outros são intelectuais vivendo em meio ao cerco.

Utilizando-se desse artifício, Guinsburg afasta o foco narrativo da sua individualidade e compartilha a sua história com os outros membros do grupo do qual ela faz parte: a intelligentsia. Novamente nos deparamos com a já mencionada comunidade textual da intelligentsia e o imperativo de pertencer através da escrita autobiográfica. O *intelligent* que realiza o mergulho na própria experiência reforça a sua “filiação” à intelligentsia do século XIX, que é o berço dessa tradição na história intelectual russa, e se afirma entre seus contemporâneos.

Assim como ocorre no texto de Tchukóvskaja, Guinsburg também expressa a sua dívida para com Herzen em citações literais de *Passado e Pensamentos*. Em uma das muitas reflexões livres que povoam as *Notas*, Guinsburg escreve: “dessa forma, nós observamos a lei do esquecimento, uma das pedras angulares da existência social; junto com a lei da memória – a lei da História e da Arte, da culpa e do remorso. Herzen disse sobre isso: aquele que sobreviveu precisa ter a força de lembrar”.⁴¹⁷

Como a sobrevivente que foi, Guinsburg decidiu seguir o exemplo de Herzen e abraçar a responsabilidade de lembrar. Os parágrafos finais das *Notas*, para além da

416 GINZBURG, LIDIYA. *Blockade Diary*. Translated from the Russian by Alan Myers. London: The Harvill Press, 1995, p. 3. “Something of this is related here. I not only had to show the siege life that was common to all, but also the day-to-day existence of one man. This man is a conventional composite (which is way he is called N.), an intellectual in exceptional circumstances”.

417 GINZBURG. Op. Cit., pp. 21-22. “Thus we observe the law of forgetfulness, one of the cornerstones of social existence; along with the law of remembrance – the law of history and art, guilt and remorse. Herzen said of it: ‘he who could live through it must have the strength to remember’”.

beleza resultante da feliz escolha da metáfora (quebrar o círculo), operam como uma bem arquitetada atualização da grande lição de Herzen: “Aqueles que escreveram morreram, enquanto que o que foi escrito ficou. Escrever sobre um círculo é quebrar o círculo. Uma façanha de qualquer ângulo que você olhe para isso. No abismo do tempo perdido, algo foi encontrado”.⁴¹⁸

Esse trecho foi retirado de *Notas*, que é um texto ficcional. Observemos o que ela escreveu em um dos textos que compõe *Sobre a Prosa Psicológica*, uma coletânea de estudos de teoria literária: “O sentido do passado como algo que a pessoa criativa *não tem o direito* de deixar desaparecer sem qualquer traço, que é o historicismo na sua mais particular e pessoal manifestação, aparece em *Passado e Pensamentos*, conjuntamente à noção que Herzen tem da História como consciência compartilhada de um passado comum”⁴¹⁹. Assim, a simples leitura desses dois excertos em sequência nos permite inferir que, o que Guinsburg diagnostica na obra de Herzen, ela coloca em operação na sua própria obra: sua “façanha” é o cumprimento do dever de lembrar o passado (e escrever sobre ele).

Porém, assim como Herzen, Lídia Guinsburg parte da sua experiência para narrar este passado compartilhado e não escreve simplesmente uma monografia histórica, mas um texto que flerta com a autobiografia (mesmo narrando a história de *N.*). Dessa forma, para além do cumprimento de uma responsabilidade perante os outros e perante a História, trata-se também de um dever para consigo, de um imperativo pessoal. Aqui novamente recorremos a Herzen para compreender o que motiva Guinsburg – em *Passado e Pensamentos*, ele afirma: “minha narrativa sobre o passado pode ser

418 GINZBURG. Op. Cit., p. 76. “To write about a circle is to break the circle. A deed whichever way you look at it. In the abyss of lost time, something found”.

419 GINZBURG Lydia. *On Psychological Prose*. Translated and Edited by Judson Rosengrant. Princeton/New Jersey: Princeton University Press, 1991, p. 217. “That sense of the past as something the creative person *does not have the right* to allow disappear without a trace, that historicism in its most particular and personal manifestation, is correlated in My Past and Thoughts with Herzen’s sense of history as the shared awareness of a common past”.

enfadonha, fraca – mas vocês, meus amigos, recebam-na com boa vontade; essa obra me ajudou a atravessar uma época terrível”⁴²⁰. Portanto, é possível afirmar de maneira associativa que para Lídia Guinsburg escrever sobre a experiência traumática foi uma maneira de conseguir sobreviver a ela.

Em um trecho de *Notas* é descrita uma situação na qual N. se refugia junto a alguns desconhecidos na casa de uma mulher durante um bombardeio. O narrador apresenta ao leitor uma conversa travada entre dois homens sobre o efeito destrutivo de estilhaços de bombas, e a dúvida levantada por eles se os estilhaços conseguem ou não atravessar paredes. Nesse ponto entra a fria e sagaz observação, que muitos críticos apontaram como um traço distintivo do estilo de Guinsburg, o narrador explica que se trata da “tendência masculina à generalização, especialmente referente a algo de natureza técnica”⁴²¹. Mas, neste caso, a conversa não se elucida somente em função dessa “característica” masculina, pois a situação na qual esse diálogo é estabelecido subverte a sua aparente banalidade. Com a intenção de quebrar expectativas e provocar estranhamento, o narrador de Guinsburg primeiro lança essa observação burocrática, para logo depois arrematar com a seguinte passagem: “Um deles, o menos inteligente dos dois, está contando uma história confusa sobre um quarteirão destruído por duas bombas seis meses antes. Ele quer falar sobre isso porque ele mesmo estava prestes a ir numa panificadora naquele quarteirão e por sorte acabou indo para outro lugar. Ele ainda sente urgência de falar sobre isso, mas no presente momento disfarça a narrativa na forma de uma discussão objetiva e relevante sobre o poder penetrante de uma bomba”.⁴²²

420 HERZEN, Op. Cit. “Рассказ мойо быллом, может, скучен, слад – но вы, друзья, примите его радушно. этот труд помог мне пережить страшную эпоху”.

421 GINZBURG, Op Cit., p. 50-51. “The male tendency to generalization, especially of a technical nature”.

422 GINZBURG, Op Cit., p. 51. “One of them, the less intelligent of the two, is telling some confused story about a block destroyed by two shells six months before. He wants to talk about it because he was there himself and on the point of going into a bread shop in that block and it was only by happy chance that he went elsewhere. He still feels the urge to talk about it, but now he disguises the narrative in the form of an objectively relevant discussion on the penetrative power of a shell”.

Sem dúvida nessa passagem Guinsburg atinge o efeito desejado – o estranhamento – pois tal sequência, por ser desconcertante, deixa o leitor atônito. Mas nos parece que, ao falar desse rapaz pouco inteligente, o narrador de certa forma fala da própria autora. O que são essas *Notas*, senão um texto autobiográfico disfarçado pelas estratégias narrativas já mencionadas, e cuja existência se justifica pela necessidade de Guinsburg de “falar sobre isso”, porque “el[a] mesmo estava ali”, na cidade cercada pelo exército inimigo? A urgência de narrar é uma forma de desafiar a morte. É uma maneira de atravessar tempos difíceis, como nos lembrou Herzen. E é também uma forma de expiação de culpas e remorsos que a vida, em situações limites, tende a provocar – “é através do conhecimento e da ação que o sofrimento, a culpa e o fracasso são expiados”⁴²³. Esta linha encontra-se na obra *Sobre Prosa Psicológica* e refere-se a Herzen. A continuação dela é a seguinte: “foi dessa convicção que o plano inicial de *Passado e Pensamentos* surgiu (subsequentemente envolvendo no livro o enorme quadro da vida social)⁴²⁴”.

Portanto, para Guinsburg o projeto da autobiografia de Herzen advém, em certa medida, de eventos da sua vida que geraram culpa e remorso. No caso de Herzen, a culpa tange principalmente à morte da mulher, Natália, após um caso extraconjugal em relação ao qual Herzen foi pouco compreensivo e bastante incriminador. Esta morte, que coincide com a sua desilusão com a política e com a morte de sua mãe e de um dos filhos, leva-o a fazer um reexame da sua vida, reexame este que desemboca em *Passado e Pensamentos*.

No caso da obra de Guinsburg, a culpa e o remorso aparecem como um atributo coletivo, comum a todos que viveram a subnutrição e que por esta razão tornaram-se obsessivos com comida. Muitos atos vis são cometidos por pessoas famintas, e o texto de Guinsburg discorre sobre essa especificidade da vida no cerco. A leitura de *Notas* não nos fornece pistas suficientes para saber se Guinsburg carregava ou não alguma culpa ou

423 GINZBURG, Op. Cit., p. 217. “It is through knowledge and action that suffering, guilt, and failure are expiated”.

424 Idem, ibidem, p. 217. “It was from this conviction that the initial plan for *My Past and Thoughts* emerged (subsequently evolving into the book’s enormous canvas of social life)”.

remorso pessoal que a tenha motivado a escrever sua obra (como é o caso de Herzen), mas a circunstância nos leva a pensar que ela também deve ter tido comportamentos que geraram culpa e remorso (como a grande maioria dos habitantes da cidade).

A obsessão por comida aparece em muitas passagens das *Notas*. A fome intermitente, as longas filas para a troca de cupons por quantidades irrisórias de alimento aos quais as pessoas tinham direito, o mal estar constante, o risco de morte iminente, tudo isso contribuiu para que os habitantes de Leningrado organizassem as suas rotinas em torno de um só motivo de interesse: a comida. Assim, “o dia era organizado naquela época ao redor de três pontos centrais: café da manhã, almoço e jantar”⁴²⁵. O interesse exclusivo pelas três refeições do dia era acompanhado por outra atividade correlata: o ato de cozinhar. Cozinhar mobilizava a todos os habitantes da cidade, e longe de ser um hábito banal do cotidiano, “a cozinha no cerco se assemelhava à arte - era o que conferia tangibilidade às coisas”⁴²⁶. Por conseguinte, comer e cozinhar eram as atividades mais caras às vítimas do cerco, e a comida, “uma vez parte da rotina do dia, tornou-se a própria rotina”, e por ter galvanizado tudo para si “se transformou num assunto íntimo e cruel”.

427

A crueldade e, ao mesmo tempo, a culpa diziam respeito principalmente a algo que a situação impunha: o ato de repartir a comida. Os que viviam com familiares eram obrigados a repartir o pouco que tinham, e isso era fonte de muitos conflitos. No texto consta a seguinte passagem:

“Havia uma diferença essencial entre aqueles que viviam a sós – em número sempre crescente, uma vez que alguns membros da família morriam e outros eram evacuados – e aqueles que tinham dependentes, com os seus cupons

425 GINZBURG, Op. Cit., p. 73. “The day was organized nowadays around three focal points: breakfast, lunch and supper”.

426 Idem, ibidem, p. 71. “Siege cookery resembled art – it conferred tangibility on things.”

427 Idem, ibidem, p. 67. “At one time a constituent part of the day’s routine, it turned into the day’s routine itself”; “food had become an intimate and cruel business”.

de ração para dependentes que não engrossavam a sopa diária. O significado dos dependentes na existência do homem do cerco que ia à caça era ambivalente. Era fatídico, geralmente fatal, porque o caçador tinha que dividir, e ao dividir ele vivia em um constante inferno de brutalidade, remorso, crueldade e comiseração. Ao mesmo tempo, eles – os de casa – eram o último fator ético na situação, um símbolo social ao alcance da mão. Eis um homem carregando seus despojos, para empurrá-los goela abaixo no silêncio do seu lar solitário. E eis um outro que chegará em casa, despejará sua captura na mesa e se deparará com uma resposta extática”⁴²⁸.

O que agravava em demasia a culpa e o remorso dos homens e mulheres do cerco, que em decorrência da fome e subnutrição relutavam em repartir comida, era o desfecho trágico dessas ações. Muitas vezes a recusa em compartilhar resultava na morte de algum familiar, e elaborar este tipo de culpa não era tarefa fácil.

Em um trecho das *Notas*, o narrador discorre sobre a história de O., um homem do cerco que tinha uma irmã muito mais velha e da qual ele precisava cuidar. Essa irmã consistia num fardo que ele era obrigado a carregar, e a desordem que ela causava em sua vida o irritava profundamente. A convivência era marcada por agressões, explosões e disputas com essa irmã, mas ao mesmo tempo O. tinha a consciência de que a vida sem ela seria insuportável, pois ela era a espectadora das conquistas de O. (referentes à comida), sua companheira e, principalmente, um antídoto ao insuportável silêncio. A

428 Idem, *ibidem*, p. 67. “There was an essential difference between those who lived alone – an ever-increasing number, as some members of families died and others were evacuated - and those who had dependents, with their dependent’s ration cards which did not stretch to daily soup. The significance of dependents in the existence of siege man out hunting was twofold. It was fateful, often fatal, because the hunter had to share, and in sharing, lived in a perpetual hell of brutality, remorse, cruelty and pity. At the same time, they – those at home – were the last ethical factor in the situation, a social symbol close at hand. Here’s one man carrying off his spoils, to swallow them down in silence in his lonely habitation. And here’s another who will come home, lay out his catch on the table and fins an ecstatic response”.

presença da irmã tornava O. mais humano. A frase que fecha esse trecho das *Notas* é a seguinte: “Esta era a história do cerco de O., uma história de compaixão e crueldade”⁴²⁹.

É interessante atentar para o fato que Guinsburg desenvolveu alguns outros textos sobre a experiência do cerco, e um deles foi intitulado *Uma história de compaixão e crueldade*. Nessa obra é narrada a relação da personagem principal, Otter, com sua tia idosa chamada Tetka, que, assim como no caso de O. das *Notas*, se encontra sob os cuidados exclusivos de Otter. A relação com a tia não é nada fácil, e é marcada por conflitos em torno da divisão da comida que levam Otter a criticar o fato da velha tia “viver demais” naqueles tempos terríveis. A tia é uma representante da antiga classe dominante, que perdeu terreno após a revolução, e Otter é um representante da intelligentsia. Ele sente-se culpado por desejar a morte da tia, culpa esta que se torna insuportável quando este terrível desejo se realiza e ela morre.

A estudiosa Emily Van Buskirk, especialista na obra de Guinsburg, defende que esta narrativa, que aparece um tanto modificada em *Notas* e que depois torna-se a trama principal de *Uma História*, é um exercício de escrita autobiográfica, pois seu material advém da vida de Lídia Guinsburg. Escreve ela: “eu acredito que isto é uma narrativa ligeiramente ficcionalizada da morte da mãe de Guinsburg”⁴³⁰. A mãe de Guinsburg era septuagenária quando morreu de fome durante o cerco. Sua principal cuidadora era Lídia, uma integrante da intelligentsia assim como Otter, e a mãe de Lídia Guinsburg era uma mulher originária de uma família de ricos comerciantes judeus ainda apegada aos valores da sua antiga classe social destronada pela Revolução. A mãe de Guinsburg foi sustentada a vida todo pelo marido e depois pelos filhos, e morava com a filha Lídia em um apartamento comunal em São Petersburgo. Mãe e filha eram muito diferentes uma da outra e a relação das duas era marcada por conflitos, assim como a relação dos

429 Idem, ibidem, p. 68. “Such was the siege story of O., a story of pity and cruelty”.

430 VAN BUSKIRK, Emily. “Recovering the Past for the Future: Guilt, Memory and Liidia Ginzburg’s Notes of a Blocade Person” In. *Slavic Review*, Vol. 69, Nº2 (summer 2010), p. 284. “I believe it to be a slightly fictionalized account of the death of Ginzburg’s mother”.

personagens das *Notas e Uma História*. Com base nesses dados da vida de Lídia Guinsburg, Buskirk afirma que essas narrativas consistem em exercícios autobiográficos disfarçados nos quais Guinsburg elabora sua culpa em relação à morte da mãe.

É interessante atentar para a diferença entre a maneira que Guinsburg dá vazão a sua culpa (se seguirmos a tese de Buskirk) e como Herzen lida com a sua. Como já mencionado, a grande culpa de Herzen diz respeito à morte da mulher, Natália. Em vários trechos da quinta parte de *Passado e Pensamentos* encontramos autorrecriações a respeito do próprio comportamento em relação à esposa na época em que ela se relacionou amorosamente com o poeta alemão Herwegh. Por exemplo, ele se arrependia por não ter sido capaz de ajudá-la, pois “ela sofria, e no lugar de curá-la ofereci o cálice amargo do ceticismo e da ironia”⁴³¹. Quando Natália assume o caso com Herwegh, Herzen reage com muita raiva e incompreensão. Na autobiografia ele cria o diálogo que teria se dado entre eles no momento da revelação, e quando o diálogo termina, ele escreve: “e estas foram, com certeza, as palavras mais cruéis de todas que eu já pronunciei”.⁴³²

Ou seja, Herzen expõe sua culpa, que diz respeito a um episódio da sua vida íntima, de forma detalhada e sem reservas. A culpa é exclusivamente pessoal, ao contrário de Lídia Guinsburg, que trata de uma culpa coletiva. Não importa se na sua vida pessoal ela também carrega essa culpa, seu objetivo ao narrar e estetizar a experiência é dissecar a culpa que não é só dela, mas é de todos os homens e mulheres do cerco – “as pessoas do cerco esqueceram suas sensações, mas lembram-se dos fatos. (...) Então o homem do cerco pensa na sua mulher, mãe, cuja morte foi provocada pelo irreversível doce comido. Dispersa a névoa da desnutrição, a pessoa alienada de si mesma se vê face a face com os motivos da sua vergonha e remorso. Para aqueles que sobreviveram ao cerco, o remorso

431 HERZEN, Op. Cit. “Она страдала, а я вместо врачеванья подавал горькую чашу скептицизма и иронии”.

432 Idem, ibidem - “И это, конечно, самые жестокие слова из всех сказанны мною”..

era tão inevitável quanto as transformações causadas pela subnutrição no organismo”⁴³³. Portanto, o remorso era inerente a todos os sobreviventes do cerco de Leningrado e se transmutava em um traço da personalidade dos leningradenses.

O termo *leningradense* aparece na narrativa de Guinsburg acoplada à sua explicação, pois é dessa maneira que o narrador se refere às pessoas “que estavam empenhando sua função histórica como *leningradense*”⁴³⁴. Ou seja, é a ideia de coletivo se sobrepondo à individualidade – naquela situação histórica as individualidades se apagam diante de uma identidade histórica comum. A ideia de leningradense é crucial para se compreender a grande virada do texto de Guinsburg em relação ao modelo de Herzen para a escrita de característica autobiográfica: o *eu* que aparece nas *Notas* não tem nenhuma similaridade com o *eu* de *Passado e Pensamentos*.

Enquanto Herzen escreve em primeira pessoa e representa a si próprio como o revolucionário ideal, agente de uma nova era na história da humanidade (e, por essa razão, a convicção de Herzen de que sua intimidade importava não só para si, mas para a História), Guinsburg fala de uma figura universal, *N.*, uma pessoa genérica sem nenhum traço distintivo e sem vida privada. Buskirk analisa esse aspecto nas *Notas* e em outros escritos da autora e afirma que, “no caso de Guinsburg, há um movimento muito mais em direção à tipificação do que à individualização”⁴³⁵. Dessa forma, o eu autobiográfico de Guinsburg, continua Buskirk, “se torna representativo da ‘pessoa imanente’ do século XX, que só existe em situações”⁴³⁶, e por essa razão não se limita àquilo que é próprio do

433 GUINZBURG, Op. Cit., pp. 75-76 - “The siege people forgot their sensations but they remembered facts. (...) Thus siege man thinks about his wife, mother, whose death has made the eaten sweet irrevocable. The mists of malnutrition disperse and the one alienated from himself comes face to face with the objects of his shame and remorse. For those who survived the siege, remorse was as inevitable as the malnutrition changes in the organism”.

434 Idem, ibidem, p. 55. “carrying out their historical function as Leningraders”.

435 VAN BUSKIRK. Op. Cit., p. 283. “in Ginzburg’s case, a move toward typification, rather than individuation”.

436 Idem, p. 304. “becomes representative of the twentieth-century immanent person, who exists only in situations”.

sujeito, pois ele não tem importância enquanto tal, mas sim como uma função na equação da sua época.

Há ainda uma outra diferença importante entre o *eu* que aparece nas obras de Guinsburg e o *eu* da obra de Herzen. A narração em primeira pessoa de Herzen e sua intenção de expor a “verdade” da sua vida cria a estratégia narrativa de correspondência entre autor, narrador e personagem e, por conseguinte, o efeito é como se ele narrasse de dentro da obra, acoplado ao seu personagem. No caso de Guinsburg, o efeito narrativo é muito diverso, pois uma vez que há a quebra dessa correspondência que está no cerne de qualquer obra autobiográfica, o narrador – descolado da personagem – toma a liberdade para examiná-la no decorrer de toda a narrativa. Como observou Buskirk, “o eu é frequentemente o observador escondido, o analista, ainda um tipo de presença unificadora. Ao mesmo tempo, quando Guinsburg escreve um eu autobiográfico, geralmente trata-se de um eu observado (ou múltiplos eus), que é apartado do observador e mantido a certa distância”⁴³⁷. Tal procedimento pouco usual gera um estranhamento no leitor habituado ao artifício tradicional utilizado em obras autobiográficas, na qual o narrador fala acoplado à personagem e, conjuntamente ao autor que assina a obra, configura-se em um eu coerente e indivisível.

A opção por um eu que abarca o coletivo e que emerge em situações de relevância histórica é o que faz a obra de Lídia Guinsburg tão fascinante e fundamental até os dias de hoje. Mas a questão que surge dessa análise elaborada por Burskirk é a seguinte: trata-se de uma característica particular da obra de Lídia Guinsburg ou, assim como Guinsburg cria o neologismo *leningradense*, é possível apontar certa “guinsburização” das obras autobiográficas da intelligentsia russa que despontaram no século XX e afirmar que, para além de um traço autoral, trata-se de uma característica comum de certa época

437 Idem, ibidem, p. 304. “The I is often the hidden observer, the analyst, still a kind of unifying presence. Meanwhile, when Ginzburg writes of an autobiographical self, it is usually an observed self (or multiple selves) that is split off from the observing one and held at a distance”.

histórica? Buskirk dá uma pista quando ela afirma que: “partindo da exposição do eu feita por Herzen, Guinsburg escreve na terceira pessoa sobre um personagem semificcional e limita a abrangência da sua narrativa a uma única situação. É uma diferente e fragmentada noção de biografia, nascida de uma era diferente”⁴³⁸.

Portanto, nossa hipótese parte das análises empreendidas por Burskirk sobre a obra de Guinsburg e consiste na seguinte formulação: as obras da tradição da *intelligentsia* russa escritas por intelectuais que vivenciaram experiências traumáticas no século XX partem do grande modelo de *Passado e Pensamentos*, como afirmou Irina Paperno⁴³⁹, mas não o seguem à risca e incorporam traços da sua própria época: o esvaziamento do indivíduo e a valorização da experiência comum compartilhada pelo grupo humano, que habitou um determinado lugar num determinado período e foi submetido às vicissitudes da história. Ou seja, há uma radicalização de um mote de *Passado e Pensamentos*: a sensação de ser atropelado pela história.

Como já foi mencionado, Herzen descreve *Passado e Pensamentos* como um relato de alguém que, desavisadamente, atravessou os trilhos da história e foi arrastado por essa locomotiva que impôs a direção para o restante da sua vida. A ideia de ter sua vida influenciada pela história é “uma história russa paradigmática: a história de um homem forjado pela História”⁴⁴⁰, recuperada e atualizada pelos memorialistas do século XX, pois ainda segundo Paperno “esses autores apresentam a História Soviética como uma força que moldou, e deformou, suas vidas privadas e identidades”.⁴⁴¹

Mas, enquanto que para Herzen a sensação de submissão às forças da História era acompanhada por uma proatividade que advinha do fato dele ler a si próprio como um

438 Idem, *ibidem*, p. 296. “Departing from Herzen’s self-presentation, Ginzburg writes in the third person about a semifictional character and limits the scope of her narratives to a single situation. Hers is a different, fragmentary sense of biography, born of a different era”.

439 Ver: PAPERNO, Irina. *Stories of the Soviet Experience. Memoirs, Diaries, Dreams*. Ithaca and London: Cornell University Press, 2009

440 PAPERNO, Op. Cit p. 11. “is a paradigmatic Russian story: the story of a man forged by history”.

441 Idem, *ibidem*, p. 24. “These authors present soviet history as a force that shaped, and deformed, their private lives and selves”.

agente dessas forças – o revolucionário que estava do lado “certo” do caminhar da História que desembocaria no socialismo –, para os *intelligents* do século XX a sensação de esmagamento pela História era acompanhado de uma perplexidade imobilizadora diante da sua época. O materialismo histórico, que convenceu a todos que aquele momento que eles estavam vivendo era o fim da História, foi acompanhado por uma sensação de ausência de saídas que ecoava nos textos do século XX. A impotência e a exasperação diante da História, que já aparecem em Herzen, são levadas às últimas consequências nos textos do século XX e convertidas em testemunhos de vítimas aniquiladas pelo seu tempo histórico.

Assim, o texto de Lídia Guinsburg traz o conceito do cerco e com ele a inviabilização de qualquer tipo de vida ordinária, ou mesmo de vontade própria: “a guerra era o conteúdo básico daquele mundo, sua realidade total. A totalidade factual e psicológica daquela guerra não permitia ao escopo evadir daquela situação, algo que guerras anteriores permitiram. Qualquer um que não estava diretamente envolvido sabia (independentemente dos argumentos) que ele tinha sido tolhido da realidade comum. Ele podia, é claro, considerar a sua própria vida mais importante do que a realidade histórica, mas ele sabia que a escolha já tinha sido feita”.⁴⁴²

5.3. Elena Skriábina

A mesma ideia, ou seja, a impossibilidade de viver uma vida que não esteja condicionada a um evento histórico, aparece em uma outra obra de caráter autobiográfico,

442 GUINSBURG, Op. Cit., p. 96. “War was the basic content of that world, its total reality. The factual and psychological totality of that war did not allow the scope for evading it that previous wars had. Everyone not directly involved knew (whatever the arguments) that he was cut off from common reality. He could, of course, consider his own life as more important than historical reality but he knew that the choice had been made”.

escrita por Elena Skriábina⁴⁴³, que foi traduzida para o inglês como *Siege and Survival – The Odyssey of a Leningrader (Cerco e Sobrevivência – A Odisseia de uma Leningradense)*. Já no título nos deparamos com a palavra *leningradense*, e o peso atribuído ao fato de ela ser uma leningradense e de compartilhar com os outros conterrâneos a experiência comum do cerco é algo central para a formulação da identidade da autora, que no caso dessa obra lança mão do procedimento de escrita em primeira pessoa e da estipulação da correspondência entre autor, narrador e personagem.

Porém, uma diferença importante entre o texto de Skriábina e Guinsburg é o fato do primeiro ser escrito na forma de diário. Assim, em *Cerco e Sobrevivência* nos deparamos com entradas regulares nas quais a autora descreve os acontecimentos do dia vivenciados por ela. A opção por essa forma implica em diferenças consideráveis, se tivermos em mente a prosa analítica e distanciada de Guinsburg. No diário, as emoções da protagonista são mais cruas e mais detectáveis por causa da urgência e do imediatismo da escrita. Além disso, o hábito que está por trás dessa escrita diária nos parece refletir a necessidade da busca de uma regularidade na rotina em meio a uma realidade marcada pelo signo da destruição e do caos. É como se, em meio a tanta imprevisibilidade, a autora buscasse ao menos um momento de previsibilidade na sua (anti)rotina: o momento em que ela se sentava em sua casa e escrevia alguns parágrafos/linhas no seu caderno.

Uma outra razão para a profusão de diários nos remete novamente ao que optamos por tratar aqui como o “legado” de Herzen. Isso porque “os habitantes de Leningrado [leningradenses] parecem ter um senso histórico, e muitos deles, independentemente do estilo de vida, mantiveram diários durante esses anos penosos”⁴⁴⁴. Uma vez que, como

⁴⁴³ Elena Skriábina nasceu em 1906, em Novgorod e morreu em 1996 nos EUA. Elena cursava pós-graduação em Francês na Universidade de Leningrado, estava casada e já era mãe de dois filhos quando começou o cerco de Leningrado. Em dois livros - *Cerco e Sobrevivência* e *Depois de Leningrado* – escreveu sobre as dificuldades que enfrentou durante a guerra. Conseguiu exílio nos EUA, onde se tornou professora emérita de russo na Universidade de Iowa.

⁴⁴⁴ GOURE, Leon. “Review: Siege and Survival, the Odyssey of a Leningrader by Elena Skjarbina” in *Slavic Review*, Vol 31, Nº2 (Jun 1972), p. 432. “Leningraders seem to have a sense of History, and a great many of them from all walks of life kept diaries during those trying years”.

procuramos mostrar nessa tese, um profundo senso de historicidade era uma das principais marcas de *Passado e Pensamentos* e, ao mesmo tempo, foi a grande novidade temática que Herzen introduziu no repertório da intelligentsia, acreditamos que em certa medida os autores de diários dialoguem em maior ou menor grau com essa tradição russa. Por uma via os leningradenses deixavam registradas suas experiências por acreditarem no valor histórico das mesmas, e por outra via atestavam o seu pertencimento à comunidade de habitantes da cidade cercada.

Assim como a ideia de leningradense é central para o texto de Guinsburg ao engendrar esse senso de uma comunidade de pessoas que executavam uma função histórica, ela também aparece no texto de Elena em passagens como essa: “30 de junho – Hoje, quando passei pelo mercado, mais uma vez encontrei Bolkhovskoi. Em Leningrado, nós não éramos conhecidos próximos, mas agora nós nos cumprimentamos como velhos amigos. Tudo o que sofremos de alguma forma aproximou os habitantes de Leningrado de uma maneira especial. Por isso a palavra leningradense tem um significado especial para nós”⁴⁴⁵. Portanto, o trauma histórico acabou por fornecer um novo senso de identidade a esse grupo, que antes da experiência apenas habitava a mesma cidade, mas que depois da experiência ressignificou seu senso de comunidade.

Para além da ideia de leningradense, há mais semelhanças entre os textos de Skriábina e de Guinsburg. A maneira como a primeira trata da questão da fome e da comida é muito semelhante ao que aparece no texto de Guinsburg. Por exemplo, uma passagem como: “5 de setembro – nós voltamos a épocas pré-históricas: a vida se reduziu a apenas uma coisa – a caça por comida”⁴⁴⁶, nos remete às passagens da *Notas* que tratam

445 SKRIABINA, Elena. *Siege and Survival. The Odyssey of a Leningrader*. Illinois: Souther Illinois University Press, 1971, p 124. “Jun 30 -Today, while passing the market, I again met Bolkhovskoi. In Leningrad we were not such close acquaintances, but now we greet each other like old friends. All that we have suffered has somehow drawn all the Leningraders together in a special way. Thus the very word Leningraders’ has a special meaning for us”.

446 Idem, ibidem, p. 24. “Sept 5 -we have returned to prehistoric times: life has been reduced to one thing- the hunt for food”.

do mesmo tema. Ou ainda os trechos de Elena que chamam a atenção para a desumanização geral dos habitantes da cidade: “8 de outubro – as pessoas praticamente se transformaram em animais diante dos nossos olhos”⁴⁴⁷, e “8 de outubro – quase todo mundo mudou em função da fome, do cerco, e dessa situação desesperadora. O meu marido me surpreende. Ele se mantém a uma grande distância de todos aqueles que perderam a solidariedade e a humanidade”.⁴⁴⁸

Outro ponto que é central no texto de Skriábina, e que também já destacamos no texto de Guinsburg, é o fato do cerco inviabilizar qualquer tipo de vida ordinária, a ponto de reduzir todas as vidas que se passam dentro dele a uma destino único, comum e inescapável. Essa constatação se desdobra quase em uma apatia da parte das mulheres e homens que, inseridos naquela realidade, não enxergavam saídas possíveis – “28 de dezembro – todo mundo está apático, fraco, exausto ao ponto de total indiferença em relação a qualquer coisa que possa acontecer”.⁴⁴⁹

Assim, Elena nos comove com passagens como a que se refere aos habitantes da cidade como “mortos-vivos” e à morte como o único destino que se desenhava no horizonte das pessoas que haviam permanecido em Leningrado: “15 de novembro – a morte reina na cidade. As pessoas morrem e morrem (...). As pessoas estão tão fracas por causa da fome que elas estão completamente indiferentes à morte. Elas morrem como se estivessem adormecendo. Esses mortos-vivos que ainda estão por aí nem mesmo prestam atenção a elas. A morte se tornou um fenômeno observável em cada esquina. As pessoas estão acostumadas a ela. Elas estão apáticas, sabendo que esse destino espera a todos, se não hoje, amanhã”⁴⁵⁰. Ainda sobre a primazia da morte escreve Skriábina: “26 de

447 Idem, *ibidem*, p. 31. “Oct 8 -People virtually turn into animals before our eyes”

448 Idem, *ibidem*, p. 32. “Oct 8 - almost everyone has changed as a result of hunger, the blockade, and this desperate situation. My husband amazes me. He stands far above all those who have lost their sympathetic, humane outlooks”.

449 Idem, *ibidem*, p. 49. “Dec 28 - “everyone is dull, weak, and exhausted to the point of complete indifference to anything that might happen to them”.

450 Idem, *ibidem*, p. 39. “Nov 15 - “Death reigns in the city. People die and die. (...)People are so weak from hunger that they are completely indifferent to death. They die as if they are falling asleep. Those half-dead people who are still around do not even pay any attention to them. Death has become a phenomenon

novembro - Você observa a morte tão próxima todos os dias que você para de reagir a ela. O sentimento de pena se esvaneceu. Ninguém se importa. A pior coisa é a dura constatação de que dificilmente nós escaparemos desse destino comum”.⁴⁵¹

A morte é a imagem que desponta o tempo todo no texto porque ela é a que melhor sintetiza a sensação de vazio, ausência de sentido e absurdo que o cotidiano do cerco impôs aos cerceados: “12 de fevereiro – eu fiquei o dia todo em um estado de total confusão. Em vão eu acreditei que romper o cerco seria o suficiente. Então a vida seria mais fácil. Eu cheguei à conclusão de que é a mesma coisa em todo o lugar – fome, destruição, doença e morte. Não sobrou nada.”⁴⁵² Mas se quase não sobrou nada, por outro lado a necessidade de narrar persistiu, e ela engendrou uma luta pela sobrevivência que se manteve mesmo diante de tanto ceticismo.

Skriábina era uma mulher casada, mãe de dois filhos, que completava seus estudos de pós-graduação em francês na Universidade de Leningrado na época do início do cerco. A primeira parte do seu diário retrata a apreensão dos dias que antecederam ao cerco. Mas mesmo com a ameaça pairando sobre a sua cabeça e de seus familiares, em um primeiro momento ela optou por permanecer na cidade, sem se dar conta que com essa decisão ela estava se precipitando para dentro de uma “ratoeira”. A imagem da “ratoeira” é utilizada por ela mais de uma vez no texto, e é recuperada mesmo quando ela, por fim, decide deixar a cidade rumo ao Cáucaso e a fuga se torna igualmente difícil e trágica. A ideia de que tudo era igual por toda parte, já que a fome e a destruição se abatera por uma grande porção do território da Rússia, gerou nela um sentimento de pena “por nós e por todos os outros presos na ratoeira”⁴⁵³. Esse livro tem uma continuação, um segundo diário, que

observable at every turn. People are used to it. They are apathetic, knowing that such a fate awaits everyone, if not today, then tomorrow”.

451 Idem, *ibidem*, p. 41. “Nov 26 – You observe death so closely every day that you stop reacting to it. The feeling of pity has vanished. No one cares. The worst thing is the harsh realization that it is scarcely likely that we will escape the common fate”.

452 Idem, *ibidem*, p. 71-72. “February 12 – (...) I was in turmoil all day. In vain I had thought that it would be enough to break out of the blockade. Then life would be easier. I have come to the conclusion that it is the same all over – starvation, destruction, disease, and death. There is nothing”.

453 Idem, *ibidem*, p. 50. “1 Jan – (...) for us, for all the others caught in the mousetrap”.

trata da vida no Cáucaso, onde em 1942 ela foi capturada pelos alemães e passou por novas provações. Na década de 1950, ela emigrou para os Estados Unidos, onde se tornou professora universitária, publicou seus livros e permaneceu pelo resto da vida.

O que nos chama a atenção no texto de Elena Skriábina é a sensação de total engolfamento, que também está presente em textos como o de Lídia Guinsburg. Essa sensação, de certa forma, diferencia esses textos de *Passado e Pensamentos*, pois nesse último a melancolia advinda da constatação da submissão do eu às forças da História não leva à inação, mas à atividade revolucionária, enquanto que nos primeiros a submissão à História leva ao aniquilamento do eu e ao desaparecimento do indivíduo. Se em Herzen há a asseveração da primazia da experiência individual calcada na filosofia hegeliana, que compreende o particular enquanto universal concreto, nos textos posteriores observa-se o esforço de ultrapassar a dimensão individual em benefício de experiências coletivas que se projetam como testemunhos de uma determinada época.

Assim, na passagem do século XIX para o século XX, se opera a diluição de um eu completamente ciente de si e do lugar que ocupa no seu tempo histórico (e da sua missão de influir no curso dos acontecimentos) para um eu limitado e acossado pela História. Este eu “forjado” pela sua época perde até mesmo a clareza sobre si próprio e transcende seus domínios rumo à coletividade. Um trecho de um ensaio do poeta dissidente da URSS, Iósif Bródski, ilustra esse movimento: “Eu sempre invejei esses personagens do século XIX que eram capazes de olhar para trás e distinguir os marcos mais importantes de suas vidas, de seu desenvolvimento (...). A vida nunca me pareceu um conjunto de transições claramente delimitadas; ela é antes uma bola de neve, e quanto mais ela rola, mais um lugar (ou uma época) se parece com os outros”⁴⁵⁴.

5.4. Ievguênia Guinsburg

454 BRODSKY, Joseph. *Menos que um*. São Paulo: Cia das Letras, 1994, pp. 20-21.

A análise de outros textos nos permite reforçar essa tese. Ievguênia Guinsburg⁴⁵⁵(que apesar do sobrenome não tem parentesco com Lídia Guinsburg) foi outra *intelligent* que deixou um escrito autobiográfico, cujo título Boris Schnaiderman traduziu por *Itinerário Abrupto*. A obra é sobre o período da sua vida que compreende a sua prisão e sua rotina nos campos de trabalhos forçados, que totalizaram dezoito anos da sua vida. Ievguênia Guinsburg era uma professora universitária e jornalista comunista, casada com um secretário do partido comunista, que viu sua vida ser revirada de cabeça para baixo na época dos terríveis expurgos stalinistas. Acusada injustamente de ser uma “traidora do povo”, mais especificamente uma agitadora trotskista, ela, que sempre fora obediente ao partido, foi absorvida no ano de 1937 por um processo de características kafkianas que resultaram na sua condenação, prisão e exílio e, conseqüentemente, na destruição da sua vida profissional e familiar.

A história de Ievguênia Guinsburg é a história de muitos dos seus compatriotas, um destino comum a todos que atravessaram o período do stalinismo. Na sua obra, ela opta pelo procedimento tradicional da narração em primeira pessoa e pela identificação entre autor/narrador/personagem. Mas, mesmo nesse caso, não há muito espaço para a sua subjetividade, e seu objetivo, assim como nos textos anteriores, é registrar uma experiência coletiva, compartilhada. Um exemplo disso é a maneira como ela conclui sua narrativa. A última linha das suas memórias é a seguinte: “Eis aqui a história de uma mulher comunista comum durante o período do ‘culto da personalidade’”⁴⁵⁶. Portanto, ela

⁴⁵⁵ Ievguênia Guinsburg nasceu em 1904 e morreu em 1977, em Moscou. Foi professora e jornalista, e em 1937 foi presa e mandada para os campos de trabalhos forçados. Sobre essa experiência escreveu alguns textos autobiográficos que circularam em Samizdat e foram publicados no exterior em várias línguas, mas que ficaram proibidos na URSS até 1989. Depois de regressar dos trabalhos forçados, Guinsburg conseguiu publicar alguns textos, mas não foi aceita na União dos Escritores Soviéticos nem viu suas principais obras de memórias publicadas na URSS.

⁴⁵⁶ GINSBURG, Evgenia. *Journey into the Whirlwind*. New York: Harcourt Inc, 1995, p. 417. “Here, then, is the story of an ordinary communist woman during the period of the ‘personality cult’”.

não conclui sua obra com uma indicação de que se trata da história da sua vida, mas da história de uma mulher comunista entre tantas outras que vivenciaram o terror stalinista.

Em muitos trechos da sua obra, Ievguênia Guinsburg aponta a sua “despersonalização” no decorrer desses 18 anos de sofrimentos terríveis nas mãos inquisidoras do Estado. Por exemplo, em um momento da narrativa onde ela é interpelada por outra condenada que pergunta para ela “quem é você?”, à personagem-autora ocorre o seguinte pensamento: “(...) quando ela perguntou quem eu era e o que eu fiz, eu não pude responder de imediato. Até hoje eu tinha sido ‘cela 3 lado norte’. Finalmente eu disse a ela meu nome e falei que já fui professora e jornalista. No momento em que eu escutei minha própria voz me senti perplexa, como se eu estivesse falando de outra pessoa. Poderia ser realmente eu? Uma moça de Butirki, chamada Sônia, costumava responder às questões sobre seu passado assim: ‘isso foi há muito tempo e de qualquer maneira nunca aconteceu’”⁴⁵⁷. Trata-se da mesma ideia desenvolvida por Lídia Guinsburg em suas *Notas*, quando ela afirma que a experiência da guerra e do cerco encerra tudo em si mesmo e não abre espaço para as preocupações individuais. Na obra de Ievguênia Guinsburg, a realidade do cárcere é tão contundente e centrípeta que anula o passado, as individualidades e suas respectivas identidades.

A mesma ideia reaparece quando ela é mandada para outro campo de trabalhos forçados e quando a personagem se depara com uma multidão de condenados maltrapilhos voltando da jornada de trabalho. O grande choque que a acomete advém da sua incapacidade de discernir os homens das mulheres naquele grupo de pessoas brutalizadas pelo frio e pelo trabalho estafante: “então era isso que nós poderíamos esperar aqui em Elgen – nós, que já tínhamos perdido nossas posições profissionais,

457 Idem, *ibidem*, p. 278. “(...) When she asked who I was and what I did, I could not reply at once. Until today I had been ‘cell 3, north side’. Finally I told her my name and said I had been a teacher and Journalist. As I heard my own voice I felt bewildered, as though I were speaking of someone else. Could it really be me? A girl at Butyrki called Sonya used to reply to questions about her past: ‘it was long ago and it never happened anyway’”.

nossos direitos como membros do partido e como cidadãos, nossas famílias, estávamos prestes a perder nosso sexo também”.⁴⁵⁸

Por ter sido presa com trinta anos e libertada beirando os 50, em muitos momentos do texto aparece uma queixa decorrente da perda da juventude e da degradação do corpo, que é um aspecto também presente em Lídia Guinsburg. Portanto, os dois textos enfatizam as marcas (e deformações) que as experiências históricas deixam nos corpos dos sobreviventes. Ievguênia Guinsburg, em um trecho de *Itinerário*, escreveu: “(...) Isto era uma conspiração de todos os demônios do inferno para me transformar de uma mulher de trinta anos em uma velha encarquilhada de cem e me fazer dizer, com Herzen: ‘tudo foi destruído, a liberdade do mundo e a minha felicidade’?”⁴⁵⁹

A citação literal de Herzen é uma constante, presente nos textos de Tchukóvskiaia, Lídia Guinsburg e agora no de Ievguênia Guinsburg. Tomar de empréstimo as palavras de Herzen é um procedimento que aproxima ainda mais essas escritoras da tradição inaugurada por *Passado e Pensamentos* na comunidade da intelligentsia russa. Conjuntamente com a menção a Herzen (no caso de Ievguênia Guinsburg ele não é o único mencionado, pois durante toda a obra ela evoca trechos de diversos escritores e poetas russos para lançar luz sobre seus estados de espírito), há também a recorrência de temas centrais de *Passado e Pensamentos*, que são retrabalhados pela pena de Ievguênia Guinsburg. Esses temas, já analisados na obra de Lídia Guinsburg, como a responsabilidade de narrar e a expiação de culpas, ressurgem em alguns pontos de *Itinerário Abrupto* e reforçam essa linha de continuidade com as memórias de Herzen.

Sobre a responsabilidade de narrar escreve ela: “Minha dor naquela noite foi tão grande que transborda em direção ao futuro e me atinge ainda hoje enquanto escrevo

458 Idem, ibidem, p. 397. “So that was what we could expect here in Elgen – we who had already lost our professional standing, our rights as party members and citizens, and our families, were to lose our sex as well”.

459 Idem, ibidem, p. 93. “(...) Was this a conspiracy of all the demons in hell to turn me from a thirty-year-old woman into an old crone of a hundred and make me say, with Herzen: ‘everything is destroyed, the freedom of the world and my happiness’”.

sobre isso, vinte anos depois. Mas eu tenho que me forçar a escrever. Como diz Vera Inber, nós devemos ‘sem autopiedade ou indulgência’ pisar nesses campos minados da mente”.⁴⁶⁰

Quanto à culpa, em um momento da narrativa ela escreve sobre a época em que trabalhou na cozinha do refeitório do campo de trabalhos forçados, lavando a louça que sobrava das refeições. Na realidade do Gulag, esse era um trabalho privilegiado por se dar em uma ambiente coberto (portanto abrigado do frio) e pela proximidade com a comida, sempre escassa para os condenados. Um dia um prisioneiro pede a ela um pedaço de pão para um condenado que estava literalmente morrendo de fraqueza. Antes de dar o pão, ela pergunta pelo nome da pessoa e descobre se tratar de um dos seus investigadores e responsáveis pela sua condenação. Ela hesita, mas acaba dando o pão sob a exigência de que o homem moribundo fique sabendo que foi ela quem forneceu esse pedaço de pão (uma forma de vingança). Ela então escreve: “Durante os próximos dias eu sofri intensamente sem saber se ele tinha ou não morrido – Ielshin, o major elegante cuja função era oferecer a cenoura enquanto os outros fustigavam com a vara. O que me fez sofrer foi o meu próprio comportamento. Como eu pude ser tão mesquinha em insistir que ele soubesse o meu nome, para envenenar o último pedaço de pão a ser comido por ele em vida? Quão desprezível da minha parte! Com certeza, nesse inferno nós estávamos quites – nossas contas estavam fechadas uma vez por todas pela sua morte, por uma morte como aquela!”.⁴⁶¹

Mais próxima de Herzen do que de Lídia Guinsburg, Ievguênia Guinsburg reconhece sua culpa estritamente pessoal, mas o fato dos seus atos se darem nesse

460 Idem, *ibidem*, pp. 118-119. “My pain that night was so great that it brimmed over into the future and reaches me today when I write of it after twenty years. But I must force myself to write. As Vera Inber says, we must ‘without self-pity or indulgence’ tread these minefields of the mind”.

461 Idem, *ibidem*, p. 390. “During the next few days I suffered terribly, not knowing whether he had died – Yelshin, the elegant major whose task it had been to offer the carrot while others plied the stick. What made me suffer was my own behavior. How could I have been so petty as to insist on his knowing my name, to poison the last mouthful of bread that he would eat in his life? How despicable of me” Surely in this inferno we were quites – our accounts were closed once and for all by his death, by a death like this!”.

“inferno” alivia um pouco a sua responsabilidade, afinal os atos praticados no “inferno” são de outra natureza se comparados aos atos praticados na vida ordinária. Além disso, seu comportamento pouco lisonjeiro nivelou-a ao seu algoz, e naquela situação absurda seu ato funcionou como um “acerto de contas”.

“Inferno”, “teia de aranha”, “aro de aço que estava o tempo todo se contraindo e que iria em breve me esmagar”⁴⁶² – estas são metáforas empregadas por Ievguênia Guinsburg para expressar a sensação de aprisionamento e ausência de saídas diante da situação dantesca e kafkiana na qual ela se viu enredada. Da mesma maneira que Lídia Guinsburg fala do cerco, e Elena Skriábina de ratoeira, Ievguênia Guinsburg emprega todas essas metáforas para ilustrar a ideia de ser levada pelos acontecimentos à revelia da sua vontade e da sua atuação. A estas se soma a metáfora da bola de neve, já apresentada por Bródski. É dessa forma que ela intitula o quarto capítulo da sua autobiografia, onde elenca algumas das acusações perpetradas contra si, dentre as quais a de associação com elementos perigosos (como já mencionado, ela fora acusada de tomar parte de uma conspiração trotskista que jamais existira). Ela também registra a cassação da sua licença para ensinar e na conclusão do capítulo escreve: “Mas é claro que isso não representou o fim. A bola de neve continuou a rolar montanha abaixo”⁴⁶³. A bola de neve continuou a rolar arrastando Ievguênia Guinsburg junto com ela, retirando de suas mãos, por vinte anos, as rédeas da sua vida privada. E como ela mesma insiste em lembrar, esta não é apenas a história dela, Ievguênia Guinsburg, mas de inúmeras pessoas cujas vidas foram puxadas pela correnteza da História e violentamente desviadas do seu curso habitual.

5.5. Andrei Amárik

462 Idem. Ibidem, p. 31. “I seemed to be at the center of an iron ring which was all the time contracting and would soon crush me”.

463 Idem, ibidem, p. 19. “But this of course was not the end. The snowball continued to roll downhill”.

“O que aconteceu comigo não é nada surpreendente ou excepcional no meu país. Mas é exatamente por isso que é interessante”⁴⁶⁴. Essa frase, que abre o prefácio escrito por Andrei Amárik⁴⁶⁵ para seu livro de memórias intitulado *Involuntary Journey to Siberia (Jornada Involuntária para a Sibéria)*, ecoa a mesma sensação de Ievguênia Guinsburg, para quem sua história não é só sua, mas coletiva, e exatamente por isso que ela merece ser contada. Do ponto de vista da cronologia, a história contada por Amárik data da década de 1960, portanto se passa em uma União Soviética pós-stalinismo, mas mesmo com esse deslocamento temporal, se comparado as obras analisadas até aqui, é possível detectar muitas semelhanças temáticas.

Além disso, é interessante apontar aqui uma coincidência interessante. Amárik se tornou conhecido no Ocidente por causa do seu ensaio *1984: Chegará a URSS até lá?*, escrito no final da década de 1960 e que foi editado no Brasil pela editora Bloch em 1971, e que, como o título sugere, indicou a possibilidade do colapso do gigante socialista já na década de 1980. Por sua sugestão ousada, uma vez que na década de 1960 poucos eram os soviétólogos que acreditavam que a URSS poderia perecer, o livro de Amárik fez muito barulho no Ocidente, onde foi publicado pela primeira vez em 1969 pela Alexander Herzen Foundation, sediada na Holanda. A Alexander Herzen Foundation foi uma iniciativa de Karel van het Reve, Jan Willem Bezemer, Frank Fisher e Elisabeth Fisher-Spanjer que, em 1969, ao verem o recrudescimento da censura tornar a vida de escritores

464 AMALRIK, Andrei. *Involuntary Journey to Siberia*. London: Collins and Harvill Press, 1970, p. X. “What happened to me is not anything surprising or exceptional in my country. But that is just why it is interesting”.

465 Andrei Amárik nasceu em Moscou no ano de 1938 e morreu em 1980, na Espanha. Historiador, foi expulso da Universidade de Moscou em 1963 por causa de uma tese que apresentava uma visão dissonante da hegemônica acerca da história antiga da Rússia. Se tornou dramaturgo e incomodou as autoridades por causa dos contatos que estabeleceu com intelectuais estrangeiros. Sua primeira prisão ocorreu em 1965, quando foi acusado de parasitismo pelo regime. A experiência no campo de trabalhos forçados na Sibéria foi narrada no livro examinado nesse capítulo. Outras prisões se seguiram, e uma delas foi motivada pela publicação no exterior do ensaio *1984: chegará a URSS até lá?*, que trouxe reconhecimento para o autor no Ocidente. Sua permanência no país se tornou insustentável e ele optou por se exilar na Holanda em 1976. Lecionou em universidades da Holanda e dos EUA, como Harvard e George Washington University e se tornou um célebre integrante do grupo Movimento Democrático, composto por dissidentes do regime soviético. Definiu a si mesmo como “o primeiro dissidente completo, uma pessoa realmente fora do sistema”.

dissidentes da União Soviética muito limitada, decidiram criar a Fundação em Amsterdã com o objetivo de publicar textos, literários ou não, proibidos pelo regime soviético.

É interessante atentar para o fato de que o nome da Fundação, para além de uma simples homenagem, deveu-se ao fato desta reproduzir, no século XX, a iniciativa que Herzen idealizou e executou no século XIX, como apontamos no capítulo anterior dessa tese. A coincidência se torna ainda mais irresistível quando descobrimos que um autor que despontou por causa da iniciativa da Fundação Herzen elaborou também um trabalho de escrita autobiográfica, que pelo nosso caminho investigativo identificamos como herdeiro da tradição de escrita de si fomentado pelo próprio Herzen na sua Rússia natal.

Fechado o parênteses, de volta ao texto de Amálik, identificamos vários pontos de contato entre esse escrito mais tardio e o das autoras analisadas logo acima. Ao fato da sua história interessar exatamente por se tratar de uma história comum, ele acrescenta que “para mim, o que aconteceu às vezes parece tão absurdo ao ponto de se tornar monstruoso, e outras vezes, completamente natural”⁴⁶⁶. Um pouco semelhante ao que foi descrito por Ievguênia Guinsburg, Amálik viu sua vida ser revirada de cabeça para baixo quando ele foi acusado e posteriormente condenado por parasitismo social, por se dedicar à escrita e não ocupar nenhum posto de trabalho fixo e formal no país. Ele foi preso pela primeira vez em 1965, e depois foi mandado para a Sibéria por um período de dois anos e meio.

Assim como Ievguênia Guinsburg descreve como a sua prisão foi sendo armada até se tornar um processo vertiginoso impossível de ser detido, Amálik, de forma muito semelhante, narra o momento em que foi surpreendido pela primeira vez por quatro homens na porta da sua casa. Apesar da situação não ter sido de toda inesperada, uma vez que ele já havia notado que se encontrava sob vigilância, a visita “ainda provocou em mim a mais desagradável das sensações”⁴⁶⁷, e quando os “visitantes” deixaram sua

466 Idem, *ibidem*, p. X. “to me, what happened seems at times absurd to the point of being monstrous, and at others, completely natural”.

467 Idem, *ibidem*, p. 23. “still gave me a most unpleasant feeling”.

residência ele constatou que “era quase evidente que a partida dos meus convidados inesperados não significou o fim, mas apenas o começo”⁴⁶⁸. A partir daí vemos ter início o processo, que é como ele intitula o capítulo 3: “A roda começa a girar” (The wheel begin to turn).

Aqui detectamos o ponto que aproxima o texto de Amárlrik ao texto de Ievguênia Guinsburg e do próprio Herzen, que consiste na ideia de ser levado por engrenagens das quais o indivíduo não detém o controle e que por isso são impossíveis de serem detidas, como está expresso nesta passagem: “um homem pode ser prensado quase por acidente nas rodas da gigante máquina da burocracia. Ele pode até pensar que apenas uma manga da sua jaqueta foi puxada, e que tudo está bem exceto por um certo desconforto nas axilas; com o tempo ele percebe que não é apenas a sua jaqueta se torna cada vez mais justa, mas sim o lento movimento do maquinário que vai gradualmente pressionando-o e massacrando-o”⁴⁶⁹. Herzen fala nas engrenagens da História e, como nós já ressaltamos aqui, isso é um sintoma da sua concepção historicista de mundo e do seu entendimento um tanto quanto maximalista (e com vestígios do idealismo) da sua vida e época, enquanto que Amárlrik fala das engrenagens da burocracia, algo muito mais próximo do que detectamos em todos esses textos do século XX, que tratamos como uma visão menos otimista e mais sufocante das promessas do porvir (não esqueçamos que o marxismo científico e, conseqüentemente, a crença no fim da História, nessa altura, consistia em uma ideologia de Estado). Portanto, guardadas as devidas proporções, vemos a mesma ideia que está no cerne de *Passado e Pensamentos* sendo retrabalhada em um texto de caráter autobiográfico, escrito um século depois por um intelligent que, na sua versão do século XX, assumiu a roupagem de um dissidente.

468 Idem, ibidem, p. 29. “it was quite obvious that the departure of my unexpected guests was not the end of it but only the beginning”.

469 Idem, ibidem, p. 55. “A man may be caught quite by chance in the wheels of the huge bureaucratic machine. He may think that only a fold of his jacket has got caught, and that everything is all right except for a certain discomfort under the armpits; but all the time, it is not just his jacket getting tighter and tighter, it is the slow movement of the machinery, gradually pulling him in and mangling him”.

Outro ponto central de Herzen que podemos identificar no texto de Amálik é a responsabilização do Estado por tragédias privadas. Em outro capítulo dessa tese assinalamos como Herzen elegeu Nicolau I como o antagonista da sua autobiografia, e como ele o responsabilizou por desgraças que ocorreram na sua vida, como a morte de um dos seus filhos, o adoecimento de Natália etc. Podemos fazer um paralelo com a maneira como Amálik interpreta as razões da morte do seu pai: “Enquanto meu pai e eu vivíamos juntos, ele podia sempre se sentir seguro de que haveria alguém tomando conta dele. Então de repente ele se viu sozinho. Ele não teria morrido se eu não tivesse sido mandado para longe, ou ao menos se ele tivesse garantia de que alguém cuidaria dele até o meu retorno. Sem dúvida ele foi morto pelo juiz Chigrinov e pelo tipo de atitude que Chigrinov representava – tudo isso em meio à demagógica campanha pregando a necessidade de ajudar os veteranos de guerra”.⁴⁷⁰

Portanto, o juiz que o condenou é o assassino de seu pai, evidenciando aqui essa junção absoluta entre a vida privada e a época histórica que nós também vimos ser explorada em *Passado e Pensamentos*. No final do trecho que nós destacamos ele fala de uma campanha de ajuda aos veteranos de guerra, porque seu pai era um deles. O pai de Amálik lutou no Exército Vermelho durante a Revolução Russa, e depois novamente na Frota do Norte durante a Segunda Guerra Mundial. Por criticar Stálin enquanto líder de guerra o pai de Amálik foi preso por um curto período, até ser solto e reincorporado à frente de batalha. Em 1942, ele foi ferido em Stalingrado e afastado do exército. Depois disso, ele desenvolveu uma doença cardíaca que exigiu cuidados constantes, e foi ao fato dele ter sido privado desses cuidados durante a ausência do filho que Andrei atribuiu a causa da sua morte. Deparamos-nos aqui com duas gerações, em uma mesma família, que

470 Idem, *ibidem*, p. 199. “While my father and I lived together he could always feel confident that he would have someone to look after him. Then suddenly he was alone. His condition was by no means hopeless. He would not have died if I had not been sent away or if he had at least had some guarantee that he would be looked after until I returned. In effect he was killed by Judge Chigrinov and the sort of attitude Chigrinov represented – all this at the demagogic campaign concerning the need to help war veterans”.

tiveram suas vidas forjadas pelas vicissitudes da história, o filho pela máquina burocrática de um Estado com sanha persecutória, e o pai pela realidade aterradora da guerra.

Outro exemplo de vida ordinária interpelada pela guerra, mas em outro hemisfério, merece uma análise detalhada pelos ecos diretos que sentimos na nossa área de estudos e na nossa memória cultural e afetiva.

5.6. Boris Schnaiderman

A sensação de ser arrastado pelos acontecimentos também se encontra presente nas obras de caráter autobiográfico do grande estudioso de literatura, língua e cultura russa no Brasil, o professor Boris Schnaiderman⁴⁷¹. Boris não pode ser dissociado da tradição da intelligentsia russa tanto em função da sua origem quanto da sua atuação profissional, e o trabalho desenvolvido por ele em terras brasileiras apresentou inúmeros pontos de contato com os temas desenvolvidos pela intelligentsia da Rússia.

Boris conhecia e tinha apreço pela autobiografia de Herzen. Professores próximos a ele, como Bruno Gomide e Fátima Bianchi, da Universidade de São Paulo (USP), confirmam a afirmação de que Boris leu *Passado e Pensamentos* e que disse tratar-se de um dos grandes textos russos de todos os tempos, comparável a clássicos como *Guerra e Paz*. Além disso, Schnaiderman lamentava o fato do texto de Herzen ser pouco conhecido

⁴⁷¹ Boris Schnaiderman nasceu em 1917 na Ucrânia. Com um ano de idade se mudou para Odessa, e em 1925 veio com a família para o Brasil. Em 1940 conquistou o diploma de engenheiro agrônomo pela Escola Nacional de Agronomia do Rio de Janeiro. Incorporado à FEB, lutou na Segunda Guerra Mundial, na frente italiana. Em 1944 realizou as suas primeiras traduções de textos de autores russos para o português. Em 1960 inaugurou o curso de russo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Tornou-se professor emérito em 2001, traduziu incontáveis textos russos para o português e recebeu muitos prêmios pela sua atuação como tradutor, professor e divulgador da cultura e literatura russa no Brasil.

entre os leitores brasileiros de literatura russa. É possível afirmar também que Boris leu todas as autoras apresentadas até o momento: Lídia Guinsburg, Lídia Tchukóvskaia e Ievguênia Guinsburg. No livro *Os Escombros e o Mito*, publicado pela primeira vez em 1997, pela Companhia das Letras, Boris analisa a produção literária da Rússia pós-Glasnost e Perestróika e dedica um capítulo aos textos que para ele emergem “entre a ficção e a História”⁴⁷². Os materiais apresentados em *Escombros* foram coletados por Boris em viagens feitas à URSS e à Europa, e também em decorrência da sua amizade com intelectuais e escritores russos que passaram pelo Brasil e foram recebidos por ele na época em que ainda existia a URSS. Nesta obra, um número considerável de escritores e artistas das mais diversas áreas, até o momento completamente desconhecidos entre o público brasileiro, são apresentados e as suas principais obras analisadas, num panorama introdutório muito valioso para os leitores brasileiros interessados em literatura e cultura russa. As três escritoras mencionadas acima aparecem nas páginas de Boris e são comentadas por ele na obra em questão.

A conclusão de *Os Escombros e o Mito* vai ao encontro com o que já foi descrito neste capítulo a respeito do sentimento de exasperação diante de uma época histórica que arrasa a vida daqueles que nasceram sob a sua égide. O século XX, que Hobsbawn nomeou como “A Era dos Extremos”, independentemente da localização geográfica, que significava, em termos práticos, um contato maior ou menos com a barbárie, deixou sobre todos uma sensação de impotência e paralisia diante de tantas atrocidades:

“Por mais que leiamos o nosso Dostoiévski, o nosso Tolstói, o contraste entre a tróica de Gógol e os abismos de abjeção, de ignomínia, que a história nos desvela, só pode causar-nos perplexidade e horror. E é com esta perplexidade que termino o meu livro, que urge agora transmitir ao leitor. Pretendia trabalhar mais nele,

472 SCHNAIDERMAN, Boris. *Os Escombros e o Mito – A Cultura e o Fim da União Soviética*. São Paulo: Cia das Letras, 1997, p. 95

abordar outros campos do conhecimento e da arte, mas acredito que me perdoarão por desistir disso. O sonho foi envolvente demais, o pesadelo, demasiado terrível, para que eu continue nesse afã. No início, procurei transmitir o sentimento de quem se sentia atropelado pela história. Foi preciso deter-me, refletir um pouco, mas este sentimento ainda não me abandonou, e todos os dias busco no jornal com ansiedade mais notícias do país em que nasci. O tropel da história se confundirá um dia com a corrida desabalada da tróica de Gógol?”⁴⁷³

Como que perseguindo a “desabalada tróica de Gógol”, Boris se lançou ao encontro do epicentro do evento histórico de maior vulto da sua época e decidiu se alistar no Exército Brasileiro, para lutar junto aos aliados na Segunda Guerra Mundial e, dessa forma, frear a expansão do Nazismo no mundo. Essa experiência forneceu material para duas obras de cunho autobiográfico: *Guerra em Surdina*, publicada em 1964, e *Caderno Italiano*, publicada em 2015.

Guerra em Surdina é uma ficção (catalogada como Romance) que narra as aventuras do personagem João Afonso, um jovem estudante de medicina que resolve se alistar no exército para combater o Nazismo. O paralelo com a figura do autor é inevitável, pois Schnaiderman era na época da guerra um jovem estudante de agronomia que decidiu lutar na Segunda Guerra por convicção, mas a opção pela personagem fictícia impede o leitor de ir além de uma simples inferência. A estratégia de Schnaiderman remete à de Lídia Guinsburg pois, assim como faz a autora russa, Boris não se aprofunda nas características físicas e psicológicas do seu personagem e sua função na obra é apenas de fio condutor da narrativa.

Em *Guerra em Surdina* há a presença ostensiva do narrador em primeira pessoa (o próprio João Afonso). Mas é interessante atentar para o fato de que há um movimento

473 SCHNAIDERMAN, Boris. *Os Escombros e o Mito – A Cultura e o Fim da União Soviética*. São Paulo: Cia das Letras, 1997, p. 269

no romance de eventuais trocas de narrador, pois alguns capítulos são narrados em terceira pessoa. Também há, em alguns capítulos, a inserção de páginas de um diário pertencente a João Afonso. Um pouco semelhante à obra de Lídia Guinsburg, *Guerra em Surdina* mescla procedimentos narrativos diversificados. Do ponto de vista do conteúdo, por sua vez, também existem ideias semelhantes à de Guinsburg no texto de Schnaiderman. Como já foi apontado, Lídia Guinsburg assinala a anulação da vida comum, dos interesses, dos planos e dos desejos pessoais no contexto da guerra. Uma ideia semelhante desponta das reflexões de João Afonso:

“Sou apenas um homem em face da montanha. Fui me despojando de outros atributos, simplificando-me ao extremo, até ficar reduzido a esta condição. As formalidades e injustiças da vida militar; a promiscuidade do navio-transporte, com suas filas, seus catres com gente vomitando, com as latrinas em que os homens se sentavam frente a frente; as impressões de guerra e de miséria, a prostituição e a mendicância exercidas por populações inteiras; os extremos de degradação tornando-se fato normal e cotidiano; tudo isso me reduziu a mero espectador, mecânico e passivo, cuja vida se limita a calcular tiros que serão enviados contra a montanha”.⁴⁷⁴

A ideia da guerra como um fator que despoja o homem ou mulher que participa dela de tudo aquilo que ele ou ela detinha anteriormente (principalmente a liberdade) é reiterada em diversos trechos da obra. Neste trecho reproduzido acima aparece a imagem do “homem em face da montanha”, que é aquele que calcula tiros e vive maquinalmente. A sensação de consistir numa peça de uma engrenagem é expressada por João Afonso

474 SCHNAIDERMAN, Boris. *Guerra em Surdina*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995, p. 114.

logo no início do romance, quando ele recebe a notícia da convocação: “máquina, engrenagem, porca ou parafuso, eu, João Afonso, também estava entre os convocados”⁴⁷⁵.

Já em meio à guerra, outras sensações igualmente terríveis se somam a esta, por exemplo, a sensação de irremediável embrutecimento – “a brutalização que se atinge na guerra chega a extremos incríveis”⁴⁷⁶, ou a de aprisionamento – “a guerra tem as suas próprias leis, os homens vivem nela como num turbilhão do qual não adiante querer sair”⁴⁷⁷.

A imagem do turbilhão é muito explorada em *Guerra e Surdina* e é fundamental para a compreensão da leitura que nós propusemos que insere esta obra de Schnaiderman na tradição de textos de caráter autobiográfico da intelligentsia russa do século XX. A palavra turbilhão aparece muitas vezes no texto:

“No *turbilhão* de absurdos, vivemos entregues ao inexorável, como nos entregamos ao monstro cinzento que nos trouxe para a guerra”⁴⁷⁸.

“Desde o início da investida sobre o Vale do Pó João Afonso passou a viver num *turbilhão*”⁴⁷⁹.

“João Afonso gosta de ouvir Vivianne falar (...). Mas ela fala dentro de um *turbilhão*, tudo o mais também acontece num turbilhão”⁴⁸⁰.

“(…) meu Deus, meu Deus, estão aí as casinhas que eu marcava com um alfinete sobre a carta, foi praí que eu calculei tiro, mas não era eu, o ato de guerra é impessoal, posso arrancar os olhos de alguém e não terei sido eu o autor do feito, de outro modo não seria possível, não há crime nem pecado, todos os pecados já estão resgatados de

475 Idem, *ibidem*, p. 10.

476 Idem, *ibidem*, p. 129.

477 Idem, *ibidem*, p. 128.

478 Idem, *ibidem*, p. 130.

479 Idem, *ibidem*, p. 161.

480 Idem, *ibidem*, p. 164.

antemão, e ademais há o *turbilhão*, tudo o que eu fizer nesse turbilhão será obra de um outro”⁴⁸¹.

“O abatimento, a alegria, a bebedeira de João Afonso, tudo se mistura num último rodopio do *turbilhão*”⁴⁸².

O *turbilhão* seria a metáfora correspondente ao *cerco* de Lídia Guinsburg, ou à *bola de neve* de Ievguênia Guinsburg e Iósif Bródski. A ideia de turbilhão remete à sensação de ser sugado por uma determinada situação e ser levada por ela à revelia da própria vontade. A aniquilação da individualidade é tão flagrante que o indivíduo perde até mesmo a responsabilidade sobre seus atos – “tudo o que eu fizer nesse turbilhão será obra de um outro”.

Schnaiderman desenvolve essa ideia, que aparece nos textos apresentados até o momento, e a sintetiza numa formulação universal, pois se Lídia Guinsburg emprega o termo *leningradense* para se referir aos habitantes da cidade que, naquela ocasião, deixaram de ser pessoas para transformarem-se em funções históricas, Boris desenvolve o conceito de *Homem Histórico*. Na parte final de *Guerra em Surdina*, Schnaiderman narra o retorno dos pracinhas ao Rio de Janeiro e a recepção festiva organizada em homenagem a eles na cidade. Entre as atividades daquela recepção constava o desfile dos combatentes numa avenida no centro da cidade, e nesse momento da trama João Afonso faz a seguinte reflexão: “mas aí na avenida, não. Sou um homem histórico, um monumento ambulante, não preciso pensar, não devo até!”⁴⁸³

O *homem histórico* ou *monumento ambulante*, que não tem culpa individual sobre seus atos nem interesses pessoais, carrega uma única responsabilidade: a responsabilidade de narrar. Em *Caderno Italiano*, publicado um pouco antes da sua morte, Boris volta à

481 Idem, ibidem, p. 171.

482 Idem, ibidem, p. 180.

483 Idem, ibidem, p. 211.

sua participação na guerra e produz uma obra híbrida que mescla um texto claramente autobiográfico, escrito em primeira pessoa, sobre sua mocidade e época que antecedeu a convocação ao Exército Brasileiro (“Baixando a Cabeça” e “Rufa, Tambor!”) e com análises de obras de outras pessoas sobre a participação dos brasileiros na guerra, de filmes sobre o assunto, de um dossiê publicado na revista *Nova História*, das crônicas de Rubem Braga etc. Há também em *Caderno Italiano* narrativas de viagens realizadas anos depois na Itália (país onde ele havia lutado na guerra), textos sobre personalidades daquela época, por exemplo, o Major Passos ou o Prof. Girolamo Azzi, reflexões sobre a História, entre outros. A escrita do *Caderno* se justifica pela mesma razão que levou Herzen a escrever suas memórias: o dever de narrar, como um participante da História, em nome daqueles que não tiveram a sorte de viver para contar. Escreve Schnaiderman:

“Acontece, porém, que nós outros, ex-combatentes, temos o dever de vir a público, sempre que possível, e prestar nosso depoimento em face da incompreensão generalizada em relação ao nosso desempenho na Itália. Que se afirme tratar-se de um setor de combate relativamente secundário, se pensarmos na Frente Russa ou no desembarque na Normandia, tudo bem, nada a objetar. Mas não pensar um pouco sequer no sacrifício de tantos jovens e no que isto significou na vida de cada um é um verdadeiro absurdo. Lembrando agora meus companheiros, cada vez menos numerosos, faço questão de divulgar estes meus relatos”.⁴⁸⁴

O retorno ao tema da guerra, tantos anos depois, e o abandono do gênero *romance* indicam que Schnaiderman ainda sentia-se em dívida com essa experiência histórica e estava convencido de que o assunto não se esgotara na sua primeira obra. Em *Caderno Italiano*, a aposta autobiográfica é mais alta, mas é interessante atentar para o fato de que

484 SCHNAIDERMAN, Boris. *Caderno Italiano*. São Paulo: Perspectiva, 2015, p. 11.

muito do material de *Guerra em Surdina* reaparece em *Caderno Italiano*, e neste último recebe o tratamento de acontecimentos efetivamente vivenciados pelo seu autor.

Por exemplo, a imagem do turbilhão que é uma constante em *Guerra em Surdina* é recuperada em *Caderno*: “(...) os acontecimentos foram se sucedendo num turbilhão, e eis-me incorporado, como terceiro sargento, à Força Expedicionária Brasileira na Itália, cumprindo as minhas obrigações de calculador de tiro”⁴⁸⁵. Outras recorrências podem ser apontadas, como a interpretação de Schnaiderman a respeito da participação dos brasileiros no conflito. Nos dois livros é desenvolvida a mesmíssima tese: que homens que nunca haviam cogitado ir para a guerra foram jogados contra a vontade naquela situação absurda, e que, uma vez na guerra, lutaram com obstinação e comprometimento, mesmo sem compreender a razão por trás do conflito. Essa visão aparece na conclusão de *Guerra em Surdina* e na abertura de *Caderno Italiano*, e trata-se da mensagem que Schnaiderman acredita ser responsável por transmitir como alguém que participou e compreendeu o acontecimento histórico.

Alguns aspectos que aparecem em *Guerra em Surdina* são aprofundados em *Caderno Italiano*, por exemplo, a questão da culpa, que é algo comum a todos os textos examinados até o presente momento. Enquanto a culpa de Herzen é estritamente pessoal e a culpa de Lídia Guinsburg é coletiva, a de Schnaiderman se aproxima mais da de Ievguênia Guinsburg. Ele oscila entre assumir ou não a responsabilidade pelos atos praticados na guerra. Em *Guerra em Surdina*, no trecho já citado, João Afonso afirma que as ações praticadas em meio ao turbilhão não pertencem a ele, nem a ninguém, pois “o ato de guerra é impessoal”⁴⁸⁶. Em *Caderno Italiano* aparece a seguinte reflexão: “O ônibus continua em seu trajeto e logo chegamos à praça principal de Montese. Desço em silêncio e fico andando pela cidade. Os tão típicos casarões italianos estão todos com remendos e eu os espio de soslaio, com um sentimento de culpa: estão ali os resultados

485 Idem, *ibidem*, p. 151.

486 SCHNAIDERMAN, Boris. *Guerra em Surdina*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995, p. 171

de meus cálculos”⁴⁸⁷. Há, dessa forma, uma culpa enviesada, de soslaio como o olhar do Schnaiderman personagem, que tem dificuldade de admitir a materialidade dos seus atos como controlador de tiro.

Ao mesmo tempo, em *Caderno Italiano* aparece a questão da despersonalização que acomete a todos na guerra. Em um trecho da obra consta a seguinte observação: “A igreja é a mesma e, no paredão, há uma lápide com os nomes dos habitantes mortos no bombardeio. O nome e o retrato de uma paroquiana de 74 anos! Provavelmente, eu estava a dois passos, quando isso aconteceu. Mas como é possível saber o que aconteceu a cada um? Em meio ao véu de apatia, à névoa que recobria o mundo, quem ia tomar conhecimento de uma septuagenária?”⁴⁸⁸ Em outro excerto ele apresenta uma ideia semelhante: “O ônibus sobe a custo a encosta íngreme. O cobrador me reconhece: ‘o senhor não esteve aqui, vinte anos atrás, durante a guerra?’ Mas ele era, então, um garotinho, e, na guerra, os garotinhos se confundiam numa imagem comum: a da criança perplexa, espantada.”⁴⁸⁹. Ou seja, na guerra é impossível discernir um garotinho dos demais, assim como não é possível notar uma paroquiana em meio incontáveis vítimas de um bombardeio. Por conseguinte, um soldado (no caso o próprio Boris) é apenas um soldado, sem rosto, sem desejos, sem poder de decisão e sem qualquer autonomia. Ele não é mais um indivíduo, mas alguém forjado pela história – um *Homem Histórico*.

Sem perder de vista esse esvaziamento da individualidade, que Schnaiderman evidencia nas suas duas obras sobre a sua participação na Segunda Guerra Mundial, ele termina a “Nota Prévia” ao *Caderno Italiano* com a seguinte observação: “Aliás, toda vez que saía uma edição de Guerra em Surdina, promoviam-se discussões sobre o livro e sempre surgia alguém com a objeção: ‘Por que você não escreveu simplesmente sua autobiografia?’ Creio que desta vez, passados tantos anos, ficará mais claro o motivo”⁴⁹⁰.

487 SCHNAIDERMAN, Boris. *Caderno Italiano*. São Paulo: Perspectiva, 2015, p. 121.

488 Idem, ibidem, p. 110.

489 Idem, ibidem, p. 111.

490 Idem, ibidem, p. 12.

Do nosso ponto de vista, a resposta para a pergunta “Por que você não escreveu simplesmente sua autobiografia?” é que Schnaiderman tem um juízo de valor acerca da importância do texto autobiográfico muito próximo do das autoras apresentadas até o momento: o homem (ou mulher) do século XX é o sujeito imanente, circunscrito a situações, e a sua experiência de vida importa na medida em que carrega junto consigo a experiência comum dos homens e mulheres que vivenciaram os mesmos eventos históricos. A subjetividade, a individualidade desse sujeito não importa tanto, pois o seu dever é narrar situações experienciadas por ele que dizem respeito à coletividade e dar voz àqueles que não gozaram da mesma sorte dos que sobreviveram aos horrores do século, que de tão bárbaro ganhou contornos absurdos – “Realmente, os acontecimentos acabavam escapando completamente à nossa compreensão”⁴⁹¹. Ou seja, não se trata de alguém fundamental para o direcionamento do curso dos acontecimentos, mas alguém que é carregado por ele, que é vítima desses acontecimentos; é o agente passivo e não ativo da História.

Nada mais distante da concepção de um homem do século XIX como Alexander Herzen, para quem a subjetividade é parte integrante e fundamental desse ser que tem poderes sobre o curso da História, que carrega o signo da eleição, que vai dedicar a sua vida para a transformação da sua época, e que, apesar de se ver arrastado pelo fluxo dos acontecimentos históricos, acredita ainda ter um significativo poder de influência sobre a direção desses acontecimentos. Além disso, certa inclinação romântica levou Herzen a compreender que “a pessoa de cada um é um veículo predestinado a impor, não a clarificação do geral, mas a subjectividade que marca o geral, quando é refractado pela visão individual”⁴⁹². Isto, somado ao Historicismo de tipo Hegeliano, que aponta que no particular está contido o universal, construiu a visão de mundo de Herzen, para quem narrar a sua intimidade e sua vida particular era o mesmo que descrever o seu tempo

491 Idem, *ibidem*, p. 156.

492 SENA, Jorge de. *Estudos de Literatura Portuguesa – I*. Lisboa: Edições 70, 2001, p. 92.

histórico. Mais do que isso, tendo em vista a certeza do seu protagonismo na era das revoluções que se avizinhava, Herzen estava convencido de que narrar os pormenores da sua vida e da sua intimidade consistia no cumprimento de um dever para com a História.

Em síntese, após essa investigação, que partiu da análise de alguns textos de cunho memorialístico escritos no século XX por membros da intelligentsia russa e por um estudioso brasileiro ligado à essa tradição, é possível afirmar que nossa hipótese é a de que o legado de Herzen é muito palpável na tradição da intelligentsia russa e pode ser identificado no boom dos textos de cunho autobiográfico que está circunscrito à consolidação e esfacelamento da URSS, tanto por meio de referências diretas (citações literais), como indiretas (recorrências temáticas). Estes textos do século XX se inspiraram em *Passado e Pensamentos* e reatualizaram pontos centrais do grande texto de Herzen, como a responsabilidade de narrar, a expiação de culpas e a elaboração de momentos traumáticos do passado. Em outros pontos, porém, esses textos se afastaram de *Passado e Pensamentos* e trouxeram inovações, como uma prosa analítica e intelectualizada de um narrador que se distancia do sujeito da experiência, o banimento de detalhes da intimidade e de narrativas estritamente pessoais, a quebra da identificação entre autor/narrador/personagem etc. Em todos estes textos é possível apreender a sensação, da qual fala Bóris, de “quem se sentia atropelado pela história”, e a perplexidade diante de uma época que colecionou atrocidades inenarráveis.

Mas, mesmo sendo inenarráveis os acontecimentos do século, esses sobreviventes tomaram para si a responsabilidade de narrar. Empenhados em “quebrar o círculo” da barbárie e em cicatrizar feridas pungentes na subjetividade, estes homens e mulheres, arrasados pelo século, recorreram às armas de papel e registraram as suas histórias, que são também as histórias dos seus contemporâneos, em um alentado ato de criação - “tudo isto é forte demais, e eu só posso transmitir a minha perplexidade no limiar da palavra”.⁴⁹³

493 SCHNAIDERMAN, Op. Cit., p. 73.

CONCLUSÃO

Longe de almejar dar a última palavra sobre um autor que, como esperamos suscitar com essa tese, requer ainda muito estudo e investigação, acreditamos que as discussões elencadas nas páginas do presente trabalho apontam para certo direcionamento no que tange a interpretação do texto *Passado e Pensamentos* e da teoria revolucionária de Herzen, tanto no âmbito da eslavística brasileira quanto internacional. Portanto, à guisa de conclusão, nos esforçaremos para reforçar certos pontos que estão no cerne da nossa leitura acerca do autor e de seu principal texto que foram desenvolvidos ao longo dos cinco capítulos que compõe essa tese.

Primeiramente, defendemos nessa tese a leitura de *Passado e Pensamentos* como uma autobiografia. Herzen não se preocupou em definir o gênero do seu volumoso texto, o que abriu espaço para que os estudiosos sugerissem vários caminhos de classificação: memórias, ensaio, autobiografia artística etc. Apesar de muitas dessas definições serem bem fundamentadas e interessantes, o dado que nos fez optar pela definição de autobiografia foi o fato da obra ser o resultado de uma profunda crise pessoal que funcionou como um gatilho para o reexame da vida como um todo.

É impossível minimizar a preocupação de Herzen em criar uma obra com uma frente de atuação no mundo, que, como vimos, é algo inerente às práticas autobiográficas na Rússia e muito latente em *Passado e Pensamentos*. Por outro lado, esse fato não excluiu a dimensão de projeto genuinamente pessoal e subjetivo próprio do texto – *Passado e Pensamentos* foi idealizado como uma resposta ao caso Herwegh e tinha por objetivo se configurar como um monumento à memória de Natália Herzen. Dessa forma, *Passado e Pensamentos* nasceu da compreensão de Herzen acerca de si mesmo como um revolucionário, detentor da missão de plantar a semente da transformação social, somada à grande crise pessoal, que ele tentou resolver por meio da atividade da escrita.

Estipulada essa definição, esta tese buscou discutir os contornos do gênero autobiográfico e, com esse objetivo, realizou um mergulho nas teorias de maior impacto sobre a autobiografia desenvolvida no Ocidente, com o intuito de apresentar um panorama das diferentes correntes teóricas. As grandes questões que mobilizaram os teóricos da autobiografia desde o século XIX dizem respeito às ambiguidades inerentes a este tipo de texto, por exemplo, a oposição entre “verdade” e “invenção”; se uma autobiografia deve ser lida como uma obra de arte e avaliada apenas por suas qualidades formais e estilísticas, ou se deve ser considerada como algo próximo de um documento histórico; se há ou não algum tipo de “pacto” entre leitor e autor do texto, e se esse pacto deve garantir a tranquilidade do leitor de saber que os fatos narrados no texto realmente foram vivenciados pelo autor na sua vida etc.

Longe de querer resolver essas questões complexas, optamos por nos guiar por certos pressupostos que enumeraremos aqui: se, por um lado, o desejo de narrar a vida implica em um afastamento da realidade e a elevação desta ao mundo simbólico da linguagem, por outro, a ideia de que a vida é apenas uma construção narrativa e que fora do âmbito da narrativa ela não existe nos parece muito pouco plausível. De qualquer maneira, estamos de acordo com a crítica que afirma que é só ao refletir sobre a própria vida que o autobiógrafo a transforma em uma história detentora de sentido, pois este sentido é algo urdido e depende da interpretação dos acontecimentos por parte do sujeito, que por sua vez seleciona os fatos, evidenciando uns em detrimento de outros.

Isto posto, acreditamos que não cabe ao leitor separar o que é fato e o que é fruto da mais pura imaginação, pois, como colocou Lejeune, graças à noção de pacto o leitor aceita a natureza do texto autobiográfico como um texto *sui generis* através do qual é possível se elaborar um conhecimento sobre o mundo por meio de uma perspectiva subjetiva. Através da noção de pacto como algo que se estabelece entre autor e leitor, porém sem necessidade de verificação, o leitor aceita o imaginário como o principal

veículo para a edificação da história, e dessa forma a história ‘reinscreve o tempo da narrativa no tempo do universo’. Assim, se o tempo do vivido consegue reverberar no leitor propiciando a ele um meio de tangenciar o tempo do mundo, a autobiografia cumpre sua função enquanto texto fronteiro e veículo de expressão de uma necessidade particular de uma época histórica.

O surgimento das autobiografias e o florescimento da individualidade são dois processos interdependentes que despontaram em concomitância com a era das Revoluções, intensificando-se conforme a história foi caminhando para a contemporaneidade. A tomada de consciência histórica dos homens e mulheres acerca das suas próprias existências emprestou à narração das vidas pessoais uma nova forma essencialmente histórica. Este fenômeno, próprio das sociedades europeias, ganhou uma faceta particular no caso russo, uma vez que a classe responsável por pensar o país sempre identificou o atraso como a grande marca que distinguia a Rússia do restante da Europa. Com essa visão da Rússia como uma nação atrasada, a intelligentsia desenvolveu uma obsessão nacional pela História e pelo futuro da Rússia, e a consciência histórica dos membros dessa classe se tornou hipertrofiada. Assim, a intelligentsia russa via a *personalidade* como um barômetro do desenvolvimento histórico que media o grau de desenvolvimento e liberdade das sociedades. Como na Rússia a personalidade ainda estava em sua fase embrionária (Bielínski), esse grupo atribuiu para si a missão de viver uma vida socialmente responsável e historicamente consciente.

Herzen expressou muito bem essa obsessão da intelligentsia pela emancipação da personalidade através da sua empreitada autobiográfica, e a este compromisso acrescentou a ideia de que o indivíduo crítico e moralmente livre, para além de viver uma vida exemplar, deveria viver uma vida de ação revolucionária e eternizá-la através da escrita. É dessa ânsia que nasce *Passado e Pensamentos*, um dos textos centrais para o

arcabouço identitário da intelligentsia, que atravessou sua época e tornou-se um clássico da literatura russa oitocentista.

Uma das grandes inovações de *Passado e Pensamentos* foi a maneira como algo muito particular da Weltanschauung de Herzen – uma sensibilidade e visão de mundo marcadas pelo historicismo – ajudou a criar uma novidade na tradição da literatura russa oitocentista: uma nova identidade autoral e um novo tipo de herói. Assim, em *Passado e Pensamentos* surge pela primeira vez um herói que é menos um indivíduo com uma consciência psicológica a ser desvendada, como os heróis do realismo do século XIX, e mais o retrato de um modelo do revolucionário exemplar que não se adapta ao atraso da sociedade russa e que almeja transformá-la através da via revolucionária.

O objetivo de Herzen, para além de escrever um relato estritamente pessoal e obtusamente fechado em si, era criar uma peça de propaganda revolucionária. Ele de fato atingiu seu objetivo, pois *Passado e Pensamentos* influenciou e inspirou a nova geração de revolucionários, tanto como um código de conduta quanto como um tratado filosófico, com novas diretrizes para a compreensão dos fenômenos da vida.

Assim, Herzen fixou na história da literatura russa a figura do herói ideólogo do movimento revolucionário russo à luz da ideia de choque entre dois mundos – o velho e o novo –, conferindo um tratamento realista e dialético à mesma. E um dos procedimentos literários utilizados por ele foi contrapor a figura do herói a uma outra figura, a do anti-herói, que em *Passado e Pensamentos* é o czar Nicolau I. Nicolau é responsabilizado pelos seus principais infortúnios, e ao mesmo tempo é apontado por ele como o responsável por alimentar o seu sentimento de revolta.

A maneira como Herzen retrata Nicolau I, descrevendo sua aparência física com o objetivo de apontar indícios do seu comportamento despótico, é interessante porque fornece elementos para a compreensão de um outro procedimento literário empregado em *Passado e Pensamentos*: o suposto método indutivo, mas que na verdade mascara a

dedução filosófica que está no núcleo do texto. Cada fato, evento, episódio levantado por ele tem a função de provar a sua tese. Portanto, Herzen não é um observador dos fatos. Antes disso, ele é um autor com uma premissa, e a sua construção narrativa toda gira em torno da comprovação da sua tese. No caso de Nicolau, a observação supostamente direta do soberano serve apenas para reforçar a ideia que Herzen já tem formada sobre ele, e isso é algo recorrente no texto, pois as outras personagens históricas, apresentadas através da galeria de retratos, recebem um tratamento literário muito semelhante. Herzen sempre ressalta algum traço físico ou característica psicológica do personagem, para ao mesmo tempo ressaltar a sua visão sobre ele e englobá-lo na “função” histórica que ele desempenhava.

Os diálogos são outro método de composição recorrente em *Passado e Pensamentos*. Como complemento dos retratos, que servem como suportes da sua visão acerca das personagens históricas que apresenta, ele cria diálogos entre essas personagens, ou entre elas e ele próprio (o personagem principal da obra), com o intuito de evidenciar características destas personagens e ao mesmo tempo como uma forma de marcar seu próprio discurso. Além disso, Herzen se utiliza do lirismo e do humor para ornamentar sua narrativa, e essas escolhas reforçam o parentesco da sua autobiografia com o romance russo oitocentista. Um último aspecto estilístico que deve ser mencionado é a língua: há muito de língua falada em *Passado e Pensamentos*. Há inclusive a criação de neologismos, muitas liberdades com relação à sintaxe e ao emprego de palavras em outras línguas, especialmente em francês e inglês.

Por fim, sobre o conjunto da obra, merece menção o fato das cinco primeiras partes consistirem no bloco mais coerente e bem acabado da autobiografia, pois esse é o bloco dedicado à “saga” do herói (o revolucionário exemplar). As três últimas partes são mais fragmentadas e outros temas assumem o protagonismo da autobiografia, como o da revolução burguesa e emigração não-russa, o do caráter nacional dos povos, da sua

propensão à revolução e da sua identificação com os revolucionários que os representam etc., tudo isso para provar que sua teoria do socialismo em solo russo é a única viável, e que os outros revolucionários europeus são todos, na sua essência, homens equivocados por acreditarem na revolução em algum país da Europa Ocidental.

A teoria do socialismo desenvolvida por Herzen é outro dos pontos abordados nessa tese que merece um reexame na presente conclusão. A base angular dessa teoria é a fé de Herzen nas instituições propriamente russas que tem por base a solidariedade e a ajuda mútua, como é o caso da comuna rural (obchtchina/mir), que na sua visão são produtos de um desenvolvimento histórico difícil, que no ato de resistir à opressão institucional resultaram em formas independentes de organização popular. Uma vez que elas já existem espontaneamente na Rússia, para Herzen, quando as ideias ocidentais socialistas penetram na Rússia elas encontram um solo fértil para florescer, exatamente porque os fundamentos dessas ideias (sendo a fraternidade o principal deles) já existem por si só nessas formas de organização popular e são anteriores à doutrina filosófica do socialismo.

Por conseguinte, Herzen criou a sua teoria do socialismo russo (essencialmente agrário) lançando mão de inclinações eslavófilas (na forma da valorização do modo de vida genuinamente russo) e ocidentalistas (defendendo a importação das ideias socialistas para a Rússia), driblando o conservadorismo dos eslavófilos, ao direcionar a “saída russa” para o caminho da revolução socialista, e invertendo a ótica do pensamento ocidentalista, ao focalizar no desenvolvimento histórico da Rússia o meio capaz de impulsionar o grande passo rumo ao futuro.

Entretanto, mesmo com esse aceno aos eslavófilos, Herzen sempre foi um pensador identificado com o campo ocidentalista. A sua formação e os seus interesses estavam integralmente circunscritos ao horizonte intelectual desse grupo, como é o caso do interesse por Hegel, que alvoroçou essa comunidade nos anos 1830. Mencionamos em

um capítulo dessa tese a “febre Hegeliana” que acometeu os ocidentalistas russos e a dimensão que isso tomou entre alguns membros desse grupo, que elevaram o pensador alemão ao posto de guia incontestado e que até mesmo imprimiram uma radicalidade espantosa para as suas ideias, como é o caso de Bielínski na sua fase de conciliação com a realidade.

Herzen entrou em conflito com alguns dos seus amigos nessa época por discordar da interpretação deles sobre Hegel (e também por ter perdido o lugar de destaque no grupo após um período de afastamento compelido pela sua prisão e exílio). Uma das razões para o descompasso existente entre a leitura que Herzen fez de Hegel da leitura de seus amigos foi o fato do primeiro ter entrado em contato com autores hegelianos de esquerda, o que teria sido determinante para que sua interpretação acerca do filósofo alemão tomasse uma direção oposta ao dos seus amigos moscovitas, que leram Hegel a partir de uma chave mais conservadora. Um dos hegelianos de esquerda que influenciou Herzen foi o polonês Cieszkowski, que desenvolveu a ideia de práxis. O excesso de metafísica e o convite à inação são aspectos da filosofia hegeliana que incomodavam a Herzen, e quando encontrou em Cieszkowski uma advertência acerca da necessidade da atividade prática, que está, por sua vez, associada a todos os acontecimentos da História, começou a formular o seu diagnóstico do Hegelianismo como uma “filosofia da ação”, que se desdobrou na sua célebre interpretação do sistema filosófico de Hegel como a “álgebra da revolução”.

O que está por trás da ideia de “álgebra da revolução” é a interpretação da dialética não mais como uma filosofia da História, mas como um movimento que possui em si o seu próprio valor, e que por isso consiste em um instrumento capaz de impulsionar a história para um caminho de transformação revolucionária. Herzen também entendeu que tudo que é real é racional, e conseqüentemente a rebelião contra a ordem opressiva é algo justificado pela razão.

Para alguns estudiosos, o apreço pela dialética fez com que Herzen se transformasse no mais dialético pensador da revolução, ao ponto de rejeitar a ideia de necessidade e de culminância do processo histórico. Já em escritos tardios, começou a desenvolver uma interpretação da História como palco da improvisação, do domínio da vontade e da liberdade, formulando argumentos que apontavam para uma certa postura de antiabstrações e antifilosofias da História. Para muitos estudiosos de Herzen, essas suas teses tardias sobre a História, apresentadas principalmente no ensaio “Robert Owen”, que foi incorporado como um capítulo de *Passado e Pensamentos*, são o aspecto mais interessante de todo o seu pensamento e são o que conferem a Herzen um lugar de destaque no panteão dos pensadores oitocentistas. É o caso de Isaiah Berlin e A. Kelly, estudiosos de Herzen que acreditam que essas teses consistem no âmago do sistema filosófico do pensador russo. Esses estudiosos inclusive apontaram uma certa inclinação liberal em Herzen, e que a defesa das liberdades individuais que está presente nos seus escritos poderia expressar uma descrença na revolução russa da qual ele também foi um entusiasta.

Esse aspecto controverso do pensamento de Herzen nos colocou diante de um impasse: como compreender essas teses tardias ao lado de um pensamento e uma vida dedicados à revolução socialista na Rússia? A nossa investigação sobre o tema nos levou a concluir que as ideias explanadas em “Robert Owen” consistem em um voo teórico muito interessante, porém marginal dentro do quadro maior do pensamento herzeniano. Acreditamos que, se por um lado as preocupações que ele expressa em “Robert Owen” são legítimas e muito interessantes por causa do seu ineditismo, tendo em vista a predominância das grandes abstrações filosóficas que marcaram o século XIX, por outro lado acreditamos que essas ideias originais em nenhum momento são trazidas para dentro do *modus operandi* do próprio Herzen enquanto pensador, o que se torna evidente na própria forma como ele arquiteta a sua autobiografia.

A quinta parte de *Passado e Pensamentos*, intitulada “História de um drama familiar”, nos fornece um exemplo bastante interessante, do ponto de vista da composição estrutural da obra, de como ele ainda se mantinha ligado a esquemas abstratos e de como foi influenciado pela *Fenomenologia do Espírito*, de Hegel, na parte mais íntima de todas da sua vasta autobiografia. Esta parte de *Passado e Pensamentos* se dedica a narração dos infortúnios que Herzen atravessou durante e após a revolução de 1848, quando além da derrota da revolução ele teve que lidar com a descoberta do caso extraconjugal que a mulher manteve por alguns anos com o poeta alemão G. Herwegh, um grande amigo de Herzen. Ele se desentendeu com Herwegh, a briga dos dois se tornou pública e, como se não bastasse, à esta situação difícil se seguiu a morte de um dos seus filhos e da mãe de Herzen em um naufrágio, e um pouco depois a morte da própria Natália, que ficou muito abalada com a crise conjugal que atingiu a sua família.

Nessa parte da obra, Herzen fala desses eventos íntimos, mas a todo momento ele os relaciona com o grande evento histórico da revolução de 1848. Isso porque a política não tinha nenhum significado para ele desconectada da esfera do pessoal. É por essa razão que ele entendia que sua tragédia pessoal estava imbuída da questão da revolução, e não por acaso o seu início tinha se dado concomitantemente à revolução de 1848. Assim, para Herzen a tragédia havia colorido igualmente a História e a sua história. Isso é encarado por ele como uma evidência de que o plano individual é um receptáculo das forças históricas.

Uma vez sedimentada essa leitura dos acontecimentos, para Herzen tanto na traição da vida quanto na traição da História havia um mesmo e único pivô: Herwegh. Mas não é apenas a pessoa de Georg Herwegh, enquanto o responsável por ludibriar Natália, que interessava a Herzen, mas o que ele simbolizava para além da sua individualidade: a classe burguesa desprovida de moral. Assim, um dos objetivos do discurso de Herzen nessa parte da autobiografia foi apresentar Herwegh como o símbolo

do velho mundo, e assim circunscrevê-lo a uma etapa da história a ser superada, a uma ordem a ser solapada pela revolução socialista da qual ele, Herzen, era o representante legítimo. Banindo o seu rival das fileiras da revolução, ele garantia que o papel de revolucionário coubesse apenas a ele, esperando que isso, de certa forma, absolvesse também a sua honra de marido traído.

Dessa forma, nós identificamos, especialmente nesta quinta parte, a apreciação do autor dos eventos da sua vida pessoal como um microcosmos da estrutura da sua época histórica a partir da lente emprestada da *Fenomenologia do Espírito*, de Hegel, o que aparentemente é uma contradição com uma teoria da História que desconsidera a existência de um sentido para o caminhar da mesma. Porém, um exame mais amplo da produção intelectual de Herzen ao longo da sua vida nos levou a matizar esse julgamento, uma vez que Herzen jamais cultivou um sistema de ideias muito rígido e coerente, e seu pensamento sempre flutuou conforme as vicissitudes da vida, já que a experiência pessoal era a sua mais significativa lente epistemológica.

A sua maleabilidade, ou em outras palavras sua capacidade de ler as exigências do seu tempo histórico e de oferecer respostas significativas às necessidades desses tempos, sem jamais trair as suas mais profundas convicções, é uma característica de Herzen que se torna muito palpável na época da sua aventura jornalística à frente da Imprensa Livre que ele criou durante os seus anos de exílio em Londres.

O período londrino da biografia de Herzen foi apontado por muitos estudiosos como um dos mais fecundos na carreira do revolucionário russo, pois nesta cidade ele escreveu *Passado e Pensamentos* e criou a Imprensa Livre Russa. Seu objetivo à frente da Imprensa Livre Russa era retornar ao seu país natal para colocar em prática seu projeto de luta pela transformação social, o que, na sua visão, permitiria a pavimentação do caminho para socialismo.

Entretanto, se Herzen almejava esse “retorno” à Rússia, anos depois a produção que ele realizou nessa época serviu de material para uma forte corrente de pesquisadores baseada na Inglaterra que ficou conhecida como “English Herzenism”, e cujo grande feito foi deixar de ler Herzen como um pensador russo para transformá-lo em um pensador pertencente à história intelectual da Europa. Isaiah Berlin, já mencionado nesta conclusão, foi o mais importante nome do “English Herzenism” e seu apreço por Herzen o transformou em um dos nomes centrais do seu grande projeto intelectual, que foi a celebração da tradição russa pré-revolucionária de pensamento estético e político e a sua inserção na história intelectual da Europa Ocidental de tradição iluminista.

Também já mencionamos que essa tradição inglesa apostou em uma interpretação liberal do legado de Herzen, mas é preciso acrescentar que eles não foram os primeiros a colocar em dúvida o real alcance da teoria revolucionária do pensador russo. A desconfiança acerca do real compromisso de Herzen com a causa da revolução já existia da parte dos pais do socialismo científico, Marx e Engels, para quem o *grand seigneur* Herzen tinha desenvolvido um delírio patriótico e eslavófilo que nada se assemelhava a uma teoria revolucionária válida. Depois, como examinaremos mais demoradamente ainda nessa conclusão, foi a vez dos revolucionários russos radicais da década de 60 do século XIX desprezarem a luta revolucionária de Herzen e decretarem em alto e bom som que ele já estava superado.

Herzen só foi “reabilitado” no campo dos revolucionários em 1912, por causa de um texto de Lênin, que teve o importante papel de fornecer uma interpretação única e definitiva sobre o legado de Herzen e que se tornaria a interpretação oficial após 1917. Nesse texto, Lênin afirmou que o partido da classe trabalhadora tinha o dever de comemorar o centenário do revolucionário, já que, nas suas palavras, Herzen “teve um papel importante na preparação da revolução russa”.⁴⁹⁴

494 LÊNIN, V. I. “Pámiati Gertsena”. In: *V Liberalizm i Sotsializm Západ i Rossia*. Moscou: Bibliotéka Júnáta Alternatívny, 2012, p. 9

Lênin reconheceu como grande feito de Herzen a criação da Imprensa Livre Russa que, entre outras coisas, capitaneou a campanha pela abolição dos servos e quebrou o silêncio da opinião pública russa. Lênin também perdoou Herzen por sua fraqueza liberal ‘manifestada’ por meio das cartas que ele escreveu ao Czar Alexandre II, com o objetivo de influenciá-lo a libertar os servos, a abolir a censura e os castigos corporais etc. Essa chave interpretativa, primeiro esboçada por Lênin, tornou-se a interpretação hegemônica do legado de Herzen durante a época soviética.

Essa ‘batalha’ pela interpretação do pensamento de Herzen lança luz sobre as contradições inerentes a esse pensamento, que fornecem argumentos tanto para uma corrente de inclinação mais liberal quanto para uma corrente de inclinação mais revolucionária. A nossa interpretação é a de que as atitudes que foram vistas como típicas de um liberal são essencialmente etapas de um projeto que tinha como objetivo final a implementação do socialismo na Rússia. Se os meios para tanto esbarravam em concessões liberais (como uma colaboração episódica com o Czar no contexto de uma transformação crucial), estas não anulavam a finalidade desse grande projeto. Assim, atitudes aparentemente reformistas são na verdade concessões estratégicas que se adaptaram às exigências dos tempos atravessados por ele. O que ocorreu foi que Herzen optou por adaptar sua estratégia de ação às exigências dos tempos atravessados por ele.

Algo que motivou essa mudança foi o seu ceticismo de que a revolução socialista do futuro era uma verdade inexorável. Decepcionado com a revolução de 1848 (e com sua própria postura de revolucionário pós-caso Herwegh), o Herzen amadurecido pelas contingências da vida resolveu, a partir de 1852, modificar a sua estratégia de atuação. Um desejo genuíno de agir no mundo e a necessidade de ser uma força ativa e efetiva na luta pela implementação do socialismo originou o projeto da Imprensa Livre Russa. E se o socialismo de Herzen tinha base agrária, a abolição da servidão foi concebida por ele como o primeiro passo para o sucesso do socialismo no futuro.

Assim, desejando colocar ‘a mão na massa’, Herzen fundou em 1853 uma Imprensa Livre Russa sem censura e com uma proposta claramente colaborativa. Porém, nos primeiros anos, a Imprensa não ganhou o público que almejava e também não recebeu material direto da Rússia e, para manter o empreendimento funcionando, Herzen publicou muitos textos da sua própria autoria, dentre esses textos capítulos de *Passado e Pensamentos*.

Os capítulos da autobiografia geraram grande repercussão, mas isso ocorreu porque eles foram publicados principalmente na *Estrela Polar*, a revista que enfim, já em 1855, começou a causar certo impacto no público. Alguns eventos fortuitos combinados favoreceram a ascensão da nova revista de Herzen, como a morte de Nicolau I, o fim de um imposto britânico sobre publicações e o fim da guerra da Crimeia. A *Estrela Polar* teve circulação mensal e contou com o aprimoramento das redes de distribuição, que se profissionalizaram depois que Herzen estabeleceu uma parceria com o célebre editor Trübner, da Trübner & Co. Publicando textos de Herzen, de escritores contemporâneos e textos célebres da tradição literária russa que nunca puderam circular na forma impressa, da autoria de nomes como Púchkin, a revista se tornou uma das publicações mais comentadas da sua época.

Os capítulos de *Passado e Pensamentos* que saíram na *Estrela Polar* e em outras publicações foram muito lidos e comentados, o que demonstra o quanto a Imprensa Livre Russa é indissociável do projeto de escrita da autobiografia. Mas, além da questão prática de ter um suporte onde publicar os textos autobiográficos, a aventura jornalística deu base concreta para o eterno anseio revolucionário de Herzen. Numa via de mão dupla, ao sentir-se de fato um revolucionário em ação, Herzen munuiu-se de motivos para se dedicar mais e mais ao seu empreendimento autobiográfico, que em última instância ele considerava um texto de (auto)propaganda revolucionária.

Os elementos que o faziam sentir-se atuante eram, por exemplo, a sua campanha pela abolição da servidão e pela abertura da autocracia (fim da censura etc.), que ele iniciou na *Estrela Polar* por meio da criação de um canal de diálogo direto com o Czar. Assim, tanto nesta revista quanto no *Sino*, sua publicação posterior, Herzen publicou as já mencionadas cartas endereçadas ao Czar que seriam posteriormente desprezadas tanto por Lênin quanto pela geração de 1860. Mas na época a apelação de Herzen teve um claro efeito, pois como colocou o estudioso Ulam, os dois Alexandres passaram a se confrontar praticamente nos mesmos termos, e o *Sino* de Herzen circulou livremente, apesar da proibição oficial, dentro do Palácio de Inverno.⁴⁹⁵

O *Sino*, de fato, foi a mais bem sucedida empreitada jornalística de Herzen. O interesse crescente dos leitores pela *Estrela Polar* e a chegada do grande amigo e companheiro de Herzen, Ogarióv, a Londres foram cruciais para que ele idealizasse uma publicação de maior impacto na realidade russa. A *Estrela Polar*, que mais se assemelhava a um livro e era publicada anualmente, não consistia em um órgão adequado para debater os últimos acontecimentos. A opção por um jornal muito menor, de poucas páginas, que oferecesse basicamente textos provenientes da colaboração dos leitores, foi anunciada já nas páginas da *Estrela Polar* no ano de 1857. O *Sino* então saiu pela primeira vez como parte da *Estrela Polar*, em julho de 1857. O que norteava o *Sino* era o mesmo tripé sobre o qual se erguia a *Estrela Polar*: abolição da servidão (com terra para os camponeses), abolição da censura e abolição dos castigos corporais.

O *Sino* se tornou uma publicação bem sucedida porque os leitores de fato colaboraram, e graças a essa dinâmica, mesmo sendo editada fora da Rússia, a publicação foi capaz de influenciar determinantemente o curso dos acontecimentos políticos e sociais do país. Por exemplo, havia no *Sino* uma sessão do jornal intitulada *Seria Verdade?* (*Právda li?*), que denunciava abusos cotidianos da vida russa relatados pelos leitores, e

495 Ver: ULAM, Adam. *Prophets and Conspirators in Prerevolutionary Russia*. London: Routledge, 1977.

após serem citados na revista alguns desses abusos tornaram-se escândalos de fato investigados e punidos pelas autoridades. Dessa forma, esse proveitoso diálogo com os leitores, que muitas vezes resultou em mudanças concretas, foi um dos fatores responsáveis pelo estrondoso sucesso de *O Sino*. Outro fator a ser apontado é o talento inegável de Herzen como publicista e escritor e o fato dele ter cultivado na sua publicística a sua principal marca de estilo literário: o transbordamento da sua personalidade e vivência sobre todos os assuntos abordados.

Mas esse sucesso do *Sino* não foi eterno, e já na segunda metade da década de 1860 começou a queda livre da popularidade da publicação. Herzen também se deu conta de que a sua estratégia de influenciar o Czar fora mal sucedida quando a emancipação, que foi assinada pelo soberano, não tratou da questão da propriedade das terras camponesas de acordo com o pensamento de Herzen, e quando as ações do governo deixaram claro que a autocracia não cederia um milímetro sequer na sua sanha autoritária. Mesmo sentindo-se traído pelo Czar, Herzen decidiu manter seu jornalismo na mesma linha, por um lado pressionando as autoridades, e por outro abrindo espaço para o debate de ideias. Aos olhos dos jovens que antes sonhavam em copiar a trajetória de Herzen, e que em 1860 haviam se tornado a vanguarda do movimento revolucionário russo, a atitude do editor do *Sino* adquiriu a forma de uma covardia vergonhosa e esses jovens não titubearam em decretar a morte simbólica do célebre revolucionário de outrora.

A nova geração de revolucionários se recusava a colaborar com o governo de Alexandre II e era a favor da revolução iminente. Esses jovens não esperavam outra coisa de Herzen que não fosse o apoio total e irrestrito à causa, mas Herzen se mostrou muito hesitante, e ao permanecer no “caminho do meio” ele rifou a sua popularidade e sua autoridade perante a opinião pública progressista. Herzen, por sua vez, não acreditava que a revolução poderia ser fomentada por um grupo de revolucionários completamente alienado do povo, que não reconhece nem se identifica com seus futuros “líderes”. Ao

defender a “ida ao povo” Herzen queria que esses jovens aprendessem com as massas as reais necessidades delas, uma vez que a imaturidade destas últimas para a revolução socialista era para ele algo incontestado.

Tendo em vista esse diagnóstico da imaturidade das massas para a revolução, ele optou por colocar a questão social na frente da política, ou seja, lutar por melhorias objetivas na vida russa que pudessem significar uma mudança concreta na condição de vida da população (por isso sua luta pela abolição, pelo fim dos castigos corporais, por reformas no judiciário, no sistema educacional etc). Assim, ao agir conforme suas mais profundas convicções, Herzen se sentiu respaldado na sua leitura de si próprio como uma subjetividade essencialmente revolucionária, e foi esse sentimento que conferiu significado à sua escrita autobiográfica, já que seu propósito jamais foi falar de si como uma individualidade, mas sim como um homem histórico. E, ao criar uma forma literária para uma autoconsciência de tipo historicista, Herzen entregou para a intelligentsia da sua época (e do próximo século) um modelo bem sucedido de escrita de si. Por conseguinte, conforme assinalou Irina Paperno, *Passado e Pensamentos* influenciou consideravelmente os textos memorialísticos/autobiográficos que inundaram a Rússia durante e após o término da União Soviética.⁴⁹⁶

O século XX na Rússia foi marcado por muitos eventos que geraram traumas coletivos, como, por exemplo, as guerras, os expurgos stalinistas, as fomes etc. A escrita foi um recurso utilizado por muita gente para lidar com situações difíceis, superar traumas, recuperar a memória daqueles que não resistiram, elaborar melhor o passado e refletir sobre o eu que se constitui no momento da escrita. Grande parte dos textos expressava o sentimento de quem teve a vida pessoal talhada pela História, sentimento este que é o mote de *Passado e Pensamentos*. Inspirados por Herzen, esses autores

496 Ver: PAPERNO, Irina. *Stories of the Soviet Experience. Memoirs, Diaries, Dreams*. Ithaca and London: Cornell University Press, 2009, p. 11

soviéticos também transformaram registros pessoais diversos em documentos de significativo potencial histórico.

A influência de Herzen é palpável nesses textos, por exemplo, em passagens nas quais há menção direta ao autor, ou mesmo citações literais de *Passado e Pensamentos*. Observamos esse fenômeno nas obras *Notas sobre Anna Akhmátova*, de Lídia Tchukóvskaia, *Notas sobre o Cerco*, de Lídia Guinsburg, e em *Itinerário Abrupto*, de Ievguênia Guinsburg. No caso da primeira autora, Lídia Tchukóvskaia reproduz diálogos que ela teria travado com Akhmátova sobre Herzen. Em um desses diálogos, Akhmátova afirma não gostar das revelações que Herzen faz da sua intimidade na sua autobiografia, por considerá-las excessivas e desnecessárias. Tchukóvskaia, por sua vez, sai em defesa de Herzen e afirma que, se ele expôs demais a sua vida privada e sua intimidade, ele o fez *para* a História.

Além de citações e menções diretas, há certas recorrências temáticas que aproximam essas obras do século XX russo a *Passado e Pensamentos*, como a responsabilidade de narrar, a expiação de culpas e a elaboração de momentos traumáticos do passado. Quanto à culpa, no caso de Lídia Guinsburg, esta juntamente ao remorso aparecem como um atributo coletivo, comum a todos que, no caso, vivenciaram o drama do cerco de Leningrado e agiram de forma desumana na luta ensandecida por comida, muitas vezes tirando dos outros para garantir para si. Enquanto Herzen expõe sua culpa, que diz respeito a um episódio da sua vida íntima de forma detalhada e sem reservas, Guinsburg trata de uma culpa coletiva, e não importa se na sua vida pessoal ela também carrega essa culpa, seu objetivo ao narrar e estetizar a experiência é dissecar a culpa que não é só dela, mas é de todos os homens e mulheres do cerco.

Aqui adentramos nas diferenças que distanciam esses textos do século XX de *Passado e Pensamentos*. Estes textos trouxeram inovações, como uma prosa analítica e intelectualizada de um narrador que se distancia do sujeito da experiência, o banimento

de detalhes da intimidade e de narrativas estritamente pessoais, a quebra da identificação entre autor/narrador/personagem etc. Por exemplo, o texto de Lídia Guinsburg sobre o cerco é sobre a personagem N, que ela descreve como um intelectual vivendo em meio ao cerco. Essa definição genérica causa no leitor o impulso de aproximar o personagem da autora, já que Guinsburg também se encaixava nessa descrição, mas essa escolha dela funciona como um antídoto à tentação de equiparar autor/narrador/personagem: ela, N. e muitos outros são intelectuais vivendo em meio ao cerco. Dessa forma, Guinsburg afasta o foco narrativo da sua individualidade e compartilha a sua história com os outros membros do grupo do qual ela faz parte: a intelligentsia.

Isso é algo que aparece em muitos outros textos do século XX analisados nessa tese, como é o caso de *Itinerário Abrupto*, de Ievguênia Guinsburg. Nesse texto, a autora narra a sua história: uma cidadã comunista exemplar, Ievguênia Guinsburg foi acusada de ser uma trotskista na época de Stálin, e essa acusação a levou a prisão e depois ao Gulag. Entretanto, no final do seu relato, ela não concluiu sua obra com uma indicação de que se tratava da história da sua vida, mas da história de uma mulher comunista entre tantas outras que vivenciaram o terror stalinista.

A ideia de que a história, por não ser só sua, mas coletiva, merece ser contada é uma ideia recorrente nesses textos autobiográficos do século XX, como é o caso de Andrei Amálik, que começa o seu relato, escrito na década de 1960, apontando para a banalidade do mesmo, já que prisão e condenação aos trabalhos forçados eram algo recorrente naquela época.⁴⁹⁷ Em um voo interpretativo cujo destino é o Brasil, reconhecemos na incursão autobiográfica de Boris Schnaiderman, nosso grande eslavista, ecos das ideias presentes nesses textos soviéticos, nos quais homens e mulheres são sujeitos imanentes, circunscritos às situações, e as suas experiências de vida importam na medida em que

497 Ver: AMALRIK, Andrei. "Involuntary Journey to Siberia". London: Collins and Harvill Press, 1970

carregam junto consigo a experiência comum dos homens e mulheres que vivenciaram os mesmos eventos históricos.

Schnaiderman, no seu texto intitulado *Guerra em Surdina*, narrou as aventuras do pracinha João Afonso na Itália, onde foi atuar como controlador de tiro, e apesar das semelhanças entre a personagem e ele próprio, Schnaiderman optou por um personagem ficcional ao invés de um abertamente autobiográfico. Isso porque, através de um procedimento literário muito semelhante ao utilizado por Lídia Guinsburg, essa escolha foi fruto da sua visão de que, apesar de se aventurar pelo gênero autobiográfico, cabia a ele minimizar a sua individualidade, já que esta não tinha nada de relevante, pois o seu dever era narrar situações vivenciadas por ele que digam respeito à coletividade e ser um porta voz do seu século.

Em *Guerra em Surdina*, desponta com força no texto a perplexidade da personagem de sentir-se apenas como uma peça da engrenagem da guerra. Uma metáfora que aparece com muita frequência é a do turbilhão, e a sensação desalentadora de ser sugado por uma determinada situação e levado por ela à revelia da própria vontade. O *turbilhão* seria a metáfora correspondente ao *cercos* de Lídia Guinsburg, ou à *bola de neve* que aparece no texto de Ievguênia Guinsburg. Todas essas metáforas expressariam a impossibilidade de viver uma vida independente do evento histórico narrado no texto (guerra, cerco, cárcere etc), e uma sensação de esmagamento pela História. Por conseguinte, esse *Eu* limitado e acossado pela História, que é um *Eu* “forjado” pela sua época, perde até mesmo a clareza sobre si próprio e transcende seus domínios rumo à coletividade.

Ou seja, em todos esses textos do século XX há uma radicalização de um mote de *Passado e Pensamentos*: a sensação de ser atropelado pela História. Se em *Passado e Pensamentos* a melancolia advinda da constatação da submissão do *eu* às forças da História não leva à inação, mas à atividade revolucionária, nos textos soviéticos a

submissão à História leva ao aniquilamento do *eu* e ao desaparecimento do indivíduo. O autor do século XX, ao contrário de Herzen, não se vê como alguém fundamental para o direcionamento do curso dos acontecimentos, mas como alguém que é carregado por eles, que é vítima desses acontecimentos; é o agente passivo e não ativo da História.

Em síntese, é possível afirmar que os textos do século XX analisados nesta tese se inspiraram em *Passado e Pensamentos* e reatualizaram pontos centrais do grande texto de Herzen. Em outros pontos, porém, esses textos se afastaram de *Passado e Pensamentos*, como é o caso da representação do Eu e da postura com relação à revelação de aspectos das suas subjetividades/individualidades. Entretanto, o mote de *Passado e Pensamentos* influenciou esses textos posteriores, pois em todos eles é possível identificar uma urgência de narrar que é uma forma de salvaguardar a existência e desafiar a morte. A tradição autobiográfica russa nos ensina que narrar é uma maneira de atravessar tempos difíceis. Esta é uma lição fundamental que esperamos disseminar por meio dessa tese.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia sobre autobiografia

- ALBERTI, Verena. “Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa” in. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.4, n.7, 1991,p.66-81.
- BARROS, Luciana Oliveira. “Caminhando Pela Vida, o desafio de Maksim Górkí”. In. *Letrônica*, Porto Alegre, v.7, n.2, jul./ dez.,2014. pp 855-867.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e Estética. A teoria do Romance*. São Paulo: Hucitec, 1990.
- BOURDIEU, Pierre “A ilusão biográfica” in. FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (orgs) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, 3º Ed.
- BROUGHTON, Trev Lynn (Editor). *Autobiography. Critical Concepts in Literary and Cultural Studies*.New York: Routledge, 2007.
- CANDIDO, Antonio. (Org) . *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- CATELLI, Nora. *En la era de la intimidad seguido de El espacio autobiográfico*. Rosário: Beatriz Viterbo Editora, 2007.
- DE MAN, Paul. *The Rhetoric of Romanticism*. New York: Columbia University Press, 1984.
- DOSSE, François, *O Desafio Biográfico – Escrever uma Vida*. São Paulo: Edusp, 2009.
- ECO, Umberto. *Seis Passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GALLE, Helmut Paul Erich. *O gênero autobiográfico: possibilidade(s), particularidades e interfaces*. São Paulo, 2011 Tese (Livre Docência).
- GALLE Helmut; OLMOS, Ana Cecília; KANZEPOLSKY Adriana; IZARA, Laura Zuntin (Org) *Em Primeira Pessoa – Abordagens de uma Teoria da Autobiografia*. São Paulo: Annablume, 2009.
- GENETTE, Gérard, *Fiction et Diction*, Paris: Éditions du Seuil, Janvier 1991.
- GUSDORF, Georges, *Les Écritures du Moi: Lignes de vie 1*. Paris: Odile Jacob, 1991.
- _____, *Auto-Bio-Graphie: Lignes de Vie 2*.Paris: Odile Jacob, 1991.
- HELLBECK, Jochen. “Russian Autobiographical Practice”. In: HELLBECK, HELLER (Org). *Autobiographical Practices in Russia*. Berlin: V&R Unipress, 2004.
- KLINGER, Diana Irene. *Escritas de si, escritas do outro- o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

- LECARME, Jacques; LECARME- Tabone Eliane. *L'autobiographie*. Paris: Armand Colin, 1997.
- LEITCH, Vicent B. (ed.). *The Norton Anthology of Theory and Criticism*. New York, London: W W Norton Company, 2010, 2^oed.
- LEITE, Dante Moreira, *O Amor Romântico e Outros Temas*. São Paulo: Edusp, 1979.
- LEJEUNE, Philippe, *Le Pacte Autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.
- _____, *Je Est un Autre: L'Autobiographie de la Littérature aux Médias*. Paris: Seuil, 1975.
- _____, “Un siècle de résistance à l'autobiographie”. In: *Authenticité et littérature personnelle*, Number 45, October 1994 pp 132-146.
- LEVI, Giovanni “Usos da biografia”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (orgs) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, 3. ed.
- LLOSA, Mario Vargas. *A Verdade das Mentiras*. São Paulo: Arx, 2004.
- LOWENTHAL, David, *The Past is a Foreign Country*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- NADEL, Ira Bruce. *Biography. Fiction, Fact and Form*. The MacMillan Press LTD, 1984.
- RICOEUR, Paul. *Temps et récit*. Paris: Seuil, 1984.
- _____. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1996.
- TODOROV, Tzvetan. *Poética da Prosa*; Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003
- Weintraub, Karl, J. “Autobiography and Historical Consciousness”. In: *Critical Inquiry*, Vol.1, No. 4 (Jun., 1975), pp. 821-848.

Textos de Herzen

Em russo:

- HERZEN, Aleksandr. *Bylóie i dúmy*. In: <http://az.lib.ru/g/gercen>. Acessado em: 18/09/2015
- _____. *Sobránie sotchiniénii v 30 tomakh*. Moscou: Akad. Nauk SSSR, 1957.

Em inglês:

HERZEN, Alexander. *My Past and Thoughts*. Abridged by Dwight Macdonald. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1991.

_____. *My Past and Thoughts: The Memoirs of Alexander Herzen*. 4 Vols. Tr. by Constance Garnett, revised by Humphrey Higgens. London: Chatto and Windus, 1968.

_____. *From the Other Shore & The Russian People and Socialism*. Intro. by Isaiah Berlin. Oxford UP, 1979.

_____. *Letters from France and Italy 1847-1852*. Trans. Judith E. Zimmerman. Pitt Series in Russian and East European Studies, University of Pittsburgh Press: November 1995.

_____. *A Herzen Reader*. Edited and Translated by Kathleen Parthé. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 2012.

Em francês:

HERZEN, Alexandre. *Passé et Méditations*. Présenté, Traduit et Commenté par Daria Olivier. Lausanne: Editions L'Age d'Homme, 1974.

_____. *Textes Philosophiques Choisis*. Moscou: Editions en Langues Étrangères, 1948.

_____. *A Qui La faute?* Moscou: Editions du Progrès, 1977.

Em espanhol:

HERZEN, Aleksander. *El desarrollo de las ideas revolucionarias en Rusia: el povo ruso y el socialismo: carta a Jules Michelet*. Mexico: Siglo Veintiuno, 1979.

Bibliografia sobre Herzen

Em inglês:

ACTON, Edward, *Alexander Herzen and the role of the intellectual revolutionary*. Cambridge University Press, 1979.

CAMPBELL, Thomas Harlan. "The Gercen Family Drama and Tom Stoppard's Shipwreck". In: *Russian Literature*, Volume 61, Issues 1–2, 1 January–15 February 2007, pp 207-243.

- CARR, Edward Hallet. *The Romantic Exiles – A nineteenth century portrait gallery*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1981.
- HARRIS, Robert. “Alexander Herzen: writings on the man and his thought”. In ed. PARTHÉ, Kathleen. *A Herzen Reader*. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 2012.
- HOLLAND, Kate. “Literary Contexts of Triangular Desire: Natal’ja and Aleksandr Gercen as a Reader of Georges Sand” In: *Russian Literature*. N LXI, (2017) pp175-2015.
- KAPLAN, Frederik I. “Russian Fourierism of the 1840’s: a Contrast to Herzen’s Westernism”. In: *American Slavic and East European Review*, Vol. 17, N°2 (Apr, 1958) pp. 161-172.
- KELLY. M. Aillen. *The Discovery of a Chance*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2016.
- _____. “Irony and Utopia in Herzen and Dostoevsky: From the Other Shore and Diary of a Writer” In: *The Russian Review*, Vol. 50, No4 (Oct., 1991), pp. 397-416.
- KLINGER, Ilya. “Auto-historiography: genre, trope and modes of emplotment in Aleksandr and Natal’ja Gercen’s Narratives of the Family Drama”. In: *Russian Literature*. N LXI, (2017) pp 103-138.
- _____. “Genre and Actuality in Belinskii, Herzen, and Goncharov: Toward a Genealogy of the Tragic Pattern in Russian Realism”. In *Slavic Review*, Vol. 70, No. 1 (Spring 2011), pp. 45-66.
- KUNKA, Françoise. *Alexander Herzen and the Free Russian Press in London 1852-1866*. LAP Lambert Academic Publishing. London, 2011.
- MALIA, Martin. *Alexander Herzen and the birth of Russian Socialism*. New York: The Universal Library Grosset & Dunlap, 1965
- MACDONALD, D “Preface” IN. HERZEN, Alexander. *My Past and Thoughts*. Abridged by Dwight Macdonald. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1991.
- PAPERNO, Irina. “Introduction: Intimacy and History: The Gercen Family Drama Reconsidered” *Russian Literature* 61 (January-I-February 15, 2007): 1-65.
- PARTHÉ, Kathleen. “Vivos voco: Herzen’s Past, Present and Future” In. *Poljarnyj vestnik: Norwegian Journal of Slavic Studies*, vol.17, 2014, pp 36-45.
- PATRIDGE, Monica. *Alexander Herzen: Collected Studies*. London: Astra Press, 1962
- _____. “Herzen’s Changing Concept of Reality and its Reflection in his Literary Works”. *Slavonic and East European Review*, N°107 (Jul, 1968), pp 397-421.

_____. "Alexander Herzen and the English Press". In: *The Slavonic and East European Review*, Vol. 36, N°87 (Jun, 1958) pp 453-470.

RZHEVSKY, Nicholas. "The Shape of Chaos: Herzen and War and Peace". *Russian Review*, Vol. 34, N° 4 (Oct., 1975) pp 367-381.

SCHMID, Ulrich. "The Family Drama as an Interpretative Pattern in Aleksandr Gercen's *Byloe I Dumi*" In *Russian Literature*. N LXI, (2017) pp 67-102

STEINER, Lina. "Gercen's Tragic Bildungsroman: Love, Autonomy, and Maturity in Aleksandr Gercen's *Byloe I Dumi*". In: *Russian Literature*. N LXI, (2017) pp 139-173.

WILLIAMS, Helen. "Ringling The Bell: editor-reader dialogue in Alexander Herzen's *Kolokol*" In: *Book History*, Vol 4 (2001), pp 115-132.

ZIMMERMAN, Judith. "Tom Stoppard's Russian Thinkers" in *New England Review: Middlebury Series*, Vol. 28, N3 (2007) pp 80-94.

_____. "Natalie Herzen and the Early Intelligentsia". *Russian Review*, Vol 41, N° 3 (Jul., 1982) pp 249-272.

_____. *Mid-Passage: Alexander Herzen and European Revolution 1847-1852*. Pittsburg: University of Pittsburg Press, 1989.

Em français:

OLIVIER, Daria. "Introduction" In: HERZEN, Alexandre. *Passé et Méditations*. Présenté, Traduit et Commenté par Daria Olivier. Lausanne: Editions L'Age d'Homme, 1974.

GRENIER, Svetlana. "Kto vinovat? (Á Qui la Faue?) Dans le drame familial des Herzen – 'Était-ce une prémonition de mon destin?'" In: *Revue des Études Slaves*, Vol 83. N°1, *Alexandre Herzen (1812-1870): son époque, as posterité (2012)* pp 87-108.

MERVAUD, Michel. "Un Grand Européen: Alexandre Herzen" In: *Revue des Études Slaves*, Vol 78 N 2/3, *Alexandre Herzen L'Européen (2007)* pp149-158.

OEHLER, Dolf. *Le spleen contre l'oubli. Juin 1848. Baudelaire, Flaubert, Heine, Herzen*. Paris: Éditions Payot et Rivages, 1996.

SCHMID, Ulrich. "Un Duel entre deux Romantiques: Herzen et Herwegh". In: *Revue des Etudes Slaves*, vol. 83, N°1, *Alexandre Herzen (1812-1870): son époque, as posterité (2012)* pp. 109-121.

SZAMUELY, Tibor. *La Tradition Russe*. Paris: Editions Stock pour la Traduction Française. 1976.

VUILLEUMIER, AUCOUTURIER, STELLING, CADOT. *Autur d'Alexandre Herzen – Documents inédits*. Genebra: Librairie Droz, 1972

Em russo:

BABAEV, E. “Kto Vinovát?’ Drugúie Póvesti i Rasskázý Herzena”. In: <http://az.lib.ru/g/gercen>. Acessado em: 05/06/2017

ELSBURG, Iakov. *Herzen – Jizn i tvórtchestvo*. Moscou, Khudójestvennaia literatura, 1956.

GUINSBURG, Lídia. *Bylóie i dúmy Herzena*. Moscou: Gosudárstvennoie izdátelstvo khudójestvennoi literatury, 1957.

LÊNIN, V. I. “Pámiati Hertsená”. In: *V Liberalízm i Sotsialízm Západ i Rossiia*. Moscou: Bibliotiéka Jurnála Alternatívy, 2012.

LUNATCHÁRSKI, A. V. “Kommunísty i Herzen”. In: *V Liberalízm i Sotsialízm Západ i Rossiia*. Moscou: Bibliotiéka Jurnála Alternatívy, 2012

PÚTINTSIEV, V. A. *Herzen pisátel*. Moscou: Izdátelstvo Akadiémii Nauk SSSR, 1963

PURITOVA, N. M. *Aleksandr Herzen – Revoliutsioniér, myslítel tcheloviék*. Moscou: Moskvá Mysl, 1989

TCHUKÓVSKAIA, L. *Bylóie i dúmy Herzena*. Moscou, Khudójestvennaia literatura, 1966.

Em português:

FILHO, Daniel Aarão Reis, “Revolução e Liberdade: a trajetória de Alexandre Herzen” in *Verve.Revista semestral autogestionária do Nu-Sol*. Nº3, 2003, pp 50-74.

MIRANDA, Lorena Leite. *Identidade Nacional Russa na Literatura de Viagem de Dostoiévski e Herzen*. 2014, (Dissertação de Mestrado em Literatura e Cultura Russa) São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

Bibliografia sobre Cultura russa e outros temas

BERLIN, Isaiah. *Pensadores Russos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

BIANCHI, Maria de Fátima. *O “sonhador” de “A Senhoria” de Dostoiévski: um homem supérfluo*. 2006. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

CARDACHEVSKI, Cristiana Maria. “Idéia e progresso em Hegel – Álgebra da Revolução”. In: *Primeiros escritos*, nº1 DF/USP, 1997/98 pp 55-61.

- ESTEVEES, Renata. *Vissariôn G. Belínski: uma apresentação*. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Pulo, 2011.
- FRANK, Joseph, *Dostoiévski: As Sementes da Revolta 1821- 1849*. São Paulo: Edusp, 2008. 2. ed. Rev.
- GARDINER, Patrick. *Teorias da História*. Lisboa: Fundação Couluste Gulbenkian, 1974.
- GINZBURG, Lydia. *On Psychological Prose*. Translated and Edited by Judson Rosengrant. Princeton: Princeton University Press, 1991.
- GOMIDE, Bruno Barreto (Org). *Antologia do Pensamento Crítico Russo (1802-1901)*. São Paulo: Editora 34, 2013.
- KLEINER, Israel. *A History of Abstract Algebra*. Boston: Birkhauser, 2007.
- KOYRÉ, Alexandre. *Études sur l'histoire de la pensée philosophique em Russie*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1950.
- LAMPERT, E. *Studies in Rebellion*. London: Routledge and Kegan Paul, 1957.
- LEATHERBARROW, W. & OFFORD, D. (Eds.). *A History of Russian Thought*. Cambridge University Press, 2010.
- MARTINSEN, Deborah A (ed). *Literary Journals in Imperial Russia*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- MASON, Addis. "Isaiah Berlin's Russian Thinkers and the Argument for Inclusion". In: *Kritika: Explorations in Russia and Eurasian History*, Vol 13, N.1, Winter 2012 (New Series), pp. 185-200.
- NAARDEN, Bruno. *Socialist Europe and Revolutionary Russia: Perception and Prejudice*, Cambridge University Press, London, 2002.
- REES, John, *The Algebra of Revolution: The Dialectic and the Classical Marxist Tradition*. London: Routledge, 1998.
- SAID, Edward. *Reflexões Sobre o Exílio*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- SCHNAIDERMAN, Boris *Os Escombros e o Mito – A Cultura e o Fim da União Soviética*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- TROTSKI, Leon. *Literatura e Revolução*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980
- ULAM, Adam. *Prophets and Conspirators in Prerevolutionary Russia*. London: Routledge, 1977.
- VENTURI, Franco. *Les intellectuels, le people et la revolution: histoire du populisme russe ao XIX siècle*. Paris: Galimard, 1972.

VAN BUSKIRK, Emily. "Recovering the Past for the Future: Guilt, Memory and Liidia Ginzburg's Notes of a Blocade Person" In: *Slavic Review*, Vol 69, N°2 (Summer 2010) pp 281-305.

WHITEHEAD Claire. "Debating detectives: The influence of Publitsistika on nineteenth-century Russian crime fiction". In: *The Modern Language Review*, Vol 107, No.1 (January 2012) pp 230-258.

WOKLER Robert (ed). *Isaiah's Berlin' Counter-Enlightenment*. Transactions of the American Philosophical Society, New Series, Vol. 93, n°5, 2003.

ZASULICH, VERA. Marx-Zasulich correspondence. In:

<https://www.marxists.org/archive/marx/works/1881/zasulich/zasulich.htm>. Acessado em: 07/11/2016

Autobiografias, Memórias e Diários

AMALRIK, Andrei. *Involuntary Journey to Siberia*. London: Collins and Harvill Press, 1970.

BRODSKY, Joseph. *Menos que um*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

GERSTEIN, Emma. *Moscow Memoirs*. Londres: The Harvill Press, 2004.

GINZBURG, Evgenia Semynovna. *Journey into the Whirlwind*: New York: Harcourt INC, 1995

GINZBURG, LIDYA. *Blockade Diary*. London: The Harvill Press 1995.

SCHNAIDERMAN, Boris. *Caderno Italiano*. São Paulo: Perspectiva, 2015

_____ *Guerra em Surdina*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995

SKRJABINA, Elena. *Siege and Survival. The Odyssey of a Leningrader*. Illinois: Souther Illinois University Press, 1971